

Brandy Colbert

NA PONTA DOS PÉS





NA PONTA
DOS PÉS

Brandy Colbert

NA PONTA DOS PÉS

TRADUÇÃO Lavinia Fávero





Edição: Flavia Lago

Editora-assistente: Raquel Nakasone

Preparação: Fabiana Camargo Pellegrini

Revisão: Ana Luiza Candido e Luciane

Helena Gomide

Diagramação: Juliana Pellegrini

Capa: Ana Solt

ePUB: Pamella Destefi

Título original: Pointe

© 2012 by Brandy Colbert

© 2015 Vergara & Riba Editoras S/A

vreditoras.com.br

ZZZZ

Todos os direitos reservados. Proibidos, de acordo com os limites estabelecidos pela lei, a reprodução total ou

parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua Cel. Lisboa, 989 – Vila Mariana

CEP 04020-041 – São Paulo – SP

Tel./ Fax: (+5511) 4612-2866

editoras@vreditoras.com.br

eISBN 978-85-7683-824-1

Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Colbert, Brandy

Na ponta dos pés [livro eletrônico] /
Brandy Colbert; [tradução Lavínia Fávero].
– São Paulo: Vergara & Riba Editoras,
2015.

1,7Mb; ePUB.

Título original: Pointe.
ISBN 978-85-7683-824-1

1. Ficção -Z1literatura juvenil I. Título.

15-01579

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Para Emily B.,
minha grande amiga e companheira de
vício por livros.

PARTIE 1

1

MINHA VONTADE ERA DE DIZER QUE O DIA EM QUE o Donovan voltou para casa foi extraordinário desde o início. Que acordei sabendo que algo especial iria acontecer naquela noite de quinta-feira do mês de outubro.

Mas a verdade é que este é um dia da semana como outro qualquer.

Vou para a aula e depois pego o

trem para ir ao balé.

Todo mundo diz que balé é uma dança linda. As pernas compridas das bailarinas, as sapatilhas de ponta e os coques perfeitos. Não que estejam errados. Esses foram alguns dos motivos pelos quais também me senti atraída pela dança, quando tinha apenas três anos. Mas hoje posso apostar que quem fala isso nunca colocou os pés no vestiário de uma academia de dança. Porque não dá para concordar com isso quando é você que está do outro lado.

É um caos absoluto.

Estou atrasada. Quando preciso

ir a algum lugar realmente importante, o trem nunca chega no horário. Me enfio num canto vazio perto dos armários, jogo meu casaco no chão e tiro os sapatos. Está todo mundo conversando, ao mesmo tempo que veste as roupas; sou a única que ainda nem começou a se trocar. O Phil disse que queria ser uma mosquinha para poder entrar no vestiário das meninas. Ri da cara dele quando me dei conta de que estava falando sério. Minhas colegas usam sutiã trinta e seis e têm quadris retos, mas ele disse que isso não importa, peitos são peitos mesmo que

pequenos. Acho que ele ficaria decepcionado. Além do mais, aqui tem cheiro de suor e chulé.

Olho pra direita e vejo a Ruthie Pathman sentada na beirada do banco, no mesmo lugar de sempre, colocando as sapatilhas de ponta. As costas dela são perfeitamente retas, e no seu coque superesticado não tem um cachinho fora do lugar.

– Você vai se atrasar se ficar me olhando, Cartwright – diz ela sem nem olhar pra mim.

– Nem todo mundo pode se dar ao luxo de vir de carro – respondo, colocando a meia-calça. – O trem atrasou.

Visto a meia muito rápido e, bem no meio dela, aparece um fio puxado que em um segundo a desfia toda. Devo ter uma meia-calça nova na minha bolsa, em algum lugar, mas agora não tenho tempo para procurar. As outras meninas já estão formando fila no salão, e eu ainda nem pus o collant.

A Ruthie põe a bolsa no armário e retruca:

– Você vai ter que arranjar uma desculpa melhor. Ninguém gosta de quem se faz de vítima.

Depois de dizer isso, ela – que é uma das preferidas da nossa professora – dá uma piscadinha

para mim, põe o segredo no cadeado e tranca a porta do armário. Aparentemente, a Ruthie parece um anjo: pele bem clara, cabelos loiros cacheados e olhos azuis que comovem. Mas de angelical ela só tem a dança. Apesar de ser baixinha, é a pessoa que conheço que mais se mete em briga, ganha até dos meninos. E isso quer dizer muita coisa em uma escola como a minha, que tem uma quantidade desproporcional de cuzões.

Ela sai do vestiário, depois coloca a cabeça de volta pela porta e diz:

– Três minutos.

E, com um sorrisinho sarcástico, fecha a porta batendo bem forte.

Amarrar as sapatilhas dentro do salão até passa batido, mas ainda tenho que prender o cabelo, senão a Marisa surta só de ver um grampo fora do lugar. São as regras: collant preto, meias cor-de-rosa bem clarinho e nenhum fio de cabelo solto. Estou fodida. Junto a pilha de roupa que se acumulou nos meus pés e enfio no armário. Vou ter que arriscar e talvez levar uma bronca por causa do cabelo solto, mas, se eu não correr, vou ficar trancada para o lado de fora.

Saio em disparada pelo corredor e, a cada passo, as fitas da minha sapatilha de ponta se enroscam nas minhas canelas e nos meus calcanhares, me atrapalhando e quase me fazendo tropeçar. Graças ao elástico preso nos meus calcanhares, consigo ficar de pé e voar pra dentro da sala segundos depois de a aula ter oficialmente começado, e antes de a Marisa trancar a porta para só abrir daqui a uma hora e meia. Ela nunca deixa ninguém assistir ao ensaio da companhia principal.

Minha professora leva a pontualidade muito a sério. Tanto

que, se você chegar dois minutos atrasada, ela abre a porta só para te olhar feio e pedir para você se retirar. Todo mundo aprendeu já há algum tempo a acertar o próprio relógio com o da academia. Eu nunca me atraso e nesse sentido ela me admira. Por isso espero levar, no máximo, uma advertência. Mas, desta vez, a Marisa não está perto da porta e sim do outro lado da sala, acompanhando a música na partitura com um pianista que nunca vi. Ela está tão preocupada que nem toma conhecimento do meu atraso. Dou um sorrisinho malicioso para a Ruthie. Aproveito

para amarrar minhas sapatilhas e fazer um coque minimamente aceitável; meu cabelo é preto e volumoso, se desprender cai na altura do ombro.

Às vezes me sinto mais em casa aqui do que na minha própria casa. O prédio tem três salas, exatamente iguais: com piso flutuante para absorver o impacto e proteger nossos pés e nossas articulações; dos dois lados da sala, longas barras de madeira gastas pelas mãos que as seguraram, e uma parede com espelhos. Nos meus melhores dias, me sinto a própria Rainha-Mãe de O lago dos

cisnes olhando para esses painéis espelhados. Nos piores, pareço uma coisa tonta e inchada. Essa é a única sala sem janelas, e é minha preferida, porque não chega nenhuma distração vinda da rua.

A companhia principal tem doze integrantes. Quase todos dançam juntos desde criança. São nove meninas e três meninos, muita arrogância e egos gigantescos. A Caryn tem pernas superflexíveis. Tem dias que morro de inveja dos braços da Elissa e dos saltos altíssimos que o Toby dá. Meus pés são bons para sapatilhas de ponta – os arcos parecem feitos sob medida

– e eu tenho ritmo. Sei que posso parecer convencida, mas sou uma das melhores bailarinas desta classe.

A Ruthie está de pé perto da barra, alongando os tendões atrás dos joelhos.

– Salva pelo pianista substituto. Im-pres-si-o-nan-te!

– Cadê a Betty? – pergunto, tomando meu lugar ao lado dela. A Kaitlin está do outro lado da sala, a alguns centímetros da barra, fazendo um espacate. Dá pra ver os músculos das pernas esticados por baixo da meia-calça quando ela alonga até a ponta dos pés.

A Ruthie encolhe os ombros e responde:

– Sei lá. Onde foi que encontraram esse cara? Ele parece meio... desleixado.

– Você é tão esnobe.

Mas aí viro a cabeça, vejo o tal substituto e... ai!

A Ruthie faz uma cara de curiosidade e pergunta:

– Você o conhece?

Conheço. Ele estuda na minha escola. A gente mora em Ashland Hills, uma cidadezinha nos arredores de Chicago. É um ano mais velho do que eu e está no

último ano do Ensino Médio.* E é o traficante do Phil.

– Acho que ele estuda na minha escola – respondo, e fico de frente para a barra, tentando não pensar no que ele está fazendo aqui na minha aula de dança.

A Marisa finalmente cruza a sala e tranca a porta, depois fica parada na frente de todo mundo, esperando a classe lhe dar atenção. Ela nem precisa esperar muito, é o tipo de pessoa que atrai atenção mesmo quando não quer. Todos nós nos sentimos intimidados, não porque ela seja assustadora, como

aquelas professoras horríveis que cutucam as alunas que erram com um bastão, como dizem por aí. É mais porque a Marisa já foi bailarina profissional, essa é a academia dela, e todo mundo sabe o que a nossa professora é capaz de fazer quando pisa no palco. Uma vez, encontrei uma biografia já de algum tempo atrás sobre ela e, pelos meus cálculos, deve ter uns quarenta e cinco anos. Mas não parece muito mais velha do que era aos vinte e cinco, pelo menos comparando com a foto três por quatro do recorte que li.

– Hoje, antes de começar a

aula, gostaria de apresentar a vocês o nosso novo pianista – anuncia.

Novo? A Marisa sempre escolhe muito bem as palavras. Jamais apresentaria um substituto como “novo”. Quando olho para o cara, vejo que está com os olhos fixos em mim. Viro de novo para a professora. Ela conta que o marido da Betty está doente. Com mal de Alzheimer. Todo mundo fica em silêncio porque sabe que a Betty é casada desde os tempos do colégio. Os dois nunca tiveram filhos, e ela sempre dizia que as duas únicas coisas importantes na sua vida

eram o marido e o piano, nessa ordem. É tão injusto ela não poder ter os dois para sempre.

O Josh Barley se encolhe todo quando recebe a notícia. Sabe que a Betty o adora mais do que tudo. É difícil resistir ao charme dos cabelos ruivos e das sardas do Josh, ao seu jeito todo certinho, de quem sempre come verduras e frequenta a igreja.

– Enquanto isso, por favor, deem as boas-vindas a Hosea Roth, o mais novo integrante da nossa família – diz a Marisa, sorrindo. – O Hosea tem uma formação musical sólida e temos muita sorte de tê-lo

conosco.

Formação musical sólida? Ou esse é o segredo mais bem guardado da Escola de Ensino Médio de Ashland Hills ou a Marisa está sacaneando a gente, porque até então eu nem sabia que ele tocava alguma coisa. O Hosea balança a cabeça e sorri pra gente — um sorrisinho quase imperceptível. O cabelo dele é preto, comprido e está preso atrás das orelhas. Ele está usando as mesmas roupas de sempre: jeans surrados, camiseta preta e coturnos pretos de solado grosso. Pelo menos não me lembro de tê-lo visto

usando outra coisa.

Nossos olhares se cruzam de novo. Ele me conhece. Não muito bem, mas o vejo no colégio, às vezes, e o encontro na maioria das festas. Um dia, fui com o Phil pegar um baseado na casa dele, e o Hosea me viu sentada no banco do passageiro quando olhou por baixo do capuz do moletom. O negócio dele são as bolinhas, e o do Phil, a maconha. Mas os dois são amigos, e o Hosea abre uma exceção.

Até este momento, o colégio e o balé eram dois mundos bem separados, com exceção de meia dúzia de apresentações para as

quais convidei a Sara-Kate, isso porque ela praticamente me obrigou. Mas agora o Hosea está aqui e não sei direito o que pensar. Ele fica só me encarando e espera eu desviar o olhar primeiro. A Ruthie percebe tudo e pisca para o teto quando a gente faz a fila e se coloca na primeira posição para fazer plié.

Danço há tanto tempo que o balé virou quase um instinto para mim. Não consigo mais alongar as pernas sem esticar a ponta dos dedos dos pés, estou sempre prestando atenção nos meus braços, na minha postura, na

posição dos meus ombros. Faço isso até quando vou de uma sala de aula para a outra, lavo louça ou ajudo minha mãe a escolher maçãs no mercado.

Há quem associe certas lembranças a músicas, mas a maioria das minhas tem a ver com dança. Só de ouvir falar em catapora, lembro da chuva de lantejoulas douradas na minha cabeça e de como sofri em segredo durante a apresentação do quarto ano; afundava os dedos no tecido elástico da minha fantasia uma porção de vezes quando não tinha ninguém olhando. Porque, se

ficassem sabendo, iam me proibir de dançar. O mais leve aroma de mentol também me faz lembrar de dois anos atrás, quando fiquei com tendinite e tinha que esfregar o tornozelo com um bálsamo fedorento pra amenizar a dor.

Dançar de ponta me lembra o Trent. Ganhei minha primeira sapatilha de ponta quando tinha doze anos, e ele virou meu namorado no ano seguinte. Não só porque as duas coisas aconteceram na mesma época. Me apaixonei por ele tão rápido quanto amei aprender a dançar de ponta. Na minha cabeça, as duas coisas

ficaram ligadas para sempre. Ele pediu para ver minhas sapatilhas umas duas semanas depois de a gente começar a namorar. Eu as puxei bem devagar de dentro da bolsa de dança, no banco da frente do carro, e coloquei um pé no colo do Trent. As fitas ficaram nadando entre a gente, fazendo ondas acetinadas. Tinha acabado de ganhar um par novo, ainda não estavam gastas: eram de um cor-de-rosa doce e suave contra o azul-escuro dos jeans dele. Meu namorado passou as mãos no cetim, quase maravilhado, depois olhou para mim e disse que as

sapatilhas eram bonitas, como eu. Às vezes, reclamava de dor nos pés, e ele dizia que, se doía tanto, eu deveria largar a dança. Acho que ele não entendia que valia a pena, mesmo ficando com os pés e os tornozelos doloridos. O Trent só era apaixonado por uma coisa: eu.

Tinha dias, bem no começo, que eu ficava tão cansada de dançar de ponta que nem tinha vontade de ir pra aula. Em outros, não tinha vontade de fazer aquelas coisas que fazia com o Trent. Às vezes, ele era exatamente o que eu queria, e me sentia sensual quando o meu namorado me grudava no banco de

trás do carro, pesando o seu corpo sobre o meu, e sussurrava no meu ouvido que eu era especial. Mas outras me dava vontade de voltar para aquela fase em que a gente só se beijava e se tocava devagar, sem tirar nenhuma peça de roupa. Nesses dias, não conseguia entender por que me sentia meio suja quando transava com ele. Afinal de contas, estava fazendo aquilo havia meses.

A gente alonga e reforça os tornozelos com dois exercícios de afastar as pernas arrastando os pés pelo chão, o tendu e dégagé (que é quase igual ao tendu, mas a perna

levanta um pouco). O rond de jambe (girar as pernas a partir do quadril) também faz parte do aquecimento. Meu exercício na barra preferido é o grand battement. É tão poderoso... primeiro se dá um impulso com uma perna, subindo o mais alto possível, depois volta para a outra perna bem rápido, mas com controle total sobre os movimentos. Para sair direito, as duas pernas têm que ficar perfeitamente retas quando a gente executa o grand battement devant, à la seconde e derrière (para a frente, para o lado e para trás), de um lado e depois

do outro.

Quando terminamos a série na barra, nos posicionamos ao longo da parede, para começar os exercícios de centro. São bem parecidos, mas, como estamos com o corpo aquecido, não precisamos mais segurar na barra.

Aí vem a parte chamada allegro, com passos mais rápidos. A essa altura, meus músculos estão mais flexíveis e consigo esticar as pernas bem retinho, com segurança. Fico na ponta dos pés com a ajuda do fio invisível que a Marisa sempre fala, aquele que me permite saltar até o céu e deixa meu pescoço

comprido e elegante. Mesmo agora, com essa trilha sonora, consigo tirar o Hosea da cabeça e dançar como se não tivesse mais ninguém na sala. Percebo que a Marisa está prestando atenção em mim. Não quero que ela me ache com cara de cansada, faço o próximo salto (que a gente chama de jeté) melhor do que todo mundo.

Dou uma espiadinha no Hosea. Ele é bom. Muito bom. Pratica piano há tanto tempo quanto eu danço. Está executando a mesma música clássica que a gente dança há anos, mas tem sensibilidade, o que faz com que cada nota pareça mais

forte, mais significativa, como se a composição tivesse sido feita especialmente para a nossa aula de balé. Fiquei muito surpresa: será que existe alguma regra que proíba revelar esse tipo de informação? Será que tocar piano é considerado coisa de mulherzinha, e é melhor esconder isso para não ser rotulado assim?

Quando a Marisa diz que a aula terminou, estou exausta. Danço três noites por semana e aos sábados de manhã. Sempre saio pingando de suor, sem fôlego e com as pernas ardendo. Hoje fico só imaginando o quanto devo estar

horrorosa e evito olhar na direção do piano quando saio da sala.

Tenho um compromisso permanente com a Sara-Kate e o Phil, o de jantar depois da aula de balé das quintas-feiras. Parece muito chique, mas não vamos a nenhum restaurante à luz de velas, com toalhas de tecido e talheres de prata. É sempre no Casablanca's, e a gente sempre senta na mesa do fundão, em uns sofazinhos de vinil rasgados e com um açucareiro sujo, em vez de saquinhos de adoçante, em cima da mesa.

Às vezes, damos umas voltas de

carro para fumar um antes de ir jantar. Hoje seria um bom dia para fazer isso. Inverno é sempre uma merda, mas nada é melhor do que o mês de outubro em Chicago, em pleno outono. Sei que nessa estação tudo na natureza morre, mas eu passaria dias e mais dias só observando as folhas. Aqueles tons de ouro-velho, bordô e laranja faiscante que explodem nos galhos das árvores. Gosto do costume de colocar grandes abóboras na frente das casas, quando é época da colheita, e de como o tempo fica simplesmente perfeito: frio, mas não congelante; quentinho embaixo

do sol, mas não sufocante.

É uma pena que hoje a gente não possa ficar dando voltas porque o Phil tem prova de matemática amanhã e quer estudar. Quando chego da estação de trem, vejo o sedã quadradinho dele e o New Beetle azul-calcinha da Sara-Kate Worthington parados no estacionamento. Sento no sofá bem na hora em que o Phil estava exaltando as virtudes das lojas do Exército da Salvação em comparação aos bazares de caridade independentes. O Phil Muñoz tem uma opinião sobre tudo e, quase sempre, é exatamente

contrária à de todo mundo.

– Como foi sua aula? – pergunta a Sara-Kate, com uma cara quase de gratidão por eu ter chegado. Tem vezes que nem ela aguenta a falação apaixonada do Phil.

– Foi boa, só que...

– Só que o quê? – Ela põe uma mecha de cabelo lilás atrás da orelha e pega um dos cardápios enfiados atrás dos tubos de ketchup e mostarda.

– Só que me atrasei por causa daquele trem idiota – respondo, colocando a bolsa e o casaco ao lado do Phil.

Ele estava pegando o livro de

matemática na mochila, mas para e fica me encarando, espremendo aqueles olhos pretos atrás das lentes de graus de seus óculos modelo aviador. Dependendo do ângulo, a armação dourada fininha quase some na pele morena do meu amigo.

– Boa essa, Theo – diz ele.

Faço uma careta e retruco:

– Tenho uma pergunta a fazer.

– Provavelmente, a resposta é não.

– Mesmo assim, vou arriscar. – E falo baixinho: – Você ainda compra maconha do Hosea Roth?

– Claro. – O Phil faz uma cara de

preocupado e pergunta: – Agora você tá nessas?

– De jeito nenhum. – A Sara-Kate sacode a cabeça, enfática, do outro lado da mesa, fazendo o piercing prateado que ela tem nos lábios brilhar contra a luz. – A graça está em fumar o baseado do Phil sem pagar. Não dá pra comprar a própria maconha.

– Não tô não – respondi, rindo da careta que o Phil fez pra ela. – Mas tenho uma amiga que pode estar “nessas”.

– Bolinhas ou maconha?

– Cogumelos – respondo só para despistar.

Ele franze a testa e comenta:

– Nossa, que estranho. Que amiga é essa? Todo mundo do colégio compra do Hosea.

– Uma menina lá da dança. Ela é de outra escola.

– Posso dar uma sondada e depois te falo.

– Não precisa, tudo bem. – Meu Deus! O que o Hosea faria se soubesse que andei perguntando por ele? – Minha colega falou que todos os caras daqui são vacilões ou mal-encarados, e ela queria achar alguém que fosse de boa.

– O Hosea é o cara mais de boa que eu conheço. – O Phil levanta a

sobrancelha pra mim, fazendo cara de “todo mundo sabe disso”. – Se ele não conseguir os cogus, vai encontrar alguém que consiga.

– Não precisa mesmo. – Finjo procurar alguma coisa na bolsa para meu amigo não perceber que estou mentindo. – Vai ver ela nem tava falando sério.

A Sara-Kate fica tomando os cubos de gelo do copo com o canudinho e comenta:

– Acho que, desde que conheço o Hosea, nunca ouvi o cara falar mais do que vinte palavras.

– Deve ser porque o Klein não cala a boca – diz o Phil, abrindo o

livro na parte dos exercícios.

– Por que eles são amigos mesmo? – pergunto, abotoando meu casaquinho até o pescoço; já cheio de bolinhas de tanto lavar. Ele era verde bem claro, mas agora está quase marrom. Eu o deixo na bolsa para quando vamos ao Casablanca's. Lá é sempre gelado; no verão o ar-condicionado é muito forte e no inverno o aquecimento é fraco.

– Não é tão difícil de entender – continua o Phil, sacudindo os ombros e tirando uma mecha de cabelo preto dos olhos. – O Hosea tem drogas, e o Klein tem dinheiro.

– O Hosea é bem bonitinho –
pondera a Sara-Kate. Toma mais
um pouco de gelo e completa:
– Mas não gosto daqueles coturnos
pretos dele. São opressivos.

A garçonete, que deve ter mais
de sessenta anos e está olhando
feio para a nossa mesa desde que
chegamos, sai de trás do balcão e
vem anotar nosso pedido. Jana. Ela
nos odeia e sempre atende a gente.
Vai ver que é por isso que ela nos
odeia. Fica batendo o pé no chão,
com aquele tênis de lona encardido,
e fala quais são os pratos do dia.
Solta um suspiro quando a Sara-
Kate demora para decidir se vai

querer pickles fritos ou onion rings para acompanhar o queijo quente. O Phil pede uma porção de chili.

Todo mundo fala que a sopa de lentilha daqui não tem gosto de nada, mas peço mesmo assim porque já sei o que esperar. Colocaram no cardápio depois que alguém reclamou que não tinha nenhuma opção vegetariana, e os cozinheiros ou não sabem prepará-la bem ou não estão a fim de fazer direito. É meio pastosa e quase sem gosto, mas pelo menos não preciso me preocupar com creme de leite e queijo.

Quando a Jana volta para trás

do balcão, alguém pede para ela aumentar o volume da TV. E é aí que me dou conta. Todo mundo sentado no balcão ou nas mesas, cada garçom, ajudante e cozinheiro, está com os olhos fixos na TV pendurada no canto do salão. Normalmente, fica passando novela, jogos do time de futebol americano de Chicago, os Bears, ou aqueles filmes horrorosos feitos para a TV.

Mas, hoje, todo mundo está com os olhos grudados na tela por causa de um boletim de notícias, e nós três também estamos. No começo, achei que era o cansaço da aula de

balé tomando conta de mim, agora que eu podia relaxar. Olho para a apresentadora e, de repente, a câmera corta do rosto dela, mostrando a foto do meu ex-melhor amigo.

Meu melhor amigo que está morto.

Levanto e, confusa, ando até o balcão, sem perceber que a Sara-Kate e o Phil vão atrás de mim.

O nome do Donovan é mencionado umas duas vezes por ano. No dia em que o desaparecimento dele completa mais um ano ou quando alguém dá alguma pista falsa para a polícia.

Como alguém que o viu numa lanchonete no estado de Vermont ou na fila de um parque temático no estado de Utah. Há muito tempo compreendi que eu não podia mais acreditar que o veria de novo. O Donovan era meu melhor amigo, mas todo mundo sabe que crianças que ficam desaparecidas por mais de vinte e quatro horas são abusadas sexualmente, assassinadas ou ambas as alternativas.

Só que desta vez foi diferente. A apresentadora está sorrindo, com os lábios cheios de gloss, e tropeçando nas palavras, se

confunde toda com o roteiro escrito de última hora. Diz que ele está vivo. Que o Donovan foi encontrado!

Meus ouvidos são a primeira coisa a falhar. Não consigo mais escutar a voz das pessoas, só um zumbido. Incômodo e contínuo. Não sei se a Sara-Kate, o Phil e o resto das pessoas do salão também o ouvem, porque, logo em seguida, meus olhos se fixam na foto da escola que foi tirada no último ano em que o vi. Eu costumava deixar essa foto no meu criado-mudo, separada das fotos dos meus outros colegas. Ao vê-la na tela da TV, foi

como se alguém tivesse roubado o meu diário e mostrado para todo mundo.

Quando me forço a prestar atenção, reparo no silêncio. Ninguém nessa espelunca abre a boca. Todo mundo se olha e vira para a TV de queixo caído. A Sara-Kate se levanta e chega mais perto do aparelho. O Phil passa a mão nas minhas costas, tentando entender minha expressão com aqueles olhos pretos arregalados.

O Donovan está vivo!

– Eles encontraram aquele menino – diz a Jana, agarrando o cabo preto do bule de café.

Tento ficar de pé, mas minhas pernas – as mesmas que vão me levar pra Nova York dançando – não me sustentam. Viraram geleia, e eu teria caído no chão se meu amigo não tivesse me segurado. Sinto uma combinação de alívio, confusão e alvoroço complexa demais para eu entender. Complexa demais para eu conseguir fazer qualquer coisa que não seja me apoiar no Phil na frente do balcão, com lágrimas escorrendo pelas bochechas, até que ele e a Sara-Kate arrastem minhas pernas de geleia para fora do restaurante.

Lá fora, no vento cortante de

outono, consigo recuperar o fôlego, depois de ter passado vários minutos sem ar. Só então digo em voz alta, para me convencer de que é verdade:

– O Donovan está vivo...

O Donovan voltou para nós!

* No sistema educacional dos Estados Unidos, o ensino médio, ou high school, tem quatro anos, e os alunos ingressam nele aos 14 ou 15 anos. Assim, o primeiro ano da high school corresponderia ao 9º ano do nosso atual Ensino Fundamental. (N.E.)

2

A CIDADEZINHA ONDE MORO VIROU UM FESTIVAL DE MERDA.

A casa da família Pratt – a casa do Donovan – fica a duas depois da nossa e, por isso, a nossa rua foi bloqueada. Paro na esquina e mostro quem sou para os policiais, pegando meu documento com as mãos trêmulas e tentando ver o que está acontecendo. Sonhei

muitas vezes com esse dia, mas na minha própria versão. O Donovan estava de pé na varanda, me esperando como eu o esperei por todos esses anos. Minha versão não tem nada a ver com isso.

Sou escoltada até a entrada de casa. Dois policiais seguram os repórteres, e outro me acompanha até a porta, dá um sorriso e se certifica de que entrei em segurança antes de descer a escada da frente.

Minha casa está tranquila e silenciosa, a antítese daquele barulho de câmeras fotográficas, repórteres gritando perguntas e o

zum-zum-zum daquele monte de gente que está do lado de lá da porta. Respiro esse silêncio.

– Mãe?

Chamo por ela, mas sei que não está. Trabalha meio período no departamento de pesquisa da biblioteca, e hoje é o dia em que chega mais tarde. Meu pai ainda vai demorar mais uma meia hora. Não sei direito o que fazer, sento no sofá com o casaco abotoado até o pescoço e fico esperando.

Exatos trinta minutos depois, ouço o portão da garagem abrindo devagar, o motor do carro do meu pai roncando na entrada e o

barulho do portão batendo no chão. Aí vêm uns passos apressados, as luzes são acesas, e ele entra em casa me procurando.

– Estou aqui – digo, quando meu pai passa reto pela sala.

Ele volta pelo corredor, entra na sala e fica parado na minha frente, coçando a cabeça.

– Você não recebeu minhas mensagens? Eu e sua mãe ligamos várias vezes.

Está com os olhos levemente enevoados, a gravata prateada com bolinhas pretas minúsculas meio de lado. Dei essa gravata a ele de presente de Dia dos Pais no ano

passado. Até aquele porta-lápis de cerâmica desengonçado que fiz na aula de artes do terceiro ano está na mesa dele, na empresa de contabilidade onde trabalha, lá em Chicago.

– Ah, é – respondo. Acho que chequei uma vez o celular, para ver as horas. Não lembro de tê-lo ouvido tocar nem de ter visto chamadas perdidas. – Desculpa. Eu estava distraída. – E aponto para a confusão que está acontecendo atrás das nossas cortinas.

Meu pai dá um sorrisinho e fala:

– Certo. Aquilo lá fora tá um zoológico. Mas o que você acha de

a gente enfrentar os paparazzi e ir jantar fora quando a sua mãe chegar? Precisamos comemorar.

– Já comi – comunico, afundando os dedos nas almofadas do sofá.

Só me dou conta de que menti quando lembro que a tigela de sopa de lentilha nem chegou a vir pra mesa. Será que a Jana serviu nossa comida? Será que ficou puta porque fomos embora sem cancelar o pedido?

– Posso ficar? – pergunto, olhando para ele com minhas mãos apertadas por entre as pernas.
– Quero acompanhar as notícias.

Meu pai está cheio de energia. Quer sair. Não consegue parar de mexer no colarinho nem de olhar para as janelas. Mas dá outro sorriso, maior dessa vez, e responde:

– Claro, meu amor. Você tem razão. É melhor a gente ficar em casa mesmo.

E é assim que a minha mãe nos encontra: sentados no sofá da sala de TV, vendo a mesma notícia passar em canais diferentes. Senta do meu lado e, quando nossos olhos se cruzam, sou obrigada a desviar. Se eu enxergar lágrimas de alegria nos olhos dela, vou começar

a chorar de novo. Põe a mão em cima da minha quando me viro de novo para a TV.

Donovan Pratt, de dezessete anos, voltou para sua casa em Illinois depois de ter passado quatro anos em cativeiro.

Boletim de notícias: Adolescente que vivia nos arredores de Chicago é libertado de sequestro que durou anos.

Os moradores dizem que a volta do menino desaparecido é um milagre.

A cobertura é daquele tipo que não para e faz as pessoas perderem o interesse e desistirem de assistir

depois de algum tempo. Absorvo tudo, tento encontrar um lugarzinho para guardar cada informação nova. As matérias são vagas. Os apresentadores mencionam abuso sexual, comentam sobre outros casos longos de sequestro, alguns que nunca foram resolvidos. Contam como Donovan foi encontrado: em Las Vegas, num bufê de café da manhã, com a pessoa que, supostamente, o manteve refém por todos esses anos – anuncia o apresentador de cabelo volumoso e olhos cansados, um pouco depois das nove da manhã.

Eu estava na segunda aula, de química. Me dá um aperto na garganta quando tento lembrar se senti alguma coisa naquela hora. Mas não, eu estava viajando, como em qualquer outro dia da semana.

Alguns canais começam a mostrar uma linha do tempo da vida do Donovan. Usam gráficos elaborados e cores vibrantes, mas chegam à mesma conclusão: passou treze anos como um menino normal de Ashland Hills, quatro à mercê de um estranho. Espero um tempão, mas ninguém revela a identidade do sequestrador. Só dizem que o suspeito está preso.

– Você deveria ir pra cama – sugere minha mãe, com todo o cuidado, lá pelas onze.

Deram um tempo na cobertura, com exceção dos principais canais exclusivos de notícias. Não tem nenhuma informação nova a essa altura, mas tenho medo de perder alguma coisa se for dormir. Quero saber quem o sequestrou. O que fizeram com ele.

– Ele ainda vai estar lá amanhã de manhã – completa ela, adivinhando meus pensamentos.

Não sei como, mas subi as escadas e me enfiei embaixo das cobertas. Mas não consigo dormir.

Como pode alguém estar aqui todos os dias por anos e desaparecer de repente? Como pode ficar tanto tempo longe e voltar assim, numa quinta-feira, sem mais nem menos, como se esse fosse o plano desde o início? Só vou acreditar que ele voltou mesmo quando o vir.

O Donovan era corajoso. Falava sem pensar, mas suas palavras sempre eram verdadeiras. Como naquele dia, durante a aula de história do sexto ano. Passei a semana toda com medo da aula, porque a gente estava vendo a Guerra Civil Americana e não tem nada pior do que ser a única negra

da classe quando a professora fala sobre escravidão.

A maior parte do tempo, não penso no fato de ser uma estranha no ninho aqui nesta cidadezinha. Chicago é um lugar onde as pessoas não se misturam. Cada etnia mora em determinada parte da cidade. Onde eu moro, a maioria das pessoas é branca, mas não sou tratada como se existisse uma barreira entre as raças nem nada disso. A gente estuda junto há tanto tempo que parece que esqueceram que tenho a pele mais escura. Até alguém fazer o favor de lembrar. E a discussão sobre

escravidão é um dos momentos em que isso acontece. De duas, uma: ou o professor pede para você falar, porque você deve ser entendida no assunto, ou evitam olhar na sua cara e se dirigem a todos os seus outros colegas loiros de olhos azuis.

O sr. Hammond é antigo na escola e não deixou barato. Foi logo perguntando sobre o efeito atual das Leis Jim Crow, que vigoraram de 1876 a 1986 em muitos estados norte-americanos e exigiam que brancos e negros frequentassem lugares diferentes. Assim que terminou de falar, virou bem pra mim e perguntou:

– Theo, talvez você tenha um exemplo de como essas leis afetam você ou a sua família mesmo tantas décadas depois.

Senti olhos em cima mim e olhos tentando não ficar em cima mim. A sala estava tão silenciosa que ouvi o estômago da Macy Wilkins roncar lá da outra fileira. E, apesar de eu ter desejado muito, o chão não se abriu para engolir o sr. Hammond e levá-lo para algum lugar do inferno reservado para os professores insensíveis.

Fiquei ali sentada, tentando pensar em uma resposta que não fosse muito grosseira, mas aí

lembrei que, naquele ano, eu não era a única criança negra da classe. O Donovan sentava do outro lado da sala e nem precisei olhar para saber que ele estava furioso.

Só não esperava que fosse falar alguma coisa.

Antes que eu pudesse abrir a boca, meu amigo perguntou:

– Por que o senhor pediu para a Theo responder, sr. Hammond?

O professor tirou os olhos de mim, com um ar confuso.

– O que foi, Donovan?

Virei para o meu colega. Estava sentado retinho na cadeira, com os braços e as mãos apoiados

tranquilamente sobre a carteira. Espremeu aqueles olhos castanhos e levantou tanto aquele queixo com covinha que estava quase apontando para o quadro branco.

– Perguntei por que o senhor chamou a Theo. Ela não estava com a mão levantada.

O sr. Hammond fechou a cara e disse:

– Por acaso você gostaria de responder à pergunta?

– Não. Acho que nenhum de nós dois deveria responder – falou o Donovan, com a voz tranquila, mas soltando faíscas pelos olhos.

– Bem, Donovan – falou o

professor pausadamente. Primeiro o pescoço, depois a boca e por último a testa ficaram num tom intrigante de vermelho. – Perguntei porque talvez pudessem dar uma... perspectiva única, uma vez que os seus ancestrais estavam diretamente envolvidos nessa questão.

E foi aí que o Donovan perdeu a cabeça.

– Isso é uma grande besteira. Por que o senhor não pergunta qual é a perspectiva do Joey ou do Leo ou de qualquer outra pessoa nessa sala? – Então se inclinou para a frente, com os dedos agarrados na

beirada da mesa como se aquilo fosse a única coisa que o impedisse de ter um ataque de raiva ali mesmo. – Até onde eu sei, os ancestrais deles também estavam diretamente envolvidos nessa questão. E os seus também!

O Donovan foi mandado para a sala do diretor por responder para o professor. Mas eu descobri na hora, pelo sorrisinho malicioso que ele me deu quando saiu da sala, que tinha valido a pena. O sr. Hammond nunca mais nos chamou de novo durante as aulas sobre a Guerra Civil Americana.

Meu amigo era corajoso, mas a

coragem tem seus limites. Deitada embaixo das cobertas, olhando para o teto, não consigo parar de pensar se quatro anos foram suficientes para alguém conseguir dominá-lo.

Depois que ele foi sequestrado, não conseguia dormir. Ia pro quarto dos meus pais no meio da noite e perguntava se podia ficar ali com eles.

– O que foi, querida? – perguntava a minha mãe, sentando na cama, com o lenço de seda que usa pra dormir amarrado bem apertado em volta do cabelo.

Eu tinha treze anos. Já não

estava mais na idade de ir pedir colo para os meus pais. Não conseguia contar para eles que a minha cabeça ficava martelando que, se aquilo podia acontecer com alguém tão legal e gentil como o Donovan, podia acontecer comigo também.

Mas os dois nunca me fizeram me sentir mal por causa disso. Meu pai dizia:

– Não consegue desligar a cabeça?

Eu balançava a cabeça e subia na cama, bem no meio dos dois, me sentindo no mesmo instante confortada pelo ritmo da respiração

deles, pelo cheiro conhecido do quarto, pelo calor dos lençóis.

Mas isso aconteceu há quatro anos, e agora o Donovan está de volta. Não tenho razão para ter medo, a menos que comece a pensar em quem fez isso. E, mesmo assim, isso não é motivo, porque essa pessoa está presa. Pensei muito nela ao longo dos anos. É homem ou mulher? Velha ou nova? Negra, como eu e o Donovan, ou branca, como quase todo mundo nessa cidade? Nos Estados Unidos, quem comete um crime sexual é obrigado a divulgar seu nome, e fico lembrando dos sites aqui de

Chicago que têm um monte desses criminosos e como eles não têm nada em comum, a não ser o desejo de fazer mal aos outros.

Consigo dormir um pouco, mas acordo às duas da manhã. Tenho que fazer xixi. Fico sentada na privada, pensando se as últimas horas poderiam ter sido apenas um sonho. Vai ver sentei na mesa do Casablanca's e fiz a lição de química enquanto o Phil estudava matemática e a Sara-Kate fazia um poema pra aula de inglês. Vai ver que, no fim das contas, tomei mesmo aquela sopa de lentilha pastosa, e o Donovan não está a

duas casas, quase aqui ao meu lado.

Quando saio do banheiro, dou de cara com a minha mãe.

– Mamãe – não chamava ela assim desde que eu era bem pequena. – Mamãe, é verdade que o Donovan foi encontrado?

Minha mãe estende os braços para mim, eu me encolho junto a ela, com o nariz embaixo dos seus braços. Ela encosta o rosto na minha cabeça.

– Sim – diz, no meu ouvido. Ela está com voz de sono mas, acima de tudo, de alegria. – Ele voltou para casa.

3

QUASE TODO MUNDO NO COLÉGIO TRATA A SEXTA-FEIRA como se fosse um dia livre mas, com a notícia da volta do Donovan, isso ficou ainda pior. O diretor resolveu cancelar o segundo período de aula e convocar uma assembleia.

Antes que ela comece, saio de fininho para encontrar a Sara-Kate e o Phil e fumar um atrás do campo

esportivo.

Os dois estão de pé, formando uma rodinha com o Klein e o Hosea, entre as arquibancadas e a cerca que limita a escola. O Klein fica ali quase todas as manhãs. Aposto que ele nem sabe qual foi o último dia que enfrentou uma aula sóbrio.

É o primeiro a me ver. Ainda que de forma sutil, reage ficando um pouco mais ereto, com o queixo um pouco mais alto.

– E aí, Pernuda? – diz, abrindo espaço para eu entrar na roda e observando todos os meus movimentos com aqueles olhos

verdes.

Parece que tomou um banho de perfume. Tenho certeza de que, seja lá qual for a marca, é absurdamente cara. Como cada peça de roupa que ele usa e o carro reluzente que deixou no estacionamento hoje de manhã.

– Para de tratar a minha amiga como se ela fosse um objeto – reclama a Sara-Kate, dando um sorrisinho. Está usando um vestido de festa retrô de renda preta e, quando a brisa sopra, se encolhe toda. É bem fininho, surrado de um jeito estiloso, e ela deve estar morrendo de frio. Só que a Sara-

Kate não usa casacos se a temperatura não estiver abaixo de zero e, mesmo assim, só de vez em quando.

Minha amiga me passa o baseado, que já está pela metade. Na hora sei que foi o Phil quem o enrolou. Ele é especialista, não faz nada pela metade. Se é para ser maconheiro, tem que ser o maconheiro, que fecha baseados perfeitamente e sempre tem um isqueiro à mão.

– Não tô tratando ela como objeto – retruca o Klein, na maior tranquilidade. – Não é culpa minha se a Theo tem uns belos atributos.

Aí vai baixando os olhos do meu pescoço até minha blusa de seda rosa, com gola redonda, estilo Peter Pan. Foi a Sara-Kate que me deu, de aniversário. Eu amo, mas fico parecendo uma criança de cinco anos. Sou reta como uma tábua, o que deixa o Klein, que faz cara de quem quer arrancá-la, ainda mais tarado. Abotoo o casaco até o fim.

– Dá pra parar de falar da Theo como se ela não estivesse bem do seu lado? – pergunto, dando um pega bem longo. Solto a fumaça e fico olhando em volta, tentando descobrir para quem tenho que passar a bola. Cruzo o olhar com o

Hosea e, dessa vez, nós dois viramos o rosto.

Será que ele acha que contei para a Sara-Kate e para o Phil sobre o trabalho dele na minha academia?

A fumaça percorre meu corpo daquele jeito enevoadado que conheço tão bem, subindo pelo meu peito e relaxando meus ombros. Fecho os olhos por um instante, porque quero lembrar desse momento antes de pensar na tal assembleia com a Crumbaugh. Tenho certeza de que ela vai estar lá, porque sempre dá um jeito de virar o centro das atenções quando

acontece alguma coisa importante. É a pior orientadora do mundo: não tem um conselho bom pra dar, mas ama os holofotes.

O Klein cutuca o Hosea, de olho no baseado entre os meus dedos, e pergunta:

– Qual é a dessa merda de assembleia?

Ele sempre perde a oportunidade de ficar quieto.

– Merda, não – contesta o Phil, tirando o cabelo da testa. Está ficando meio comprido, cacheado nos ombros, num penteado meio descabelado, tipo roqueiro das antigas. Juro por Deus... meu

amigo poderia voltar no tempo até 1972 a qualquer momento, que ninguém ia perceber que ele veio de um tempo futuro. – É necessária. Ouvi um carinha do primeiro ano perguntar: “Quem é esse tal de Donovan?”. Me deu vontade de dar um soco na cara dele.

– Vai ver o cara acabou de mudar pra cá – argumenta a Sara-Kate. Mesmo chapada, ela não gosta de sair julgando os outros.

– Isso não é desculpa para ser mal informado. Saiu no noticiário nacional.

O Phil pega a ponta e fuma, com

ar pensativo. Pela primeira vez, está sendo do contra por um bom motivo, não só por ser. Também era amigo do Donovan. Por muito tempo, andamos juntos, só nós três. Éramos um trio, a Brigada Morena. Escolhemos esse nome porque aqui não tem muita gente como nós. Quando nos conhecemos, na pré-escola, só fui saber que ele era mexicano quando ouvi a sua mãe o xingando em espanhol. Ele tem a pele um tom mais clara do que a minha, e eu ainda não sabia que a história da pele morena é tão variada quanto os seus tons, só sabia que éramos

diferentes.

O Klein solta um suspiro e diz:

– Vamos nessa. Preciso mijar.

Vai andando na frente, em direção ao prédio cinzento de dois andares. O Phil, que está usando calça de veludo verde-bandeira, vai atrás, seguido pela Sara-Kate, tremendo de frio com aquela meia arrastão vermelha. Se a diretoria algum dia propuser que a gente use uniforme ou exigir que a gente se vista de certa maneira, pode apostar quem vai se foder primeiro.

O Hosea dá um último pega num cigarro de cravo, solta a fumaça longe de mim, o joga no chão cheio

de bitucas e esmaga com o coturno.

– Me falaram que você tá atrás de um lance aí. Um certo chazinho – comenta ele.

– Quê?

– Cogumelos? – pergunta, com um leve sorriso.

Abro a boca e fecho sem dizer nada. Phil, seu filho da puta.

– Não, é para uma amiga... ela não estuda aqui. Só estava querendo saber.

O Hosea fica me medindo. Assim, vistos de perto, os olhos dele me surpreendem. São de um cinza puro e profundo. Cor de aço, mas mais suave. O cara põe as

mãos no bolso do casaco de moletom e diz:

– Me avisa se ela mudar de ideia. Posso te dar uma mão.

– Ah! Tá bom, claro... valeu.

Aí começa a caminhar em direção ao prédio da escola, mas fico parada no mesmo lugar, o observando. Tem um andar firme e um cabelo comprido que parece incrivelmente macio e bagunçado ao mesmo tempo. É mais alto do que eu pensava. Deve ter pelo menos um metro e oitenta e cinco, quem sabe um metro e noventa. E uns ombros largos que se encolhem quando caminha, parece que

andaria todo curvado se pudesse. Fico parada olhando por tanto tempo que ele pergunta:

– Você não vem?

A gente não conversa no caminho. Andamos um do lado do outro, mas não bem do lado, porque o Hosea tem namorada. A Ellie Harris. Está sempre em volta dele. Aliás, onde será que a Ellie e a Trisha estão? Não sei dizer se as duas são amigas por conveniência, já que uma namora o Hosea, e a outra, o Klein, ou se realmente se gostam.

Quando entramos, deixo ele ficar um meio metro mais para a

frente. Estou completamente chapada, e todo mundo passa por mim correndo, todo mundo está indo na mesma direção. Os professores tentam controlar a multidão, mas estão em desvantagem numérica. Meus reflexos estão uma merda e quase sou levada por dois alunos do segundo ano que passam por mim apostando corrida, para ver quem consegue passar pela multidão. Por pouco não perco o equilíbrio; alguém me segura bem na hora.

– Theo! Você está bem?

É a Bryn Davenport. Veste cardigã e saia cáqui durante o dia,

mas vomita um litro de vodca quase todo fim de semana. Já segurei o cabelo dela uma vez. É uma bêbada bem-educada. Deve ter me agradecido umas quinze vezes enquanto a gente ficou sentada no chão do banheiro da Victoria Martino.

– Tudo bem – respondo. – Só estou meio devagar esta manhã.

– Meu Deus! Dá pra acreditar que o Donovan voltou? – A Bryn passa a mão distraidamente no próprio cabelo, um chanel preto e cacheado. – Achava que a gente nunca mais ia vê-lo.

– É... – digo, lerda como uma

tartaruga, perdida na névoa, chapada pra caralho. – Acho que eu também... nunca pensei.

Eu e o Donovan conversávamos sobre como seria o Ensino Médio antes mesmo de chegarmos ao sexto ano. Juramos que nunca íamos virar aquele tipo de amigo que não se fala mais quando muda de escola e conhece gente nova.

– E se até lá a gente ficar de saco cheio um do outro? – perguntei, pendurada na cama dele de cabeça pra baixo, a cabeça perto do chão, e com um pirulito de morango meio melado na mão.

– A gente nunca vai ficar de saco

cheio um do outro, Tê – respondeu, do outro lado da cama. Meus pés estavam perto da cabeça dele, e vice-versa. – Faz a vida toda que a gente se conhece. Quase a vida toda. O que pode mudar?

– Sei lá. – Olhei em volta do quarto: a borda do papel de parede azul e cinza com grandes bolas de beisebol brancas dançando no meio, em volta do teto; a colcha combinando amontoada num canto; as cortinas desbotadas pelo sol. A estante cheia de revistas em quadrinhos do outro lado, perto da escrivaninha. O Donovan estava ficando meio velho para aquilo tudo

– menos para os quadrinhos, desses eu tinha certeza que ele nunca ia deixar de gostar. Penso que uma parte dele relutava em aceitar que precisava de um quarto novo, mais maduro. Assim como eu odiava a ideia de que, provavelmente, aquele seria o último ano em que poderia admitir que brincava de boneca.

– E se você arrumar uma namorada que não goste de mim? – perguntei, estalando os dedos dos pés perto da orelha dele. – Ou parar de falar comigo porque não quer que ela descubra que você chupou o dedão até o terceiro ano?

– Só quando não tinha ninguém olhando! – disse ele, bem alto, empurrando minhas pernas com força e quase me derrubando da cama. – E eu também sei de uns segredinhos seus.

– Ah, é? O Senhor Sapo, por acaso? – provoquei, terminando o pirulito. – E daí? Ele só fica sentadinho na minha cama, não fico brincando de casinha.

– Não. Vou contar que você ronca.

– Não ronco, não! – Tentei subir na cama apoiando os cotovelos, mas só consegui ver o peito do Donovan espalhado do meu lado

direito, coberto com uma camiseta dos Bears laranja e azul-marinho. – Você é que ronca! E ainda por cima baba.

– Pelo menos meus pais não precisam deixar uma luzinha acesa no meu quarto, só para garantir – falou, dando risada.

Soquei a coxa dele, mas aí fizemos as pazes porque eu não conseguia alcançar o saco de pirulitos.

– Mas, Tê. Falando sério. A gente vai levar numa boa, né? O Ensino Médio, namoradas, namorados. Vai mesmo, né? – perguntou, com a voz fraca, como

se não tivesse certeza de que devia ter dito aquilo. Como se tivesse sido sincero demais e achasse que eu ia tirar sarro dele.

– Claro! – respondi. Minhas palavras ficaram pairando por um tempo, uma espécie de contrato verbal. Então completei: – Quem mais vai conseguir te aguentar?

O Donovan ficou com a gente até o sexto ano. É por isso que o pessoal que veio pra cá depois do sétimo ou foi transferido de uma escola particular (como a Sara-Kate e o Klein) só o conhecem pelas histórias que as pessoas contam e pelo noticiário. É estranho pensar

que a Sara-Kate sabe tão pouco sobre uma parte tão importante do meu passado, que até a Bryn Davenport conhece melhor do que ela.

Naquela época, parecia que o Ensino Médio ia demorar tanto pra chegar. É difícil acreditar que estou aqui agora, e que o Donovan nunca teve essa oportunidade. Será que ele frequentou a escola enquanto esteve longe? Ou será que ficava trancafiado vinte e quatro horas por dia, preso em algum móvel quando o sequestrador saía de casa?

– Desculpa – diz a Bryn, olhando nos meus olhos com um ar

preocupado. – O assunto é pesado demais para uma sexta-feira de manhã?

– Não, não – respondo, sacudindo minha cabeça enevoada e puxando a bainha da minha blusa, devagar. – Eu estava pensando naquela prova de sociologia que a gente tem mais tarde. Tinha esquecido completamente.

– Bom, é com o Jacobsen. – A Bryn me dá um leve sorriso e encosta delicadamente no meu braço mais uma vez, deixando a mão parada ali por um instante. Parecia ter medo de que eu não

fosse conseguir ficar em pé sozinha. Será que estou com uma cara tão chapada assim? Preciso me olhar no espelho. – Ele sempre dá outra chance se você for mal. Te vejo no quinto período.

Ela sai correndo e entra no meio da multidão, se acotovelando com dois jogadores de futebol grandões. Essa aí é pequena e destemida.

Todo mundo se aperta no ginásio mofado e cavernoso; os sapatos fazem um ruído agudo no chão lustroso da quadra de basquete. Fico olhando em volta uns dez minutos até encontrar a Sara-Kate e o Phil. Respiro fundo e

vou até o topo da arquibancada de madeira, só parando uma vez para me equilibrar. Me agarro no Joey Thompson, mas ele tem ombros tão musculosos que acho que nem percebeu.

Tento chegar até o fim do banco, para sentar com o Phil, mas ele nem se mexe. Para de falar com a Sara-Kate tempo suficiente para apontar o lugar vago do lado dela. Ótimo. Piso nos pés dos dois e consigo aterrisar ao lado do Klein. Ele está sentado com o Hosea, que olha para mim e se vira. Por algum motivo, sinto que perdi alguma coisa importante.

O Klein se inclina por cima de mim e juro por Deus que aquele perfume quase me sufoca, mas me concentro em respirar pela boca para ele não perceber. Na verdade, queria fingir que ele não existe e falar com o Hosea, perguntar como toca piano tão bem.

O Klein me dá um sorrisinho e pergunta:

– Você vai na minha festa hoje, né?

Umas doses de vodca e algumas bolinhas definitivamente cairiam bem.

Tenho que me esforçar para não me encolher toda e respondo:

– Acho que sim – digo, estalando os dedos um por um.

Olho para a Sara-Kate e para o Phil, mas não adianta nada. Ele está reclamando que perdeu um tempão se preocupando com a prova de matemática, que foi adiada por causa da assembleia. Minha amiga balança a cabeça, com as pernas cruzadas e de meia arrastão. Ela finge bem: quase dá para acreditar que liga para o que o Phil está dizendo.

– Vamos comemorar a volta do nosso amigo – o Klein chega ainda mais perto e fala baixinho: – Não pensa, Pernuda. Vai.

– E a Trisha, como vai? –
respondo, bem alto.

Ouço uma risadinha vinda do outro lado do Klein e não consigo disfarçar o sorriso, mas não tenho coragem de olhar para o Hosea, então viro para a frente. O diretor e a orientadora estão tentando fazer todo mundo calar a boca para poder começar esse negócio de uma vez.

O diretor Detz fala que foi um milagre o Donovan ter voltado e que, mesmo que nem todo mundo o conheça, ele faz parte da família da Escola de Ensino Médio de Ashland Hills, porque estaria no

terceiro ano se não tivesse sido sequestrado.

A Crumbaugh fica do lado do Detz, com as mãos cruzadas. Parece que o outono explodiu em cima dela. É como se fosse uma ironia do destino essa mulher dedicar a vida a preparar as crianças para o futuro, visto que se veste como uma. Ela tem roupas temáticas para cada estação e para cada feriado: usa uns suéteres abóbora em outubro, por causa do Halloween e corações da cabeça aos pés em fevereiro, quando a gente comemora o dia de São Valentim, o dia dos namorados.

– Esse é um momento muito feliz – ela anuncia, com aquela voz anasalada. – Mas entendo que alguns de vocês possam ter sentimentos confusos em relação à volta do Donovan. Por isso, durante as próximas semanas, vou ficar disponível além do tempo normal para podermos entender melhor a história dele.

Me inclino para a Sara-Kate e digo:

– Fala sério. Ela acha que a gente é que precisa de apoio?

Minha amiga sacode a cabeça, põe a mão na argola prateada que tem no lábio inferior e dispara:

– Totalmente sem noção.

Ninguém no recinto sabe pelo que o Donovan passou, não pode nem imaginar como tem sido a vida dele desde que desapareceu. Mesmo que não tenha ficado acorrentado a uma cama, não tem como comparar o cotidiano dele com o nosso. Quanto mais eu penso, mais tenho certeza de que meu amigo nunca viu uma escola de Ensino Médio por dentro. Sequestradores não costumam se importar com educação, atividades extracurriculares ou refeições balanceadas.

– Obrigada, senhora Crumbaugh

– diz o Detz, sorrindo como se ela fosse o ser mais gracioso sobre a face da Terra. Depois, os dois fazem um jogralzinho, dando uma série de dicas de segurança sobre pessoas estranhas, mais adequado para alunos da pré-escola.

A Sara-Kate me chama e, quando olho pra cima, ela está de pé, estendendo a mão para me ajudar a levantar. A assembleia acabou e estou me sentindo bem pior agora.

Conversar sobre o Donovan não vai me fazer esquecer que, depois que ele sumiu, passei meses (anos até) ouvindo a voz dele toda vez

que saía de casa. Escutava meu amigo me zoando porque eu ficava na primeira posição mesmo quando não estava na aula de balé, com os calcanhares juntos e os pés apontados em direções opostas. Ou me convidando para ir comer sobremesa na casa dele, porque os Pratt comiam torta, bolo ou sorvete todas as noites, não apenas em ocasiões especiais.

Sentar e conversar com a Crumbaugh pode até ajudar outros alunos, aqueles que não têm as lembranças ou a ligação que eu tenho com o Donovan. Aqueles que não passaram anos e anos

dormindo na casa dele ou indo para a escola juntos, que não sabem que meu amigo me entendia completamente, sem precisar fazer esforço.

Mas falar do Donovan não vai me fazer esquecer o último dia em que o vi. Não vai me fazer esquecer que os últimos minutos que passamos juntos foram tão tensos e cheios de segredo que, pela primeira vez na vida, duvidei que éramos mesmo o melhor amigo um do outro.

4

O LANCE DAS FESTAS DO KLEIN ANDERSON É QUE ELAS realmente são as melhores.

A maior parte das famílias que moram em Ashland Hills é abastada, mas os Anderson têm dinheiro de família, e isso os difere de todo mundo. E significa que o Klein tem acesso a todo tipo de bebida e de drogas. E teria todas as garotas que quisesse também, se a

Trisha Dove não ficasse de olho, obrigando-o a andar na linha.

Janto com os meus pais, troco de roupa e espero o Phil chegar. A Sara-Kate também vai, mas ele passa para me buscar primeiro porque minha casa fica a três quadras da dele. Meus pais ficam sentados na mesa de jantar, jogando uma partida acalorada e radical de palavras cruzadas. Quando passo por eles de casaco, respiram fundo e recitam os avisos de fim de semana de sempre: toma cuidado, volta pra casa antes da meia-noite, não entra no carro de ninguém que beber... depois dessa,

não ouço mais nada.

Olho para a casa do Donovan antes de entrar no carro do Phil. Déjà-vu. A varanda e os degraus da frente estão cobertos de cartazes, como há quatro anos. Só que, dessa vez, ao invés de palavras esperançosas, quase súplicas, tem dizeres alegres! E gratos! E cheios de pontos de exclamação! BEM-VINDO, DONOVAN! e DEUS É FIEL e SENTIMOS SUA FALTA!!! Tem bichos de pelúcia por todos os lados, como se golfinhos fofos pudessem compensar o tempo em que ele não pôde ser criança. E muitas velas acesas em cima de

qualquer superfície plana disponível. Velas pequenas, gigantes e perfumadas. Sei que as pessoas que deixaram todas essas coisas ali tiveram boa intenção, mas só conseguiram deixar o gramado dos Pratt parecendo um santuário... ou um ferro-velho.

Quando sento no banco do carona, percebo que o Phil também está olhando para lá.

– Então, acho que você não o viu também – comenta, mordendo o lábio inferior e virando para mim.

– A gente ligou algumas vezes, mas ninguém atendeu – digo. Respiro fundo, lembro que estava

cheia de esperança hoje à tarde, quando sentei com a minha mãe no sofá, o telefone entre as nossas orelhas. – Devem ter desativado a caixa postal. E a minha mãe acha que a gente não pode bater lá sem avisar.

– O que você acha que ele está fazendo, além de estar feliz pra caralho por ter voltado?

– Vai ver é só isso mesmo. – Passo o cinto de segurança em cima do peito e afivelô. – Vai ver ficar feliz já está bom demais.

Fico olhando pra rua enquanto o Phil dá ré na nossa garagem. O lugar onde moro é igual a qualquer

cidadezinha suburbana do centro-oeste dos Estados Unidos. As mesmas casas de tijolinhos, as mesmas entradas compridas e largas, os mesmos jardins de bom gosto e os mesmos enfeites na varanda, de acordo com a época do ano. Agora, por causa do outono e do dia de Ação de Graças, tem abóboras coloridas em grupos de três ou quatro e guirlandas de folhas secas penduradas nas portas da frente.

– Onde você acha que ele estava, Phil? – pergunto, dando mais uma olhada para a casa do Donovan antes de irmos na direção

oposta. – Sei que a polícia o encontrou em Las Vegas, mas onde você acha que ele estava morando?

– Sei lá – responde o Phil, olhando para os dois lados antes de passar por um cruzamento. – Não penso muito nisso. Quer dizer, pensava, mas parecia errado. Tipo, vivo a minha vidinha normal numa casa normal enquanto ele está lá, sendo forçado a sabe Deus...

Ponho a mão no braço do meu amigo, porque ele não consegue terminar a frase, e o aperto de leve.

– É, eu também... você acha que o Donovan ainda é a mesma

peessoa? Quero dizer... sobre o que vamos conversar quando finalmente nos encontrarmos? Não faço a menor ideia. Não consigo... não vou saber o que dizer.

O Phil fica em silêncio por alguns instantes, enquanto a gente atravessa a cidade para pegar a Sara-Kate. Fico imaginando o que o Donovan pensa de Ashland Hills agora. O que vai achar quando puser os pés pra fora de casa. O lugar mudou um pouco desde que ele sumiu. Não muito, mas o suficiente para quem passou quatro anos fora perceber. Grandes cadeias de cafeteria se instalaram,

tentando acabar com a Coffee & Jam. Abriu um lugar perto do Casablanca's que faz o churrasco típico do sul dos Estados Unidos, onde sempre, lá por volta do meio-dia, parece que alguém disparou um canhão de porco assado ao molho barbecue. Agora tem uma escola de Educação Infantil e uma loja de comida orgânica meio hippie que está sempre vazia. A gente nunca para pra pensar como seria se, de uma hora para a outra, não pudesse mais ver isso todos os dias.

– Lembra aquela vez, quando a gente foi ao parque de diversões? –

recorda o Phil, parando no sinal amarelo em vez de acelerar e passar direto, como eu faria. Ele dirige supercertinho, parece que ainda está na autoescola, com as mãos posicionadas no volante como manda o manual, e nunca ultrapassa o limite de velocidade em mais do que três quilômetros por hora.

– Ah! Com os nossos pais e tudo? Faz anos que não penso nesse dia.

– É – diz ele, dando um sorriso.

– A gente tinha uns oito anos, certo?

– Nove. E o Glenn foi junto e

começou a chorar quando não pôde entrar naquela montanha-russa porque era baixinho. A gente andou um milhão de vezes, até você vomitar.

– Estômago fraco. É genético. –
Dá um sorriso ainda maior, mostrando os dentes brancos e perfeitos. E é para serem perfeitos mesmo, considerando que ficaram apertados pelo aparelho durante três anos e meio. – Mas não fui só eu que vomitei. Lembra do meu desafio?

– Meu Deus – respondo, meio gemendo, com o estômago revirado só de lembrar. – Como poderia

esquecer? Nunca mais consegui olhar pra cachorro-quente.

Praça de alimentação do parque. O Phil desafiou o Donovan a comer três cachorros-quentes de trinta centímetros cada numa sentada só. Pagou com a própria mesada e tudo. O Donovan comeu, mas acabou vomitando num canto da praça cinco minutos depois. O Phil vomitou por solidariedade logo em seguida, e nem preciso dizer que os funcionários do parque e nossos pais não ficaram nem um pouco felizes.

– Minha mãe quer convidar a família do Donovan e a sua pra

jantar – conta o Phil. – Ainda nem falamos com eles, e ela já tá pensando no cardápio. Se eu tivesse ficado longe todo esse tempo, ela provavelmente me faria comer até morrer.

– A sua mãe mataria a vizinhança inteira de tanto comer – comento. Pego o celular e mando uma mensagem para a Sara-Kate, avisando que estamos a poucas quadras da casa dela.

Ela está esperando, fumando na varanda da casa, que está com as luzes todas apagadas. Vem rápido até o carro, vestindo uma espécie de túnica superjusta, leggings e

botas de camurça até o joelho. Não consigo nem imaginar como seria ter as curvas dela e não querer escondê-las.

Minha amiga me mataria se eu falasse isso na cara dela, mas a Sara-Kate parece uma personagem de desenho animado. Tem os traços tão absurdamente perfeitos que, se você observar por muito tempo, vai achar que foi desenhada. Lábios em forma de coração e olhos castanhos tão grandes e sinceros que dá para mergulhar neles. Sabe se maquiar muito bem, mas, se eu fosse ela, nunca usaria nada. É bonita de cara

limpa do mesmo jeito.

– E aí, boneca? – diz ela, dando um beijo na minha bochecha. Depois limpa a marca de batom com o dedão e senta no banco de trás.

– Cadê seus pais? – pergunto, olhando diretamente para o cigarro que ela está segurando entre o indicador e o dedo médio. Deixo uma fresta do vidro aberta.

– Minha mãe foi ver um show em Chicago.

– Toma cuidado com esse troço – reclama o Phil, fazendo voz de pai. Ele se vira e fica olhando para a Sara-Kate e seu cigarro.

– Por acaso eu já queimei ou profanei seu precioso carro alguma vez? – retruca ela, segurando o cigarro para fora do vidro, com o intuito de o vento soprar a fumaça e as cinzas longe do carro.

– Presta atenção, tá? – completa o Phil, indo em direção à casa do Klein. E isso significa que, a cada rua que a gente cruza, as casas ficam maiores.

A Sara-Kate solta dois círculos de fumaça perfeitos pela janela, coloca a cara redonda entre os dois bancos da frente e diz:

– Obrigada pela carona, Philip.

– De nada, Sara-Katherine

– responde ele, virando o rosto de leve e olhando de canto de olho.

– Não me chame de Katherine. – A expressão de eternamente feliz da minha amiga se transforma num biquinho.

– Então não me chame de Philip. – Ele dá uma paradinha quando a gente passa pela minha casa preferida de Ashland Hills: toda branca, de três andares e teto reto, com colunas robustas e uma sacada bem comprida no segundo andar. – A menos que você seja minha mãe.

O Phil tenta disfarçar o sorriso, mas consigo perceber.

Os pais do Klein sempre estão

fora, viajando de férias ou a negócios, e as festas dele se tornaram uma tradição. Duram a noite inteira, vêm DJs de verdade contratados em Chicago, e a polícia nunca bate na porta porque a família dele tem mais dinheiro do que qualquer um em Ashland Hills.

A rua está lotada de carros, e precisamos estacionar mais para a frente. Meus pais surtariam se ficassem sabendo que dei uma festa desse tamanho. Não que eu vá fazer uma coisa dessas. Meus pais são bem na boa no dia a dia, mas, quando alguma coisa importante acontece, eles tomam

providências bem rápido. Eu ficaria pelo menos um mês de castigo se tentasse dar uma festa como a do Klein. Provavelmente mais.

Quando chegamos, encontro a Ellie Harris sentada nos degraus da frente da casa. Ela chega bem perto da Lark Pearson, olha para nós e joga a cabeça para trás, dando risada. Não sei o que o Hosea viu nela, porque eu não consigo ver nada. Até que é bonita, acho eu, mas de um jeito artificial. Iluminador nos lugares certos e lábios com gloss perfeito. É o tipo de menina que nunca aparece em público sem maquiagem. Será que

o Hosea já a viu de cara limpa?

Dá um gole pequeno na garrafa de cerveja e diz:

– Oi, Phil.

– É. Oi, Phil – repete a Lark, com os olhos tão carregados de delineador que parece ter levado um soco.

Meu amigo fica parado por alguns instantes para ver se elas vão me cumprimentar ou dar “oi” para a Sara-Kate. Isso não acontece. A Lark fala alguma coisa no ouvido da Ellie, e as duas dão risada. A Ellie fica dando uma risadinha e bebe mais um gole da cerveja.

– Com licença, madames – diz o Phil. Cara, ele consegue mesmo pronunciar uma palavra educada como se fosse um xingamento escrito num banheiro público.

Aí segura a porta pesada para a gente passar e a fecha com força quando entra na festa.

Entramos na saleta do hall onde todo mundo deixa o casaco. É pequena e simples, mas confortável. Tem um sofá de três e outro de dois lugares, num tom de creme, uma estante com clássicos de capa dura e uma televisão fininha pendurada na parede. O Phil pendura nossos casacos nos

cabides de madeira dentro do armário, em vez de jogar no sofá como todo mundo fez.

– A gente não sabe por onde essas merdas andaram – resmungo, guardando a própria jaqueta surrada de couro marrom.

– Sabe, a Lark fazia aquele período de estudos comigo no ano passado e era superlegal – conta a Sara-Kate, franzindo a testa com ar confuso. – Ela sempre me fala quando tem liquidação de maquiagem.

– Tudo culpa da Ellie Harris – digo, sacudindo os ombros para tirar meu casaco preto e entregar

para o Phil, que está esperando com o cabide na mão. – Ela transforma qualquer uma em filha da puta.

– E Theo vence o primeiro round – anuncia o Phil, levantando uma sobrancelha e fazendo cara de satisfeito.

O Klein é uma das primeiras pessoas que a gente vê quando sai do hall. Está de pé, perto do fim da escadaria em espiral, com um copo na mão e de olho no pessoal, bancando o anfitrião. Só para ninguém esquecer que está na casa dele e tudo mais. O Phil revira os olhos.

– Ainda não acredito que você transou com esse cara – diz, ajeitando o colete jeans de mangas desfiadas.

– Não transei, não – retruco. Dou uma olhada no colete dele. Na verdade, é uma jaqueta jeans velha com as mangas cortadas, mas tanto faz. – E você é amigo dele.

– Quase amigo. – A gente entra na sala. A Sara-Kate está do meu lado, e o Phil, de frente pra nós duas. – Um grau a mais do que simples conhecidos.

O Leo Watson passa no meio da gente, usando as calças jeans e o chapéu de caubói de sempre. Para

por um instante e faz cara feia para a calça jeans preta e justa do meu amigo. Não sei por que ele se acha no direito de julgar os outros, já que se veste como se trabalhasse numa fazenda.

– Acho que o número de vezes que você fica chapado com alguém é diretamente proporcional ao grau de amizade – digo para o Phil.
– Você e o Klein estão a um pega de distância de comprar narguilés combinantes.

– Estamos nada – reclama. Mas tira os óculos e os limpa na camisa, coisa que só faz quando fica sem palavras.

Inclino a cabeça para o lado, olho para ele e disparo:

– Só te digo uma coisa: festa depois do baile de inverno.

A Sara-Kate cai na risada, e eu também. A gente aproveita qualquer desculpa para tocar nesse assunto.

O baile de gala de inverno é a festa da nossa escola. Pouca gente leva o baile dos ex-alunos a sério, com exceção dos atletas e do pessoal do grêmio estudantil. E esperam tanto do baile de formatura que fico me perguntando como é que o evento pode corresponder às expectativas. Mas

o baile de inverno é bem no meio do ano letivo, umas duas semanas antes de a gente voltar das férias, quando todo mundo está procurando alguma coisa para fazer e dar um jeito na depressão pós-férias que bate no auge do inverno. Para ser sincera, é a noite em que o colégio inteiro se arruma e enche a cara no mesmo lugar. Eu fui uma vez, e o Klein foi o meu par, no primeiro ano do Ensino Médio. Depois fui com a Sara-Kate e o Phil, no segundo ano. Mas ia ser legal se esse ano fosse diferente, e um cara me convidasse para ir de par. Um que não tenha namorada.

Ano passado, o Phil se acabou naquelas garrafinhas de gim em miniatura, e o encontramos na sala de jogos dos Anderson com o Klein. Abraçadinhos, no maior amor fraternal, na frente da máquina de fliperama do Indiana Jones. Não deu para saber há quanto tempo estavam assim. Ver os dois se dando tão bem seria perturbador se não tivesse sido tão engraçado. Juro que ouvi "amigão" uma porção de vezes. É claro que o Phil nega e, para ser sincera, acho que o Klein não lembra de nada que aconteceu naquela noite, principalmente do fim.

– Que seja, Theo. Não é a mesma coisa do que ficar com ele.

– Foram só umas duas vezes, e não rolou sexo. E já foi há um milhão de anos, então te agradeço se você puder parar de tocar nesse assunto.

Fico encarando meu amigo, mas não com um olhar mortífero. Olhares malignos não combinam com meu suéter novo. Sou tão reta que fico ridícula com a maioria dos suéteres, mas esse que minha mãe comprou na semana passada ficou perfeito. Bem justo, com um decote redondo profundo, de cashmere cor de berinjela.

– Um milhão de anos, coisa nenhuma – o Phil não desiste. – Foi no primeiro ano, só foram dois.

– Acho que você precisa transar com alguém. Só assim vai parar de ficar obcecado com quem eu não transei dois anos atrás. – Olho pra Sara-Kate em busca de apoio. – Certo?

Ela levanta as mãos e sacode o cabelo roxo clarinho.

– Eu é que não vou entrar nessa. Agora vamos lá achar uma biritá. A mamãezinha aqui tá com sede.

Próxima parada: cozinha. Quase todas as marcas e todos os tipos de bebida possíveis e imagináveis

estão espalhados pelos balcões de granito. Algumas garrafas estão sem a tampa, outras pela metade, outras intactas, como a monstruosa garrafa de licor de caramelo. A porta dos fundos dá num terraço, onde as pessoas estão em volta de três barris de cerveja. A música pulsa num volume tão ensurdecedor que até as garrafas se mexem no ritmo das batidas.

O Phil e a Sara-Kate vão até lá conferir como anda a situação dos barris enquanto examino as opções que estão em cima do balcão. Estou lendo o rótulo de uma garrafa de vodca quando o Klein entra na

cozinha. Não mudou muito desde o tempo em que a gente saía. Raspou os cachinhos, deixando só uma penugem espetada e preta na cabeça, mas isso só acentua os ângulos memoráveis do rosto dele.

Então chega perto de mim, dá pra sentir o cheiro do sabonete que ele usou quando tomou banho. E o bafo de álcool. Melhor do que aquele perfume, acho eu.

– Pernuda! Você veio.

Dou um sorriso e digo “oi”. Acho que, no fim das contas, sempre vou ser grata ao Klein. Ele não faz meu tipo, mas era exatamente o que eu precisava dois anos atrás. Me

ajudou a esquecer o que aconteceu com o Donovan e aqueles meses que passei em Juniper Hill. E o mais importante: me ajudou a esquecer o Trent.

O Trent é cinco anos mais velho do que eu. Ele tinha dezoito, e eu, treze. Trent Miller, que disse que me amava, que queria ficar comigo e me fez acreditar em cada palavra que disse sobre o nosso relacionamento. Trent Ryan Miller, que simplesmente levantou e foi embora um dia, sem nunca mais dar notícias. Os psiquiatras decidiram que ele era um dos grandes motivos que me fizeram ir

parar em Juniper Hill. Isso quando não estavam pondo a culpa no balé.

O Klein era meloso, mas fofo, e sempre me tratava como se eu fosse a menina mais bonita de todas. Ainda me trata, desde que a namorada não esteja por perto. Parece que a Trisha adivinhou que eu estava pensando nela, pois apareceu alguns minutos depois, com cara de bêbada e cabelo cuidadosamente desarrumado. É alta e magra, mas não o tipo de magra que as pessoas têm vontade de internar.

– Oi, Theo – diz ela, com uma

voz distante. – Esse lance do Donovan é incrível mesmo. Eu sentava atrás dele no quarto ano, lembra? A gente fez o projeto da feira de ciências juntos. Aquele, do pluviômetro.

Não lembro, mas balanço a cabeça e vou saindo, bem devagar, para ela não perceber que estou tentando fugir.

Mas o Klein enxerga tudo.

– Espera – fala, pegando um dos copos de papelão vermelho empilhados de cabeça para baixo, parecendo aqueles chapéus marroquinos. – Deixa eu te fazer um drinque.

– Não, valeu – respondo, apontando para o pátio. – Cerveja.

– Ok – concorda, passando o braço em volta da cinturinha da Trisha. – Bom, a gente vai tomar um e mais tarde. Tá a fim?

Quase me engasgo para não dizer “de jeito nenhum, porra!” e digo que preciso acordar cedo para ir ao balé. O que é verdade. Mas não é só isso. Tomar ecstasy com o Klein Anderson e a namorada dele é a última coisa que quero fazer esta noite. Eles ficaram com a Mallory Frank numa festa na piscina ano passado. Eu não estava presente, mas acredito, mesmo se

ninguém tivesse testemunhado a cena. A Mallory não é do círculo deles, uma dessas meninas que fazem qualquer coisa para entrar na turma.

O Klein me olha, encolhe os ombros e diz:

– Você que sabe. Ei, caso você veja o Hosea lá fora, fala que tô procurando ele. O cara não tem a menor noção de tempo.

Ele e a Trisha pegam uma garrafa de rum e uma Coca-Cola de dois litros, e essa é a minha deixa para sair dali. Meus amigos não estão mais no terraço, mas todo mundo que não é exatamente do

círculo está mandando ver nos barris de cerveja, tipo a Mallory. Gente que é considerada legal a ponto de ser convidada pra festa, mas esquisita a ponto de achar que precisa puxar o saco de todo mundo para ser convidada para a próxima. Não sei se alguém poderia dizer que eu, o Phil e a Sara-Kate somos populares como o Klein e a Trisha, mas nos damos bem com a maioria das pessoas poderosas da nossa classe. Especialmente com os dois lesados que acabei de encontrar na cozinha.

– Parece que você precisa de uma cerveja – diz uma voz

simpática, à minha esquerda.

É o Eddie Corteen. Estudei a vida inteira com o cara, mas não sei nada sobre ele. Aparece na aula todos os dias, vai a todas as festas e é tão legal que parece fingimento, mas aí você percebe que ninguém consegue fingir por tanto tempo. Só que não lembro de ter conversado com ele de verdade alguma vez, nada além de um “oi” rápido ou pedir o caderno dele emprestado quando perco a aula de inglês.

– Preciso mesmo – respondo, uma vez que ele já estava servindo.
– Valeu, Eddie.

– Imagina – fala, meio que baixando a cabeça para pegar um copo vermelho de um saco plástico perto da base do barril. – E aí? Como é que estão as coisas? Tenho pensando muito em você. – O Eddie fica vermelho tão rápido que não sei como dá tempo de o cérebro se comunicar com o corpo. As sobrancelhas loiras quase brancas dele somem naquela pele rosada. – Quer dizer, não do jeito que você está pensando. É só... o Donovan, sabe?

Certo. Ele também o conhecia.

Me entrega o copo e dou um gole. Bem gelada, não ficou choca e

está quase sem espuma. Normalmente, eu passo a cerveja na sexta-feira à noite porque tenho aula de balé sábado de manhã cedo. Mas, depois dos últimos dias, bem que mereço uma. Só que... pensar no Donovan estraga a perfeição dessa cerveja.

– Me sinto mal por ter saído hoje – digo, derramando meus medos em cima da pessoa que, provavelmente, menos conheço na festa. Como se isso fizesse algum sentido. As palavras saem da minha boca sem que eu consiga evitar.

– Parece errado, porque ele está em casa com a mãe... se

recuperando.

Se recuperando. Que palavra de merda, mas não encontrei outra. Meu amigo estava machucado e sofrendo e agora está em casa tentando curar essas feridas. Vai ver nem consegue fechar os olhos sem ter um milhão de pesadelos.

Então o que estou fazendo aqui? Não ir à festa do Klein não tinha passado pela minha cabeça até esse momento. Mas, quanto mais penso no Donovan, sentada no terraço com uma cerveja na mão e conversando com pessoas que já foram colegas dele, mais a culpa me rói por dentro.

– Você não pode pensar assim
– comenta o Eddie, com um tom cuidadoso. – Às vezes eu sentava atrás de vocês no ônibus, e... bom, vocês pareciam bem próximos. Você foi uma boa amiga para o Donovan enquanto ele esteve aqui, Theo.

– Obrigada, Eddie – respondo, olhando para as minhas botas pretas. Surpresa por ele lembrar como era a nossa amizade.

Só que passar quatro anos longe de casa virou a vida do Donovan de cabeça para baixo. E agora, mesmo as partes bem conhecidas da antiga existência dele – a mãe, a casa, o

quarto – devem parecer muito distantes.

– Tenta não pensar nisso – completa o Eddie, o cabelo brilhando num tom de loiro quase prateado sob as luzes fortes do pátio. – A gente vai jogar “vira copo” daqui a pouco. Se você quiser, pode entrar no meu time.

O Eddie me dá um sorriso tão grande e sincero que tenho vontade de sorrir também. E, por um instante, me sinto um pouco menos idiota por ter desabafado com ele.

– Quem sabe – digo, e vejo para os dois caras que sempre estão atrás dele observando a gente. Não

sei como se chamam. Viram a cara assim que nossos olhares se cruzam. Olho pro Eddie e de novo falo: – Mas obrigada mesmo assim.

– Às ordens, Theo – conclui, tirando um chapéu imaginário para mim, de um jeito tão nerd e cativante que quase dá para ouvir a zoação dos dois amigos.

Me viro para o gramado e começo a cruzar aquela grama perfeitamente aparada que rodeia o coreto que os Anderson têm no pátio. Subo os degraus e sento no chão, de pernas cruzadas. Tomo uns goles de cerveja e fecho os olhos, mas não consigo parar de

pensar nele. Sim... no Donovan.

Ouço passos cruzando o gramado, fazendo barulho quando pisam no monte de folhas caídas. Abro os olhos e dou de cara com a silhueta do Hosea Roth, desenhada contra o céu noturno de outono. Fico de pé, segurando minha cerveja com cuidado.

Ele para.

– Ai. Não sabia que tinha gente aqui. Desculpa.

– Espera – digo. – Sou eu, a Theo.

Saio de trás das sombras, ele aperta os olhos quando me vê.

– Bom. Acho que é mesmo –
conclui. Aí coloca uns fios de cabelo
soltos atrás da orelha e completa:
– Duas vezes no mesmo dia.

O que é bem estranho, porque o
Hosea sempre se confunde com a
paisagem. Parece ter passado um
tempão desde hoje de manhã, mas
lembro de cada segundo que
passamos sozinhos.

A gente fica se encarando, e ele
diz:

– Posso ir embora...

Na mesma hora que eu
pergunto:

– Você tem um cigarro pra me
dar?

Dá risada e tira um maço do bolso.

– Serve de cravo?

Balanço a cabeça e sento nos degraus. O Hosea senta do meu lado e se encosta na madeira pintada e fria do coreto. Trocou a camiseta preta de sempre por um moletom grosso de capuz, daqueles que você veste pela cabeça. Ou pode ser que a camiseta esteja por baixo. Meu rosto esquenta quando penso isso, parece que eu estava tirando a roupa dele em pensamento.

Ele pega um cigarro de cravo e me oferece. Acende o meu

primeiro, fazendo uma concha com as mãos ao redor da chama até o tabaco começar a arder. Depois se encosta de novo e acende o dele, dando uma tragada longa. O rosto do Hosea é definido pelo maxilar quadrado, traços duros que o deixam com cara de bravo mesmo quando não está. Será que ele usa o cabelo solto de vez em quando? Ia ficar com a expressão mais suave, menos estoica.

– O que a Marisa acha disso? – pergunta, girando o cigarro bem devagar e soltando serpentinas de fumaça.

– De eu fumar? É uma daquelas

situações do tipo “o que os olhos não veem o coração não sente”.

– E a cerveja? – insiste, sorrindo. Mesmo no escuro, dá pra ver que ele tem um sorriso bonito.

– Não dá pra viver só de balé – respondo. Dou um sorriso também e viro para o outro lado, pensando em como nunca me dei conta disso.

O Hosea Roth. Faz toda a vida que o conheço. Eu estava no oitavo ano quando ele se mudou para cá, vindo do estado de Nebraska, e começou a fazer o Ensino Médio em Ashland Hills. Só fui estudar na mesma escola no ano seguinte

mas, mesmo assim, ele nunca chamou a minha atenção. Quer dizer, só pelos mesmos motivos de todo mundo. E agora não consigo entender como é que pude deixar esse cara passar batido, como não reparei que ele tinha algo a mais do que a fama de traficante.

– Parece que você poderia...
– diz, guardando o isqueiro no bolso
– ... viver só de balé.

– É mesmo? – Fico tímida com as palavras dele, mas me sinto compreendida. Feliz, mas nervosa. Dou um gole na cerveja para tentar processar a informação.

– Você fica tão à vontade

naquele lugar. Parece que nada pode te perturbar.

– Ah... – Minha pele pega fogo de novo só de pensar no Hosea me observando dançar. Eu estava praticamente de calcinha e sutiã quando ele me viu, empapada de suor e esticando meus músculos ao máximo. Vai ver isso não pareça lá grande coisa na hora, quando todo mundo está dançando junto, e ele está lá só para fazer o acompanhamento musical. Mas agora, pensando bem... sei que não tocou piano só para mim, mas dançar ao som da música que ele produz me pareceu uma coisa tão

Íntima.

– Não sabia que era a sua... não ia ter aparecido lá, assim do nada, se soubesse que você faz aula naquela academia. Parecia que você estava louca para que eu fosse embora.

– Um pouquinho, quem sabe – digo, bem devagar. – Mas só no começo.

Meio que dou risada, e o Hosea também ri, e lá vamos nós de novo. Eu passaria o resto da noite ouvindo a sua voz.

– No que você pensa... quando está dançando?

Quando levanto a cabeça, ele já

está olhando nos meus olhos. Os meus ficam percorrendo o rosto dele, e me pergunto como é que nunca me dei conta do quanto gosto desse rosto. Mesmo das partes para as quais pensei que jamais daria bola, como o nariz. É um belo nariz. Um nariz forte, que combina com aqueles traços fortes.

Eu hesito. A voz dele é suave e não acho que esteja tirando sarro de mim.

Não sei direito o que dizer, mesmo. Ainda não. Nunca conversei sobre balé com ninguém além das minhas colegas de dança. Nada além do básico. Ninguém além

delas entende que, quando estou usando sapatilhas de ponta, sinto que posso fazer quase qualquer coisa. Porra! E tenho vergonha de contar que não faço a menor ideia do que faria se não dançasse.

Limpo a garganta e dou mais uma tragada, para enrolar um pouco mais. E, finalmente, respondo:

– É uma coisa besta.

O Hosea fica batendo os dedos longos no joelho, aí me encara com aqueles olhos cinzentos e cristalinos e diz:

– Quando eu morava no Nebraska, treinei uma peça do

Rachmaninoff, aquele compositor russo, até conseguir tocá-la de olhos fechados, de frente pra trás, de qualquer jeito. Minha professora de piano adorava. Ficava me olhando como se fosse uma daquelas fãs que seguem o ídolo por todos os cantos. Aí eu toquei pra minha mãe, e ela chorou do começo ao fim.

Rachmaninoff. Então o cara entende do assunto. Que imagem as pessoas teriam do Hosea se soubessem que a música é uma parte tão importante da vida dele? Música de verdade, não aquela droga que o Donnie Kenealy toca

com a bandinha dele. Eu tenho outra imagem dele, agora que sei que realmente temos alguma coisa em comum.

– Quantos anos você tinha?
– pergunto.

– Sei lá. Oito, talvez. Mas acho que... quando toco, fico imaginando o que os outros estão pensando. Como interpretam a música – comenta. Aí, aponta com o cigarro na minha direção e declara: – Sua vez.

– Penso no meu futuro... – Finjo que o Hosea é a Ruthie, o Josh ou a Marisa, as pessoas que sabem o que o balé significa pra mim. Se

pensar que ele é qualquer um, nem que seja a Sara-Kate ou o Phil, não vou conseguir terminar de falar.

– Dançando num palco de verdade, na frente de uma plateia de verdade. Com uma companhia de verdade. Como vai ser diferente.

– É para isso que você dança esse tempo todo? – questiona, esticando as pernas compridas pelos degraus do coreto, os pés apontando para o plátano enorme que está perdendo as folhas do outro lado do pátio.

Balanço a cabeça porque não sei como dizer que o balé é a única coisa no mundo que me faz sentir

viva, que não me decepçiona.

– Então não é uma coisa besta.

Ele dá um sorrisinho parecido com o que deu no primeiro dia dele lá na academia. Só que esse dura mais.

Pode até ser por causa da brisa gelada que atravessa a noite, mas fico toda arrepiada com aquele sorriso, desta vez só pra mim.

Ele bate o cigarro de cravo no coreto, espalhando cinzas pelo corrimão e pelo chão. Dou mais uma tragada no meu e o seguro bem na minha frente, para ver por quanto tempo consigo equilibrar o longo cilindro de cinzas sem deixar

cair. Solto a fumaça e passo a língua nos lábios. Ninguém além do Hosea sabe que fumo cigarros de cravo. Só fumei uma vez, há muito tempo, mas nunca esqueci que deixam um gosto de açúcar nos lábios.

Nosso olhar vai se direcionando devagar para longe, em direção à casa. O Joey Thompson conseguiu atravessar a multidão das pessoas menos populares à força e tomou conta de um dos barris de cerveja, com o David Tulip, seu companheiro de futebol americano. A galera abre um espaço, e a Lark Pearson consegue passar. Agarra os

braços do Joey e grita alguma coisa sem sentido na cara dele. Todo mundo grita lá no pátio. Aí o Joey segura uma perna dela, o David, a outra, e viram a menina de cabeça para baixo. Chegou a hora do desafio da cerveja.

Tentei uma vez e consegui ficar uns dois segundos. Alguma coisa nessa combinação de ficar de cabeça para baixo e tomar cerveja não dá certo pra mim.

A Lark me faz pensar na Ellie, que me faz pensar na Trisha, que me faz pensar no que eu deveria ter dito para o Hosea quando o encontrasse.

– O Klein estava te procurando.

– Tô ligado – responde, sacudindo a cabeça. – Caralho, ele passou a noite inteira me mandando mensagens.

Não sei o que esse cara acha de ficar sempre à disposição do Klein. Acredito que o cliente sempre tem razão, mas o Klein consegue passar dos limites. Até com o melhor amigo.

A pele do Hosea fica mais escura na luz da Lua, e ele me faz um pedido:

– Escuta, você se importa de não contar nada pro Klein ou pro Phil ou... pra ninguém sobre o meu

trabalho lá na academia?

Mordo a língua para não perguntar por que o cara não quer que ninguém conheça uma das suas melhores qualidades e falo:

– Claro que não.

– Legal – diz ele, voltando os olhos para o gramado.

O gramado. Outra pessoa o atravessa e vem andando na nossa direção. Dessa vez, é uma menina. Baixinha, com pernas ligeiras. Ellie Harris.

Eu devia saber que não é bem em busca da Lark que ela está. A amiga foi liberada do barril e está limpando a boca, disfarçando um

aroto com o braço antes de começar a segunda rodada.

A Ellie se planta na frente do Hosea, tem uma mão de unhas francesinha ao lado do corpo, segurando uma garrafa, e a outra, alisando o tecido nos quadris.

– O Klein tá louco atrás de você – diz, com aquela voz fininha que deixa bem claro que não gostou nem um pouco do que viu.

– Já sei – responde o Hosea, ficando de pé e apagando o cigarro embaixo da bota. – Eu estava precisando tomar um ar.

Meu telefone toca dentro do meu bolso. Mensagem da Sara-

Kate: Onde é que você tá?
Respondo que estou no coreto,
apago meu cigarro e levanto
também.

– Vocês se conhecem?
– pergunta ele, apontando para
mim, como se a Ellie já não
estivesse me fuzilando com os
olhos.

– Humm. Thea, não é? – Ela se
vira antes que a gente possa cruzar
o olhar e puxa a barra da saia para
baixo, tentando cobrir um pouco
mais das pernas nuas. O tecido mal
se mexe, e ela acaba desistindo.
Toma um gole grande de cerveja e
olha para o Hosea. Abaixa a

garrafa, passa os dedos naquele cabelo cheio de mechas loiras largas e desconversa: – Gato, a gente precisa ver o que o Klein quer.

Ele pega na mão da namorada, e fico observando mais do que devia. Os dedos deles, entrelaçados, o jeito como os dois parecem se dar bem. Será que um dia vou ter um relacionamento assim?

Eles começam a se afastar, mas não quero deixar o Hosea ir embora sem dar tchau, então disparo:

– Valeu pelo cigarro.

Nem falei com ela, mas a Ellie

pousa os olhos desconfiados em mim, só que eu não ligo. A Trisha é uma lesada, mas pelo menos não finge que não sabe quem eu sou, apesar de ter estudado comigo a vida inteira. Um dia, vou deixar meninas como a Trisha e a Ellie para trás, e elas não vão poder falar nada, porque estarei em uma turnê mundial com uma companhia de dança profissional. A Lark é inteligente – já ganhou prêmios, bolsa de estudo e tudo mais –, então talvez faça alguma coisa da vida quando passar da fase do barril de cerveja.

Mas acho que a Ellie não tem

muito a oferecer além da maquiagem. Ela se segura porque é bonita e vai na carona da popularidade da Trisha. E, um dia desses, essas coisas terminam, não é mesmo?

O Hosea me dá uma olhada, meio que balança a cabeça, e diz:

– Claro, de nada. Até mais, Theo.

Sento de novo pra esperar a Sara-Kate, puxando os joelhos para perto do peito. Me dou um abraço e respiro aquele cheiro doce que ficou no meu casaco. E, por um instante, me permito imaginar que são os braços do Hosea em volta de mim.

5

DESÇO AS ESCADAS DE PIJAMA E DOU DE CARA COM O MEU pai, sentado na mesa da cozinha, tomando o café e lendo jornal. Costumava trazer trabalho para casa, mas minha mãe proibiu. Ele obedece direitinho todas as regras que ela impõe. Mesmo que isso signifique ter de tomar café da manhã em tempo recorde de vez em quando ou ir para a empresa

absurdamente cedo para fazer planilhas, comendo um donut e tomando um café preto.

Quando chego mais perto, meu pai levanta os olhos e põe os óculos de armação de metal no nariz. Parece bem à vontade no roupão de flanela verde e azul-marinho, com as mangas arregaçadas.

– Bom dia, querida. Pronta para a aula de balé?

Balanço a cabeça e disfarço um bocejo. As manhãs de sábado sempre chegam rápido demais, mesmo quando não saio na sexta à noite. E nunca tenho fome. Sei que o café da manhã é a refeição mais

importante do dia, blá-blá-blá. Mas, quase sempre, só de pensar em comer antes das onze da manhã já me revira o estômago. Especialmente os pratos gordurosos típicos daqui, como bacon, ovos de gema mole e o pior de tudo: rabanada com calda.

Mas não posso deixar de comer. Essa é uma promessa que tenho de cumprir todos os dias. Porque, se der uma escorregada que seja, meus pais vão ligar pra Marisa, que vai ajudá-los a resolver se está na hora de eu voltar para Juniper Hill. E não posso voltar pra lá. Não vou voltar.

Então abro a geladeira, empurro umas sobras de espaguete gratinado e pego uma caixinha de iogurte natural. Coloco umas colheradas grandes numa tigela e polvilho com granola light. Meu jeito preferido de comer é encostada no balcão que tem no meio da cozinha. De pé, dando colheradas vagarosas e decididas, para ninguém me acusar de estar trapaceando.

Meu pai olha na minha direção, mas não exatamente pra mim. Fica fazendo isso por um tempo até que abro a boca pra perguntar o que houve. Ele responde:

– Tivemos notícias do Donovan.

Quase deixo a colher cheia de iogurte cair no chão.

– Que notícias? São ruins?

Ele me olha bem nos olhos e diz:

– Seu amigo não consegue falar, Theodora.

Meu pai é a única pessoa que me chama assim. O nome da mãe dele também era Theodora, mas não cheguei a conhecê-la. Normalmente, meu nome completo vem depois de frases inócuas (Como foi seu dia, Theodora? Esse molho de tomate que a sua mãe fez não está delicioso, Theodora?), então levo um tempo para

processar essa informação tão pesada.

– Como assim... não consegue falar? – pergunto, pousando a tigela no balcão. – Nada?

– Nem uma palavra – responde, com uma cara triste. Depois completa: – E divulgaram informações sobre o suspeito. – Meu pai passa a mão na cabeça, na parte onde o cabelo está começando a rarear e dobra a primeira página do jornal ao meio, destacando uma foto do boletim de ocorrência. – A pessoa que o sequestrou é... um homem. De trinta anos. O nome dele é

Christopher Fenner.

Pego o jornal da mão dele e vejo a matéria. O nome Christopher Fenner aparece na página, junto com as acusações de sequestro e abuso infantil. Meus olhos flutuam pela foto que acompanha o texto.

Caralho.

O tal Christopher Fenner tem olhos claros e uma boca desafiante, cabelo preto cacheado na altura do ombro. Está de barba por fazer, mas não parece ter trinta anos. Parece o tipo de cara cujo pior crime seria tomar cerveja demais – daquelas mais fraquinhas – e desmaiar na própria caminhonete.

Não alguém capaz de sequestrar uma criança e arrastá-la a milhares de quilômetros de distância da sua casa pra poder...

Não. Não consigo pensar nas imagens que martelam a minha cabeça há tantos anos. É apenas um suspeito. Talvez seja um engano. Ou talvez eu acredite nisso até ter mais informações, porque isso é mais fácil do que associar um rosto a todo o abuso que imagino que o Donovan sofreu.

O Donovan era...

Não era páreo pra alguém assim.

Os olhos parados e sem

expressão do suspeito ficam me encarando até eu não aguentar mais.

Caralho.

– Dizem que trabalhou na loja de conveniência por alguns meses antes do sequestro, que o Donovan provavelmente o conhecia – meu pai voltou a falar, mas não consigo olhar pra ele.

Tento engolir a bile parada na minha garganta, mas corro para a pia segundos depois, me curvo e vomito o pouco que comi. Fico curvada por um tempo, ofegando e passando a mão nos olhos, mesmo depois de meu pai ter pulado da

mesa e chegado atrás de mim. Ele dá uns tapinhas nas minhas costas e diz “Ah, Theodora” um milhão de vezes, com aquela voz triste.

Demora alguns instantes até ele completar:

– Não queria que você ficasse chateada. Não te mostraria isso se...

Se soubesse que eu não daria conta.

Abro a torneira para dar uma limpada naquela bagunça, depois faço uma concha com as mãos embaixo da água e lavo a boca.

– Não, tudo bem. Eu queria saber. – Minha voz faz eco na pia.

Me endireito e limpo a boca com o pano de prato listrado que estava no balcão. – Eu precisava saber.

– Por que você não fica em casa hoje? – pergunta, como se estivesse me fazendo um favor; como se estivesse sugerindo para eu faltar na aula de biologia no dia da dissecação de porcos.

– Não posso – respondo. Faz três anos que não falto na dança e, quando faltei, nem foi porque quis. Ele sabe, por isso não insiste.

Jogo o resto do iogurte no lixo porque acho que não vou conseguir engolir mais nem uma colherada.

– Tem certeza de que não quer

ficar descansando? – repete. Depois tira os óculos e olha pra mim. Só precisa deles para ler e trabalhar. – Posso ligar pra Marisa e explicar o que houve. Tenho certeza de que ela vai entender se você precisar ficar em casa hoje.

– Tenho que ir – digo. A garganta queimando. A língua azeda. – Vou perder o trem se não sair logo.

– Theodora, você sabe que sempre pode conversar comigo, não sabe?

Ele está em pé perto do balcão e bem que podia ser um daqueles pais que aparecem nos comerciais

de café alegrinhos, se não estivesse com uma cara tão triste. Aquele olhar me mata.

– Claro, pai.

Vou andando em direção à porta. Na esperança de que ele perceba a indireta. Na esperança de que desista.

Só que meu pai não desiste.

– Ou você pode conversar com a sua mãe. Ou com algum... profissional, se preferir. – Limpa a garganta uma, duas vezes. E continua: – Eu sei que é difícil o Donovan voltar pra casa depois de todo esse tempo, quando a gente achava que... e agora isso. É... é

difícil mesmo e quero que você saiba que pode conversar com a gente, querida. Quando você quiser.

– Claro. Quer dizer, eu sei. – Já estou a quase meio metro de distância. – Sei mesmo. Valeu, pai. Vou pra aula agora, tá? Volto pra casa assim que sair e descanso.

Ele balança a cabeça e fala:

– Boa aula. Merde.

Já expliquei dezenas de vezes que as bailarinas falam isso umas pras outras só antes de entrar no palco (é a versão do balé para o “quebre a perna” do teatro) e, se não vai ter espetáculo, ele está

simplesmente falando “merda” em francês, e ainda com uma pronúncia bem ruim.

Mas, enquanto subo as escadas, não posso deixar de pensar que, sem querer, ele descreveu como estou me sentindo.

6

O BALÉ É UMA ARTE TÃO UNIVERSAL E RECONHECÍVEL QUE todo mundo acha que entende do assunto. Só que não. Já aguentei minha cota de pais bobos fazendo pirueta parados no mesmo lugar e fingindo ser eu. Ou de garotas que dizem, se achando uma autoridade no assunto, que já dançaram e depois admitem, meio envergonhadas, que fizeram aula

por dois ou três anos.

O balé é a minha vida. Me sinto poderosa e intocável quando estou dançando. Um dia vou receber os títulos com os quais sonho desde que era criança: solista, depois primeira bailarina. Como as famosas Misty Copeland, Julie Kent e Polina Semionova. A nata da nata, as melhores entre as melhores, as bailarinas com quem ninguém se mete a besta. Penso seriamente em seguir carreira desde que comecei a dançar de ponta, há cinco anos. Foi aí que me dei conta de que existem pouquíssimas bailarinas negras nas

companhias de balé clássico. É claro que, de vez em quando, você encontra uma no elenco, mas não é a mesma coisa que ter seu talento posto em evidência para todo mundo ver. Só que não posso deixar esse fato me desanimar. Vou continuar treinando e dando o meu máximo, até me tornar uma bailarina tão sensacional que as companhias vão ter que me julgar pelo meu talento, não pela cor da minha pele.

Mas hoje estou me sentindo uma principiante. Estou com preguiça, e o gosto de bile na minha boca está afetando o jeito

como danço. Sem contar que vejo a cara do sequestrador do Donovan por todos os lados.

Aquele sorrisinho dele fica dançando em cima da barra enquanto estou de pé, em primeira posição, e dobro os joelhos para fazer o grand plié, levantando os calcanhares do chão. Vejo os olhos dele no espelho quando estico a perna para trás. Quando faço o promenade en arabesque, girando numa perna só, com a outra esticada para trás e movimentando os braços com leveza, eles me seguem pela sala, ameaçando meu equilíbrio lento e controlado.

Normalmente, quando estou chateada, dançar me acalma, mas aqueles olhos malditos não me deixam em paz. E começo a pensar que não deveria ter levantado da cama hoje.

O Donovan foi encontrado a mais de três mil quilômetros daqui, com um homem mais velho, e isso é motivo suficiente para eu achar que ele sofreu abuso sexual. Mas não consigo parar de pensar em como meu amigo era inexperiente quando desapareceu. Como deve ter ficado com medo. Eu já tinha transado na época em que ele foi sequestrado, mas nenhum de nós

dois sabia muita coisa sobre o assunto até o Donovan encontrar aquele livro, uns anos antes de ter sido raptado. Sabíamos como as coisas funcionam, óbvio. Como nascem os bebês. Sabíamos que beijar leva ao toque, que leva ao sexo. Sabíamos que alguns colegas já tinham beijado, mas ter namorado ou namorada naquela época significava ficar de mãos dadas na hora do intervalo por uns dias e dividir o almoço sem reclamar. Só não sabíamos como acontecia a parte do "tocar" e, com certeza, nada sobre como o sexo funcionava de verdade. Nada além

de uma espiadinha fortuita numa
cena pouco explícita de um dos
programas que nossos pais
assistiam quando achavam que
estávamos dormindo.

Tudo isso mudou quando o
Donovan me falou que tinha
encontrado uma coisa que eu
precisava ver. Foi no inverno do
quarto ano, e estávamos no quarto
dele. Era um domingo à tarde, e
fomos forçados a ficar dentro de
casa por causa de uma tempestade
de neve. Eu estava morrendo de
tédio em casa, então enfiei as
botas, me enrolei num casaco e fui
até a casa do Donovan morrer de

tédio com ele.

Estava sentada de pernas cruzadas no tapete, folheando um quadrinho dos Vingadores, quando ele disse baixinho, como se contasse um segredo:

– Tê, preciso te mostrar uma coisa.

A porta do quarto estava fechada, mas meu amigo não tirava os olhos dela, como se tivesse medo de que alguém pudesse entrar a qualquer instante. A gente estava seguro. A irmã dele, a Júlia, ainda era bebê, e estava tirando o cochilo da tarde. O sr. Pratt estava jogado na sala de TV com um copo

de uísque na mão, vendo o Chicago Bulls fazer cestas e mais cestas. E a sra. Pratt estava na cozinha, cortando maçãs pra fazer uma torta.

Mesmo assim, o Donovan pôs o dedo sobre os lábios quando tirou um livro pesado atrás da estante, com umas palavras estranhas na capa e uma ilustração de um homem e uma mulher de frente um para o outro. Os dois corpos estavam entrelaçados, e o homem segurava um dos peitos da mulher, que estava pelada.

Dei um suspiro de surpresa. Aquelas pessoas não eram de

verdade, mas eu tinha nove anos, e aquilo era a coisa mais explícita que já tinha visto. E, pela cara do Donovan, tive certeza de que o conteúdo do livro devia ser ainda pior. Ele sentou do meu lado e pôs o livro no chão.

– O que é isso? – perguntei, passando a mão pelo título e pelas pessoas. Logo tirei os dedos de cima da capa, como se alguém fosse procurar minhas impressões digitais depois.

– O Kama Sutra? – Ele disse “Kam” e não “Kama”, e por anos achei que era assim que se pronunciava. Não que eu tenha

contado para alguém que tinha visto um exemplar de perto.

– Onde é que você arrumou isso? – questionei. Nesse momento, eu é que fiquei olhando para a porta, prestando atenção ao som de passos pela casa, enfiando os dedos no carpete para não abrir o livro.

– Encontrei na garagem, ontem à noite – respondeu o Donovan, com os joelhos encostados no peito e o queixo apoiado em cima. Ficou olhando o livro com desconfiança, como se o objeto fosse criar pernas, ficar de pé, descer as escadas e anunciar sua presença. – Fui

procurar uma luva velha e achei uma caixa... parecia muito velha, daquelas que ficam fechadas por muito tempo – explicou. Depois parou um instante e coçou o nariz. Para enrolar, quem sabe. – Os seus pais têm esse tipo de livro?

– Humm. Acho que não. – Meus pais se tratavam com carinho, se beijavam quando achavam que eu não estava olhando e trocavam olhares que revelavam que eram apaixonados um pelo outro. Mas nunca havia encontrado nada daquele tipo em casa. Pus o quadrinho dos Vingadores mais para lá e perguntei. – Você já olhou

dentro?

Meu amigo balançou a cabeça, e foi como se me desse a permissão que eu precisava. Respirei bem fundo, abri o livro no meio e comecei a folhear. Mais corpos inteiros, sem roupa. Mais ilustrações que tive de olhar duas, três vezes. Algumas, eu só vi de relance, com a certeza de que era impossível dois seres humanos ficarem naquela posição. Ou que iam curtir alguma coisa se conseguissem ficar.

Senti o olhar do Donovan atrás de mim, mas ele não tocou no livro. Só falou:

– Bem nojento, né?

– É meio... esquisito. – Não sabia o que mais podia dizer.

Eu até reparava nos meninos, mas, toda vez que uma amiga minha falava em beijar ou até em ficar de mãos dadas, achava que era algo tão distante que estava além da minha compreensão. E, obviamente, o Donovan se interessava ainda menos por esse assunto. Preferia mil vezes jogar beisebol com os outros meninos da classe a perder tempo se preocupando com meninas.

Tirei os olhos do livro depois de alguns minutos. Meu corpo inteiro

estava quente, apesar de eu mal ter me mexido. Só tinha movido as pontinhas dos dedos pra virar as páginas. Tudo aquilo parecia esquisito e meio errado, mas também senti alívio. Pelo menos agora sabia do que as pessoas estavam falando quando tocavam no assunto sexo. Mais ou menos.

Essa foi a última vez que olhamos o tal livro. A última vez que conversamos sobre ele também. Só que, nas semanas seguintes, de vez em quando pegava o Donovan meio disperso. Não sabia muito bem como

explicar, mas meu amigo ficava com a mesma cara que fiz quando folhee o livro, e eu tinha certeza de que estava pensando nele. Todas as vezes.

Preciso focar agora; posso jurar que a Marisa está prestando mais atenção em mim do que de costume. Conhece o nosso corpo quase tão bem quanto a gente, sabe do que cada um é capaz. Mas, quanto mais eu me preocupo em não decepcioná-la, menos consigo me concentrar. Fica mais difícil parar de pensar no cara que levou o Donovan embora.

Uso os segundos entre as

combinações de passos para fechar os olhos e respirar fundo. E aí, quando acho que estou bem, as lembranças do meu ex-namorado tomam conta de mim.

Lembro que a gente ia de carro até o parque abandonado, porque ninguém ia pensar em nos procurar no meio daqueles canteiros cheios de mato e daqueles balanços enferrujados. Ele sempre trazia alguma coisa para dividir comigo. Uma garrafinha de uísque, um maço novinho de cigarro. Qualquer coisa que pudesse me ajudar a relaxar, a me sentir melhor a respeito das coisas que fazíamos

quando estávamos sozinhos.

Aconteceram tantas primeiras vezes naquele parque. A primeira vez que experimentei bebida forte. A primeira vez que fui tocada no meio das pernas. A primeira vez que levei um monte de beijos nos peitos, bem devagar. A primeira vez que vi um cara completamente pelado e segurei o pênis dele na mão.

Também foi a primeira vez que eu disse "Eu te amo" para alguém.

Era fácil acreditar que ele sentia a mesma coisa por mim. Até porque dava um sorrisinho quando me beijava longa e profundamente.

Nessas vezes, o sexo era carinhoso. Devagar. “Fazer amor” dizia, olhando bem nos meus olhos:

– Adoro fazer amor com você, Theo.

Aí tinha vezes que a gente trepava. Rápido e com força, sem perder tempo com beijos. Só gemendo e se pegando. Os olhos apertados, os lábios tensos. Me surpreendi a primeira vez que aconteceu, porque fiquei excitada. Meu corpo não ligava para esse jeito novo de fazer as coisas. Mas depois me senti usada. Descartável. Meu ex nunca me olhava nos olhos quando trepava comigo.

Eu queria muito que ele olhasse para mim, estabelecesse uma conexão. Seus olhos eram hipnóticos, me cativavam. Mesmo quando estava por cima de mim, suado e sonolento, depois de ter conseguido o que queria.

São esses olhos que me fazem perder o equilíbrio no meio de uma pirueta dupla, alguns instantes depois. A Marisa percebe. E a Ruthie também.

Para completar, a Ruthie Pathman é uma máquina. Mal transpira durante a aula, mas sempre treina até morrer. Ela pode até revirar os olhos quando eu e o

Josh ficamos falando da nossa carreira. E pode até fingir que não liga tanto para isso quanto a gente, mas liga. Se até este momento eu não tinha muita certeza, agora sei quanto isso é verdade, só pela posição determinada do maxilar dela, pela faísca que vejo nesses olhos.

No fim da aula, a Marisa pede pra eu ficar, e fico me xingando mentalmente por ter quase desabado, até ela chamar a Ruthie e o Josh também.

Viro para o piano e vejo o Hosea dobrar e guardar a partitura do dia, colocar a mochila no ombro e

balançar a cabeça meio que para todo mundo antes de sair da sala, com o restante da companhia. Sinto que a Ruthie está com os olhos em cima de mim quando ele sai, mas olho para o chão, examinando as marcas de sujeira nas minhas sapatilhas de ponta.

Depois que o Hosea sai, a Marisa fecha a porta, fica na frente da parede de espelhos e faz sinal para sentarmos na frente dela. Está usando o uniforme de sempre: um collant preto de manga comprida, uma sainha envelope branca, legging preta e sapatilhas sem ponta.

– Acho que não preciso dizer por que vocês estão aqui. Mas, em todo caso... vocês são os meus melhores alunos. – A professora dá um grande sorriso e nos olha, um por um. – Vocês têm meu total apoio se quiserem se candidatar a uma vaga nos intensivos de verão do ano que vem.

Ser profissional sempre me pareceu uma coisa tão distante. Mas, um dia, eu, o Josh e a Ruthie vamos estrelar nossos balés preferidos. Copélia. Giselle. A Bela Adormecida. O Josh foi feito sob medida para o papel de Príncipe Siegfried, de O lago dos cisnes, e

toda menina já sonhou alguma vez na vida em fazer a Odile. A gente não se mata treinando aqueles fouettés por nada.

Só que, antes, precisamos focar nos programas de verão que existem nas melhores escolas dos Estados Unidos. Pela lógica, esse é o próximo passo para quem trilha o mesmo caminho que a gente. Dizem que a Marisa só recomenda um ou dois alunos por ano para fazer a seleção, quando muito. Não precisamos da permissão dela para nos candidatar, mas nossa professora nunca se engana.

Tento disfarçar o sorriso, mas

não consigo evitar. Nem meu estômago revirado ou minhas pernas bambas podem estragar este momento. Quero ouvir essas palavras da Marisa desde o dia em que comecei a dançar de ponta.

– Acho que isso significa que a dança vai virar um emprego – o sorriso da professora se apaga, mas só um pouco, e ela anda de um lado para o outro na frente do espelho, entre o piano e a porta. – Se vocês resolverem participar da seleção, vão assumir um grande compromisso. Menos tempo para os amigos, mais dias e noites aqui na academia.

Balançamos a cabeça, os três ao mesmo tempo, olhando para ela como se tivéssemos três anos de novo. O Josh, principalmente, não mudou quase nada. Continua com aqueles olhos enormes e as sardas em cima do nariz. Cruzo as pernas e me inclino para a frente, apoiando os cotovelos nas coxas. Dou uma olhadinha no espelho e avalio quanto mudei e quanto continuo igual. Não consigo ver muita diferença. Será que, nesses anos todos, mudei mais por dentro do que por fora?

– Vocês vão ter que tomar algumas decisões difíceis, mas não

vou perder meu tempo trabalhando com quem não quer isso de verdade. Então pensem bem antes de decidir se candidatar. O balé profissional é extremamente difícil. Cobra um preço alto, tanto físico como emocional, e isso é só o começo. – Ela hesita por um momento e, devagarzinho, o sorriso vai voltando. – Mas sei que vocês são mais do que capazes de dar conta do desafio. Não estariam aqui sentados na minha frente se eu não acreditasse nisso.

Então explica que nossos treinos vão aumentar, e que precisamos fazer uma lista de prós e contras de

cada programa, levando em consideração o tipo de instituição e custo de cada uma. É estranho pensar que cada um terá a própria lista de escolas, que um dia não vou mais dançar no mesmo lugar em que a Ruthie e o Josh dançam. O mais esquisito de tudo é que só somos amigos porque estamos nos preparando para uma carreira em que a gente vai competir um com o outro até resolvermos parar de dançar. Nunca conversamos sobre isso abertamente, mas sei que vamos acabar fazendo o teste para alguns programas em comum.

O Josh vai ficar falando "Isso

não muda nada entre a gente, Cartwright”, porque é assim que ele é: fofo e honesto, e isso é verdade. Esse fato não vai mudar nada entre nós. A Ruthie, já não sei. Ela é talentosa e competitiva, e não costuma sobrar muito espaço para a amizade quando essas duas coisas vêm juntas.

– Quero ver vocês superando os próprios limites – declara a Marisa, antes de irmos para o vestiário.

– Pensem além do verão. Se entrarem em um intensivo associado a alguma escola e dançarem lá do jeito que têm dançado para mim esse tempo

todo, podem muito bem ser convidados a cursar o programa pré-profissional.

Aula de balé o ano inteiro. O que pode resultar em um contrato com uma companhia importante algum dia.

Vou morar fora, mas vai ser bem diferente de Juniper Hill, com aquelas sessões forçadas de terapia e aquele barracão de artes ridículo. Vão entender por que você não pode jogar tudo pra cima só porque uma mulher de vestido largo não gosta do número que vê na balança.

Estou toda arrepiada. A última

vez que fiquei assim foi quando tirei as medidas para minhas primeiras sapatilhas de ponta. Quando fizer parte de uma companhia profissional, acho que sempre vou ficar arrepiada antes de me apresentar. Mesmo que seja só mais uma integrante do elenco.

O Josh me dá uma olhada, a mesma que eu já estava dando pra Ruthie.

Cada um de nós acredita em si mesmo, mas agora é oficial. Estamos prontos para ir adiante.

Prontos para dar o próximo passo.

Quando volto, encontro a casa vazia. Minha mãe deixou um bilhete no balcão da cozinha com aquela letra redondinha dela. Os dois foram ao cinema.

O jornal ainda está em cima da mesa, ao lado da xícara de café vazia do meu pai, mas foi virado pra baixo, para esconder a foto de Chris Fenner. Pego o papel com as mãos trêmulas e o viro bem devagar, para ver aquele rosto de novo.

Não sei por que quero tanto olhar para essa foto. Houve um tempo em que isso era tudo o que eu precisava, mas agora não muda

nada. Não muda o fato de que a cara é simpática de um jeito enganoso, nem que o sorriso é divertido. Quase bonitinho. Não tem importância ele parecer jovem e normal. Ou até charmoso, quem sabe.

Aqueles olhos ficam me encarando, como se ele estivesse a sós comigo na cozinha. O jeito como os lábios se retorcem é tão ousado.

Aqueles olhos.

Largo o Tribuna de Chicago no chão da cozinha, as páginas ficam dobradas de qualquer jeito em cima do piso. Subo os degraus de dois

em dois até chegar ao meu quarto e abro o meu laptop. Digito "Christopher Fenner" num mecanismo de busca. Não sei como minhas mãos pararam de tremer e consegui clicar nas imagens que apareceram.

O cabelo está mais comprido; o rosto, um pouco mais velho; o maxilar, escondido atrás da barba.

Mas é ele.

Ele que me disse ter dezoito anos. Mas se tem trinta agora, e ficamos juntos há quatro anos... quer dizer que tinha vinte e seis.

O Trent era meu namorado, e o

Trent é o Chris, e o Chris é o suspeito de ter sequestrado o Donovan.

Que o raptou. O levou para o outro lado do país. O estuprou.

Será que faria uma coisa dessas? Será que conseguiria fazer uma coisa dessas? Era meu namorado, mas o Donovan também o conhecia.

Os dois eram amigos.

Ou quem sabe mais do que isso. O Donovan tinha uma boa família, uma casa legal e um monte de amigos que gostavam dele. Acho que não fugiria com o Chris se não quisesse ficar com ele.

Aperto os olhos, tento pensar com a cabeça aberta, mas isso não adianta nada. Nada pode adiantar. Só existem duas alternativas, e preciso descobrir qual é a verdadeira o mais rápido possível.

Porque de duas, uma: ou o Donovan fugiu com o meu namorado depois de ele me abandonar ou fui seduzida pelo merda mais escroto da face da Terra.

7

MEU QUARTO EM JUNIPER HILL ERA COR DE SALSÃO. O QUE não deixa de ser engraçado, porque essa era uma das comidas que a Vivian, que dividia o quarto comigo, achava “segura”. Às vezes eu a pegava olhando para as paredes com uma cara sonhadora, parecia estar tendo fantasias com as antigas refeições à base de salsão, biscoito de arroz e

fatias de maçã.

A Juniper Hill trata poucos pacientes por vez e custa muito dinheiro. Não sabia disso quando meus pais me largaram lá. Os terapeutas e a doutora Bender se recusavam a falar de dinheiro comigo. Quando voltei pra casa, procurei até encontrar as faturas e me senti mal por eles terem gasto tanto dinheiro comigo. Principalmente porque eu só precisava dar um tempo. As coisas não estavam nada fáceis naquela época. O Trent não apareceu mais no trabalho, não atendeu mais o telefone, não me amou mais. E aí o

Donovan desapareceu.

Disseram que eu era do tipo restritivo, que estava tentando perder peso limitando minha dieta severamente. Só sei que o Donovan consumia todos os meus pensamentos, e eu perdia o apetite toda vez que imaginava ele morto numa cova qualquer. Ou sofrendo abuso sexual. E pensava nisso todos os dias. Várias vezes por dia.

E ainda tinha o Trent. Será que ele estava com outra menina, falando tudo o que ela queria ouvir? A comida que meu ex mais gostava de roubar da loja de conveniência eram aqueles bolinhos embalados

individualmente, bem melecados, de chocolate, cheios de conservantes. Comíamos isso juntos, sentados no capô do carro dele, e o gosto lembrava os beijos dele. Depois que o Trent foi embora, não consegui mais comê-los. Eliminei então o chocolate de vez porque também fazia eu me lembrar dele. E a mesma coisa aconteceu com todos os alimentos assados, doces e embrulhados em plástico. Não demorou para eu não conseguir comer quase nada sem pensar no meu ex. E, quando a Marisa me obrigou a me pesar na balança que tem no escritório na

frente dos meus pais, eu já estava com menos de cinquenta quilos. E tinha tirado um pouco do peso do Trent das minhas costas.

Eu era mais magra do que qualquer um na companhia júnior. Mais até do que a Ruthie, que tem o meu tamanho desde que a gente era bem pequena. Também devia ser mais magra do que qualquer um dos meus colegas de colégio. Às vezes, eu pegava as meninas me olhando quando a gente se trocava para a aula de educação física. Ficava imaginando se elas faziam ideia de como é maravilhoso poder controlar o próprio corpo, ter tanta

disciplina no dia a dia, uma disciplina que a maioria das pessoas não consegue ter mesmo se esforçando uma vida inteira.

Mas meu pai e minha mãe não acreditaram em mim quando eu disse que estava bem. Preferiram ouvir aquela meia dúzia de hippies do meio-oeste dos Estados Unidos. E passei o verão antes de entrar no oitavo ano numa casa amarela de arquitetura vitoriana, nos arredores de Milwaukee, no estado do Wisconsin, a uns cento e trinta quilômetros de Chicago. A diretora era a doutora Lorraine Bender, mas não tinha jeito de médica. Pelo

menos não dos médicos que conheço. Ninguém ali parecia trabalhar em um lugar que cuida de problemas de saúde. Os funcionários usavam umas calças de linho esvoaçantes, uns macacões molambentos e sandálias de couro. Cultivavam as próprias frutas e verduras e compravam leite, carne e ovos de produtores locais, porque queriam nos mostrar como a comida pode ser bonita quando é produzida com amor.

Éramos recebidos com paciência e sorrisos simpáticos nos corredores, no jardim ou no barracão de artes, onde ficávamos

mexendo com argila. Mas, na hora de comer e de falar, nunca deixavam a gente esquecer quem mandava ali.

– Quem é o seu terapeuta?
– perguntou a Vivian, sentada na cama, me observando desfazer as malas no dia em que cheguei. O lado dela do quarto era igualzinho ao meu. Tinha uma cama de solteiro, uma mesinha e uma cômoda.

Não deixavam a gente trazer muita coisa (nem celular), mas minhas sapatilhas de ponta vieram comigo. Ficaram um tempão discutindo sobre se eu podia ou não

ficar com elas. A mulher que fez meu cadastro disse que podiam ser consideradas uma arma. No fim das contas, a doutora Bender resolveu não confiscá-las, mas me disse para não usá-las de jeito nenhum. Argumentou que eu estava muito malnutrida e fraca até para pensar em dançar.

Encolhi os ombros para a Vivian e coloquei as sapatilhas com todo o cuidado em cima da minha mesinha, com as fitas caindo para o lado.

– Acho que o nome dela começa com D ou algo assim – respondi.

O nome do meu terapeuta

principal estava escrito no meu kit de boas-vindas, que incluía a agenda diária, as regras da clínica, um mapa do centro de Milwaukee para usar nos dias em que fôssemos até lá e uma folha de papel com a planta da casa. O que me pareceu desnecessário. O lugar até que era grande, mas não era tão grande assim. Não tinha como eu confundir o refeitório com o consultório da doutora Bender.

– Ah, é a Diana – disse a Vivian, balançando a cabeça e meio sorrindo. Fiquei sem saber se aquilo era bom ou ruim, então a encarei até ela falar: – Ela é legal. Melhor

que o Pete, a Ivy e a doutora Bender.

– Mas? – comentei, me afastando dela para enfiar uma pilha de calcinhas e sutiãs em uma das gavetas.

A Vivian me olhou de cima a baixo com aqueles olhos carregados de lápis preto. Eram grandes, azuis e muito sérios.

– Mas a Diana é durona – declarou, passando a mão pelo cabelo loiro bagunçado. Mais tarde, quando a Vivian se penteou antes de deitar, notei que a cabeça dela tinha vários pedaços sem cabelo. – Não deixa você sair tão fácil. Nem

se você chorar. Nem perca seu tempo. Isso só funciona com o Pete... e com a Ivy, quando ela está de bom humor.

– E com a doutora Bender?

– Tentei apertar meu cardigã azul-celeste em volta dos ombros, sem sucesso. Naquela época, todas as minhas roupas caíam. Fazia um tempo que isso acontecia, só que demorou meses para perceberem. E estava calor. De matar. Mas, naquele primeiro dia, não queria que ninguém visse como eu estava magra – realmente ver –, porque achava que podiam tomar uma atitude ainda mais drástica. Tipo

me mandar pra um hospital de verdade, com médicos e enfermeiras que realmente tivessem cara de médico e de enfermeira. Daqueles que põem caninhos no seu nariz e fazem sessões de terapia em salas geladas, cheirando a alvejante.

– Nunca tive coragem de tentar – confessou a Vivian.

Quase caí na risada quando conheci a Diana Porcella. Tinha cara de universitária e, até onde sei, era a única funcionária que usava sapatos fechados. Me deu um grande sorriso quando entrei no antigo vestíbulo, transformado em

consultório, e falou que estava feliz em me conhecer, apertando a minha mão com firmeza.

Começou fazendo umas perguntas bem simples, mas ficou óbvio que já tinha recebido algum tipo de dossiê sobre mim. Apesar daquele sorriso dentuço grudado na cara dela, tive certeza de que estava só me medindo, tentando descobrir qual era o meu limite. Ela balançou a cabeça quando falei de Ashland Hills, como se já soubesse tudo sobre a minha vida, até o nome do meu melhor amigo. Poderia ter mentido quando perguntou se eu tinha namorado.

Não precisava ter falado do Trent.

Não precisava ter falado de como ele fazia eu me sentir desejada. Como sempre me sentia insegura, porque o Trent era mais velho, porque estava se arriscando tendo um relacionamento comigo.

– Cinco anos não é muita coisa para nós, mas muita gente acha que é – disse, na primeira vez em que nos beijamos. Eu ainda estava meio zonzá, envolta numa névoa de alegria e descrença porque os lábios dele tinham tocado os meus.

– A gente não pode contar pra ninguém, Theo. Quero continuar fazendo isso – completou. Então

sorriu para mim, beijou meu nariz, fez carinho na minha bochecha. – Mas a gente tem que manter segredo, ou eu posso me dar muito mal – concluiu.

E aí, quando começamos a transar, eu queria mostrar que o Trent não tinha se enganado e sempre fingia que estava a fim, que o desejava, para ele não ficar entediado e escolher outra menina, com mais experiência. Alguém mais velha, que não precisasse ser mantida em segredo.

Durante nossas duas primeiras sessões fiquei nervosa demais para falar do Trent. Os terapeutas

sempre batiam na mesma tecla: a menos que achassem que a nossa vida corria perigo, tudo que contávamos para eles era confidencial. Mas alguma coisa mudou na primeira vez em que falei o nome do meu ex.

Senti um alívio tão grande que me deu vontade de chorar.

Nunca tinha falado sobre ele com ninguém. O Donovan sabia, mas tínhamos uma espécie de acordo silencioso. Meu amigo não perguntava o que eu fazia quando estava a sós com o Trent, e eu não contava nada.

Não parei de olhar para trás

naquele dia, com medo de que alguém entrasse no consultório e me levasse embora agora que finalmente tinha dito o nome do Trent. Depois, foi ficando cada vez mais fácil contar para a Diana Porcella que ele me chamava de Theozinha. Que me contava, com um tom de doçura na voz, histórias da sua infância, quando morava a meia hora de Detroit, no norte do país. Ou que, depois de transarmos, colocava a cabeça no meu ombro e pegava instantaneamente no sono. E que eu me sentia especial porque ele dormia assim, tão fácil, quando estava comigo.

Mas eu não podia revelar a idade do Trent. Se ela soubesse que ele tinha dezoito anos, qualquer acordo de confidencialidade seria rompido. Aqui é considerado crime de estupro quando alguém faz sexo com uma menor de idade. E se fossem atrás dele e prestassem queixa por causa de uma coisa tão boba quanto uma diferença de idade de cinco anos? Ou pior: e se meu ex voltasse, descobrisse que contei tudo e dissesse que não queria mais me ver?

Então, para a Diana Porcella, o Trent tinha quinze anos e foi

embora de repente porque seu pai arrumou emprego em outra cidade. Ela achava que ele era o cara de quem eu tinha saudade. Também não confiava na Vivian, e contei a mesma história para ela. E ela achava que era por esse cara que eu chorava quando acordava no meio da noite. Minha colega de quarto via minhas lágrimas e me ouvia falar, soluçando, o quanto eu sentia falta do Trent.

As noites quentes de verdade eram ainda mais difíceis do que aquelas nas quais eu não conseguia parar de pensar em por que ele havia ido embora. A inquietação

subia pelas vigas da casa. Dava para ouvir os murmúrios dos outros pacientes tentando se acomodar nos seus quartos. Nessas noites, sabia que a Vivian estava acordada, e ela sabia que eu estava deitada na minha cama, olhando para o teto. Mas nunca trocamos uma palavra. Eu só ficava lá, deitada por cima dos lençóis, respirando ao som do tique-tique-tique que o ventilador de teto fraquinho do nosso quarto cor de salsão fazia.

8

QUANDO ACORDO NA SEGUNDA DE MANHÃ, A PRIMEIRA COISA que faço é ligar o laptop e digitar “Christopher Fenner”. Fico olhando para a cara dele, esperando que os traços mudem, e os olhos não tenham mais aquele tom de âmbar maravilhoso, que os lábios não sejam os mesmos que beijaram meu corpo inteiro.

Fiz a mesma coisa ontem. O dia

todo. Falei para os meus pais que estava estudando para uma prova de química, mas passei horas enfiada no quarto. Fingindo que estava me recuperando de um mal-estar do estômago e de uma dor de cabeça de matar, relendo as mesmas matérias sobre o Donovan e o Chris, tentando ver se tinha deixado algum detalhe passar despercebido.

Chris. Sim, Chris! Eu não vou chamá-lo de Trent nunca mais. Não vou chamá-lo pelo nome de alguém que ele nunca foi.

Nenhuma nova informação sobre o suspeito foi divulgada. Vai ver,

não foi o Chris que levou o Donovan. Pode ter havido um mal-entendido. Quem sabe os advogados, os repórteres e os policiais se confundiram quando encontraram os dois e tiraram conclusões precipitadas, porque a garçonete que ligou estava muito histérica por ter reconhecido o Donovan. Vai ver o Donovan foi embora com o Chris por vontade própria. Eles eram amigos. Amigos.

A menos que estivesse rolando alguma coisa entre eles o tempo todo, e eu tenha sido idiota demais pra perceber. Será que o Chris me transformou em seu segredo para

que ele e o Donovan pudessem esconder um segredo maior ainda?

Minha mãe sempre diz que a melhor maneira de tirar alguma coisa da cabeça é se mantendo ocupada. Então me convenci de que esse sentimento doentio, muito doentio, passaria assim que eu começasse a me arrumar, fosse para a aula e desse início ao meu dia.

Só que vomito no chuveiro. Meu estômago está embrulhado de tanta vergonha. Não consigo parar de pensar nele. Nem ficando sob o vapor do chuveiro, com a água pinicando minha pele. Parece que o

Chris Fenner está dentro do banheiro, me vendo pelada. Por mais que me esfregue, ainda sinto os dedos dele em mim. Dentro de mim.

Demoro muito para tomar banho e mais ainda para resolver o que vou conseguir engolir no café da manhã sem passar mal de novo. Quando paro o carro no estacionamento, já estou atrasada. Não que isso seja um grande problema, mas agora vou ter que passar na secretaria e pedir uma autorização para entrar atrasada, o que sempre demora um tempão. Se eu tivesse algum lugar pra ir, dava

ré no carro e nunca mais voltava.

Fecho os olhos e penso em sair do carro e ir andando até o prédio da escola. Lembro que só existem mais duas pessoas no mundo que sabem disso: uma com certeza não vai falar nada, e a outra não consegue dizer uma palavra.

A menos que ele resolva falar.

Pego o celular e, quando me dou conta, estou ligando para a casa do Donovan.

Toca. Toca. A cada toque, suo mais nas palmas das mãos, o telefone escorrega enquanto rezo para alguém atender. Nem que seja a sra. Pratt, falando com aquela voz

de derrota. A mesma que todo mundo ouviu nas coletivas de imprensa e nas entrevistas, quando ela perdeu as esperanças depois de o filho ter ficado desaparecido por muito tempo.

Ninguém atende. Nem o Donovan nem a sra. Pratt. Nem a caixa postal, dizendo que vão retornar a minha ligação. Sei que eles devem estar evitando todo mundo (só faz três dias que ele voltou). Mas, por algum motivo, achei que meu amigo atenderia se visse que era eu quem estava ligando. E falaria comigo, porque deve saber que estou surtando.

Lembro da primeira vez que o Chris me empurrou para dentro do banheiro da loja de conveniência para transar rapidinho. Estava trabalhando, e era arriscado, mas, quando a gente saiu, a loja ainda estava vazia. Com exceção do Donovan, que olhava fixamente para a prateleira dos quadrinhos, com cara de quem queria estar em qualquer outro lugar, menos ali. Pousou os olhos no cós da minha saia. Também olhei pra baixo, e fiquei horrorizada quando me dei conta de que, para meu azar, estava toda enrolada no meio do meu corpo. Ele virou o rosto rápido,

mas senti aquele olhar me fuzilando até o fim do dia, quando enterrei a saia bem no fundo do cesto de roupa suja.

Mas o Donovan não fala. Não vai contar nada.

Levo cinco minutos para fechar o vidro e sair do carro. Passo os próximos dez no banheiro perto dos laboratórios de ciências antes de parar na secretaria e pegar a autorização.

Depois disso, passo a manhã inteira olhando para o relógio da sala de aula e, duzentos e dez minutos depois, meu estômago ainda está embrulhado.

Dá para descobrir tudo o que é preciso saber sobre uma escola observando a cantina em uma segunda-feira ao meio-dia. Quem está brigado com quem, quem se estragou no fim de semana e quem fumou um antes do almoço. É um lugar onde ninguém passa despercebido.

O frango do bufê de pratos quentes está com cara de seco, e estou sem forças para ir até o bufê de saladas. Resolvo pegar um refrigerante diet e um saquinho de frutas secas no caixa. Sinto minha mão fraca quando seguro o saquinho e aperto o pacote,

determinada a não conferir a quantidade de calorias estampada no lado de trás.

O Phil fica me olhando quando sento na frente dele.

– Ela tá viva – diz, com a boca cheia de purê de batata.

– Sei que estou um lixo – respondo. Meu cabelo está preso num rabo de cavalo desganhado, estou com os olhos cansados, vermelhos e inchados por ter passado o fim de semana inteiro chorando, com insônia e tentando manter a comida no estômago. Vesti uma calça jeans e uma camiseta de manga comprida que

achei no chão e uns sapatos vermelhos que não combinam nem um pouco com o resto.

– Você não está um lixo – a Sara-Kate vai logo falando, dando uma olhada pro Phil. – A gente só estava preocupado com você. A gente te ligou e mandou mensagem, mas...

– Eu sei – falo, puxando a cadeira de plástico redonda mais perto da mesa. Viro para os alunos do segundo ano sentados do outro lado da mesa, para checar se eles estão olhando para nós e completo: – Quer dizer, eu vi.

Estou mentindo de novo, porque

nem lembro de ter olhado no celular no fim de semana. A primeira vez que reparei nele nos dois últimos dias foi hoje de manhã, quando liguei para o Donovan.

– A Trisha estava falando...
– comenta o Phil, olhando para baixo, como se não tivesse certeza se devia me contar isso. Viro para a Sara-Kate, para ver se ela já sabe, mas minha amiga está com cara de nada – ... que o pai dela disse que, se aquele bosta se declarar inocente, o julgamento vai ter uma cobertura enorme da imprensa. Especialmente se o Donovan continuar sem falar nada.

– Ah! E por acaso o sr. Dove é especialista neste tipo de caso?

– pergunto. Fico deslizando os dedos em cima da latinha de refrigerante até eles pararem de tremer, e abro a lata com a outra mão. – Ele é advogado de família.

– Não deixa de ser advogado. Deve saber do que está falando – retruca o Phil, dando de ombros e afundando o pescoço no colarinho da camisa xadrez abotoada. Uma camisa vermelha, preta e branca, com as mangas enroladas. Parece um daqueles lenhadores canadenses, só que magricela e moreno. – Cara, se ele se declarar

inocente, você pode ajudar a colocar aquele completo escroto na cadeia.

A Sara-Kate dá uma olhada para o Phil, depois inclina a cabeça pro lado, piscando aqueles olhos enormes bem rápido, como se nunca tivesse pensado na possibilidade de haver um julgamento.

– Sei tanto quanto qualquer um sobre o que aconteceu naquele dia – disfarço. Olho para a fila do bufê de saladas. Pessoas colocando montes de alface gelada, já meio marrom, na tigela. Limpo a garganta e tento fazer uma voz

normal: – Nada de especial.

– Tudo de especial. Você foi uma das últimas pessoas a vê-lo. Minha mãe...

Meu amigo para de falar, mas fico olhando pra ele, querendo saber o que a sra. Muñoz tinha a dizer desta vez.

– A sua mãe o quê? – pergunto.

– Nada – responde ele, sacudindo a cabeça e apertando os lábios.

Enrugo a testa, bato na bandeja dele com a minha latinha de refrigerante e insisto:

– O que foi que ela disse, Phil?

Meu tom de voz deve ter saído

mais bravo do que imaginei. A Sara-Kate levanta as sobrancelhas e fica passando uma batatinha frita numa poça de ketchup.

Ele ainda ficou mais um tempo em silêncio antes de voltar a falar. Isso não é nem um pouco a cara do Phil.

– Disse que ainda bem que ela nunca me deixou ir naquela loja com vocês, porque era um lugar amaldiçoado.

Passo a mão no meu cabelo desarrumado. Queria poder passar a mão no rosto e tirar as bolsas embaixo dos meus olhos.

– Como assim, amaldiçoado?

O Phil está com cara de quem se arrependeu de ter aberto a boca.

– Você sabe como ela é cheia das superstições. Nunca te contei da vez que ela jurou que uma senhora tinha posto mal de ojo em mim no mercado?

Eu e a Sara-Kate ficamos encarando nosso amigo.

– É como o mau-olhado dos mexicanos – explica ele, sacudindo a cabeça. – É quando uma pessoa estranha olha para o seu filho de um jeito esquisito, e começa a acontecer um monte de merda. Toda vez que eu chorava demais ou tinha febre ou sei lá o quê, minha

mãe achava que era por causa de uma mulher que passou por nós no corredor dos laticínios.

– Essa é a coisa mais esquisita que ouvi hoje – diz a Sara--Kate, abismada. Ela está muito bonita de calça de camurça cinza bem justinha, suéter de crochê antigo branco e blusa de alcinha vermelha por baixo. Fico me sentindo ainda mais acabada do que estava.

E, por um momento, fico me perguntando: e se eu estivesse a sós com ela, será que contaria sobre o que aconteceu entre mim e o Chris? O que a Sara-Kate pensaria de mim se eu confessasse uma

coisa dessas? O que todo mundo pensaria?

Minha vida nunca mais vai ser a mesma se eu revelar esse segredo. Os paparazzi vão aparecer na minha casa, vão ficar seguindo a minha família. Ia ser o fim das festas na casa do Klein, porque ninguém ia convidar uma menina como eu depois que descobrissem a verdade. Minha reputação estaria arruinada. Minha vida ia acabar: balé, amigos, tudo.

“Não”, penso eu, enquanto a Sara-Kate fica zoando o Phil por causa do tal mal de ojo. Não posso contar nada para ninguém antes de

conversar com o Donovan. Estou tão perto de descobrir a verdade e tenho certeza de que uma hora ou outra ele vai acabar falando. Só preciso continuar tentando.

O fato de termos deixado o assunto do julgamento para lá é uma vitória, e resolvo dar uma chance para as frutas secas. Rasgo o saquinho e ponho uma uva-passa na boca. Até parece succulenta demais, doce demais, mas mastigo e engulo, para parecer como as outras pessoas da cantina.

O Phil dá a última garfada no purê de batata, e fico impressionada. Faz menos de cinco

minutos que deu a hora do almoço. Acho que ele acabou de bater o recorde. Principalmente porque engoliu esse purê que parece superencaroçado. Meu amigo mastiga, engole, aponta com o garfo na minha direção e dispara:

– Sério que esse é o seu almoço?

– Estou mal do estômago – respondo, olhando para o monte de pulseirinhas pretas no pulso dele.

– Acho que peguei uma bactéria.

O Phil me faz uma careta e critica:

– E fazer a dieta do animal silvestre por acaso ajuda? Não

dizem que o saco tem que estar cheio senão cai?

– Não é assim, Philip – retruca a Sara-Kate, com um sorriso ao mesmo tempo carinhoso e desafiador. – É “saco vazio não para em pé”.

– Acho que nenhum dos dois está certo – digo. Meio alto demais. Um dos alunos do segundo ano olha pra gente. – Eu estou me alimentando. Só não estou me sentindo muito bem.

– Então você devia tomar uma sopa ou comer um pão ou...

– Cai fora, Phil. – Até eu me surpreendo com a dureza das

minhas palavras e tenho uma sensação de déjà-vu.

O Phil também. Dá para ver na cara dele.

Fica me olhando um tempão, por tanto tempo que adivinho o que está pensando. Sei exatamente o que quer me dizer, o que pensa que preciso ouvir. Se o Phil nem consegue parar com essa obsessão pelos meus antigos problemas alimentares, como é que vai reagir quando descobrir o que aconteceu entre mim e o Chris? Confio no meu amigo. Confio mesmo, mas não quando se trata desse assunto. Pelo menos não até eu saber mais, até

ter conhecimento dos fatos, não dessas meras especulações.

O Phil enfia o garfo num tijolo de frango, começa a serrar o negócio com uma faca meio cega, e conclui:

– Tá bom, Theo. Você é quem sabe.

Ele e a Sara-Kate ficam discutindo quais são nossas opções para o Halloween. O tom de voz do meu amigo parece normal, mas ele não olha mais para mim o resto do almoço. Será que somos daqueles amigos que todo mundo percebe quando estão brigando?

9

O FESTIVAL DE OUTONO DA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO DE Ashland Hills é um mal necessário.

Não é obrigatório participar, mas é um jeito fácil de somar créditos. E, desde que você não dê o azar de ficar responsável por um estande de quinta, tipo o de acertar argolas na abóbora, até que é suportável.

O festival acontece no campo de

esportes e, basicamente, é uma porra de um amontoado de alunos com seus pais e irmãos menores que preferiam ter deixado em casa. O grêmio estudantil organiza a coisa toda, então tenho meus contatos. A Bryn Davenport é a vice-líder da classe e, como me dou bem com ela, consigo trabalhar na barraca de pipoca. A Sara-Kate vai fazer pintura facial; e o Phil, infelizmente, vai ficar no arremesso de bola de futebol americano com o Joey Thompson. Meu amigo não é muito fã de esportes (acha que é uma coisa digna de povos bárbaros, que não faz nenhum sentido) e

passou a semana inteira reclamando da natureza troglodita do arremesso de bola.

– Por que não deixam logo o cara escolher uma menina e dar com um porrete na cabeça dela? É tão patético que esse poderia ser o prêmio – disse, quando recebemos a lista dos responsáveis por cada barraca.

Só que, quando entro no predinho de tijolos na ponta do campo para começar meu turno de quatro horas, desconfio que a Bryn Davenport deve me odiar, porque me colocou junto com o Klein Anderson.

Quando chego, dou de cara com aquela cabeça preta dele, de costas. Ele está encolhido em cima de um banquinho, mexendo no rádio, que fica numa prateleira baixa. Se vira quando abro a portinha lateral do nosso espaço e dá um sorriso.

– Já estava na hora de você chegar, Pernuda. Achei que ia ter que tomar conta desse troço sozinho.

Ponho minha bolsa no balcão dos fundos e pergunto:

– E desde quando você participa do Festival de Outono?

– É... – murmura, aí fica

mexendo no botão do rádio até encontrar uma estação de punk rock. – Tô mal em física.

– Achei que você conseguia se livrar de qualquer nota baixa só no papo – digo, abrindo a janelinha por onde vamos entregar os pedidos. A barraca tem cheiro de amendoim vencido, mas é arrumadinha. Tem potes de milho para pipoca, sal e outros temperos enfileirados nas prateleiras do fundo e um armário cheio de copos e pratos de papel e talheres descartáveis.

– É, bom... aqui as coisas não funcionam do mesmo jeito que

funcionavam na minha outra escola – explica, arrastando o banco e chegando mais perto de mim. – Mas tudo acontece por um motivo, certo? Eu, você, essa barraca apertadinha...

– Você sabe mexer nesse troço?
– pergunto, ignorando o que ele disse e apontando para a pipoqueira.

– Sei, sim. A McCarty passou por aqui e já pôs o óleo e o milho. Falou alguma coisa sobre responsabilidade. É só ligar e tomar cuidado para não encostar naquela coisinha de metal que tem lá dentro.

– A gente devia dividir as tarefas. Um põe a pipoca no saquinho, e o outro entrega e pega o tíquete – comunico, porque provavelmente é melhor eu assumir logo o comando.

– Eu ponho no saquinho – propõe, encolhendo os ombros.

– Valeu.

Vou ter que falar com as pessoas se ficar na janelinha, mas pelo menos não vou ter que tocar na pipoca. Nem acredito que comia isso toda vez que ia ao cinema. E, por muito tempo, não me permiti nem pensar em como o cheiro é maravilhoso, porque aquela

manteiga toda e o sal não valem a pena.

– Me dei bem. Vou poder olhar para a sua bunda durante a próxima hora, Pernuda – dispara o Klein, dando uma piscadinha com aqueles olhos que brilham como esmeraldas roubadas.

Franzo o nariz, fazendo cara de quem sentiu algum cheiro ruim, mas ele só dá risada e liga o botão da pipoqueira. Quando me viro, dou um sorrisinho. O Klein é muito escroto, mas sabe disso. E, por algum motivo inexplicável, isso faz parte do charme dele, que não é lá grandes coisas.

Por sorte, chega nosso primeiro cliente, e consigo esquecer o Klein pelos próximos trinta minutos. Ele é preguiçoso que só, mas parece ter encontrado sua vocação nesse negócio de pipoca. É rápido, eficiente e não derruba quase nada no chão. Além disso, não precisamos nos preocupar com a máquina de refrigerante, porque tem uma barraca só de bebidas.

Primeiro aparecem as crianças pequenas, com os pais do lado, observando os filhos entregarem os tíquetes cheios de orgulho, como se estar no Festival de Outono significasse que são da turma dos

mais velhos. Aí vêm os alunos do primeiro e do segundo ano, que chegaram muito cedo e precisam arrumar alguma coisa para fazer enquanto ficam para lá e para cá, decidindo quais são os estandes nos quais não pega mal passar.

Algumas pessoas vêm só dar um "oi". O David Tulip enfia as mãos cheias de pipoca na boca e fica provocando o Klein, falando sobre uma partida de futebol americano que os dois assistiram juntos no domingo. O Eddie Corteen aparece alguns minutos depois, com os amigos a tiracolo, todo fofo e parecendo que não tinha certeza se

devia estar ali. E é óbvio que a Lark Pearson põe a cara na janelinha, me ignorando completamente, batendo os cílios daqueles olhos carregados de delineador para o Klein e perguntando se ele não vai dar uma "amostra" para ela.

As coisas ficam meio paradas lá pela metade do nosso turno e, depois de um tempo, me canso de pensar se o Klein ficou mesmo olhando para a minha bunda o tempo todo e me viro. Está mexendo no rádio de novo, e isso me lembra da primeira noite que a gente ficou. Ele tinha tomado conta do som da casa onde a gente

estava, numa festa, e, quando viu que eu estava olhando, deu um sorriso e me puxou. Nós já estávamos meio que encostando os braços e as pernas enquanto escolhíamos umas músicas. Assim que sentei do seu lado, tive certeza de que íamos acabar nos beijando.

– Que foi? – pergunta. Volto para o presente e dou de cara com ele me encarando, porque eu o estava encarando.

– Nada. Vou buscar alguma coisa para beber. Você quer?

Ele espicha os braços compridos em direção ao teto, dá um bocejo e provoca:

– É alguma coisa com rum?

– Até parece que você não trouxe o seu no bolso – digo, enfiando a mão na bolsa para pegar minha carteira de couro vermelho.

– Acertou, Pernuda. Só estava te testando, pra ver se você tá prestando atenção.

– Já volto – desconverso e saio pela porta lateral.

Tem umas máquinas que vendem coisas ao lado do prédio das barracas, presas num quadrado de concreto compacto e cercado. A cerca está sempre trancada, menos quando tem jogo ou algum outro evento no campo. Acho que vai

estar fechada hoje, já que a escola tem o próprio estande de bebidas no Festival de Outono, mas encontro o portão levemente aberto.

Passo por ele e não ouço ninguém atrás de mim. Mas, na mesma hora, tenho certeza de que ele está ali. O vento traz um cheiro forte de cravo e, quando me viro, o cara está olhando para mim.

– Oi – diz, quase envergonhado, com as mãos nos bolsos do casaco de moletom. Deve estar morrendo de frio, andando por aí sem um casaco grosso. Eu saí do prédio há menos de um minuto e já estou

com frio.

Está com as bochechas rosadas por causa do frio, mas fica bonitinho assim. Quase fofo. Pequenos círculos cor-de-rosa num rosto tão sério.

– Você está trabalhando hoje?
– pergunto, esfregando os braços para me esquentar.

– Não para a escola – responde o Hosea, balançando a cabeça na direção do prédio. – E você? Está?

– Tenho minhas obrigações com a pipoca – brinco, enrugando o nariz.

– Ah, isso explica o cheiro de manteiga.

– Manteiga artificial.

– A melhor que existe – fala, com um sorriso que logo desaparece, mas me derrete toda por dentro.

Manteiga artificial me faz pensar em cinema, que me faz pensar em encontros. Que me faz imaginar se o Hosea e a Ellie costumam ir ao cinema. Se eles dão esse tipo de saída romântica. Os dois aparecem em todas as festas, sempre almoçam juntos, e já a vi saindo do carro dele no estacionamento dos alunos. Mas será que eles saem, como namorados de verdade fazem?

Nunca tive um encontro de verdade com um menino. Eu e o Chris jamais íamos a lugar algum, de medo do que os outros iam falar se nos vissem juntos. E, quando fiquei com o Klein, nem ele nem eu dirigíamos, então a gente se encontrava nas festas e dava uns amassos nos quartos vazios da casa. O mais perto que chegamos de um encontro foi ir ao baile de inverno no primeiro ano, mas saímos em turma, então não conta.

– Quem tá lá com você? – pergunta o Hosea, encostado na cerca.

– O Klein – respondo. Estou

começando a suar nas mãos, apesar do frio. Enfio a carteira embaixo do braço.

– Tá me zoando – comenta ele, parecendo tão supreso quanto eu.

Encolho os ombros e digo:

– Momento de desespero, acho eu.

– Isso sim é que é desespero – murmura.

– Ele se comportou direitinho – conto, com uma cara séria.

O Hosea levanta tanto a sobancelha que começo a rir.

– Bem, bom para o Klein – completo. O vento que sopra pelo campo é gelado e inesperadamente

cortante. Abraço meu próprio corpo, colocando as mãos nos ombros.

– O que você vai fazer quando terminar o seu turno?

Quê? Ele está tentando sair comigo ou algo parecido? Ainda não a vi, mas, se a Ellie aparecesse agora e nos pegasse conversando a sós (de novo), a cabeça dela poderia explodir. Literalmente.

– Vou encontrar o Phil, acho – desconversei.

Eu e meu amigo Phil pegamos o primeiro turno dos estandes porque ninguém do último ano se ofereceu para trabalhar neles, mas a Sara-Kate só vai começar o turno dela na

pintura facial quando terminarmos o nosso.

– Você vai ficar por aqui?

– pergunto.

– Vou, preciso encontrar mais algumas pessoas – responde ele. Aí fica alguns segundos em silêncio, passando o dedo em um dos buracos em forma de diamante da cerca, e completa: – E preciso pegar alguma coisa pra mim e pra Ellie tomar.

É claro que ela está aqui. Dou um sorriso falso.

– Preciso voltar para as minhas obrigações com a pipoca – digo, meio que me virando na direção do

prédio de tijolos. – Tivemos movimento a noite inteira. A manteiga artificial está em alta, sabia?

O Hosea, que está colocando dinheiro na frente da máquina de refrigerantes ao lado da minha, pergunta:

– O que você vai querer?

– Pode deixar, eu tenho dinheiro.

– Não perguntei se você tem dinheiro. Perguntei o que você vai querer – diz ele, curto e grosso, virando para trás e olhando nos meus olhos.

– Uma Coca Zero – digo,

baixinho. Tive vontade de virar para o outro lado, como naquele primeiro dia em que o vi no estúdio, mas não faço isso. Espero ele se virar para a máquina e solto o ar. Esse cara me deixa nervosa. É emocionante (tipo o-que-será-que-vem-agora?), mas mesmo assim fico nervosa.

Ele aperta o botão e, segundos depois, uma latinha vem rolando e fazendo barulho até a abertura inferior da máquina.

Quando me entrega o refrigerante, nossos dedos se encostam, e eu tremo. Não sei se ele percebeu, mas tiro a mão logo,

porque fiquei com vergonha.

– Valeu. Agora te devo um cigarro de cravo e um refrigerante.

– Dou um sorriso e fico mudando de um pé para o outro no quadrado de concreto. – Não precisa se preocupar, estou anotando.

Quase deixo a latinha gelada cair no chão quando pousa aqueles olhos doces em mim e diz:

– Acho que sei onde te encontrar, Theo.

O jeito como o Hosea pronuncia meu nome, falando um pouco mais baixo, faz meu peito arder em chamas. Chamas que sobem pelo meu pescoço e chegam aos dois

lados do meu rosto. Quero pegar na sua mão, segurá-la perto da minha pele, perguntar se essa é uma reação normal.

Mas não tenho coragem.

– Acho que sim – falo, por fim.

Ficamos nos encarando por um bom tempo antes de eu voltar para o prédio dos estandes. Chego lá me sentindo mais leve do que quando saí e mil vezes mais confusa. O Klein está no celular e olha pra cima quando passo pela porta. Na hora, fiquei preocupada que estivesse bravo por eu ter ficado tanto tempo fora. Mas não tem ninguém na janelinha querendo

comprar pipoca. Ele deve estar só mandando mensagens safadas para a Trisha.

– Quer batizar a sua bebida?
– pergunta, guardando o telefone no bolso.

– Não, tô de boa – respondo. Olho para o refrigerante que estou segurando. Meio que não quero abri-lo agora. É uma coisa boba, mas tenho vontade de guardá-lo porque foi o Hosea quem me deu.

– Ô, Pernuda?

O Klein faz sinal para eu chegar mais perto, apesar de estar a meio metro de distância.

– Ô, Klein? – retruco, sentando

no banquinho na frente da janela e colocando o refrigerante no balcão.

– Por que você acha que a gente não ficou junto?

Fala tão baixinho, que mal consigo ouvir, por causa da barulheira lá fora. Os gritinhos e o barulho das pessoas caindo na água, na barraca daquela brincadeira em que uma pessoa senta numa cadeira em cima de uma piscina pequena, e uma outra tenta fazê-la cair; do grupo de líderes de torcida do primeiro ano, que passa tagarelando e deixando uma nuvem de perfume de baunilha e fumaça de cigarro; do cara da

minha aula de matemática, parado perto do nosso balcão, mandando alguém se danar.

Esta noite está ficando cada vez mais bizarra. Se o Klein não parecesse tão vulnerável, ia achar que está me sacaneando. Só que, neste exato momento, ele está sóbrio e com uma cara séria. Meu Deus, será que vamos mesmo ter essa conversa?

– Não sei... você começou a sair com a Trisha. – Olho para a janelinha. Na mesma hora, como se a menina fosse aparecer porque pronunciei seu nome.

– Por que parecia que você não

tava a fim de mim – explica, coçando a cabeça. – Eu estava a fim de você, Pernuda – completa, sem olhar direito para mim.

– Tinha muita coisa acontecendo na minha vida naquela época. Era um desastre.

Um desastre completo. Eu tinha voltado a comer (Juniper Hill deu um jeito nisso), mas não era mais a mesma coisa. Eu comia porque as pessoas tinham sido instruídas a vigiar meus hábitos: professores, orientadores, a Marisa, o Phil. Comia porque amo balé e não queria que tirassem isso de mim nunca mais. Mas, na maioria das

vezes, comia porque meus pais poderiam tomar uma providência ainda mais drástica se eu não comesse.

Além disso, estava me ajustando a um colégio novo, com pessoas novas e uma rotina nova. E sem o Donovan. Fazia dois anos que o Chris tinha ido embora sem se despedir. O Klein era uma distração, uma distração meio cafajeste e cheia de papo-furado, que parecia ter saído de uma fábrica de gente bonita, já com popularidade instantânea. Só que, desde o começo, eu sabia que aquilo não ia durar muito.

– Minha vida também era um desastre – diz ele, encolhendo os ombros, como se quisesse dizer “se liga, a vida de todo mundo era um desastre naquela época”.

A sua ainda é.

– Acho que, de repente, a gente não combinava, só isso – falo, na esperança de que o Klein desista do assunto.

Não sei como responder à pergunta dele, assim como não sei dizer se rola alguma coisa entre mim e o Hosea. Foi bom ficar com o Klein por um tempo, mas depois deixou de ser. Era meio patético contar para alguém que você ainda

estava sofrendo por causa de um cara que não namorava mais há dois anos.

Ele engole em seco e faz uma cara mais seca ainda.

– E agora?

Sacudo a cabeça um pouquinho e fico mexendo no fecho da minha carteira, encostada ao lado da latinha de refrigerante.

– Cara, você tá com a Trisha.

– E se eu não estivesse? – insiste, me olhando de um jeito tão intenso que tenho que virar para o outro lado.

– Sei lá, Klein.

Só sei que nunca senti por ele

nem um tantinho do que sinto pelo Hosea. E olha que o contato físico mais intenso que tivemos foi encostar acidentalmente os dedos. Eu já sabia tudo o que tem para se saber sobre o Klein mesmo antes de ter trocado uma palavra com ele. Mas, com o Hosea, descubro uma coisa nova a cada vez que conversamos. Um olhar ou uma risada que me surpreende. Uma história que jamais pensei que esse cara pudesse ter vivido.

– Bom, quando eu der o pé na bunda da Trisha, a primeira pessoa pra quem eu vou ligar vai ser você, Pernuda – avisa, me olhando de

cima a baixo e de baixo para cima.

Por sorte, a segunda leva de movimento começa bem nessa hora. Um monte de alunos do primeiro ano atravessa o campo e forma fila na nossa janelinha. Total salvou minha vida.

O Klein não diz mais nem uma palavra até a sra. McCarty voltar para encher a pipoqueira de novo, e duas alunas do segundo ano chegarem para o turno delas. Saio primeiro, e meu colega vem atrás. Corro para resgatar o Phil. Sinto um cheiro terroso e pungente de fumaça de madeira, vindo do outro lado do campo. O diretor Detz está

pilotando uma churrasqueira portátil para as pessoas poderem assar marshmallows.

– Eu não tava brincando – insiste o Klein, segurando o casaco verde-exército. Consigo ver a etiqueta. É de uma grife caríssima.

Estamos a menos de um metro da barraca de maçã do amor, onde o sr. Jacobsen mergulha maçãs verdes numa panela elétrica. Cruza o olhar com o meu e faz sinal para eu me aproximar, como se o charme das maçãs carameladas fosse impossível de resistir. Gosto do sr. Jacobsen (ele é o professor preferido de todos, sem

dúvida), por isso lhe dou um sorriso e sacudo a cabeça.

– Ok – digo pro Klein.

Fico passando a mão por dentro do bolso do meu casaco preto até achar um fio solto. Eu o enrolo, formando uma bolinha entre o meu dedão e o indicador. Quanto mais meu colega fala da gente ficar junto, mais eu penso no Chris. Em qual versão dele acreditar. O cara era um mentiroso. Óbvio que era mentiroso, mas até onde seria capaz de ir? Até onde foi capaz de ir? Será que signifiquei alguma coisa para ele?

– Ok? – o Klein faz uma cara de

magoado, mas só por um segundo. Muda de expressão num piscar de olhos.

– Klein, você tem a Trisha. E eu estou ocupada com o balé e... já tentamos uma vez. De repente, não é pra ser.

E, de qualquer modo, estou a fim do seu melhor amigo.

Ele sacode a cabeça, mas dá um sorriso malicioso e bate no bolso onde escondeu a garrafinha de rum.

– Nunca diga nunca, Pernuda – declara, se afastando andando de costas, para continuar me olhando.
– Nunca. Diga. Nunca.

10

NO INSTANTE EM QUE PERDI AS ESPERANÇAS DE VER O Donovan, dou de cara com ele.

Meu pai e minha mãe estão assistindo ao noticiário, ouvindo as matérias sobre a situação da economia, o preço da gasolina e os políticos corruptos. Finjo que me importo com o trabalho de inglês que preciso entregar no dia seguinte, mas a voz do

apresentador da TV invade meus pensamentos sobre a srta. Havisham. Quando olho pra cima, dou de cara com o rosto do Donovan na tela.

Passa tão rápido que quase perco. Uma foto tirada de um vídeo em baixa resolução, tão ampliada que, se eu ficar olhando por muito tempo, vai parecer que o Donovan é feito de quadrados e retângulos marrons e pretos.

O apresentador diz que o canal falou com uma mulher que morava no mesmo condomínio que o Chris e o Donovan. Em alguma cidadezinha de merda no estado de

Nevada, a mais de dois mil e quinhentos quilômetros daqui.

Seu nome é Candy DeGregorio. Está com um uniforme dos correios e tem linhas de expressão profundas em volta da boca. Parece que passou a maior parte dos seus quarenta e cinco anos de vida fumando.

– Ele era um menino muito educado – diz, lambendo os lábios finos e ressecados. – Tinha mais ou menos a mesma idade dos meus filhos, e eles corriam pra cima e pra baixo juntos o tempo todo. Iam caminhando pra escola, esse tipo de coisa.

O prédio atrás da mulher precisa muito de uma pintura, e todas as janelas têm persianas meio caídas ou faltando. A terra em volta parece seca e morta, mas não porque o inverno está chegando. A câmera dá um zoom na parte do condomínio onde o Donovan morava com o Chris. As cortinas estão fechadas, e tem aquela fita de cena do crime que a polícia usa lacrando a porta, que está toda descascada.

Então, do nada, a matéria corta para o vídeo que a tal Candy forneceu. Todo tremido e meio sem foco, feito com uma câmera barata.

Com um celular, quem sabe. Mas lá está o Donovan, numa festa de skatistas. Fico olhando meu amigo correr pela pista, ao lado de um menino loiro, que deve ser um dos filhos da mulher. Eles fazem a manobra de novo, voando até o outro lado. Depois param, se equilibrando num só lado do skate, e fazem um "toca aqui".

Aí passa outro vídeo, que só tem alguns segundos. Neste, o Donovan aparece numa lanchonete, se empanturrando de bolo com o mesmo menino loiro, com cara de quem estava se divertindo muito.

Tenho certeza de que nenhum

de nós três consegue respirar enquanto os vídeos passam. Foram feitos há dois anos, mas o Donovan já era alto. Tinha pernas e braços compridos. O cabelo em rolinhos, como se estivesse deixando crescer dreads. Quem é que fez esse penteado? Será que o meu amigo pediu para fazerem dreads? Será que o Chris pagou alguém para fazer isso?

– A gente achava que o nome dele era Jamie – diz a Candy DeGregorio, enquanto o vídeo passa. – Olha, a gente mora numa cidade pequena, mas aqui não aparece muita gente ruim. Achei

que aquele homem estava fazendo uma boa ação, sendo uma pessoa boa e cuidando de alguém que precisava de ajuda.

Odeio essa Candy DeGregorio.

Enterro as unhas na palma da mão o mais fundo que consigo, porque o primeiro vídeo não para de passar. E, quanto mais o assisto, mais me pergunto se existe algum motivo para eu achar que o Donovan não foi embora porque quis. Festas de skatistas? Aqueles poucos segundos ficam sendo repetidos várias e várias vezes, e começo a ver a vida que meu amigo levou de outra maneira. A

vida que levou como Jamie Fenner.

Jamie, indo para o colégio a pé com os filhos da Candy, quando poderia ter fugido e ligado para casa, nos dizer onde estava. Jamie, no colégio, sentado em uma sala de aula com um professor simpático, para quem poderia ter contado que seu nome verdadeiro era Donovan Pratt. E Jamie com o Chris. Em casa. Jantando juntos, assistindo TV e... que mais? Dormindo na mesma cama? Fazendo as mesmas coisas que o Chris fazia comigo? Juntos.

O noticiário passa o vídeo da pista de skate um milhão de vezes.

Aqueles poucos segundos que revelaram como era a sua vida, que ele não ficou apenas trancado entre quatro paredes.

Minha mãe põe a mão no meu braço. Percebo que está olhando para o meu pai por cima da minha cabeça. O que será que os olhos dos dois dizem, que conversa particular é essa que começaram e vão terminar quando estiverem a sós, com a porta do quarto fechada?

Me solto da mão da minha mãe e fico de pé. Meu exemplar de Grandes esperanças, do Charles Dickens, cai no chão, e não me dou

ao trabalho de juntar. Passo por cima dele (piso no livro, estragando a lombada pela bilionésima vez) porque preciso sair daqui agora mesmo, droga! Não posso olhar para o Donovan, não posso pensar em quantos outros vídeos e fotos existem em cidadezinhas de merda daqui até Nevada.

– Theodora?

Já estou andando. Saindo da sala de TV e atravessando o hall de entrada até a sala da frente. Preciso do meu casaco. Preciso do meu carro. Preciso sair daqui antes que eu exploda, porra!

– Preciso dar uma saída – digo

isso sem nem me virar. Meus pais estão bem atrás de mim, caminhando o mais rápido que podem.

– Theo, querida – dessa vez quem fala é a minha mãe, quando a gente faz a curva para entrar na sala de estar. – Você não pode ficar para podermos conversar sobre isso? Sei que deve ter sido um choque vê-lo naquele... ambiente e...

Sacudo a cabeça. Não penso em mais nada. Armário de casacos. Porta. Carro.

– Não quero conversar. Quero ficar sozinha – respondo.

– Theodora – o tom do meu pai ainda é calmo, mas sério o suficiente para me fazer virar e olhar pra ele. – Tudo isso é muito confuso, e foi difícil assistir àqueles vídeos, mas nem sempre as coisas são o que parecem. Especialmente numa situação como essas, em que...

– Então o que foi aquilo? – Abro a porta do armário do hall de entrada com força. Arranco meu casaco do cabide de madeira. – Ele não estava fingendo. Estava... eu sei dizer quando ele está feliz. O Donovan estava feliz naqueles vídeos, então como é que as coisas

podem não ser o que parecem?

– Querida – diz minha mãe, chegando mais perto de mim, usando um suéter macio cor de areia. Com os olhos arregalados e as palmas das mãos juntas, num gesto de desespero. – Esse é só um lado da história, só o começo. Eles... eles têm que ver todos os lados, falar com outras pessoas que estiveram com o Donovan enquanto ele estava desaparecido.

Minha mão já está na maçaneta. Não consigo ouvir os dois despejando essas coisas em cima de mim, essas palavras que deviam fazer eu me sentir melhor mas, na

verdade, fazem eu me sentir uma merda. Porque meus pais estão se esforçando muito e, não importa o que digam ou façam neste momento, nada vai mudar o que vi.

– Me deixa sair, por favor. Por favor. Por favor – imploro.

Eles se entreolham e tenho certeza de que não querem me deixar ir, mas vou sair dessa casa com ou sem a permissão deles. Normalmente, em circunstâncias assim, essa conversa seria uma mera formalidade. Pelo menos no que me diz respeito. Mas posso tentar parecer menos louca. Se for preciso dourar a pílula, que seja.

– Vou me cuidar – falo. Com um jeito calmo, olhando nos olhos (dos dois), para terem confiança em mim. – Só preciso esfriar a cabeça. Por favor, não me obriguem a ficar aqui. É que... estou com claustrofobia.

Meu pai solta um suspiro e decreta:

– Leve o celular. Ligue daqui a uma hora e nem pense em ir para Chicago. Entendeu?

– Entendi – respondo, usando o meu tom de voz mais racional.

– E, Theo – dispara minha mãe, quando giro a maçaneta. Então fica de boca aberta por alguns

instantes, parecendo uma cantora de ópera pronta para alcançar uma nota bem alta. – A gente precisa conversar sobre terapia. Talvez não hoje, mas... logo.

– Eu não quero fazer terapia – declaro. Juniper Hill não foi o suficiente? Três meses inteiros naquela maldita casa no meio do nada, cheia de hippies, e os dois ainda acham que não fiz terapia o bastante?

– Querida, ele era o seu melhor amigo.

Minha mãe faz uma expressão triste, e me dá vontade de chorar. Por isso, digo apenas:

– Podemos conversar sobre isso depois?

Os dois balançam a cabeça, e aproveito esse momento para sair pela porta.

Essa é a primeira vez, desde que o Donovan voltou, que saio sem olhar para a casa dele.

Acabo indo ao Casablanca's. Está meio cheio para uma terça-feira, mas a nossa mesa de sempre está livre, então nem ligo. Me acomodo lá e espero. Pelo quê, não sei. Não ligo nem se a Jana vier anotar meu pedido. Só preciso sentar um pouco em qualquer lugar

longe dos meus pais, para tentar entender o que vi.

Sempre soube o quanto o Donovan gostava do Chris. Eu teria fugido com meu ex se ele tivesse me convidado. Não tenho palavras para descrever o que eu sentia por esse cara, mas era algo viciante. Nunca quis tanto agradar alguém. Mesmo que ele não merecesse, eu queria ser a pessoa que o fazia feliz.

Mas ele não me convidou. Foi embora com o Donovan.

Olho em volta do salão, nas paredes brancas quase sem nada, com exceção de uns quadros

antigos meio aleatórios. Buquês de flores genéricos, paisagens bucólicas e um pôr do sol numa praia qualquer. O tipo de coisa emoldurada que se encontra em mercados de pulgas. Coisas que algum médico deve ter jogado fora quando trocou a decoração do consultório.

– Seus parceiros de crime te deixaram na mão?

É a Jana. Normalmente, consigo ouvi-la chegando a um quilômetro de distância. Os suspiros dramáticos e o fato de estar sempre gritando com alguém a denunciavam. Fico olhando para ela,

sem expressão.

– Eles... eles não estão aqui
– digo.

A garçonete aperta os olhos, dando a entender que estou aprontando alguma, e pergunta:

– Bom, e o que você vai querer?

– Um chá – respondo, batendo o pé na parte de baixo do sofá na minha frente. O barulho é agradável aos meus ouvidos, dá uma sensação gostosa na ponta da minha bota. Por isso bato de novo.

– Chá de quê?

– Camomila – tum, tum.

– Só isso?

Tum, tum.

Balanço a cabeça, e ela fica me encarando até eu dizer:

– Que foi?

– Primeiro, pode parar de descontar seus problemas no meu sofá. Segundo, você vai sentar aqui, nessa mesa grande, só pra tomar uma xícara de chá? – Então põe a mão no quadril ossudo. Está com as unhas pintadas de vermelho, fazendo um contraste estranho com as veias que se cruzam nas costas da sua mão. – Qual é a sua, garota? Você vem aqui toda semana, fica olhando pro cardápio, fica olhando pra comida dos outros, mas nunca pede mais do que um

prato de sopa.

Paro de chutar o sofá, mas lanço o olhar mais maligno que consigo para a garçonete e disparo:

– E desde quando isso é da sua conta? Sou cliente mesmo assim, estou pagando.

Ela deixa escapar aquele suspiro característico e dá meia-volta.

– Cliente fiel, viu? – grito.

A Jana finge que não me ouviu.

Fico sentada de costas para o salão, só com aquela parede encardida na minha frente. Deveria ter trazido alguma coisa pra fazer. Até o trabalho de inglês ia ser melhor do que nada. Porque,

quando não estou fazendo nada, só consigo pensar no Donovan e no Chris.

Sem a Sara-Kate nem o Phil para me distrair, cada ruído do salão chama a minha atenção, desde o barulho da caixa registradora à pessoa que não para de passar o garfo no prato. Parece que alguém está arranhando uma lousa. Também presto atenção nos passos pesados vindo em direção à minha mesa. São diferentes do arrastar relutante da Jana, são passos vagarosos, mas decididos. Quando olho para cima, dou de cara com o Hosea Roth, segurando

um saco branco de comida para viagem.

– Achei mesmo que era você – diz, com um sorriso hesitante. Será que é hesitante porque pareço tão louca quanto estou me sentindo? Ou será que é porque ele está sozinho, eu também estou sozinha, e sempre acabamos nos mesmos lugares? A sós.

O Hosea está de jaqueta. É preta e está por cima do moletom cinza de capuz de sempre. Me dou conta de que estou pensando de novo na camiseta preta. Vai ver, ela não faz parte do uniforme nos meses mais frios do ano. Não falo

nada. Só fico olhando para aquela jaqueta e pensando em como é estranho esse cara aparecer do nada o tempo todo. Sempre tivemos amigos em comum desde que comecei o Ensino Médio, mas ele era só o traficante do Phil. Até agora. Nunca prestei muita atenção no Hosea até ele aparecer na minha academia de dança. Não sabia que tinha tanta coisa para gostar nele.

– Theo? Tá tudo bem?

– Aonde você vai? – pergunto, fazendo círculos amplos e devagar com o pimenteiro que está em cima da mesa.

Porque quero saber, mas também porque, perguntando, não preciso responder.

O Hosea parece surpreso, e acho que não devia ter perguntado, mas nem ligo. Nada no dia de hoje faz sentido, não sou eu que vou fazer.

– Pra casa, acho. Tive que fazer uma entrega numa festa a poucas quadras daqui.

Está com dois círculos cor-de-rosa nas bochechas de novo, por causa do frio. Quero encostar a mão nelas.

– Ah! – solto, olhando de novo pra mesa. Aperto o pimenteiro. Queria que essa notícia não fosse

tão decepcionante.

O cara abre a boca, fica alguns segundos em silêncio e diz:

– Você parece bem chateada. Tem certeza de que tá tudo bem?

Largo o pimenteiro, enfio o dedo na espuma amarela que sai por um buraco no vinil vermelho do sofá e respondo:

– Vi o Donovan na TV agora há pouco. Passaram um vídeo. Do tempo em que ele estava desaparecido. Estava rindo, parecia estar entre amigos.

O Hosea fica me olhando por um tempo, aqueles olhos cinzentos vasculham meu rosto como se ele

não soubesse direito o que estava procurando. Então fala:

– Não preciso ir para casa agora. Quer dar uma volta de carro? Às vezes isso me ajuda a esfriar a cabeça.

– Ok. – É uma resposta automática. Ainda preciso terminar meu trabalho de inglês. Mal conheço esse cara, e ele tem namorada. Mas é só uma volta e, quem sabe, vai me ajudar a esfriar a cabeça.

– Então vamos – chama, fazendo sinal em direção à porta com a cabeça, mas não de um jeito impaciente.

Mesmo assim, enfio a jaqueta na mesma hora, com medo de ele desistir do convite se eu não andar logo. Na saída, paro na frente do balcão e fico encarando a Jana até ela olhar para mim, com cara de irritada. Está paquerando um caminhoneiro que tem idade para ser filho dela.

– Que foi? – dispara.

– Pode esquecer aquele chá. Preciso ir embora.

– Vocês moleques ficam vindo aqui, pedem coisas e depois somem, só pra me fazer perder tempo. Vou garantir que vocês não possam mais pôr os pés aqui.

– Você nos ama demais para fazer isso – respondo. E ainda dou um jeito de sorrir quando ela me faz uma careta, porque sei o quanto isso a incomoda. – Até quinta!

A garçonete resmunga e faz sinal para eu ir embora. Não tem problema, porque o Hosea está me esperando.

11

O HOSEA DIRIGE COM UMA MÃO E SEGURA O SANDUÍCHE DE bacon, tomate e alface com a outra. Uma escolha improvável para comer enquanto dirige, mas ele é surpreendentemente gracioso.

O carro é laranja, com listras esportivas pretas meio desbotadas no meio. Precisa dar a partida várias vezes antes de o motor

responder. É superapertado por dentro. Tão pequeno que o banco do motorista está duas vezes mais para trás do que o do passageiro, para acomodar aquelas pernas compridas. Passo os olhos pelo maço de cigarros de cravo que está no painel e fico pensando na Ellie. Ela ficaria furiosa se pudesse me ver sentada aqui. Mas não vai descobrir. Por algum motivo, sei que o Hosea não vai contar nada, e eu também não vou. E termos um segredo me dá mais satisfação do que essa garota ficar sabendo que saímos a sós.

Quase não tem trânsito. Tudo

em Ashland Hills fecha às nove da noite, e são quinze para as nove. Antes de entrar no carro, parei do lado de fora do Casablanca's, na frente daquelas janelas embaçadas, e liguei para os meus pais. Olhei para dentro e vi a Jana e o caminhoneiro. Disse para o meu pai que tinha passado na casa da Sara-Kate e que voltaria logo. Melhor do que dizer que fui na casa do Phil. A gente mora tão perto, meus pais poderiam até dar de cara com ele ou com sua mãe.

O Hosea não fala muito. Está comendo, e o rádio não funciona, mas o silêncio me deixa nervosa.

Não conheço o cara tão bem assim para me sentir à vontade, adivinhar o que está pensando. Para saber se não se arrependeu de ter me convidado para dar essa volta. Fico olhando ele dar mais uma mordida gigante no sanduíche, observando a mandíbula mexer enquanto mastiga. Tudo de canto de olho e aí, antes da próxima mordida, pergunto:

– Você vai estudar música ano que vem?

Ele abaixa um pouco o sanduíche e me olha como se eu fosse louca.

– Como assim? Tipo faculdade

de piano?

Encolho os ombros e digo:

– Tem um monte de gente que faz isso.

Estamos passando pelo centrinho de Ashland Hills, que tem só três quadras pequenas, com os mesmos lugares de sempre: o supermercado, o banco, a biblioteca, cafés, lojas de roupas e restaurantes. Não tem nenhuma academia de dança aqui, e é por isso que acabei indo estudar com a Marisa. Meus pais gostam de morar numa comunidade pequena. Dizem que é mais fácil para resolver as coisas do dia a dia. Chicago é

barulhenta e lotada. Mas às vezes acho que preferia enfrentar esse incômodo a viver numa cidadezinha onde todo mundo sabe da vida de todo mundo.

Quando vê a placa de “pare”, o Hosea pisa no freio.

– Nunca pensei em estudar música – diz, por fim. – Não a sério.

– Por que não? – insisto. Respiro fundo e resolvo que gosto do cheiro do carro. É meio de mofo, de carro antigo, mas o aroma de cravo e de menino se sobressai, algo como desodorante misturado com sabonete e uma pitada de suor.

O Hosea termina de comer o

sanduíche e passa as mãos na calça jeans antes de acelerar.

– Você sabe que precisa ser muito bom só para conseguir participar da seleção para entrar nesses lugares, não sabe?

– Mas você é muito bom. – Olho para ele e lembro de como se transforma quando se senta atrás do piano. Como faz composições tão conhecidas parecerem novinhas em folha, como as notas ficam lindas e sugestivas quando tocadas por ele. O cara não fala nada, e me dou conta de uma coisa: – É por isso que você me pediu para não contar que está trabalhando lá na

academia? Você não se acha bom?

– Sei que não sou. Eu deveria estar participando de competições ou me apresentando a uma altura dessas. – Fica alguns segundos em silêncio e continua: – Não faço aulas desde que saí de Omaha, a cidade onde eu morava. Não dá pra dizer que estou com um pé no conservatório.

– Tem gente que não precisa fazer aula – comento, pousando as mãos no colo. – Isso se chama talento nato.

– Você também não é ruim.

O sorriso que ele dá faz meu rosto esquentar, e olho para o lado

de fora, porque não sei o que dizer.

Cruzamos as ruas silenciosas sem dizer uma palavra. Passamos pela estação de trem de Ashland Hills, aí ele dá a volta e passa perto da casa do Klein. O motor do carro ronca quando a gente passa pelas mansões. Algumas estão com as luzes apagadas, iluminadas apenas na varanda.

– De quem era a festa que você foi? – pergunto, quando o silêncio dura algum tempo. Não que seja ruim. Mas, como o som está quebrado, é mais fácil o Donovan invadir meus pensamentos.

– De ninguém lá do colégio. De

um cara que era meu amigo – responde, sacudindo a cabeça.
– Mas é a última vez que piso lá.
Ele deu uma pirada.

– Como assim? – Olho pelo vidro e vejo uma mulher mais velha levando o terrier para passear. Está toda enrolada, de casacão, cachecol, luvas e chapéu de tricô, como se estivéssemos no auge do inverno. O cachorro não está nem aí, procura o lugar perfeito para se aliviar, com a maior calma.

Depois de um tempo, o Hosea diz:

– Está usando umas merdas da pesada agora. E não mexo com

esse tipo de merda.

Olho para ele, porque o tom de voz mudou. Ficou mais sério. Quase sombrio.

– Tipo o quê?

– Tipo tudo. Hoje foi metanfetamina.

Ah! Ninguém do colégio usa metanfetamina. Continuo puxando assunto:

– Como vocês se conheceram?

– Ele foi a primeira pessoa que conheci quando me mudei para cá. É uns dois anos mais velho do que eu, mas cresceu na esquina da casa da minha vó e sempre foi legal comigo, sabe? – responde, soltando

um suspiro. – Foi o mais próximo que já tive de um irmão, e agora parece que nem conheço o cara.

– É assim que me sinto em relação ao Donovan. – Passo o indicador no painel meio detonado do carro, distraidamente, e a ponta do meu dedo fica cheia de pó. – Quer dizer, mais ou menos isso.

Agora estamos perto dos limites da cidade, onde as casas vão rareando, dando espaço para terrenos baldios. Ele para o carro no acostamento, perto de uma entrada de asfalto com um portão fechado e uma casa grande afastada da rua, rodeada de

árvores. E deixa o motor ligado por causa do aquecedor.

Fica mexendo no maço de cigarros de cravo no console, mas nem tenta tirar um da caixa.

– O Klein disse que você estava com o Donovan antes de ele desaparecer – comenta.

– É – falo. Aí fico me mexendo no banco e pensando naquela manhã.

Como sempre fazia, entrei pela porta da casa do Donovan, que nunca ficava trancada. O restante da família tinha saído. A mãe ia para Chicago, abrir a lojinha do museu, e o pai deixava a Júlia na

creche a caminho do escritório.

A casa dos Pratt era mais bagunçada do que a nossa, mas eu não ligava. Era limpa, só que dava para ver que tinha gente morando nela. Não precisava pedir licença para se jogar no sofá ou pôr os pés na mesinha de centro. Passei por um par de chuteiras enlameadas no hall de entrada e fui procurar o dono delas. Ele não estava na cozinha, como eu pensava, engolindo uma tigela de cereal em pé, ao lado da louça suja que ficava de molho na pia. E não estava sentado no fim da escada, amarrando os sapatos para sair

correndo pela porta.

Estava no quarto. Mas, quando ouviu meus passos no andar de baixo, desceu para o hall no mesmo instante. E também não estava de pijama, como eu tinha pensado, mas vestido para ir pra aula, de calça jeans e camiseta de manga comprida com outra de manga curta por cima.

Acho que tive de descrever essa roupa para todo mundo da cidade, porque queriam saber como o Donovan estava vestido da última vez que foi visto. Camiseta de manga comprida branca com uma preta de manga curta por cima. Ou

era o contrário? Estava de calça jeans clara ou escura? Eu tinha certeza de que era uma calça jeans ou era uma bermuda? Estava usando cinto? Qual era a marca do tênis?

Só que não cheguei a ver os sapatos, porque meu amigo foi me empurrando para fora da sua casa logo depois de me cumprimentar.

– Oi, a gente se encontra no colégio depois – disse. Com pressa, como se tivesse um milhão de coisas para fazer.

– O que você tá fazendo? – perguntei, segurando firme no corrimão e esperando por uma

resposta.

O Donovan passou a mão na cabeça. Estava precisando cortar o cabelo, o que não fazia o seu estilo. Normalmente, o pai raspava a cabeça dele a cada duas semanas, e meu amigo concordava, ele não gostava de deixar o cabelo crescer, dizia que dava coceira e ficava com calor.

– Preciso resolver umas coisas antes de ir pra aula – respondeu. E aí aqueles olhos castanhos profundos pousaram no meu rosto, depois no corrimão e, por fim, no carpete. – É melhor você ir na frente.

Como assim resolver umas coisas? Tínhamos treze anos. Até parece que a nossa vida era cheia de compromissos.

Fiquei encarando o meu amigo por um tempão. Até ele me encarar também. Depois virou o rosto e me olhou de novo.

– Que foi, Theo? – falou, levantando as mãos como os meus pais faziam. O gesto universal para “O que você quer que eu faça?”.

– Você está estranho – declarei, dando um puxão nas tiras da minha mochila.

– A gente não precisa fazer tudo junto o tempo todo – disparou.

Estava olhando para outro lugar de novo. Para a foto pendurada perto da escada, um retrato dele e da Júlia recém-nascida, tirado no hospital, antes da sua mãe receber alta. – Te encontro no colégio mais tarde e aí a gente pode voltar junto, tá?

– Você tem um bilhete dos seus pais dizendo que vai entrar atrasado? – pressionei. Não queria deixar ele escapar assim tão fácil.

Será que esse era o castigo que eu merecia por não ter contado para o meu amigo tudo o que tinha feito com o Chris? Ele ia ficar de segredinho e jogar isso na minha

cara? Que injustiça. O Chris desaparecer sem se despedir não tinha sido castigo suficiente?

– Theo – disse, dando um suspiro e se encostando no batente da porta. Enfiou o dedão do pé no carpete e completou: – Você vai se atrasar.

– Tudo bem. – Me virei, mas não descii a escada. Não antes de olhar para trás e dizer: – Mas não vou te acobertar.

– Por acaso eu te pedi para fazer isso?

E essas foram as últimas palavras que o Donovan me disse.

Do outro lado do carro, o Hosea

limpa a garganta e fala:

– Deve ter sido difícil, ele ficar desaparecido todo esse tempo.

– É – respondi, balançando um pouco a cabeça para enfatizar. – Foi mesmo.

Olho para o Hosea e fico imaginando como seria beijá-lo. Tocá-lo. Ficar de verdade com alguém assim. Ele presta atenção quando estou falando. Essa era uma coisa que eu odiava no Chris. Parecia que não levava nada do que eu dizia muito a sério. Mas o Hosea sabe escutar. Se não fosse a Ellie para atrapalhar, podíamos ficar juntos. Juntos de verdade. Nada de

parques abandonados, nada de rapidinhas encostada na pia do banheiro do posto de gasolina. Isso que eu ainda nem sabia direito o que fazer quando ficávamos no banco de trás do carro. Eu e o Hosea poderíamos ficar de mãos dadas no intervalo das aulas, sair por aí, e ele seria meu namorado de verdade.

Espio as mãos dele, que são fortes mas quase elegantes, e não consigo imaginar esse cara sendo outra coisa que não seja carinhoso.

– A voltinha ajudou? – pergunta, baixando um pouco a cabeça e olhando para mim. – Um

pouquinho, pelo menos?

– Ajudou – respondo. Fico cruzando e descruzando os dedos no meu colo. E sorrio porque ele foi muito legal comigo. – Ajudou mesmo. Valeu.

– Que bom – diz. Está com as mãos em cima do câmbio, a poucos centímetros do meu joelho. – Você sabe, a Marisa ia ficar muito puta comigo se eu simplesmente te largasse sozinha naquele restaurante.

Tento deixar minha perna o mais parada possível. Esperando. Querendo.

– E por que ela se importaria

com isso? – disfarço.

– Porque você é a estrela dela. Não podia te deixar toda chateada daquele jeito. – Ele dá um sorrisinho e fala: – Você é especial.

– Não sou tão especial assim – retruco. E a coisa não sai do jeito desencanado que eu pretendia. Mas tudo bem, porque é verdade mesmo. Meninas especiais merecem terminar o namoro como se deve, não precisam ficar imaginando se o namorado as usou para se aproximar do seu melhor amigo.

– Certo – concorda o Hosea, baixinho. – Não entendo porra

nenhuma de balé, mas, quando você está lá, eu acho especial pra caramba.

Tenho medo de olhar para ele, medo do que eu vou ver. O tom dele parecia sério, mas podia estar só zoando com a minha cara. Vai ver fala esse tipo de coisa para qualquer uma, o tempo todo. Talvez não signifique muito ter dito isso pra mim. Mas me forço a virar o rosto, cruzar meu olhar com o dele. E, seja lá o que for, não é só coisa da minha cabeça. É real e está refletido naqueles olhos doces. Que ficam examinando o meu rosto de novo, do mesmo jeito que

fizeram no restaurante. Mas, dessa vez, há um entendimento. Um olhar que faz meu coração disparar toda vez que o repasso na minha cabeça.

Não sei dizer quem se inclinou primeiro. Mas, alguns instantes depois, ficamos tão perto um do outro que nossas testas se tocam. Tão perto que sinto a respiração dele. Passo a mão na nuca do Hosea na mesma hora em que ele passa o braço em volta da minha cintura e me puxa mais para perto. Estamos tão em sincronia que parece um pas de deux, uma sequência de passos em dupla, uma

coreografia que aprendemos há anos e só agora dançamos de verdade.

Os beijos do Hosea são sussurros, só aquele toque sutil que me faz querer mais. Se afasta, olha pra mim, sorri. A palma da minha mão ainda está na sua nuca, e ele se inclina para me beijar de novo. Desta vez, profundamente. Não tenho a menor dúvida quando os lábios dele tocam os meus: não é coisa da minha cabeça.

Passo as mãos por aquele cabelo macio, tão macio, e ele continua abraçando a minha cintura, faz cócegas nas minhas

costas. Por um tempo, parece que não existe mais nada no mundo além de nós dois. Um raio de luz dentro desse carro pequeno e escuro, parado numa rua deserta. Uma confusão de calor, respiração, toque e beijo. Quero ficar assim para sempre. Estar com ele é tranquilo e maravilhoso e...

– Theo.

O jeito que ele diz isso, se afastando de mim, é uma injustiça. Como se fosse a única pessoa da face da Terra que tem permissão para pronunciar o meu nome. Me dá vontade de ficar beijando esse cara por horas e horas, ignorando

que tenho aula amanhã e que meus pais já devem estar me esperando. Me faz esquecer do Donovan e do medo de alguém descobrir que eu beijava o Chris Fenner assim.

Só que... isso parece real, de um jeito que nunca pareceu com o Chris.

– Desculpa – fala, pondo a mão no meu rosto, passando o dedão na curva do meu lábio inferior. – Acho que é melhor a gente...

– Eu sei.

Óbvio que ele ia se afastar. Óbvio que não podemos levar isso adiante. Eu o beijei, e ele não é meu. Só que gostei. Não sou

especial, mas sou "a outra".

Fica olhando para a minha boca, passa os dedos nos meus lábios uma última vez e se afasta completamente. Estica a mão para pegar o maço de cigarros de cravo no console. Me endireito no banco, ponho o cinto de segurança e pego o celular na bolsa, só para ter o que fazer.

O Hosea enfia um cigarro entre os lábios e volta para a rua, indo em direção ao Casablanca's. Nenhum dos dois fala nada nem se olha o resto do caminho, mas o desejo me derrete por dentro, em milhares de ondas de calor.

Quentes e vagarosas, ao mesmo tempo doces e amargas. Ao extremo.

12

UMA VEZ EU E A SARA-KATE BRINCAMOS DE
TRANSAR/Casar/Matar: Edição
Professores, e acabei casando com
o sr. Jacobsen.

Matar foi fácil: o sr. Gellar é o maior desperdício de espaço do colégio, não só porque dá aula de química. Transar não foi difícil, porque a gente tinha um professor estagiário de inglês aquele ano. O

nome dele (e isso não é piada) era Grant Cavalheiro. Mas o Jacobsen era a única alternativa realista para Casar, então seu nome escapuliu da minha boca, e a Sara-Kate ficou me zoando por várias semanas.

Talvez ele esteja mesmo ficando careca. A barriga não para de crescer, mas dá pra ver que o Jacobsen era bonitinho quando jovem. Ou, como disse minha amiga, "um gato retrô". Que seja. Tem um sorriso bonito. E é bom professor. Não precisa ficar inventando mil truques ou brincadeiras para fazer os alunos se interessarem pelo sistema

judiciário. Fala simplesmente como se tivesse contando uma história muito boa.

O professor me encontra no hall na quinta-feira antes do Halloween. Estou com a Sara-Kate e o Phil esperando a primeira aula, e ninguém nem pisca quando ele se enfia na nossa rodinha e pergunta se pode falar comigo um minutinho. O Jacobsen nunca dá notícias ruins. Acho que nunca o ouvi levantar a voz, nem quando expulsou o Leo Watson da sala porque estava mandando mensagens no meio da aula.

Vamos até uma parte mais

tranquila do corredor, uma brechinha entre o armário do servente e um bebedouro que nunca vi ninguém usar. O colégio pinta as paredes do prédio todo verão. Mas alguém já tinha sujado a última demão de bege com o salto do sapato.

– Faz tempo que quero perguntar como você está, Theo. Tudo bem com você?

O Jacobsen parece à vontade, de camiseta polo, calça cáqui e um cinto marrom combinando com o sapato. O tom de voz dele é tranquilo, como se fizesse parte da sua rotina checar como estou a

cada duas semanas.

– Tudo ótimo, sr. Jacobsen.

Puxo os ombros para trás e endireito a minha postura. Olho bem no olho do professor para ele acreditar que estou falando a verdade.

Porque... o que será que ele diria se soubesse tudo o que realmente está acontecendo? O que faria se eu contasse que meu ex-namorado está na cadeia aguardando para ser indiciado? E o que pensaria de eu ser uma dessas meninas que beijam o namorado das outras e gosta?

– Theo, o diretor Detz pediu

para a equipe ajudar o máximo que puder com... o trauma da volta do Donovan – explica, passando o dedão do pé na base do bebedouro.

E?

– E – continua ele, como se tivesse adivinhado meus pensamentos – queria te dizer que na aula de hoje vou falar da Síndrome de Estocolmo.

– Síndrome de Estocolmo.

– Isso, é...

– Eu sei o que é.

É quando a vítima simpatiza com o sequestrador. Como as pessoas que foram raptadas e não odeiam quem fez isso. E, às vezes, até

gostam um pouco dele, começam a achar que o sequestrador se preocupa com elas. Todo mundo fala da Patty Hearst, a neta do magnata da comunicação William Randolph Hearst. Ela sofreu lavagem cerebral e chegou até a assaltar um banco junto com o grupo de militantes radicais que a sequestrou. Mas isso foi há um milhão de anos, e ela não deve ser a única.

– Acho que pode ser útil – o Jacobsen está falando de novo. – Vou fazer um debate. Mas você é quem sabe se quer participar ou não. Se quiser, pode ir conversar

com a sra. Crumbaugh. Tenho certeza de que ela vai ficar muito feliz de arrumar um espaço na agenda para...

– Eu vou participar.

Por que não? A essa altura, tudo não passa de especulação. O Chris é apenas um suspeito. Os outros podem até achar que sabem o que ele fez, mas só poderei ter certeza quando conseguir falar com o Donovan.

Qual seria a reação do Jacobsen se eu levantasse a mão na aula e perguntasse “Como a gente descobre se o ex-namorado e o melhor amigo fugiram juntos?”. Ou

“Dá para ser feliz mesmo vivendo como refém de um sequestrador?”. Porque tenho certeza de que o professor assistiu àquele vídeo. Todo mundo assistiu àquele vídeo.

O Jacobsen fica em silêncio tempo o suficiente para parecer surpreso com a minha resposta, aí diz:

– Lamento por dar essa aula quando o assunto aconteceu com alguém tão próximo, mas fico feliz que o seu amigo esteja de volta, Theo.

– É. Obrigada. Também fico.

Então me dá um tapinha no ombro. Dou um sorriso e volto para

a Sara-Kate e o Phil, se não ele vai perceber que tem alguma coisa errada comigo, e não posso correr esse risco. Afinal de contas, a aula de sociologia só dura uma hora. Posso aguentar qualquer coisa por uma hora.

Quer dizer, até essa hora chegar de verdade. De repente, parece que todo mundo tem muita coisa a dizer sobre a Síndrome de Estocolmo.

– Tá, mas acontece o seguinte – começa o Klein Anderson, que senta duas fileiras na frente da minha. Fico olhando meu colega mascar a borracha do lápis. Durante o semestre inteiro, esse foi

o maior esforço que fez. – A gente não tá falando de passar alguns meses com uns militantes comunistas malucos, como a Patty Hearst. Ele ficou fora quatro anos.

– É, imagina só o que o Donovan passou esse tempo todo – comenta o Phil. Ele senta na fileira entre mim e o Klein e fica riscando uma folha de caderno com o lápis.

Essa é a única aula que eu, o Phil e a Sara-Kate fazemos juntos, e sempre a adorei. Até este dia. Hoje (neste exato momento) só quero que todo mundo cale a porra dessa boca. Incluindo o Phil. Ninguém sabe nada sobre este

caso. Ninguém sabe nada.

– E aquele vídeo? – argumenta o Klein. Acho que teria ficado quieto se a discussão não fosse com o Phil, mas essa amizade é tão frágil. A linha que separa o ódio do respeito é tênue o suficiente para os dois gostarem de testar esses limites. Ficam se empurrando, se puxando e se cutucando até quase perder a cabeça.

– Que que tem o vídeo? – o tom de voz do Phil é calmo. Mas, quando olho para ele, vejo que a boca está tão tensa que parece que os lábios vão rachar.

– Ele não era uma criancinha

que não fazia ideia de como dar um jeito de fugir – diz o Klein, olhando para cada um da sala, igualzinho àqueles pastores que ficam esperando a plateia dizer “amém”.

Treze anos. Apreendi como pôr camisinha num cara quando tinha essa idade. Não sempre. Só quando o Chris estava a fim. O que não acontecia muito.

– Você não acha que isso é meio calculista? – dispara o Phil. – O cara não viu o Donovan na rua e o pegou aleatoriamente. Dizem que trabalhava na loja de conveniência. Provavelmente, começou a falar com ele semanas antes de tudo

acontecer. Estava preparando o terreno. Aliciando nosso colega.

“Aliciando.” Parece coisa de livro didático. Como se o Chris tivesse pegado o manual do sequestrador de crianças e seguido as instruções passo a passo. É difícil pensar que ele seja um criminoso frio e calculista, porque só consigo enxergar o Donovan rindo naquele vídeo.

– Bom argumento, sr. Muñoz – elogia o Jacobsen, chamando a atenção da classe. Está parado na frente do quadro branco, ao lado da sua mesa. – O fato de a vítima conhecer o réu muda a perspectiva

do caso. O perigo que ela corre é menor quando sabemos que tinha uma relação aparentemente normal com o réu antes do sequestro?

Bingo. Será que é menor? Dou um milhão de dólares na hora para quem souber a resposta. Também daria um milhão de dólares para o Donovan atender o telefone.

– De jeito nenhum. Ele sofreu lavagem cerebral – ouço uma voz atrás de mim dizer.

A voz da Sara-Kate.

– A gente não faz ideia do que é ser sequestrado – continua. Aquela voz baixa ficando cada vez mais alta. – Nem do quanto é difícil fugir.

Nenhum de nós sabe. Muitas vezes... – Ela para pra pensar, e sinto que está com os olhos pousados em mim – ... muitas vezes, as pessoas são ameaçadas. Vai ver o Donovan achava que poderia morrer se fugisse. Ou que alguém da sua família poderia morrer. Ele tem uma irmãzinha...

Morrer? Isso já é bem radical. O Chris pode até não ser quem eu achava que era, mas jamais mataria alguém.

Mas quem é o verdadeiro Chris? Aquele que me falou palavras carinhosas e transou comigo com todo o carinho? O cara que ficava

passando a mão nas minhas costas, dizendo que me amava? Será que disse e fez as mesmas coisas com o Donovan? Dizia que os dois tinham nascido um para o outro? Ou será que o verdadeiro Chris é só mais um sociopata?

Queria poder contar as coisas boas do Chris para a Sara--Kate. O jeito que ele contava histórias, por exemplo. Tinha centenas delas. Sobre sua infância no estado de Michigan, quando jogava beisebol no time local e aprendeu a pescar com o irmão mais velho. Quando matava aula para passar o dia em Detroit, arrumando confusão. Não

me importava sobre quem ou o que ele falava. Os gestos que fazia, o jeito que me olhava, como aqueles olhos cor de âmbar brilhavam... Eu me sentia naquele lugar, vivendo a história junto com ele. Poderia ouvi-lo fazer isso para sempre. E agora não sei se alguma dessas histórias era mesmo verdadeira.

– É, o fato de o Donovan conhecer o cara não significa que quis fugir com ele – declara o Phil. Ele agora está desenhando de verdade, hachurando o papel loucamente. Olha pro Klein e continua dizendo: – Como você pode ter certeza de que ele não

estava apenas tentando sobreviver?

– Tá, tudo bem – admite o Klein.

– Posso até não saber como é ser sequestrado, mas eu acho que, se um cara tentasse me foder toda santa noite, ia dar um jeito de sair dessa situação um pouco mais rápido do que o Donovan.

A sala ficou no mais completo silêncio.

Não porque o Klein falou um palavrão. O Jacobsen não liga pro jeito que a gente fala, desde que preste atenção na aula. Só vi o professor se encolher uma vez, quando alguém falou “buceta”. Não é qualquer um que pode dizer isso.

Mas, caralho, Klein! Essa revelação não é nenhuma novidade, mas o jeito que ele falou (tão alto, sem nenhum rodeio) me deu a sensação de ter levado um soco no estômago.

– Vamos manear um pouco, sr. Anderson – pede Jacobsen, simples e objetivo.

Durante todo o debate, o professor ficou com cara de quem estava prestes a cagar nas calças. Mas agora está com medo de que o Klein tenha dito a única coisa capaz de me deixar arrasada. Nem me mexo. Olho fixamente para o quadro branco atrás do Jacobsen,

na parte em que ele escreveu SÍNDROME DE ESTOCOLMO com caneta vermelha e sublinhou duas vezes.

O Klein encolhe os ombros, se encosta na cadeira, jogando os braços para trás, e declara:

– Só falei o que todo mundo pensa.

Começa um zum-zum-zum pela sala. Todo mundo parece incomodado. No canto da frente, a Lark Pearson dá uma de suas risadinhas, fingindo que está tossindo, que são sempre ridiculamente óbvias. Bem na minha frente, vejo a nuca do Leo

Watson ficar vermelha. Do meu lado, o Joey Thompson derruba o lápis e, logo em seguida, o caderno. Olho para o Jacobsen, que está se segurando na beirada da mesa com tanta força que ficou com os nós dos dedos brancos.

– E eu só estou te lembrando de que esse é um assunto delicado – diz. – Sinceridade não é desculpa para você ser grosseiro.

O professor me dá uma olhada rápida, mas é o suficiente para o Klein ligar os pontos.

Pra todo mundo ligar os pontos.

O Klein se mexe na cadeira para cruzar o olhar com o meu, para

mexer os lábios dizendo "Desculpa, Pernuda" sem emitir o som, apesar da classe inteira estar olhando e entendendo o que disse.

Viro a cara na mesma hora. Esse cara sabe muito menos do que pensa que sabe.

Ninguém é totalmente mau nem totalmente bom.

13

É IMPOSSÍVEL FINGIR QUE O HOSEA NÃO ESTÁ NA SALA enquanto eu danço.

Difícil esquecer que está lá atrás, no canto onde fica o piano. E que é só dar alguns piquês para ficar ao seu lado. Alguns segundos depois, eu poderia me afundar no seu colo, prender aquela mecha de cabelo atrás da sua orelha e sentir suas mãos acariciando minhas

costas.

Mas parece que temos um acordo secreto. Podemos nos olhar pelo espelho, mas não diretamente. Não tem problema nos cumprimentarmos balançando a cabeça. Mas sorrir, nunca.

Temos nos falado por mensagem desde a noite que rolou o beijo. Trocamos telefones quando ele me deixou no meu carro. Pedi o meu primeiro e disse que era bom eu ter o dele, se algum dia precisasse conversar. Só trocamos mensagens de vez em quando, com dias de intervalo, e nunca falamos nada importante. Normalmente, é

só sobre o colégio, alguma coisa engraçada que aconteceu no balé ou um “oi”. Mas me dá vontade de sorrir quando meu celular faz aquele barulhinho e um leve arrepio percorre meu corpo sempre que vejo que a mensagem é dele.

Ontem à noite, me tranquei no quarto e fiquei pelada na frente do meu espelho de corpo inteiro, imaginando os braços dele ao meu redor, me abraçando por trás. Me aquecendo. Me protegendo. Me retorci, me virei e me alonguei em câmera lenta, me perguntando como é que ele me enxergaria. Se acharia meus peitos muito

pequenos ou gostaria dos meus quadris praticamente inexistentes, como o Chris gostava.

A Ellie não deve dar o menor valor para nada que venha dele. Como a sensação de passar os dedos pelo seu cabelo ou seus beijos, que são uma combinação perfeita de delicadeza, calor e desejo. Eu não faria isso se o Hosea fosse meu de verdade. Daria valor a cada pedacinho desse cara.

Penso no Hosea muito mais do que deveria. Mas, quando estou dançando, só consigo pensar no Chris.

Fico em primeira posição ao lado

da Ruthie, e a Marisa orienta a série de plié, demi plié e grand plié. Primeiro dobramos os joelhos até a metade, e depois mais, levantando os calcanhares e pressionando o metatarso. Em perfeita sincronia, porque esses movimentos estão gravados na nossa memória. Fazer plié é uma coisa tão reconfortante, tão metódica. É fácil me perder nos meus próprios pensamentos. Ficar pensando nele.

Nunca vou esquecer a cara que o Donovan fez quando nos pegou pela primeira vez atrás da loja. Tinha uma mesa e um banco meio velhos lá atrás, à direita, a menos

de um metro da porta. Eu e o Chris ficávamos sentados ali quando ele tinha intervalo. Meu ex fumando um cigarro, e eu me inclinando de vez em quando para dar uma tragada. Ele se esparramava no banco, sentado perto de mim, tocando minha perna com os joelhos. Às vezes, colocava aquela mão grande na minha coxa, apertava o meu joelho e fazia cócegas até eu implorar para parar, dando vários beijinhos no queixo dele, com a barba por fazer.

O dia em que o Donovan nos pegou, o Chris tinha começado a me agarrar praticamente no

instante em que pusemos o pé para fora da loja. Nem chegamos até a mesa.

Me empurrou contra a parede, enfiou a língua na minha boca. Achei excitante. Era assim que as meninas do Ensino Médio beijavam os namorados. Era um gesto apaixonado, significava que ele realmente me queria. Porque tinha coragem de fazer aquilo num lugar onde alguém poderia chegar a qualquer momento e nos pegar no flagra.

Ele tinha acabado de pôr a mão por baixo da minha blusa quando a porta dos fundos se abriu. Nem

precisei olhar para saber que era o Donovan. O Chris não parou de me agarrar logo em seguida. Continuou avançando, mexendo a mão por baixo da minha blusa, enfiando a língua na minha boca até eu me afastar. Virei a cabeça para olhar para o Donovan, mas me arrependi na mesma hora. Estava com uma cara meio confusa, meio horrorizada. E alguma coisa a mais que não consegui decifrar naquela época, mas depois me dei conta de que era incômodo.

– Hei! E aí, cara? – disse o Chris, tirando a mão de baixo da minha blusa. – Que que tá pegando?

– Tem alguém querendo pôr gasolina – respondeu o Donovan. O som saiu esquisito. Não entendi se meu amigo ficou se sentindo mais humilhado por sua voz ter falhado na frente do Chris ou por isso ter acontecido logo depois de ter nos pegado no meio do amasso, quando meu ex estava apalpando meus peitos.

O Chris fez um som de clique com o canto da boca e disse:

– Tá bom. Obrigado por ficar de olho, cara.

Aí apertou minha cintura com força, deu um tapinha no ombro do Donovan e voltou para dentro da

loja. Meu amigo ficou me encarando um tempão antes de ir atrás dele.

Talvez eu devesse ter pedido desculpas, mas é difícil fazer isso quando não se sabe direito por quê. O Donovan parecia tão preocupado, como se achasse que eu tinha enlouquecido ou algo assim. Mas o Chris era meu namorado. E os dois eram amigos. Ele não tinha com o que se preocupar. Vai ver estava com medo de que alguma coisa na nossa amizade mudasse por causa do meu namoro.

Arrumei a blusa e dei um jeito no cabelo. Quando entrei, a loja

estava vazia de novo. O Chris estava ajudando o Donovan a escolher uma revista de quadrinhos. Qualquer uma que quisesse, por conta da casa.

Voltamos para casa em silêncio naquele dia. Uma hora, olhei para o meu amigo e o peguei sorrindo. Fingi que era porque ele estava feliz por mim e pelo Chris, não por causa do quadrinho dos X-Men que levava embaixo do braço. Nunca mais tocamos nesse assunto nem mencionamos o incidente, mas ficou óbvio que alguma coisa havia mudado entre nós.

Quando a aula termina, volto

para o vestiário do lado da Ruthie. Ela seca o pescoço e o peito com a manga do casaquinho.

– O que você vai fazer este fim de semana? – pergunto.

Minha colega meio que ri e, quando olho pra ela, revira os olhos e diz:

– Tô proibida de sair de casa.

De novo? A Ruthie deve ser a pessoa que conheço que mais fica de castigo. Na casa da família Pathman, essas são as regras.

– O que aconteceu desta vez? – questiono. Alongo os braços em cima da cabeça e faço círculos para trás com os ombros enquanto

andamos pelo corredor de tijolinho à vista. As janelas à nossa esquerda dão para as calçadas movimentadas da cidade.

– Peguei uma semana de suspensão, mas vou ter que ir para o colégio – responde. E vai dobrando o casaquinho até ele virar um quadrado do tamanho da mão dela. – O que não é grandes coisas. Quer dizer, vou ficar sentada sozinha numa sala até a hora do almoço, terminando o meu dever de casa de todas as matérias, e eles fingem que isso é um castigo.

A Lainie McBride estava atrás de nós esse tempo todo. Dá pra saber

quando ela está por perto: é praticamente alérgica ao mundo e fica o tempo todo espirrando, ofegando ou tomando remédio para alergia. É nojento.

Ela nos alcança, se enfia no meio da gente e funga bem no meu ouvido. Aí dispara:

– Se meteu em encrenca de novo, Pathman? Esse tipo de coisa não pode te prejudicar quando você fizer a seleção para os intensivos de verão?

– Vai se foder, McBride – diz a Ruthie. Seus olhos ficam do tom mais gélido de azul que já vi. Devem ficar do mesmo jeito

quando ela resolve partir para o tapa. Então completa: – Vamos ser julgadas pela dança. O que, acho eu, você não deve fazer ideia do que é, já que nem devia estar aqui.

É verdade. A Lainie se esforça, mas é a mais fraca da nossa turma. E só entrou para a companhia principal porque a Meridith Bryant foi morar em Nova Jersey, e a Marisa precisou preencher a vaga de uma hora para a outra.

Ela sai andando na nossa frente e entra no vestiário no momento exato de bater a porta na cara da Ruthie. O que não foi muito inteligente. Mas a Lainie sabe que a

Ruthie não faria nada que pusesse o seu lugar aqui na academia em risco. Muito menos uma vaga num intensivo de verão.

– Que filha da puta! – murmura, quando passamos pelo armário da Lainie.

Nossa colega finge que não ouviu, mas chega um pouco mais para trás no banco.

– Não dá bola pra ela – digo, quando nos sentamos do outro lado do vestiário. Aí baixo a voz e pergunto: – Por que você foi suspensa?

A Ruthie se afasta de mim, começa a puxar as mangas do

collant e responde:

— Pelo mesmo motivo de sempre. É todo mundo cuzão, e não vou ficar sentada aguentando ninguém falar um monte de merda sobre mim.

Os pais da minha colega a colocaram em um colégio particular supercaro. Apoiam o sonho da filha. São carinhosos, pacientes e aguentam o seu gênio difícil. Acho que é isso que se faz quando se ama alguém: aguenta tudo o que o outro tem de ruim, mesmo quando isso ultrapassa as coisas boas.

Ficar com o Chris era mais ou menos assim. Eu amava seu lado

carinhoso. Mas, para ficar com ele, também tinha que aguentar seu lado nada carinhoso, que fazia eu me sentir envergonhada quando vestia a calcinha e o sutiã depois de transar.

– Bom, seus pais não podem te deixar de castigo para sempre, né?
– digo, jogando minha meia-calça na sacola.

A Ruthie enfia o suéter pela cabeça cheia de cachos e explica:

– Vai demorar um tempinho para me perdoarem por essa. A menina com quem eu briguei é meio amiga da família. Os pais dela me deram uma carta de

recomendação para eu entrar no colégio... Tenho quase certeza de que foi só por causa disso que consegui a vaga.

– Que merda, Ruthie.

Levanto para vestir minhas calças de ioga e fico imaginando como deve ser levar a vida que ela leva.

– É. Bom... – Minha colega vira o rosto antes de nossos olhares se cruzarem. Se abaixa para amarrar os tênis pretos e conclui: – Foi bem feio, e todo mundo põe a culpa em mim só porque sou recordista em levar suspensão.

O tom da sua voz não parece

bravo. Nem sua expressão.

Mesmo de cabeça baixa (sem eu conseguir enxergar o seu rosto) dá para ver que ela só parece estar cansada. E quem sabe um pouquinho triste.

14

ME SINTO MAL POR TER BEIJADO O NAMORADO DE OUTRA menina.

Mas não o suficiente para não fazer mais isso.

Achei que o que rolou com o Hosea era uma coisa de momento, que não ia se repetir. Trocamos mensagens, mas não nos vimos fora da academia nem nos encontramos por acaso no colégio.

E a coisa certa a fazer seria parar de vê-lo antes de me apaixonar perdidamente. Mas tenho muita esperança de que beijá-lo, ficar com ele, não seja só uma coisa de momento. A gente se daria bem (tenho certeza), e queria que a culpa não tomasse conta de mim toda vez que penso em ser "a outra". Porque não sei se algum dia vou me sentir bem com esse título.

Aí, na segunda-feira depois do Halloween, ele me manda uma mensagem.

Chega alguns segundos depois do sinal para o almoço tocar, e leio enquanto todo mundo sai correndo

da aula de inglês em direção à cantina. Fico de pé perto da minha mesa e abro a mensagem com as mãos tremendo.

Me encontra no antigo laboratório de ciências? Quero te ver.

O antigo laboratório. É óbvio. Ninguém mais usa esse lugar. Cubro meu sorriso com a mão, mas não posso fazer nada para impedir os arrepios que sobem e descem pelos meus braços enquanto respondo:

Te vejo lá.

Chego muito rápido. Talvez devesse ter esperado um

pouquinho, deixado o cara imaginando se eu ia ou não. Mas não consegui me controlar, mesmo querendo muito.

Antes, mando uma mensagem rápida para a Sara-Kate, dizendo que vou ter que estudar na hora do almoço. Aí entro no banheiro mais próximo para dar uma olhadinha no espelho. Passo gloss de novo. Paro. Me olho bem. E é estranho: olhos pretos, cabelos brilhantes, pele marrom-clara, meio avermelhada. Só que, pela primeira vez em muito tempo, com uma cara... feliz.

Dou uma olhadinha no corredor para ter certeza de que não tem

ninguém e sigo para o laboratório. Na verdade, é mais um almoxarifado. Faz alguns anos que ninguém tem aula aqui. Desde que os pais de um menino supergênio doaram um dinheirão para construir um laboratório novo.

Respiro fundo na frente da porta. Aliso minha camisa branca justinha de florzinhas amarelas e olho para baixo para ver se a barra da minha calça jeans ainda está dentro da bota.

Giro a maçaneta com facilidade. Entro, fecho a porta, me encosto nela e fico procurando pelo Hosea. Será que cheguei primeiro? Mas

sigo o barulho vindo do canto esquerdo da sala com os olhos, e lá está ele.

Ficamos nos encarando por um segundo que parece uma eternidade. Ele dá um sorriso, eu também, e vamos caminhando um em direção ao outro até nos encontrarmos na metade do caminho.

– Oi – digo, quando as pontas das nossas botas se tocam.

– Oi – responde ele, tirando as mãos do bolso do moletom e passando o dedo no meu ombro. Faz isso por um tempinho e desliza a mão pelo meu pescoço, até meu

queixo. Toca com os dedos na ponta da minha orelha. Encosto a cabeça na sua mão, chego mais perto, fecho os olhos e me entrego àquele momento.

Nosso primeiro beijo é suave. Doce. Rápido.

– Fiquei feliz que você veio – murmura.

Nossos lábios estão a centímetros de distância.

– Também fiquei – sussurro, sem entender como um beijinho de nada pôde me deixar tão ofegante. – Como você teve essa ideia? O laboratório não deveria estar trancado?

Olho para os microscópios, para os bicos de Bunsen e para as caixas com amostras de pedra em cima das mesas à nossa volta. A luz que passa pelas janelas embaçadas revela que tudo está coberto por uma grossa camada de pó.

O calor do seu corpo se funde com o meu. Será que percebeu que o meu coração está acelerado? Será que consegue sentir o que sinto por ele?

– Devia, mas nunca está
– responde, encolhendo os ombros.
– O gás das mesas está cortado, e guardaram todos os produtos químicos. Foi o Klein que me

contou, já faz um tempinho.

– Ele ainda vem aqui?

Olho para a porta, pensando que isso é bom demais para ser verdade. Nunca teria pensado em me encontrar com o Hosea nesse lugar, mas é que faz pouco tempo que me transformei em uma pessoa cheia de segredos.

– Tá tudo bem – garante ele, segurando minha mão. Depois a aperta e diz: – Juro.

Vamos mais para o fundo da sala. Me apoio de costas em uma das mesas, o Hosea me abraça e se inclina em cima de mim. Minhas mãos estão geladas. Fico olhando

seu rosto e enfio as mãos entre o moletom e a camiseta dele, na altura da cintura. Ele sorri lentamente e beija meu pescoço.

– Hosea... – pronuncio seu nome bem baixinho, mas ele para de me beijar. Olha pra mim, e fico esperando as palavras certas surgirem na minha cabeça. – Você... você traz ela aqui também?

Levanta as sobrancelhas, supreso, e pergunta:

– Quem? A Ellie? Não... nunca.

Óbvio que não. Não precisa trazê-la aqui, ela é sua namorada. Podem ficar juntos quando

quiserem, não precisam se esconder.

– Ei... – fala, inclinando a cabeça um pouco para o lado, e me encarando com aqueles olhos cinzentos. – Que foi?

Estou sendo uma idiota.

Devia aproveitar o momento.

Não devia ficar chateada porque você namora a Ellie.

– Aqui pode ser o nosso lugar... se você quiser – completa, com os olhos fixos nos meus. – Só meu e seu, ok?

Balanço a cabeça. E sei que isso significa que estou dando a entender que poderíamos fazer isso

de novo, não tenho forças para resistir ao seu charme. Esses sentimentos não desaparecem de uma hora para a outra. Gosto desses sentimentos. Tinha medo de nunca mais sentir isso de novo, depois do que aconteceu com o Chris. E, além disso, neste exato momento, tudo o que mais quero é dizer “sim” para o Hosea.

– Ok? – repete. Continua me olhando, e trocamos um sorriso íntimo que faz ondas de calor subirem e descenderem pelo meu corpo.

– Ok.

Talvez ser “a outra” não seja tão

ruim assim.

Ponho a cabeça para trás, fecho os olhos, e ele encosta os lábios nos meus. Aqueles lábios macios, quentes e conhecidos.

Pelo menos "a outra" consegue o que quer.

Saio do laboratório com os lábios inchados.

A gente não tirou a roupa, mas se pegou muito. Minha camisa está toda amassada, enroscada em lugares estranhos. Puxo a roupa para baixo pela bainha e resolvo parar no banheiro. Dar uma olhadinha no espelho de novo. Saio

primeiro, e o Hosea, depois de alguns minutos, só por segurança.

Ainda faltam alguns minutos para o horário de almoço terminar, e acho que o banheiro deve estar vazio. Mas me enganei. A Lark Pearson está de pé bem no canto, na frente de uma das pias, retocando o delineador. Se inclina para a frente de um jeito que faz a bunda sobressair, ressaltando a justeza da calça jeans, que parece ter sido pintada no seu corpo.

Quando fecho a porta, fica me encarando um tempão pelo espelho. Espero que ela diga alguma coisa, mas nem se vira para

mim e acaba me ignorando. Fico olhando para ela enquanto me dirijo à última cabine e, mesmo assim, ela não fala nada. Só olha direto para a frente, para o próprio reflexo, e fica passando camadas e mais camadas de delineador preto naqueles olhos azuis.

Entro na cabine decidida a ficar lá até a Lark sair do banheiro. Mesmo que precise chegar atrasada na próxima aula. Fecho a porta e, quando estou passando a tranca, ouço sua voz ecoar no banheiro:

– Tem mais um cigarro?

Congelo. Não posso fingir que não ouvi. Só tem nós duas aqui

dentro. Abro uma frestinha na porta, olho para ela e pergunto:

– Quê?

A Lark joga o delineador dentro da bolsa, se vira e fica apontando e sacudindo a mão mais ou menos na altura do meu peito. Aí pergunta:

– Cigarro de cravo. Tem mais um?

Que merda.

Como pude esquecer? O Hosea me deu um antes de a gente sair do laboratório.

– Pra você se lembrar de mim – disse, me dando um selinho e guardando o cigarro no bolso da minha camisa.

E agora o troço está aqui, aparecendo na minha camisa, como se eu quisesse marcar meu território.

Ignoro o sentimento ruim que invade meu peito, encolho os ombros e respondo:

– Desculpa, é o último.

Quero fechar a porta de novo, mas a Lark vem se aproximando. Para bem na minha frente. Põe a mão no canto da cabine antes de eu conseguir fechar a porta direito. Que merda.

– Desde quando você fuma cigarro de cravo? – questiona. Aqueles olhos de panda são

assustadores vistos de perto.

– Sempre fumei – digo, me obrigando a não virar a cara para ela. – Quando alguém me dá.

– Bom, a única pessoa que conheço que fuma cigarro de cravo por aqui é o Hosea.

A Lark me olha de lado e sinto seu hálito que lembra café velho. Tudo o que eu mais quero é que alguém entre no banheiro para me salvar.

– Acho que você precisa conhecer mais gente – retruco, encolhendo os ombros de novo. Calma e controlada. Completamente tranquila, como se

não estivesse suando nas mãos.

Ela fica de queixo caído, mas se recupera rápido:

– Filha da puta – diz, em alto e bom som, e sai rebolando do banheiro.

Quebro o cigarro no meio e me livro das evidências jogando-as na privada, que descem rodopiando quando dou descarga.

15

A DIETA DO ARCO-ÍRIS ME CONQUISTOU.

Fui, pouco a pouco, cortando todos os alimentos. Comecei com as comidas processadas, passei para as assadas, depois eliminei o macarrão, o pão e o arroz. Não precisei me dar ao trabalho de fingir que sou vegetariana. Meus pais nunca acharam ruim eu parar de comer carne vermelha e de

porco.

Mas a dieta do arco-íris era bem diferente. Descobri num desses sites pró-ana, nos quais meninas anoréxicas ficam se incentivando a ficar cada vez mais magras. Teoricamente, era bem fácil de seguir. Minha mãe já tinha comprado a maioria das frutas e dos legumes da lista. Nem ela nem meu pai iam suspeitar se me vissem comendo mais vegetais.

O difícil era jantar em casa, na frente deles, toda noite. Então comecei a ficar até mais tarde na academia, dizer que tinha comido na casa do Phil ou da Sara-Kate. Ou

que não estava me sentindo bem e era melhor ir dormir sem jantar.

Consegui manter a dieta por quase duas semanas. A semana era dividida por cor: comidas vermelhas num dia, brancas no outro, depois verdes, laranjas, amarelas e roxas. Só trezentas calorias diárias se eu conseguisse me organizar direito. A quarta-feira era o dia mais difícil. Jejum completo, só ingerindo água. Fui dançar essa noite. Fiquei com tanto orgulho de mim mesma quando a quarta acabou e ninguém percebeu que eu não tinha comido nada desde a noite anterior.

A segunda quarta-feira é que me

denunciou. Foi no final de junho. Ainda era primavera, mas os dias estavam tão quentes e úmidos que dava vontade de tomar banho assim que eu botava o pé para fora de casa. O Phil e eu imploramos para a mãe dele nos deixar no shopping em vez de ir ao clube com ela e o Glen, o irmãozinho do meu amigo. A sra. Muñoz protestou no começo. Ainda estávamos nos acostumando à ausência do Donovan, e todos os pais ficavam preocupados de deixar os filhos sozinhos. Fazia apenas uns dois meses que ele tinha desaparecido. Quase o mesmo tempo que eu não

via o Chris.

Só que imploramos até a mãe do Phil ligar para a minha e perguntar se ela tinha deixado mesmo eu ir ao shopping. Tinha. Estava tão preocupada quanto a sra. Muñoz. Mas a ouvi conversando com o meu pai um dia, quando achava que eu estava no andar de cima. Disse que não podíamos deixar o medo nos controlar, que devíamos continuar vivendo como antes, não dar esse poder a ninguém. Então, mesmo ficando com o coração na mão, me deixou ir ao shopping com o Phil.

Quando nos largou lá, na frente

do cinema e da praça de alimentação, a sra. Muñoz nos olhou com uma cara séria e exigiu:

– Deixem os celulares ligados e atendam todas as minhas chamadas, sem exceção. E não falem com desconhecidos. Também sem exceção.

– Mãe, a gente vai estar aqui às quatro horas – disse o Phil, dando um beijo na bochecha dela. – Três e cinquenta e nove, se você quiser.

Tive quase certeza de que a mãe do Phil foi embora com os olhos cheios de lágrimas.

Eu sabia muito bem que meu amigo só tinha levantado da cama

às onze da manhã, meia hora antes de ir me buscar. Mas é claro que sua primeira parada foi na praça de alimentação. Meus sentimentos em relação ao lugar eram confusos. Por um lado, queria ficar bem lá no meio, me deliciando com aquele cheiro de comida trash: tirinhas de frango frito, fatias enormes de pizza d e pepperoni bem gordurosas, e iogurte frozen bem cremoso e batatas. Mas não precisava sentir esses cheiros justo numa quarta-feira, meu dia de jejum.

Por outro lado, estava gelada de medo, porque tudo na praça de alimentação me lembrava o Chris:

as embalagens de fast-food amontoadas nos cantos do carro dele, os copos de refrigerante de máquina que viviam no porta-copo melecado do console. Até as pilhas de guardanapos fininhos em cima das mesas me faziam pensar no meu ex. Ele sempre tinha um monte no porta-luvas, usava para se limpar depois que transava comigo.

– Vou começar com um churrasquinho grego – avisou o Phil, se aproximando do lugar que vendia, mas percorrendo a praça de alimentação inteira com os olhos.

– Quem sabe um cachorro-quente

antes de a minha mãe vir me buscar. Ou um taco. E batatas fritas, uma porrada de fritas. O que você vai comer?

Não respondi. Meu estômago estava roncando tão alto que mal conseguia ouvir meus próprios pensamentos. Me belisquei do lado direito, bem embaixo das costelas. Uma, duas, três, quatro vezes. Era um pouco depois do meio-dia, então só faltavam algumas horas até eu poder comer de novo. Dezesete horas, para ser mais exata. Como ia passar sete dormindo, só faltavam mais dez.

– Theo?

A voz do Phil parecia metálica. De qualquer modo, não estava olhando para ele. Estava com os olhos fixos na carne atrás do balcão do restaurante grego. Um cilindro vertical de carne girando no espeto. Como uma coisa com cara tão suspeita podia ter um cheiro tão maravilhoso? Nem me lembrava da última vez que tinha comido carne, frango ou cordeiro. Aquilo era carne de cordeiro? Sempre achei cordeiro uma coisa nojenta, mas, se era isso que estavam cortando e colocando dentro de um pão sírio chapeado, não me pareceu nada nojento.

Também não me lembrava da

última vez que tinha comido outra coisa que não frutas ou legumes. Talvez pudesse trocar o dia de jejum da minha dieta. Para quinta-feira. Talvez o churrasquinho grego não contasse, porque eu e o Chris nunca comemos na praça de alimentação. Só no carro dele, nos balanços do parque abandonado ou na mesa atrás da loja de conveniência.

– Theo?

Me belisquei de novo quando o Phil falou meu nome. Com mais força, pra ter certeza de que não estava me enganando. Os ruídos da praça de alimentação foram ficando

mais altos, como se vivessem dentro de mim, e a voz do meu amigo foi ficando mais fraca. Eu estava tonta e com calor. Meu corpo todo estava quente, e aí o calor se concentrou na ponta das minhas orelhas, que estavam pegando fogo. Acho que foi aí que o Phil pegou no meu braço, me sacudiu para ver se eu estava bem, só que eu estava muito longe dali.

Continuei com os olhos fixos na carne, que não parava de girar, e tive que pensar em alguma coisa para tirar da minha cabeça que aquilo devia ser delicioso. Imaginei um cordeiro empalado naquele

espeto. Branco, peludo e fofinho, com olhos enormes e cílios longos. Mesmo assim, meu estômago não parava de gemer. Então imaginei que o homem atrás do balcão estava matando o cordeiro com uma faca de açougueiro bem afiada e reluzente e caí no chão quando vi o sangue escorrer.

O Phil me dedurou.

Não no mesmo dia. Consegui convencer os funcionários do shopping que só estava exausta por causa do calor, precisava apenas beber água e descansar um pouquinho. Aí tive que me

concentrar no meu amigo. Implorei para ele não contar para a mãe dele. Consegui convencê-lo a assistir ao novo filme do Wes Anderson. Falei que ia melhorar se ficasse no ar-condicionado.

Acho que nem eu nem ele entendemos nada do filme. O Phil passou tanto tempo olhando para mim quanto para a tela, e fiquei chupando cubinhos de gelo, fingindo que não tinha acabado de matar todo mundo de susto (principalmente eu mesma). Fiquei bem fraca com a nova dieta, só que estava dando certo. Já tinha perdido um quilo e ia encontrar

forças para ir até o fim. Mas desmaiar? Isso nunca tinha me acontecido.

Por sorte não tinha ninguém conhecido por perto. Um verdadeiro milagre. Provavelmente porque tivemos de ir até a cidadezinha ao lado: não tem shopping decente em Ashland Hills. E se isso acontecesse de novo? Não ia conseguir dar uma explicação convincente. Se mais alguém descobrisse que desmaiei, certamente ia ligar as duas coisas e me levar para o médico e tal. E todo o meu esforço iria por água abaixo.

Quando começou a passar os

créditos, e as luzes do cinema se acenderam, virei para o Phil e me agarrei no braço dele com todas as minhas forças.

– Você não pode contar pra ninguém – pedi.

– Jesus, Theo. Você está me machucando.

Aí se soltou, puxando o braço, e perguntou:

– Do que você tá falando?

– Você sabe... do que aconteceu hoje.

Finquei as unhas no braço estofado da poltrona.

– Theo...

– Você não pode contar. Só

cometi um errinho. Esqueci de tomar café da manhã e está fazendo mil graus lá fora. Foi um erro, Ok?

– Você já disse isso.

Então espremeu os olhos, ficou me encarando e mexendo na manga da camiseta do Jethro Tull. Naquela época, amava bandas de rock inglesas de antigamente mais do que tudo.

– Porque você precisa acreditar em mim – insisti.

– Como você consegue esquecer de comer?

O Phil enrugou tanto a testa que, se a sua mãe estivesse ali,

diria para ele tomar cuidado, se não ia ficar com a cara assim para sempre.

– Por favor, Phil. Se você contar para os meus pais, eles vão ficar putos, e vamos ter que fazer outra reunião com a Marisa.

Apertei o braço da poltrona para disfarçar quanto meus dedos tremiam.

– Como assim outra reunião?
Merda. Merda. Merda.

Na noite seguinte, se eu tivesse prestado mais atenção, teria me dado conta de que o Phil estava decidido a contar o que aconteceu.

Foi jantar lá em casa e estava educado demais, até comigo. Como sempre, ajudou meu pai a lavar a louça enquanto eu e a minha mãe passamos um pano na mesa da sala de jantar. E fui muito idiota de não suspeitar de nada quando os dois ficaram a sós. Ou quando meu amigo ficou olhando nos meus olhos um tanto demais antes de sair pela porta. Ele estava tentando, naquele momento, me pedir desculpas pelo que tinha acabado de fazer.

Estava cansada demais para perceber. Estava muito cansada de tudo. De fingir que comia, de fingir

que estava bem, apesar de meu melhor amigo continuar desaparecido e meu namorado ter me abandonado. De me beliscar até deixar marcas roxas. Estava cansada de fingir que era forte como aquelas meninas dos fóruns pró-ana da internet: PrincesaPalito, MagratéMorrer e FolhadePapel. Nenhuma falava de desmaio. Nenhuma estava sentada aqui, na segunda semana da dieta do arco-íris, mordiscando um espetinho de frango porque estava cansada demais para pensar num jeito de pular essa refeição. Quinta-feira era meu dia vermelho. Deveria jantar

só meio pimentão. Não meio pimentão vermelho enrolado em carne cheia de calorias. Ou será que quinta era o dia laranja? Eu estava cansada demais até para levantar e ir checar no computador.

Não tinha importância. O estrago já estava feito.

Meus pais não sabiam o que fazer comigo. Nunca tinha dado trabalho de verdade, até aquele momento. Sempre tirava nota oito, era completamente dedicada ao balé e mais do que capaz de tomar conta de mim mesma nas horas em que não podiam estar comigo. Quando se deram conta de que

quase não tinham me visto comer nos últimos meses e de como a Marisa e o Phil estavam preocupados, surtaram e me internaram. E ficaram tentando descobrir o que tinham feito de errado.

Porque eles conversavam comigo sobre o Donovan. Pra caramba. Faziam questão de que eu soubesse que o caso não tinha sido encerrado só porque meu amigo ainda não tinha aparecido. Perguntavam como eu estava me sentindo. O tempo todo. E, quando achavam que estava passando muito tempo sozinha, o Phil tocava

a campanha como num passe de mágica e me convidava para ir ao clube, ver um filme ou almoçar na casa dele.

Talvez, se eu fosse uma pessoa melhor, teria contado para eles sobre o Chris. Mas, toda vez que pegava uma caneta para escrever uma carta confessando tudo ou estava prestes a falar (num dos dois telefonemas semanais que me permitiam dar em Juniper Hill), eu mudava de ideia. Me lembrava do que o meu ex tinha dito, que ninguém ia entender o nosso relacionamento. Apesar do pouco tempo que nos conhecíamos, nosso

amor era verdadeiro e insubstituível. Era especial. E, se alguém descobrisse, ia querer estragar tudo.

A expressão do Donovan quando nos pegou atrás da loja era só um exemplo. Eu acreditava no Chris. Mesmo depois de ele ter ido embora sem se despedir.

O Phil me mandou várias cartas enquanto fiquei em Wisconsin. Uma por semana. À moda antiga, de papel e envelope. Jamais respondi.

Mas li todas. Nunca tinha nada importante. Nas primeiras três, ficou só se desculpando e explicando que estava muito

preocupado, que achava que não tinha escolha. Nas próximas, contou como passou o verão, e essas cartas são uma prova de que o Phil é muito mais chato quando não estou por perto.

Guardei cada uma das cartas. Numa caixa no fundo do meu armário, junto com as matérias sobre o Donovan. Meus pais estavam cheios de segredinhos naquela época, e o jornal sumia pela casa no mesmo instante em que era entregue na nossa porta. Mas eu ainda podia usar o computador, então imprimia coisas da internet e guardava todas

juntas, com um clipe, debaixo da única coisa que tenho do Chris: uma margarida desidratada.

Ele as comprava na loja. Flores já meio velhas, de dois dias. Ficavam na promoção, e meu ex não pagava quase nada. Eu não ligava. Íamos para o parque e, enquanto estava olhando pelo vidro do carro, uma única margarida aparecia no meu colo. Deixava as pétalas retorcidas e os caules secos passarem batido porque achava que flores de dois dias ainda eram bonitas. Porque ninguém além do meu pai tinha me dado flores.

Às vezes, ficava imaginando qual

seria a reação do Phil se descobrisse que suas cartas estão guardadas perto de uma coisa que o Chris me deu. Penso na cara que faria se contasse sobre meu ex-namorado, quanto tempo ia demorar para ele entregar a história aos meus pais.

De qualquer modo, nem sei direito o que poderia contar para o meu amigo. O Phil nunca se apaixonou. Acho que não entenderia que tive um namorado secreto. Principalmente naquela época. Ele sabia o que era amar, mas não do jeito que eu amava. Faria qualquer coisa pela mãe, pelo

Glenn. Mas não tinha ideia do quanto o amor de alguém que não é da sua família é ainda melhor, ainda mais especial, porque essa pessoa não é obrigada a te amar. Te ama porque quer estar com você, porque te escolheu.

Pelo menos era nisso que eu acreditava quando se tratava do Chris.

16

O PERÍODO EM QUE A GENTE É OBRIGADO A ESTUDAR DENTRO do colégio é um tipo de inferno bem específico.

Não seria tão ruim se as regras valessem mesmo. Só que estou numa classe cheia de alunos do primeiro e do último ano que não dão a mínima para nada. E não são só os alunos. O sr. Gellar supervisiona esse período, e é um

inútil quando não está tagarelando sobre substâncias orgânicas e inorgânicas ou riscando um cinco e meio bem grande e vermelho na minha prova de química.

Normalmente, sento no meio da sala, na fileira mais perto da porta. Bem longe da turma do fundo (que faz de tudo para não passar uma imagem ligada aos estudos), mas também não muito na frente. Gosto de enxergar o que acontece na sala e ficar sabendo o que rola, mesmo quando não estou envolvida.

Dois dias depois do meu encontro com o Hosea no

laboratório, o Klein entra na sala, logo depois de tocar o sinal. Ele nunca traz caderno ou lápis para essa aula. Nem finge que está ali fazendo outra coisa que não seja agir como um completo cuzão. O Gellar não tira os olhos das palavras cruzadas. Parou de fazer chamada e de anotar quem chega atrasado na terceira semana de aula. É um milagre que alguém apareça.

O Klein costuma sentar no fundão, junto com os amigos drogados, mas hoje se enfia na cadeira atrás de mim. Empurra a mesa para a frente até ficar

praticamente em cima de mim e põe a boca tão perto do meu ouvido que me sinto violentada.

Sinto a respiração dele na minha pele.

– Olha, não fui eu que te contei, mas a Ellie Harris tá puta contigo.

Meu estômago fica completamente embrulhado. Viro a cabeça um pouquinho, só para mostrar que ouvi o que ele disse. Não vou ficar de frente para o Klein, senão o cara vai conseguir ler nos meus olhos o que estou pensando.

– O que foi que eu fiz pra Ellie Harris? – pergunto.

Além de beijar o Hosea e querer

que ele seja meu namorado? Mas o que rola entre nós não são só uns amassos. Temos uma conexão. Um lugar.

– Ela acha que você tá pegando o namorado dela – responde, bem baixinho.

– E daí? – Meu coração dá três batidas fortes na sequência.

Meu colega estica o pescoço e chega tão perto que me sinto incomodada e me obrigo a olhar pra ele. Está com olheiras e com os lábios ressecados. Parece que não dorme há dias.

– Acha que o Hosea tá traindo ela com você, Pernuda – explica. Aí

se inclina para a frente, fazendo barulho com a mesa e segurando meu ombro com tanta força que me encolho toda. – Disse que viu vocês conversando muito ultimamente.

Como assim conversando muito? No coreto da festa do Klein e...

– Onde?

Viro para trás, para olhar melhor o meu colega. Ele se assusta e espreme aqueles olhos verdes.

– Vai me dizer que você não sabe a resposta pra essa pergunta, Pernuda?

Me dá vontade de arrancar aquele sorrisinho malicioso da cara dele a tapa.

Mas que merda! Será que alguém nos viu perto do laboratório? Tomamos tanto cuidado... esperamos até não ter ninguém no corredor e entramos e saímos separados. Só pode ter sido a Lark. Será que ela contou para a Ellie que me viu com um cigarro de cravo no bolso? Pode até ser, mas não tem como provar que ganhei do Hosea. Ou será que alguém nos viu passeando de carro aquela noite em que assisti ao vídeo do Donovan? Não pode ser. Isso seria prova suficiente para ela confrontar o Hosea, em vez de ficar só especulando com o Klein. Isso se

ele estiver mesmo dizendo a verdade.

– Tenho nojo de fofoca – digo, mandando o meu olhar mais mortífero. – Você deveria tomar conta da sua vida.

Meu colega levanta as mãos, fingindo que está se entregando para a polícia.

– Olha, só tô te dando um toque. Sem julgamentos. Mas é que o Hosea é meu amigo, e você... bom, achei que você devia saber.

Me viro para trás de novo e disparo:

– E eu acho que você devia me deixar em paz.

O Klein aperta de novo meu ombro com muita força. Puxa a mesa para trás, levanta e vai sentar no fundo com os outros lesados. Mas, antes, dá uma indireta:

– Bom te ver também, Pernuda.

A porta da sala se abre, e o Gellar finalmente levanta aquela cabeça cheia de cabelo branco desgrenhado. Alguém da secretaria entra com um papel azul na mão. Todo mundo que percebeu a cena está encolhido, rezando para não ser o destinatário do papel. Azul significa ter que falar com a Crumbaugh e, numa classe como essa, qualquer um pode ser

chamado. O Gellar lê o nome que está escrito e resmunga:

– Theodora Cartwright.

Este dia piora a cada minuto que passa.

Não faço a menor ideia do que a Crumbaugh quer comigo, mas solto um suspiro, enfio todas as minhas coisas dentro da bolsa e saio da sala atrás do bedel. Meu único consolo é não ter mais que aguentar os olhos do Klein me fuzilando pelos próximos sessenta minutos. Olho para o Gellar. Está com a cabeça baixa. Lambe o dedão e vira a página do livro para começar uma nova palavra cruzada.

Não sei o que me espera na sala da Crumbaugh, mas não pode ser meus pais.

Só que são eles mesmos que encontro quando entro lá. E tem mais uma cadeira me esperando, no meio dos dois. Sento, ainda que sem paciência pra gentilezas. Quando a Crumbaugh me dá "oi", só dou um sorriso forçado, olhando para os meus pais.

– O que vocês estão fazendo aqui? – pergunto, empurrando a cadeira um pouco para trás. Não quero ficar tão perto da mesa da Crumbaugh.

– Desculpe te tirar da aula – diz

o meu pai, com um tom de incerteza, o que não é um bom sinal.

– A gente veio pra cá assim que... – a voz da minha mãe some, parece que ela não sabe como terminar a frase. Como se não fosse nem tentar. Está maquiada: um toque de rímel nos olhos amendoados, batom bordô discreto nos lábios finos. – E a sra. Crumbaugh fez a gentileza de emprestar a sala para a gente conversar com você.

Sim, fez a gentileza de emprestar a sala e ficar a meio metro de distância, ouvindo toda a

conversa. Ela realmente é sensacional.

Estou suando nas mãos porque acho que descobriram tudo sobre o Chris Fenner. E, em vez de ir direto falar com a polícia, vão me obrigar a falar dele, bem aqui nessa sala, na frente da orientadora.

– Querida – meu pai limpa a garganta, dá uma olhada rápida para a Crumbaugh e se vira para mim. – Theodora, há novidades no caso. Tem a ver com o Donovan.

– Ele voltou a falar? – minha voz treme tanto que até eu fico surpresa.

– Bom, não – diz meu pai. Aí se

inclina um pouco para a frente, com as mãos apoiadas nos joelhos. – Mas indiciaram o sequestrador do Donovan hoje de manhã.

Certo. Como pude esquecer disso por um segundo sequer está além da minha compreensão. Acho que minha conversa com o Klein não era mesmo a pior coisa que podia acontecer.

– Ele se declarou inocente.

Pela voz, parece que o corpo inteiro do meu pai dói para dizer essas palavras.

Inocente.

Vou ter que testemunhar.

Minha cabeça começa a latejar

imediatamente, atrás dos olhos. A dor fica pulsando, contínua e forte, no mesmo lugar, quando começo a pensar no que isso significa. O Chris Fenner podia ser muitas coisas (sedutor, focado, birrento quando não conseguia o que queria), mas não era nenhum idiota. Mesmo que o Donovan não tenha fugido com ele por vontade própria, deve pensar que meu amigo não vai dizer nada que o comprometa seriamente.

– É um caso complicado
– continua meu pai, ajeitando os óculos. – O Donovan não quer falar e não deixa ninguém tocá-lo. É

claro que encontraram um pouco de... DNA daquele homem nas roupas dele.

– Como assim, DNA? – Quase sussurro essas palavras e olho fixamente para a manga da camisa social branca dele, passada com perfeição. Está usando abotoaduras pequenas e ovais. Prateadas.

– Nada de... não. Fios de cabelo. Células de pele – se embanana meu pai, coçando o queixo bem barbeado. – Coisas que se encontram na roupa de quem morou na mesma casa, mas nada que prove que o que aconteceu teve...

– Natureza sexual – minha mãe finalmente abre a boca, olhando para o próprio colo. Cruza e descruza aquelas pernas finas umas duas vezes. Passa a mão pelo cabelo curto e cacheado antes de pousá-las no colo. – Não conseguiram provar que aconteceu algo desse tipo.

Acho que todo mundo naquela sala ficaria corado (minha mãe mais do que todo mundo) se não estivéssemos tão enojados pelo assunto sendo discutido. Agora olho fixamente para um desenho feito com tinta de dedo pendurado na parede atrás da Crumbaugh. Está

emoldurado.

– Não conseguiram fazer um...
exame completo – diz meu pai. – O
Donovan teria que permitir, e ele se
recusou...

Que merda.

– Vai ver esse tal de Chris é um
débil mental que não entende que
não pode ficar por aí andando com
meninos com metade da sua idade
– continua. – Vai ver não fez nada
com o Donovan. – Então sacode a
cabeça e comenta: – Mas isso é tão
raro de acontecer.

Aí limpa a garganta e explica:

– As testemunhas de acusação
vão ser cruciais nesse caso. Os

antigos vizinhos e colegas do Donovan. Qualquer um que possa falar sobre ele ou sobre a situação para garantir que esse cara receba a pena máxima.

Não consigo me concentrar. Meus olhos se mexem tão rápido que só consigo enxergar pedaços soltos da realidade. O joelho da minha mãe, os dentes do meu pai e aquela caneca ridícula da Crumbaugh, suja de batom pink.

Meu pai insiste:

– E as pessoas que falaram com ele no dia em que desapareceu – diz, baixando a voz – também vão ter que testemunhar.

– Quando vai ser isso? – minha voz quase não sai. Foi silenciada pelo medo.

– Está marcado para a terceira semana de janeiro. Daqui a menos de três meses.

Fico sem reação.

Se eu não falar nada, o Chris deve pegar alguns anos de cadeia, depois sair em liberdade condicional e fazer serviços comunitários. Aí vai poder morar onde quiser e começar uma nova vida. Se eu não disser nada, não vão ter muita coisa contra ele. A menos que mais alguém tenha uma história como a minha para contar.

PARTIE 2

17

FICO GIRANDO, APOIADA NUM PÉ SÓ. A SALA SE TRANSFORMA em borrões de cor e luz. Estendo a perna em linha reta desde o quadril, e ela volta como uma chicotada ao encontro do meu corpo. Muitas e muitas vezes. Para não morrer de tontura, olho um ponto fixo. Do outro lado da sala. Até aquele último segundo em que minha cabeça precisa acompanhar

o resto do corpo. O ar passa por mim tão rápido que faz clique nos meus ouvidos, forte e contínuo como um metrônomo.

É o que a gente chama de fouetté.

A Ruthie jura que a Margot Fonteyn foi a melhor intérprete de Odette/Odile de todos os tempos. Já assistimos a um monte de produções de O lago dos cisnes. Montagens antigas da nossa própria companhia, vídeos e até uma do Ballet Joffrey, que foi o melhor presente de aniversário que já ganhei na vida. A Margot Fonteyn era maravilhosa, a maior referência

que atuou esse papel, sem sombra de dúvida.

Mas a versão da Natalia Marakova é tudo pra mim. Chorei a primeira vez que a assisti. Seu controle e sua precisão saem tão sem esforço, ela interpreta de um jeito tão natural que realmente acreditei que tinha se transformado na Odile, o cisne negro sedutor que passou a noite dançando.

A coreografia da Odile é famosa por ter trinta e dois fouettés em sequência. Sem parar, só se equilibrando em uma única sapatilha de ponta, um passo que traduz toda a força e a beleza do

balé. Consigo fazer doze quase perfeitos sem parar e dezesseis se me esforçar muito. Você entra num transe, como se fosse um pião humano. Pronta para fazer o próximo (sempre pronta para fazer o próximo). Porque, se não estiver, perde o impulso. Para a máquina. Interrompe a história.

Não vou conseguir fazer tantos, mas quero chegar perto dos trinta e dois. Preciso dançar melhor do que nunca para chamar a atenção dos jurados da seleção para os intensivos de verão. Não quero que eles só reparem em mim: quero que fiquem maravilhados comigo.

Tenho câibras nos pés, meus ossos imploram por um descanso. Giro mais uma vez e paro. A finalização do movimento não foi das melhores, mas estou sozinha na sala, ninguém mais viu. E estou treinando faz tempo. Meu collant está ensopado.

Me olho no espelho. Costumava fazer isso, apenas ficar parada lá olhando até meu corpo ficar tão contorcido que parecia que eu estava na casa dos espelhos de um parque de diversões. Até virar um borrão com pescoço de geleia e pernas de macarrão. Ficava olhando até me sentir satisfeita, até não ser

mais nem um pouco parecida com a menina real que olhava para mim. Odiava aquela imagem distorcida dos meus braços, com as pernas e o tórax contorcidos, mas odiava ainda mais meu verdadeiro reflexo. Nunca estava magra o suficiente.

Viro de lado para me ver de perfil. Passo as mãos pelo corpo e fico imaginando o que o Chris acharia de mim. Quando estávamos juntos, algumas meninas do colégio já usavam sutiã de verdade, mas eu não precisava nem daqueles de criança, que servem só para ir se acostumando. Gostava de ser mais magra e mais disciplinada do que

as minhas colegas, mas odiava o fato de poder ser confundida com uma criança se ficasse na posição errada.

O Chris não ligava para isso. Dizia que eu era perfeita assim mesmo, que queria que todas as suas namoradas anteriores fossem como eu. Não tinha motivos para duvidar dele. Podia até ter o peito mais reto do sétimo ano, mas isso não o impedia de me tratar como se eu fosse mais velha, como uma daquelas meninas que tinham o corpo bem diferente do meu.

Um dia, ele ficou bravo comigo. Estávamos no parque abandonado,

já no banco de trás do carro. O Chris estava sem camisa. Eu tinha me habituado a tirá-la o mais rápido possível, porque suas camisas sempre cheiravam a mofo, pareciam que tinham ficado tempo demais na máquina de lavar.

Normalmente, eu usava um sutiã de bojo triangular, de malha. Básico e sem costura, só para não passar vergonha no vestiário quando tinha aula de educação física. Só que aquele dia pus um sutiã novo, que tinha comprado sozinha, com meu próprio dinheiro, para minha mãe não ficar me fazendo perguntas. Aquele que eu

escondia no fundo do armário, para ela não descobrir quando fosse verificar se tinha alguma roupa suja perdida.

Queria mostrar para o Chris que eu era adulta. Ele estava especialmente bonito naquele dia. Tinha acabado de cortar o cabelo, um corte que valorizava aquele rosto perfeito, com maçãs do rosto suaves e sobrancelhas fortes. Gostava de vê-lo sem camisa. Meu ex fazia academia. Muita academia, dava pra ver. Tinha o peito lisinho e largo, braços finos e fortes, magros e musculosos.

Só que ele não gostou muito do

meu sutiã. Fechou a cara e se atrapalhou todo para abrir o fecho nas costas. Desistiu depois de alguns minutos, jogou as mãos para o alto e perguntou:

– Que porra é essa?

– É novo – respondi, me encolhendo toda. Minhas costas ficaram grudadas no banco de vinil. Cruzei os braços por cima das taças de renda preta do sutiã que estava causando tanto problema e disse: – Achei que você fosse gostar. – Ele ficou vários segundos sem dizer nada, então completei: – Pelo jeito, não gostou.

– Nem começa a fazer manha

agora, Theozinha – falou, com um tom mais carinhoso. Aí passou o dedo de leve no meu nariz e explicou: – É que eu gosto mais dos outros.

– Você não acha meio... de criança?

Tinham que ser. Eram feitos para meninas que ainda não tinham peitos de verdade. Para garotinhas. O Chris devia pensar que eu era uma garotinha quando usava os outros sutiãs, não alguém de treze anos, madura o suficiente para namorar um cara cinco anos mais velho.

– Olha... você não é criança

– disse, com a voz calma e firme, piscando aqueles olhos que eu amava. – Você não é como as outras meninas da sua idade.

Aí me deu um beijo longo e molhado, dando a entender que a conversa acabava ali. Aí olhou para o relógio no painel do carro e pôs a mão na fivela do cinto. Eu sabia o que aquilo significava. Mas, como se fosse preciso explicar, ele pediu:

– Vem cá, preciso voltar pra loja em vinte minutos.

Mesmo assim, se o Chris gostava de mim do jeito que eu era, de peito pequeno e corpo de criança, como eu poderia reclamar? Faria

qualquer coisa para continuar sendo seu objeto de desejo. Nunca mais usei o sutiã de renda preta. Está guardado no fundo da caixa, junto com as cartas do Phil e a margarida, porque não sei onde enfiá-lo. E também porque não tenho coragem de jogar fora. Apesar de ser uma lembrança ruim, às vezes preciso de provas de que o nosso relacionamento realmente aconteceu.

Observo meu reflexo na parede de espelhos da sala e fico imaginando o que o Chris acharia de mim agora. O que vai pensar quando me olhar, sentado do outro

lado do tribunal, com aqueles olhos cor de âmbar que me convenciam a fazer qualquer coisa? E o que vou responder quando me perguntarem se o conheço? Já faz quatro anos.

Quatro anos que permanecem no mais completo mistério.

Preciso falar com o Donovan. Preciso continuar ligando até ele atender o telefone. Se for necessário, vou bater na sua porta. Mas tenho que saber uma coisa:

Você foi embora por que quis?

Se ele responder só a essa pergunta, vou saber o que fazer. Ficar de boca fechada sobre meu relacionamento com o Chris e

seguir adiante com a minha vida. Ou confessar tudo e mandar esse cara para a cadeia.

Todo mundo acha que ele abusou sexualmente do meu amigo, mas preciso ouvir isso da boca do Donovan.

Olho para o espelho de novo. Agora meus quadris têm mais curvas. Curvas demais para o meu gosto. Minhas coxas estão um pouco mais largas do que na época em que eu namorava, mas a maior parte é músculo. Foi o primeiro lugar onde engordei depois da minha temporada em Juniper Hill. Às vezes, sentava na beirada da

banheira antes de entrar no chuveiro e ficava apertando a mão em volta delas. Avaliando cada milímetro da minha pele, procurando sinais de celulite.

Não faço mais isso. Não todos os dias. Fiquei com preguiça no último ano. Esqueci que uma fatia de pizza aqui e um copinho de iogurte frozen ali engordam. Todo mundo fala que comer “só um pouquinho” disso ou daquilo não faz mal. Mas esse pouquinho pode ser a diferença entre conseguir fazer dezesseis ou trinta e dois fouettés. Entre dançar mais um ano no estúdio da Marisa antes de me formar no colégio ou

estudar numa escola de dança de verdade.

Ou pode simplesmente não significar nada. Faltam pouco mais de dois meses para o julgamento, e a seleção para os intensivos começa uma semana depois. Se eu descobrir que o Chris sequestrou o Donovan, se tiver que contar minha história no tribunal, não vou ser avaliada apenas pelas habilidades de bailarina. Pior ainda: pode ser que nem tenha a oportunidade de participar dos testes. Os jurados podem reconhecer meu nome, meu rosto, e sugerir, com toda a educação, que é melhor focar

minhas energias em outra coisa. A Ruthie disse que eles só avaliam se você dança bem ou não, mas acho que ninguém vai querer ter meu nome associado à sua escola se meu ex-namorado se revelar o pior tipo de criminoso.

Dou um encontrão no Hosea na entrada da academia. Está saindo do escritório da Marisa e parece surpreso em me ver. É a primeira vez que ficamos a sós desde aquele dia, no laboratório.

– E aí? – pergunta, arrumando a mochila no ombro e sorrindo para mim.

Esses sorrisos estão saindo com mais facilidade agora. Não devia ser tão difícil ignorar um cara que tem namorada. Principalmente depois do que o Klein disse sobre as suspeitas da Ellie. Me sinto mal quando penso no que estamos fazendo.

Ainda trocamos mensagens. Fico feliz de saber que ele pensa em mim, que quer ficar comigo. Só que, às vezes, acho que seria melhor se não ficássemos a sós com tanta frequência. Porque talvez o Hosea nunca termine com a Ellie. Pior ainda: e se terminar com ela por minha causa só para depois

terminar comigo quando eu contar a verdade sobre mim e o Chris no tribunal?

– Oi – respondo, sorrindo também. Com cuidado, mas também feliz porque, na maior parte do tempo, a academia é um lugar seguro.

– Você sempre fica até mais tarde? – diz, antes de eu conseguir perguntar o que estava fazendo no escritório da Marisa. Então segura a porta para eu sair, e olho para ele antes de passar, ao mesmo tempo amando e odiando aquele gesto de cavalheiro. Assim fica muito mais difícil deixar de gostar desse cara.

– Algumas vezes por semana. Só fazendo uns treinos extras.

– Até parece que você precisa – comenta. Aí fecha a porta com força, depois fica procurando a chave no bolso da frente da mochila e oferece: – Quer uma carona?

– Posso ir de trem.

É uma resposta automática, uma frase que me acostumei a dizer quando as pessoas me oferecem carona. E fico feliz que seja assim, senão teria hesitado. Provavelmente teria dito “sim” antes mesmo de ele terminar a pergunta, porque às vezes demora um tempinho para meu coração

acompanhar meu cérebro. É óbvio que prefiro ir de carro com o Hosea.

– Seus pais vão te buscar na estação? – insiste, me olhando com ar curioso. Será que ele tem ideia de como tem sido difícil para mim tentar evitá-lo?

– Não, confiam em mim o suficiente para me deixarem ir de carro até lá – digo. Ponho as luvas de lã, enfio as mãos nos bolsos do casaco e completo. – Só não me deixam vir de carro para Chicago.

– Bom, é no meu caminho, então te levo – fala. E já sai andando.

Fico parada em cima do concreto

da calçada.

– Não posso... não podemos.

Ele para e se vira pra mim. Com as sobrancelhas franzidas, aqueles olhos cinzentos piscando, com ar de surpresa.

– Sei que a gente não tem se encontrado muito ultimamente, mas... fiz alguma coisa que você não gostou?

Fico olhando os tijolos do lado de fora do prédio. Vermelhos. Desbotados pelo tempo. Iguais aos dos corredores da academia.

– Não, é que... coisas rolam quando ficamos a sós. Talvez a gente devesse pelo menos tentar

se comportar.

– Ah – solta. Aí se apoia na outra perna, põe a mochila no outro ombro. Não me olha bem nos olhos, mas para a rua, que está lotada de táxis buzinando, ônibus fazendo psssss, pessoas surtando dentro do carro, saindo do trabalho e voltando para um dos subúrbios. Então balança a cabeça e declara: – Nós dois vamos nos comportar, tá? Não fico com você só por causa disso. Gosto de conversar com você, Theo.

Ah! Pode até ser que eu seja fraca, mas só de saber que não é só uma coisa física, que ele não

espera nada... me sinto menos culpada de aceitar a carona. E aceito.

O carro está estacionado a algumas quadras do estúdio e, assim que saímos dali de perto, o Hosea se aproxima de mim. Um instante depois, me abraça. No começo, fico atordoada. Nunca ninguém demonstrou afeto em público por mim. Bom, acho que Klein demonstrou, mas ele não conta.

– Tudo bem? – pergunta, já que não falei nem uma palavra. – Juro que não estou tentando nada. É que parecia que você estava com

frio.

Respiro fundo. Solto o ar. Esse cara não está se comportando, mas respondo:

– Tudo certo.

Alguns segundos depois, relaxo encostada no corpo dele. Porque andar abraçada no Hosea é bom, e preciso me sentir bem neste momento. Amigos podem andar abraçados. Faço isso o tempo todo com a Sara-Kate e o Phil.

Sincronizamos nossos passos, caminhando pelo chão gelado. Deve nevar neste fim de semana. Se cair o tanto de neve que o homem da previsão do tempo falou,

o dia de Ação de Graças, daqui a duas semanas, vai ser uma brancura só. Não ligo para a neve, mas meus pais ficam ainda mais tensos de me deixar sair de carro. Começam a jogar sacos de areia dentro do porta-malas e gritar instruções de segurança toda vez que eu saio de casa. Acho que, se eu deixasse, colocariam correntes especiais nos pneus para dirigir na neve.

Odeio quando chegamos ao carro porque isso significa que o Hosea vai ter que mexer o braço. Estava tão quentinha. Me sentindo à vontade, como se aquele lugar

fosse meu.

E aí eu acabo com isso. Somos apenas amigos.

Ele abre a porta para mim de novo. Agradeço e sento no banco do passageiro do seu carro laranja. Ponho o cinto de segurança e fico com as mãos no colo, ainda de luvas, esperando o Hosea entrar.

O motor pega depois de algumas tentativas, e ele gira o botão do aquecimento, mas o carro ficou parado muito tempo. As saídas de ar despejam uma corrente de vento gelado. Ele o desliga e reclama:

– Odeio esse troço. Nada

funciona.

– Não é tão ruim assim – digo, apertando as mãos para o Hosea não perceber que estão tremendo de frio. – Pelo menos ainda anda, né?

– Acho que sim. – Ele meio que ri e fica esfregando e soprando as próprias mãos. – O Klein não anda aqui. Acha que todos os carros sem aquecimento nos bancos deveriam ser apreendidos.

– Bem coisa do Klein. – Sacudo a cabeça e completo: – Tô meio de saco cheio dele.

Olho para as pessoas sentadas num café do outro lado da rua.

Duas meninas de suéter escuro, rindo e tomando umas canecas gigantes de café. Me fazem lembrar da Sara-Kate, e me sinto estranha por esconder mais um segredo da minha amiga. Mas não preciso contar nada, porque não vai acontecer nada entre mim e o Hosea. Estamos nos comportando. E, se somos apenas bons amigos, não tem nada para contar, certo?

– O que foi que o Klein fez? – pergunta, olhando para mim. Esperando. Pronto para ouvir. Talvez um pouquinho nervoso.

– Ele disse que a Ellie tá puta...
– viro para ele, dirijo meu olhar

para seu casaco preto – ... comigo.

Pega o maço de cigarros de cravo que está perto do câmbio. Fica brincando com ele na mão e me oferece um. Recuso, e o Hosea acende um para si mesmo. Dá uma longa tragada, troca a marcha do carro e começa a andar na rua lateral em direção à via expressa.

– Bom, ninguém me falou nada – diz, soltando a fumaça pela fresta do vidro. – O Klein sabe que não suporto fofoca e mentira.

Não quero me importar, mas essa frase me faz perceber que me importo sim. Murcho um pouco quando o Hosea fala isso. Sei que

não devia ter a menor importância, porque esse cara não é meu namorado. Mas sinto como se ele estivesse desmerecendo nossa relação. Como se eu tivesse entrado nessa sozinha e imaginado tudo o que rolou entre nós.

– Mas não é mentira. Isso. Nós – falo, espichando as mãos naquele carro minúsculo.

– Não foi isso que eu quis dizer – explica, meio impaciente. – Óbvio que não é mentira. É que... não costumo trair minha namorada. E aí você...

Morro de vontade de saber como essa frase termina, mas, quando

viro para ele, vejo que seus olhos estão com um brilho estranho e acho melhor não perguntar. Não quero forçar a barra e fazer esse cara ir embora.

Então fico olhando pelo vidro, para as luzes do centro de Chicago que brilham à nossa volta. Me lembro de quando eu vinha pra cá quando era criança, como achava isso tudo muito mágico. Os prédios pareciam imensos naquela época, e adorava ouvir o barulhão do metrô aéreo quando andávamos pelas calçadas lotadas, desviando das lojas.

O carro está quieto demais.

Como o rádio está quebrado, dependemos dos ruídos vindos do lado de fora para quebrar o silêncio: o ronco falhado do motor, o zumbido dos carros nas outras pistas, o longo e alto gemido das sirenes a distância.

O Hosea entra com tranquilidade na via expressa, vira algumas vezes à direita e para numa rua residencial tranquila, perto da estação de trem de Ashland Hills. Se vira para mim, pronto para terminar o que começou a dizer lá em Chicago. Respira fundo e fala:

– Aí você apareceu e me fez sentir uma coisa... nova. Uma coisa

boa. Faz muito tempo que não me sinto assim, Theo.

Agora o aquecedor está funcionando a toda, despejando ar quente e fedorento no carro. Tiro as luvas, as coloco devagar no meu colo, uma em cima da outra.

– E a Ellie? – pergunto, com a voz fraca. Nunca imaginei que ele fosse falar dos próprios sentimentos tão abertamente. Será que isso significa que vai terminar com a namorada?

– A Ellie é... a Ellie – conclui, encolhendo os ombros. – Sabe do lance da música, mas não dá a menor bola. É por isso que não

contei que estou trabalhando na academia. Ela não me faz sentir vontade de ser uma pessoa melhor, como você faz. Não entende que é assustador... querer tanto uma coisa e não saber se você é bom nisso ou não. Acho que ela, às vezes, não sabe quem eu sou de verdade.

– Ela é quem sai perdendo. Todo mundo que te conhece de verdade tem muita sorte – falo. Baixinho, porque acho que não conseguiria dizer isso em voz alta.

– Isso é... a coisa mais legal que alguém já me disse.

O tom dele é tranquilo. Dá uma

última tragada no cigarro e apaga a bituca no cinzeiro lotado que fica embaixo do painel.

– É verdade – insisto. Fico mexendo nas luvas porque não sei onde colocar as mãos. Escutar que acabei de falar a coisa mais legal que ele já ouviu é a coisa mais legal que já ouvi.

O Hosea olha para o câmbio, fica batucando com os dedos e pergunta:

– Você falou alguma coisa para a Marisa?

Faço uma cara de espanto e respondo:

– Sobre nós? Óbvio que não.

– Não, quer dizer... daquilo que falei sobre o conservatório. Ela me chamou no escritório para perguntar quais eram meus planos para depois de me formar no colégio. Me deu umas partituras que achou que eu ia gostar e disse que conhece alguém do Instituto de Música da Universidade de Colúmbia. Ela disse que podia me apresentar, se eu quisesse conversar sobre concorrer a uma vaga. Por que a Marisa faria uma coisa dessas se você não comentou nada para ela?

– Porque não é nenhum segredo que você é bom e devia pensar

seriamente em estudar música, Hosea. – Olho para o câmbio, com vontade de que aquela mão estivesse me tocando em vez de estar ali. – A Marisa gosta de ajudar quem se dedica.

– Me disse para eu pensar no que quero fazer no próximo outono, que posso praticar no piano da academia quando não tiver aula. De graça. – O tom dele é incrédulo, os olhos estão arregalados. – Você sabe quanto tempo faz que não toco num piano de verdade? Tipo, a minha própria música? Tenho um em casa, mas é difícil compor naquele negócio. É de cauda, mas

velho, tá uma merda e...

Sua voz vai sumindo porque ele está tão atordoado com a bondade da Marisa que não sabe o que dizer.

– Você vai topa, não vai? – pergunto, para encorajá-lo.

– Acho que sim – responde, se encostando no apoio de cabeça.

– Mas...

– Mas... você não acha que a Marisa está só sendo legal comigo?

Olho fixo para o pulso dele. Imagino meus dedos ali em volta, sentindo aquela pulsação quente e rápida contra a minha pele. Nós nos entendemos. Nós gostamos um do outro. Não estou imaginando isso.

– Não acho – respondo. – E a sua professora de piano também não te disse aquelas coisas só para ser legal. Nem eu. Você é bom. Bom mesmo, Hosea.

Então me olha e solta um suspiro longo e silencioso. Então me beija, com vontade. Mas não é uma coisa autoritária (como fazia o Chris) ou caótica (como era com o Klein). É um desejo ardente, que me faz parar por um momento, olhar para ele e retribuir o beijo, também com vontade. Um beijo tão cheio de urgência e excitação que devo estar irradiando esses sentimentos. Me afasto, olho de

novo para ele e fico me perguntando por que é tão difícil me controlar quando estou com esse cara.

– Ei – diz, passando a mão no meu cabelo e apertando o meu coque. – Podemos parar por aqui. Eu deveria parar por aqui. Não queria quebrar minha promessa.

Já era.

– Não – falo. Meu peito sobe e desce tão rápido. Nós dois estamos com a respiração acelerada. Quase ofegantes. – Não pare.

O Hosea dá um sorriso.

Tiramos os casacos, e ele volta para perto de mim. Abaixa a cabeça

até a altura do meu pescoço, roça os lábios nos meus ombros. Enfia os dedos por baixo daquelas camadas de roupa e toco sua pele. Fico passando as mãos pelos músculos das suas costas.

Aquelas mãos fortes de quem toca piano traçam as linhas do meu corpo e fico me perguntando se ele se decepcionou. Sou bem diferente daquilo a que está acostumado, as curvas da Ellie devem ser outra coisa. Mas o jeito que me olha, entre um beijo e outro, e levanta minha blusa, centímetro por centímetro, explorando devagar o que está por baixo, me faz sentir

que sou a única garota que esse cara já quis na vida.

O Hosea passa o dedo por baixo do cós da minha calça jeans, e me encolho. Só um pouquinho. Mas o suficiente para ele perceber, se afastar e soltar um suspiro dizendo:

– Desculpa.

– Não, não é isso. É que...

Me sinto tão aérea, tão feliz, confusa, errada e bem. Mas não confio em mim mesma quando estou com esse cara. Preciso saber se existe alguma esperança de ficarmos juntos de verdade. Em público, não dentro de um carro estacionado numa rua escura.

Ele me olha, cheio de expectativa, com o rosto corado e o mesmo calor nos olhos.

– Você vai... – Minha voz sai estranha. Limpo a garganta e completo: – Você vai terminar com ela?

O Hosea ergue as sobrancelhas, depois baixa. Não faz exatamente uma careta. Mas, seja lá o que for, essa expressão não é boa. Se encosta no banco do carro, longe de mim, e acho que isso deve ser um sinal involuntário. Uma prévia da resposta. Como se já não desse para adivinhar só pela cara dele.

– As coisas não são tão simples

assim, Theo – diz, com os olhos fixos no painel, numa tira de celofane enrolada no canto. Passa o maço de cigarros de cravo de onde ela veio pelo console e responde: – Faz quase dois anos que a gente namora.

Finjo que a minha garganta não está doendo e digo:

– Mas você me faz sentir uma coisa boa também.

– O que devo fazer? – fala, jogando as mãos para o alto. – Dizer pra ela que conheci outra pessoa e terminar, simples assim? Não posso fazer isso do nada, depois de dois anos.

– Você deve seguir seu coração.
– Olho para as minhas mãos. Ficaram geladas desde que parei de tocá-lo. – Seu coração não diz para ficar comigo?

– Seguir meu coração, sei – resmunga. Então respira fundo, como se estivesse tentando controlar a própria irritação, e dispara: – Falar é fácil. Não é você que precisa tomar essa decisão.

Abro a porta e levanto, puxando meu casaco. O Hosea fica olhando para o banco com uma cara atônita. Parece não fazer a menor ideia do motivo de eu não estar mais sentada. Mas acorda quando saio

do carro e bato a porta.

– O que você tá fazendo?

Um arrepio atravessa meu corpo inteiro. Está muito frio. E eu estou aqui, nesse frio ridículo, numa rua ridícula que não é a da minha casa, brigando com o namorado de outra menina. O que estou fazendo?

– Vou caminhar até a estação, pegar o meu carro e ir para casa. Obrigada pela carona.

Tremo tanto que é um verdadeiro milagre conseguir vestir o casaco. Fechar os botões nas casas certas, então... mas meu cérebro manda minhas mãos trabalharem mesmo assim.

– Anda, Theo. Não faz isso – diz, um pouco irritado.

– Então não fala assim comigo.

– Assim como?

Ele está em pé, parado perto do carro, com uma mão na porta e a outra na listra preta que atravessa o teto.

– Não me conte seus sonhos e diga que se sente bem quando está comigo para depois falar que não pode tomar uma decisão. – Minhas mãos trêmulas desistem de fechar os últimos botões. Puxo os lados do casaco bem junto de mim e continuo: – Não quero ser sua namorada secreta. Não quero que

você me queira só quando não tiver mais ninguém por perto.

Já tinha feito isso e, se tivesse dito algo assim antes... talvez o Donovan jamais tivesse ido embora. Talvez minha vida não tivesse se transformado nesse desastre.

O Hosea sacode a cabeça, olha pra mim e diz:

– Você acha mesmo que é isso que sinto por você? Acha que não quero ficar com uma menina tão incrível?

Não sei no que acreditar, mas com certeza não deve ser no meu coração. Ele fica todo animado,

como se esse cara tivesse dito algo importante. Mas sei que, quando o Chris falava esse tipo de coisa para mim com toda a ternura, toda a paixão, nunca dizia a verdade. Não no fim.

Você é minha namorada, Theo. Mas, se contar isso para alguém, vão me prender. Não ia mais poder te ver, nunca mais, e você sabe que eu não ia aguentar.

Não posso ficar sem você.

Você precisa me prometer que não vai contar para ninguém. Jamais. Preciso de você.

– Não posso... – falo baixo, mas a rua está tão silenciosa que a

minha voz parece chegar ao topo das árvores quase sem folhas e ecoar pelo teto daquelas casas praticamente idênticas. – Não posso... ficar com você em segredo e te ver de mão dada com ela quando todo mundo está olhando.

– Theo...

O Hosea solta as mãos do carro e as deixa ao lado do corpo.

Mas já estou andando. Consigo ver as luzes da estação. É do outro lado da rua, a meia quadra. Se erguer o pescoço, acho que consigo até enxergar meu carro. É só um ponto preto debaixo dos halos suaves de luz no estacionamento,

mas enxergo. E não está muito longe, posso andar até lá, mesmo numa noite gelada como esta. Puxo a gola do meu casaco, ponho as luvas desajeitadamente e enfio as mãos nos bolsos.

Ouçó ele chamar o meu nome atrás de mim mais duas vezes, mas sigo em frente. Continuo andando como se não tivesse ouvido nada. Como se dar as costas para o Hosea Roth doesse mais nele do que em mim.

18

FALTA UMA SEMANA PARA O DIA DE AÇÃO DE GRAÇAS, E AS janelas engorduradas da fachada do Casablanca's estão decoradas com perus de papel e folhas de outono feitas de papelão. As mesas têm abóboras de plástico. Alguém bem que podia tirar o pó delas.

Falta uma semana, mas lá fora parece que é Natal, de tão frio.

Quando você vê as pessoas andando de cachecol e chapéu de lã antes do fim de novembro, pode apostar que o inverno vai ser rigoroso. Enterro o nariz embaixo do meu cachecol grosso de tricô; uma rajada de vento gelado consegue atravessar todas as camadas de roupa que estou vestindo.

As pessoas sentadas no balcão se viram e me fazem cara feia, como se eu tivesse esperado de propósito a rajada de vento passar para abrir a porta. As caras que as pessoas fazem durante o inverno em Chicago, só por você existir, às

vezes te dão vontade de voltar para o frio. Fico de cabeça baixa e vou até a mesa da Sara-Kate e do Phil.

Só que o Phil não está. Não vi seu carro no estacionamento, mas pensei que podia ter vindo de carona com a Sara-Kate. Isso jamais teria acontecido antes desse ano, quando eles ainda nunca saíam sem mim. Sempre fui o elo entre os dois. O Phil estava sentado comigo na cantina, no primeiro dia do primeiro ano, quando a Sara-Kate se aproximou com uma porção de nuggets de frango, toda vermelha, perguntando se podia se sentar conosco. Me dei bem com

ela logo de cara. Mas o Phil tinha suas dúvidas. Em parte porque tem medo de gente nova, em parte porque achava que algum dia o Donovan ia aparecer, e não teria lugar para mais uma pessoa no nosso grupo.

Não sei exatamente o que mudou entre os dois, mas alguma coisa mudou. É estranho. Você pode estudar com uma pessoa a vida inteira, esbarrar com ela nas festas por anos e anos, e aí alguma coisa muda. Queria poder apontar o momento exato em que isso acontece, mas talvez não seja um momento. Talvez seja algo que

estava lá o tempo todo e ninguém percebeu.

Me acostumei tanto a ver o Phil sentado do lado da Sara-Kate que ela parece incompleta na nossa mesa. Está de cabeça baixa, vendo uma revista de moda bem grossa. O cabelo chanel assimétrico pintado de abóbora em homenagem ao feriado.

Quando vê que estou me dirigindo até a mesa, minha amiga logo põe a revista de lado.

– Você sabia que o Casablanca's tem um menu especial de Ação de Graças todo ano? – pergunta. Aí pega um dos cardápios, cheios de

páginas a mais com propaganda do jantar, e descreve: – A qualquer hora do dia, você pode comer peru, escolhendo carne branca ou escura, purê de batata, um legume cozido, pãozinho e uma fatia de torta de abóbora. Tudo por nove e noventa e nove.

Sento na frente dela e digo:

– Isso é meio triste.

A Sara-Kate guarda o cardápio e brinca:

– Considerando que eles nem conseguem identificar qual é o legume cozido, é um jantar de Ação de Graças bem triste mesmo.

– Não, ter que jantar aqui é que

é triste. – Coloco o chapéu no sofá, ao meu lado, mas não tiro o cachecol. – Dá para imaginar a Jana num feriado? Ela deve mandar você ir se danar quando traz a torta de abóbora.

Minha amiga dá risada e olha para o balcão, onde a Jana está gritando com um dos cozinheiros, e comenta:

– Pode não ser tão ruim assim. Melhor do que ouvir minha tia-avó dizer que eu me visto como uma vagabunda.

Apoio os cotovelos na mesa de fórmica e fico olhando para a aquarela desbotada de gerânios,

pendurada na parede, ao nosso lado.

– Queria que a gente pudesse passar o dia de Ação de Graças juntos. Sem pais nem parentes engraçadinhos.

– A gente ia comer só os carboidratos – diz ela, balançando a cabeça. – Por algum motivo, aquele peru gigante de perninhas minúsculas me deixa tão triste.

Ou podíamos pular a refeição toda. Algo que, ultimamente, tenho feito cada vez mais. Não a todo vapor, como antes. Sei que não posso ultrapassar o limite. Mas, com o julgamento marcado para

daqui a oito semanas, preciso de alguma coisa que me faça parar de pensar que ainda não consegui falar com o Donovan.

Tentei ligar hoje à tarde, a caminho do balé. Mais uma vez, o telefone tocou, tocou, tocou... e, mais uma vez, fiquei esperando alguém atender. Desliguei, contei até dez e liguei de novo. Tocou duas vezes antes de cair a ligação. Ouvi um vento rápido e um clique baixinho antes de sei lá eu quem desligar. Nem me surpreendi de não ter dado tempo de dizer “alô” ou pedir para falar com o Donovan. A polícia disse para a sra. Pratt não

desativar o telefone fixo, caso o Donovan tentasse ligar para casa ou alguém que tivesse uma pista quisesse entrar em contato. Por que será que ela não desligou a linha agora que o Donovan está de volta? Se não me atenderem num futuro bem próximo, vou ter que ir até lá. Obrigá-los a me deixar entrar. Obrigá-lo a falar comigo.

Pensar em comida (exatamente o que vou comer, quando e quanto) me ajuda a esquecer o julgamento e que não faço a menor ideia do que dizer quando subir no banco das testemunhas. Anotar o que como todos os dias me impede

de pensar obsessivamente em quanto tempo tenho até o julgamento.

Sessenta. Ainda tenho sessenta dias. Exatos dois meses.

Olho para a Sara-Kate e percebo que está mexendo os lábios de novo. Falando alguma coisa que não tenho ideia do que seja, mas aí ouço o nome do Phil.

– Onde ele tá?

Ela me olha feio e rói a unha descascada, pintada de amarelo. Está usando luvas sem dedo de lã cor-de-rosa bem macia.

– Acabei de te falar. Ele tá com o Hosea.

– Ah.

Meu estômago se revolta e tento fazer cara de nada, mas sinto minha amiga me olhando, tentando desvendar minha reação ao ouvir o nome dele.

Tenho saudade de tudo: de trocar olhares pelo espelho da academia, de ouvir o Hosea falando meu nome. Fiquei com saudade no mesmo instante em que dei as costas para esse cara, e agora não sei como consertar a situação. Fico repassando a nossa conversa na minha cabeça todas as noites, pensando no que poderia ter acontecido se eu não tivesse dito

nada, e continuássemos ali, no amasso. Será que teríamos transado? Será que ia me sentir de novo como quando era chamada de Theozinha? Ou teria sido uma coisa rápida e meio bruta, que ia me deixar vazia por dentro?

Nas semanas anteriores, eu e o Hosea nos encontramos por acaso tantas vezes... Mas, agora que quero muito vê-lo passar, parece que o cara sumiu. Fico procurando nos cantos do corredor do colégio, quando caminho da estação de trem até a academia, no estacionamento da escola quando chego. Vai ver, foi um erro ter dito

que não podíamos nos ver enquanto ele namorasse a Ellie. O pior é que não posso conversar com ninguém sobre isso porque, para começar, nunca deveríamos ter ficado.

– Uma moeda pelos seus pensamentos... – diz a Sara-Kate, sorrindo.

No primeiro ano, tinha um cartaz na porta da sala da Crumbaugh com essa frase. Quem o fez desenhou as letras gordinhas e sombreadas com todo o cuidado. Mas só demorou uma semana para alguém riscá-lo e escrever com canetinha preta: E CEM DÓLARES

PRA VOCÊ NOS DEIXAR EM PAZ,
PORRA!

– Fiquei com um cara. Um cara com quem eu não deveria ter ficado.

Minha amiga se inclina para a frente, com os braços esparramados na mesa, as pontas dos dedos a centímetros de distância das minhas. Abre os lábios carnudos numa expressão de surpresa e, por um instante, parece tão horrorizada que fico imaginando se pensou que fiquei com o Phil.

– Com o Hosea – continuo, antes que a imaginação dela fique fértil demais. Enrolo os dedos no

cachecol e confesso: – Já aconteceu algumas vezes.

Solto um longo e profundo suspiro. É um alívio admitir, ter mais alguém sabendo. Talvez seja mais fácil ficar longe dele se alguém mais souber da minha fraqueza.

– Eu sabia – fala. Mas não daquele jeito esbaforido e satisfeito de quem acabou de confirmar uma fofoca. O tom foi mais de alívio, como se tivesse conseguido resolver um mistério sem tanta importância. – Não que você tinha ficado com ele, mas... sabia que estava rolando alguma coisa. Sem

querer ofender, você tem andado meio estranha ultimamente, Theo. Não sabia se era só por causa do Donovan ou se tinha mais alguma coisa. Mais alguém.

– Ele é legal – digo, apoiando o cotovelo na mesa e segurando o queixo com a mão. – Gosto de conversar com o Hosea. Gosto de... bom, gosto de tudo.

A Sara-Kate se encosta no sofá de novo. Puxa os joelhos para o peito, se encolhe no canto de vinil cor de cereja e pergunta:

– Ele beija bem?

– Melhor do que ninguém. – Dou um sorriso involuntário. – É

gostoso. Quer dizer, não transamos, mas... quando estou com ele... ele... a gente se entende.

– Bom – diz ela, bem devagar.

– Isso tudo é ótimo, mas o cara tem namorada.

Namorada. Parece que o chão se abriu entre nós duas.

– É. – Olho pela janela, para o estacionamento, onde um pai atormentado tenta colocar duas crianças pequenas e encasacadas nas cadeirinhas do banco de trás. Elas gritam e saem correndo em volta dele, e o pai se abaixa para conversar. Aí conto: – O Hosea não vai terminar com a Ellie.

Minha amiga enruga a testa, ergue as sobrancelhas e dispara:

– Ele te disse isso?

Perguntas como essa normalmente vêm seguidas de afirmações como Que cuzão. Que bom que ela se segura. Não quero que a Sara-Kate pense que o Hosea é um cuzão.

– Disse que era difícil tomar essa decisão, e falei que ele não precisa se dar ao trabalho. – O pai lá fora está ficando frustrado. Fica de pé e aponta para as cadeirinhas com o dedo indicador, com um ar firme. As crianças param de fazer joguinho e mudam de atitude, se

agarram nas pernas do pai e pisam nos seus pés grandes com seus pezinhos. – Acabou.

A Sara-Kate coça o joelho da calça boca de sino surrada.

– Tem certeza?

– Tenho – digo, olhando bem nos olhos dela e tentando descobrir se estou mentindo. – Acabou mesmo. Então, por favor... não comenta nada com o Phil.

Balança a cabeça, com um ar solene. Sabe tão bem quanto eu que ele não receberia essa notícia tão tranquilamente, ainda mais porque envolve dois dos seus amigos.

Agora que confessei o que fiz com o Hosea, o que aconteceria se eu contasse do Chris Fenner para a Sara-Kate? Se contasse tudo, desde como a gente se conheceu; o que fizemos, nos mínimos detalhes, e que vou ter que encará-lo no tribunal muito em breve? Contar que vou olhar na cara dele pela primeira vez depois de quatro anos.

Sempre pude confiar na Sara-Kate. Talvez, se eu dissesse pra ela, não me sentiria enjoada desde o momento em que acordo até o instante em que consigo pegar no sono. Tomei tanto antiácido nas últimas semanas que não faz mais

efeito.

São só cinco palavras: Preciso te contar uma coisa.

Depois de dizer isso, não tem como não contar. Não dá para deixar a outra pessoa no vácuo, não depois de ter chamado a sua atenção.

– Você acha que sou má?
– pergunto, levantando a mão para tocar na minha bochecha. O calor toma conta dos meus dedos.

– Acho que você é normal. Que tem sentimentos – responde. Aquele rosto suave, redondo, parece o de uma boneca de porcelana. Ela para e pensa um

pouco. – Mas achei bom você ter terminado essa história. Antes de se apaixonar demais.

Não, não posso contar do Chris para a Sara-Kate. Minha amiga não aprova o que aconteceu com o Hosea. Dá pra sentir pelo seu tom de voz, pelo jeito que ela se afastou de mim. Então mudo de assunto.

– Como você está se apaixonando pelo Phil? – digo, com um sorriso forçado.

Ela pisca aqueles olhos arregalados para mim, os cílios tão curvados que fico surpresa de eles não se enroscarem, e fala:

– Não rolou nada.

Dou uma olhada para ela, que tenta disfarçar:

– Juro. Você sabe que eu te contaria, não sabe? – Então encosta na presilha verde que prende aquele cabelo laranja e se explica: – Não estou dizendo que não vai rolar, mas não ia aguentar esconder uma coisa dessas de você, Theo.

A confiança deveria ser uma via de mão dupla, mas não é bem assim.

– Você já... – continua, mas antes aperta os lábios, pensa bem no que vai dizer. – Você já sentiu que o tempo está passando rápido

demais?

Para falar a verdade, ela acabou de descrever minha vida inteira. Olho pela janela. O pai e as crianças finalmente foram embora. A Sara-Kate fica passando os dedos na ponta da revista.

– O primeiro ano já está quase na metade, e você pode ir embora no ano que vem e...

– Isso não é certeza – digo, quase grossa.

Minha amiga fica me encarando e insiste:

– Existe uma grande probabilidade. Foi sua professora de balé quem falou.

De repente, fico superinteressada no pimenteiro e desconverso:

– Bom, não tenho nenhuma garantia.

Não tenho mesmo. Se descobrir que o Chris sequestrou o Donovan, essa “grande probabilidade” pode se transformar em “de jeito nenhum” em menos de cinco minutos. Parece que estou brincando de “E se...” da vida real, só que nunca quis entrar nessa brincadeira.

– Com ou sem garantia, quero passar o máximo de tempo com você enquanto ainda é possível.

Então, a gente tem de fazer este ano valer a pena. Tipo, o baile de inverno. Vai ser o melhor baile de inverno de todos os tempos. Não quero parecer melosa, mas não sei como vou me virar sem você no ano que vem, se você resolver ir embora.

Se qualquer outra pessoa dissesse isso, não ia me parecer sincero. Mas tenho certeza de que cada palavra que a Sara-Kate disse é verdade.

– É – falo, com o estômago ardendo e irritado. Me belisco do lado e completo: – Eu também, Sara-Kate.

Viro para o outro lado o mais rápido que posso, finjo estar interessada no menu que já li milhares de vezes. Até parece que vou fazer outra coisa que não seja ficar mexendo a colher pra lá e pra cá na tigela de sopa de lentilha.

Viro porque não quero olhar para a Sara-Kate. Mas aqueles olhos castanhos e sinceros me perseguiram o resto da noite.

19

É DIFÍCIL NÃO PENSAR NA FAMÍLIA DO DONOVAN EM TERMOS de “antes” e “depois”.

Antes, a sra. Pratt era gerente da lojinha de um museu movimentado de Chicago e era quase tão casada com aquele emprego quanto era com o sr. Pratt. Mesmo assim, ia a todos os jogos de beisebol, a todas as reuniões de pais e mestres. Sempre

que o pai do Donovan estava muito ocupado com o trabalho, a mãe estava por perto.

Lembro dela dando entrevista para o noticiário da TV, logo depois de o meu amigo ter desaparecido. Estava implorando, olhando para a câmera com tanta dor e esperança que era difícil de assistir.

– Qualquer coisa que vocês puderem fazer para ajudar o meu filho, para ajudar o Donovan... serei eternamente grata – dizia.

Depois, a sra. Pratt se transformou numa daquelas pessoas que chamam videntes em casa e só saem para comprar mais

gim.

O sr. Pratt de “antes” não era muito diferente do de “depois”, só que agora não é mais casado com a sra. Pratt. Ainda trabalha o tempo todo porque é um corretor de imóveis bem-sucedido. Só que agora mora em Chicago e tem a guarda da Júlia. No instante em que vi o caminhão de mudanças parado na frente da casa, adivinhei que o sr. Pratt estava se separando, que as coisas da sra. Pratt não estavam em nenhuma daquelas caixas.

Conheço o Donovan de “antes” também. Tinha uma mãe que faria qualquer coisa por ele, uma

irmãzinha que o idolatrava e tempo de sobra para ler quadrinhos, jogar beisebol e ficar com os amigos. Era uma pessoa com o tipo de autoconfiança que faz você perder a noção do tempo e andar de bicicleta com ele até depois de escurecer, sem medo de um estranho te raptar na estrada.

O Donovan não saiu de casa desde que voltou. Já faz quase dois meses. Como querem que ele comece a falar se nunca vê ninguém?

Fico observando. Toda vez que saio de casa ou volto. Fico observando o movimento das

cortinas e, quando está escuro, procuro silhuetas atrás delas. Às vezes, vou pelo caminho mais longo só para ver a casa deles por outro ângulo.

Duas pessoas aparecem na casa do Donovan regularmente: uma é o entregador do mercado, que só tem permissão para ir até a porta. Prestando muita atenção e olhando no momento exato, é possível ver a manga do roupão atalhado da sra. Pratt pegando as sacolas de comida.

A outra pessoa aparece duas vezes por semana. É uma mulher. Alta e grandalhona, com um cabelo

ruivo maravilhoso que cai como uma cascata nas costas. Usa terninhos e capas de chuva elegantes. Minha mãe diz que deve ser a terapeuta do Donovan. Não sabia que terapeutas atendiam em casa, mas acho que a maioria abriria uma exceção nesse caso.

Mas é isso. Ninguém mais entra e, obviamente, ninguém sai.

Tenho de falar com o Donovan antes do julgamento. Se puder vê-lo, falar com ele cara a cara, vou saber o que fazer no tribunal. Vou saber se o Donovan fugiu ou foi vítima de sequestro. Vou saber se ele e o Chris me traíram ou se o

Chris Fenner enganou a nós dois.

Mas, toda vez que penso em ir lá na frente, contar a minha história para um tribunal lotado de desconhecidos, começo a suar frio, e minha cabeça para de funcionar. Não sei por onde começar, como contar que não sabia onde estava me metendo a primeira vez que beijei aquele cara cujo nome pensava que era Trent.

Não sei como contar que nunca suspeitei de nada entre ele e o Donovan. Nem naquela época nem nos últimos quatro anos.

20

QUANDO O HOSEA ESTÁ POR PERTO, TENTO FINGIR QUE SOU um bloco de gelo.

Nos corredores do colégio, na academia.

Mas é só ficar a sós com ele que me derreto toda.

Não faz nem cinco minutos que cheguei no fumódromo atrás do campo esportivo, quando o vejo vindo na minha direção,

caminhando de coturno com passos compridos e regulares. Estou sentada do outro lado das arquibancadas, de costas para a cerca. Me engasgo quando o vejo.

Eu deveria estar no período de estudos, então quase não parece que consegui fugir. O Gellar nem levantou a cabeça quando pedi para ir ao banheiro. Ele nem vai perceber se eu não voltar.

Ainda não acendi meu cigarro. O sanduíche vegetariano do almoço está pesando no meu estômago como um tijolo. Apesar de eu ter jogado fora o pão (estava murcho), o tomate (estava todo enrugado) e

o queijo (parecia de cera). Só comi a couve-de-bruxelas, cheia de maionese, e as fatias de pepino. E, mesmo assim, foi demais.

É como se o meu estômago pensasse por mim. O pior é que é uma coisa irregular. Não consigo me planejar. Um dia, uma salada pequena cai bem. No dia seguinte, pode acabar comigo.

Mas, neste exato momento, não consigo distinguir se meu estômago dói por causa da comida ou porque o Hosea está vindo na minha direção.

Quando se aproxima de mim, não sei para onde olhar. O bloco de

gelo só funciona se tem mais gente por perto. Estou queimando por dentro e, quanto mais perto ele chega, mais meus dedos tremem, segurando o cigarro que ainda não acendi. Impenetrável uma ova.

O Hosea se encosta na cerca e diz:

– Como vão as coisas?

Queria que o meu coração não tivesse acelerado.

Não falo nada porque não sei o que dizer e, alguns segundos depois, ouço barulho de plástico amassado e um clique de isqueiro. Ele se senta do meu lado com um cigarro de cravo aceso nos lábios.

Me oferece um, mas sacudo a cabeça e mostro o que tenho na mão. Um dos dois que filei da Sara-Kate hoje de manhã. Acendo com meu isqueiro de plástico vagabundo.

Olha para uma pedra pequena e lisa que estava entre nós, enrugando as sobrancelhas, com uma expressão pensativa. O rosto anguloso está bem barbeado, como sempre.

– Sei que você está me odiando, mas precisa deixar eu te dizer umas coisinhas – declara, em voz baixa.

Sabia que um de nós dois ia ter que falar uma hora. Só que, mesmo

assim, fico surpresa. Não tenho coragem de olhar para ele, mas também não levanto e vou embora. Acho que isso basta para o cara continuar:

– Antes de mais nada, quero ficar com você. Quero mesmo.
– Fica uns segundos em silêncio e depois prossegue, com o mesmo tom de voz: – Mas você pode ir embora daqui em breve.

Me forço a olhar para baixo, para o couro macio e cor de caramelo das minhas botas, e pergunto:

– Quem foi que te disse isso?

Pelo canto do olho, vejo que

encolhe os ombros e responde:

– O Phil.

Assim, sem rodeios, como se eu devesse saber. E deveria mesmo. Mas ele me pediu para não contar nada para o Phil. Como assim os dois podem ficar falando de mim?

– Por que você não me contou?

– questiona. Depois fica piscando, naquele céu de inverno sem cor. As nuvens que cobrem Ashland Hills parecem um cobertor, o mais deprimente do mundo. O Hosea bate as cinzas do cigarro para o lado, longe de mim e termina:
– Pelo que o Phil disse, é um negócio muito importante.

– Devo ter pensado que você não tinha interesse em saber.

Não sei direito se os intensivos de verão vão ser mesmo uma opção para mim. Não estou nem na metade do cigarro, mas dou uma última tragada. Solto a fumaça, apago e jogo a bituca num copo de papel da Coffee & Jam que está a poucos metros de distância. É um cinzeiro novinho. Ainda tem café e só duas ou três bitucas de pessoas que se sentaram aqui antes de nós.

– Você me ouviu falar de música – diz, puxando a ponta do cabelo.

– Isso é diferente. A música ajuda os bailarinos a entrar no

ritmo... dá uma estrutura e ajuda a contar a história. Você não precisa do balé para tocar.

– E daí? Mesmo assim, gosto de ver você dançar quando estou tocando. Minha música fica melhor com você.

Nenhum de nós diz uma palavra depois dessa. Até que ele fala:

– Theo... – pronuncia meu nome como se fosse um suspiro, com aquela fumaça de cheiro doce. Tudo o que mais quero é encostar a cabeça no ombro dele. Ficar ouvindo esse cara dizer meu nome a tarde inteira. – Em segundo lugar...

– Segundo? – consigo dizer, apesar de o Hosea estar com a mão no meu braço, e eu não fazer ideia do que estamos falando.

– Sim. – Inclina a cabeça perto da minha e sinto sua respiração quente no meu ouvido. – A segunda coisa é que penso em você o tempo todo.

Tremo porque essas palavras fazem cócegas na minha pele, porque sinto o cheiro conhecido dele, mas não digo nada.

Ele limpa a garganta, vai para trás, para não ficarmos tão perto a ponto de quase nos beijarmos, e se encosta na cerca.

– O Phil também me contou do julgamento... que você vai ter que testemunhar. E eu queria me certificar de que você está bem.

– Vou ficar bem – digo, de um jeito tão indiferente que duvido que convenceria alguém de que estou falando a verdade. Muito menos o Hosea. Não deveria ter jogado meu cigarro fora tão rápido. Preciso fazer alguma coisa com as mãos, para elas não parecerem tão nervosas, para esse cara não perceber que não estou nada bem.

Estica as pernas para a frente, as cruza bem devagar e conta:

– Já tive que testemunhar uma

vez.

Não tenho certeza se ouvi direito. Tentei interpretar o rosto dele, mas está completamente sem expressão. Passa o cigarro de cravo para mim e fica olhando até eu colocá-lo nos lábios. O cigarro que os seus lábios tocaram. Parece um beijo de segunda mão. Nossos dedos se encostam quando devolvo o cigarro e ficam ali parados, muitos segundos a mais do que o necessário.

– Minha vó... pôs minha mãe na Justiça porque diziam que ela não tinha condições de cuidar de mim.

– Por quê? – Faço questão de

parecer gentil.

– Ela tem um transtorno de ansiedade. – Dá uma última tragada, a bituca ainda está em brasa, mas mal se vê de tanta cinza. – Agorafobia... não consegue sair de casa nem ficar no meio de multidões. Não sem ter um ataque.

Fico olhando para os coturnos dele e pergunto:

– Quando você descobriu?

O Hosea apaga o cigarro e fica dobrando e desdobrando os dedos. Olha para o chão e diz:

– Muito tempo antes de eu contar para alguém. Achei... achei que podia dar conta de nós dois.

Mas eu era uma criança. Não podia dirigir nem ganhar dinheiro. Ela tinha uns namorados, de vez em quando, mas não duravam muito.

– Fizeram você testemunhar contra a sua mãe.

Foi uma afirmação, não uma pergunta, que ficou pairando no ar. Ele mudou para cá quando estava na metade do primeiro ano. Era ainda mais novo do que eu quando teve que dizer para um juiz que a própria mãe não tinha capacidade de cuidar dele.

– Testemunhei, sim – diz, com uma voz tão baixinha que me dá vontade de chorar. – Minha vó fez

parecer que eu não tinha escolha. E acho que eu sabia... que estava tudo indo de mal a pior. Minha mãe passava o dia inteiro na cama, e eu ia dormir sem jantar porque me sentia um lixo de implorar para ela ir ao mercado. Ou de pedir um dinheiro que a gente não tinha. – Bate os dedos no chão gelado e prossegue: – Mas ela é uma boa pessoa. Talvez os outros não consigam enxergar, mas fez o melhor que pôde. Tenho certeza de que ela realmente achava que um dia ia melhorar... que as coisas voltariam ao normal.

Fico observando o perfil do

Hosea. A curva do nariz, as bordas da boca, que estão viradas para baixo. Então questiono:

– Você não pode ir visitá-la?

– Ela está morando com uma amiga, está melhorando. Mas me sinto um lixo quando a visito, sabe?

– Enfia as mãos nos bolsos e fica olhando longe, em direção ao prédio da escola. – Minha mãe chora e me implora para que eu não a abandone. E não posso... não quero que ela se sinta pior do que já está. Então acho melhor ficar longe. Ligar de vez em quando. Às vezes, mando gravações das minhas músicas.

– Sinto muito – digo. Aí esmigalho uma folha seca na palma da mão e espalho os pedacinhos no chão, como se fossem cinzas.

– Minha vó fez o que achava que devia ser feito, mas não sei se um dia vou conseguir perdôá-la.

Ele esfrega o nariz com as costas da mão. A pontinha está rosa por causa do ar frio, e fico imaginando o Hosea criança.

– O que ela te obrigou a fazer foi uma injustiça.

Odeio pensar nele lá na frente do tribunal, contando tudo o que a mãe fez de errado. Pior ainda, odeio pensar nele com fome, preso

em uma casa com alguém tão frágil. É egoísta pensar isso, mas jamais teria conhecido o Hosea se a sua avó não tivesse insistido para o neto ter uma vida melhor.

Tenho vontade de consolá-lo, de pegar na sua mão, abraçá-lo ou algo do tipo. Mas não faço nada.

O Hosea encolhe os ombros e conclui:

– É assim que as coisas são. Não sou mais criança. Posso voltar se eu quiser. Tá tudo certo.

– Só que não. – Grudo os dedos no chão, para não tocar no seu braço. – Sinto muito mesmo, Hosea.

Ele respira fundo e solta o ar. Não olha diretamente para mim, mas diz:

– Valeu. Não queria transformar nosso encontro numa festa chata. Só queria dizer que sei como essas coisas de julgamento são, que testemunhar é uma merda. E sei que você está chateada comigo, mas se precisar conversar com alguém que já passou por isso... bom, tô aqui.

– Hosea? – chamo, depois me viro para ele.

Eu quero esse cara. Apesar de saber que ele vai me odiar quando descobrir quem realmente sou.

Apesar de saber que todo mundo que conheço vai me odiar.

Quem sabe esse não é mais um motivo para eu ficar com ele. Quem sabe eu deva aproveitar o momento enquanto ainda posso. Tudo pode mudar daqui a dois meses. Posso perder o balé, meus amigos, o respeito que todo mundo tem por mim. Posso ficar presa aqui nessa cidadezinha por mais um ano, com gente que só vai pensar em uma coisa quando me enxergar. Ficar com o Hosea é uma das poucas coisas que me faz feliz. Sei dos riscos que estou correndo e ainda não desisti. Deve ser um

sinal.

Ele me olha. Com uma expressão cautelosa, mas cheia de expectativa.

– Não quero parar de te ver – digo, olhando nos olhos dele.

Aqueles olhos cor de ardósia brilham, mas logo se apagam.

– Não posso terminar com a Ellie neste momento. Descul-pa, mas...

– Quero ficar com você de qualquer jeito. – Minha voz fraqueja, mas vou em frente. Preciso ir em frente. – Não sei... talvez eu mude mesmo daqui no ano que vem.

Ou talvez você nunca mais vá

querer me ver se a verdade vier à tona.

Penso no que a Sara-Kate me disse, lá no restaurante, e digo:

– O tempo está passando tão rápido e...

– A vida é muito curta pra gente não ser feliz – completa, sorrindo.

– Isso mesmo – respondo, me sentindo tão feliz por ele entender, por não ter me obrigado a falar mais.

O Hosea continua sorrindo, mas os olhos estão com uma expressão séria de novo.

– Tem certeza de que tá tudo bem?

Não, não tenho certeza. Mas sei que a alternativa (não ficar com ele de jeito nenhum) ia me deixar muito pior do que ser seu segredinho.

Então, balanço a cabeça e respondo:

– Tudo bem mesmo.

Dou um sorriso tão grande que ele não duvida.

– Legal – fala, balançando a cabeça também. – Muito legal mesmo.

Ele solta a mão no chão. Arrasta-a pelas folhas até chegar perto da minha. Dou um pulo quando encosta em mim, quando

sinto sua pele tocando a minha depois de tanto tempo. No começo, achei que fosse um engano, que ele estava procurando alguma coisa que tinha deixado cair no meio das folhas. Estamos meio escondidos, mas ainda assim é um lugar público.

E não foi um engano. Porque o Hosea cobre minha mão com a sua, e me surpreendo por ela estar tão quente, porque parece que nossas mãos foram feitas uma para a outra. Dou uma espiada para ver se ele está olhando para mim, mas está com os olhos fixos à frente, na base das arquibancadas.

Então não falo nada e abro as mãos. Os seus dedos preenchem os espaços entre os meus e ficamos de mãos dadas. As pontas dos dedos do Hosea tocam a palma da minha mão.

Ficamos sentados assim um tempão, até terminar o período.

Estou sentada no fumódromo, de mãos dadas com o Hosea, e nem lembro qual foi a última vez que me senti tão viva.

21

A SELEÇÃO PARA OS INTENSIVOS DE VERÃO É UMA AULA DE balé como qualquer outra, com exercícios de barra e de centro, combinações de passos e foco no trabalho de ponta (para as meninas) e nos saltos (para os meninos).

Uma aula de balé como qualquer outra, mas que é também a mais importante da sua vida.

Fico ensaiando até tarde pelo menos duas vezes por semana, normalmente mais do que isso. Só de pensar na seleção, meu corpo ferve, fico aérea. Mas, quando passo mais tempo na academia, não penso tanto no julgamento. E isso já é bom demais. Faltam apenas duas semanas para o Natal, portanto, o julgamento é daqui a seis semanas.

Estou sozinha na sala de aula, numa quinta-feira, quando a Marisa entra. Acabo de voltar para a barra e olho em volta. Seguro a respiração e fico me perguntando se fiz alguma coisa errada. Minha

professora veio me ver ensaiar sozinha não mais que umas duas vezes. E apareceu só no final, não no começo.

Seu cabelo, com cachos soltos cor de café, cai na altura dos ombros, e ela está de roupa normal. Jeans escuro, blusa decote “v” branca de mangas compridas e botas cinza-claras. Já faz um tempinho que estou reparando.

– Pensei em sentar com você hoje – diz, fechando a porta – Orientar sua aula, como fazem na seleção. Tudo bem?

– Tudo – respondo, na esperança de que ela não perceba

o tom de apreensão da minha voz.

Para falar a verdade, assim que consigo controlar meu nervosismo inicial, fico feliz por ela estar aqui. Trabalho melhor quando a Marisa está presente, porque minha professora sempre espera que eu dê meu melhor.

Vai até o aparelho de som, e enquanto ela está de costas para mim, arrumo meu collant. Sinto como se estivesse encolhendo dentro dele, o que significa que os outros também não vão me servir direito. Não posso pedir outro para a minha mãe tão cedo. A gente fez um estoque de collant e meias--

calças e comprou mais dois pares de sapatilhas de ponta no começo do outono. É muito cedo para pedir mais e, se eu contar como este está folgado, ela vai desconfiar.

Fico imaginando se a Marisa percebeu quando entrou, quando ela se vira e fala:

– Do começo, sem parar.

A professora conduz meu trabalho na barra, me ajuda na hora do promenade e estuda os movimentos dos meus braços. Me esforço mais do que nas últimas semanas, mais até do que nos últimos meses. Quero que ela veja o quanto cresci, que não se

enganou quando disse que eu podia participar da seleção.

Quando vou para o centro da sala, a Marisa diz para eu não pirar muito nos fouettés, mas esse é justamente o momento pelo qual estou esperando. Quero provar que, mesmo com tudo o que está acontecendo na minha vida, consigo manter o foco no que é mais importante. Ela diz para eu não me preocupar tanto com eles, mas sei que está dissecando cada movimento, examinando como subo do plié para o relevé nas sapatilhas de ponta. Como minha perna se estende na quarta posição antes de

eu trazer o pé até a parte de trás do joelho. Faço isso muitas e muitas vezes. Com total controle, realizando esses fouettés como a primeira Odile que vi.

Estou me preparando para dar o décimo giro quando o vejo. Quando lembro que, dois anos depois de termos terminado, ouvir o som de zíper de calça ainda me fechava a garganta. Paro de contar as piruetas quando lembro que, nas primeiras vezes, não conseguia parar de prestar atenção em tudo: no sangue pulsando nos meus ouvidos, no movimento aleatório dos meus braços porque não sabia

o que fazer com as mãos.

Acabei me acostumando. A pressão da sua mão empurrando minha nuca para baixo. Os gemidinhos que escapavam quando ele estava quase gozando e o olhar vazio que vinha depois, como se eu fosse qualquer uma.

Não parecia uma coisa errada. O Chris era meu namorado, e aquilo o fazia se sentir bem. Tudo o que eu mais queria era fazê-lo feliz. Por isso nunca falei que (todas as vezes, sem exceção), depois, me dava vontade de lavar a boca com alvejante.

Meus tornozelos desistem, e

perco o equilíbrio. Caio do relevé e quase me espatifo no chão, mas consigo me segurar. Que idiota, deixá-lo entrar na minha cabeça desse jeito, justo quando tenho a atenção exclusiva da Marisa. Quando a seleção está tão perto, estou à beira de um ataque de nervos. Demoro para me ajeitar. Olho para os tornozelos que me deixaram na mão, para o meu reflexo nervoso no espelho e, por fim, para minha professora, que está com uma expressão meio de confusão, meio de compaixão.

— Desculpa — digo, quase sussurrando, com os olhos no chão

de novo.

Ela suspira e fala:

– Sei que você está cansada, querida, mas precisa continuar se esforçando.

– Estou me esforçando. Quer dizer, estou tentando me esforçar.

– Fico parada na posição, cruzo um pé na frente do outro e começo tudo de novo. – Só estou um pouco nervosa com tudo isso... e com o julgamento. É uma semana antes da minha primeira seleção.

Ainda não consigo entender como os dois momentos mais importantes da minha vida vão acontecer com menos de doze dias

de diferença. Achei que esse tipo de julgamento durava meses (às vezes, anos) para chegar a algum lugar, mas não é o caso do Chris Fenner. Não deixa de ser uma ironia. Ele nunca gostou de esperar, e agora a única coisa que deve estar desesperado para adiar está acontecendo tão rápido que ninguém consegue acompanhar.

– Eu ficaria preocupada se você não estivesse nervosa. Às vezes, essas coisas não acontecem dentro do previsto. Se algum dos seus testes cair no dia em que você precisar se apresentar no tribunal, podemos dar um jeito. Não vejo

nenhum problema em explicar a situação para os diretores dos programas.

Me seguro para não puxar um fio solto no meu collant, junto as mãos na frente do corpo e digo:

– Você não precisa fazer isso.

– Sei que não preciso. Mas quero fazer. – Ela chega mais perto, apesar da sala estar tão vazia que nossas vozes ecoam pelas paredes. – E queria te dizer que já tem algumas escolas de olho em você.

Afundo os calcanhares no chão e travo os joelhos, para não cair de novo.

– Acho que isso deve ter te

pegado de surpresa – comenta a Marisa, dando um grande sorriso, como se estivesse esperando um tempão para me dar a notícia.

– Só um pouquinho – respondo, limpando as mãos suadas na frente da meia-calça. – Mas, estarem de olho em mim... o que isso significa exatamente?

– Significa que tenho amigos que sabem que você é uma das minhas melhores bailarinas e estão esperando ansiosamente pelo seu teste. – Põe a mão no meu braço e aperta de leve. – Você foi uma das minhas primeiras alunas quando abri a academia – diz, me olhando

com uma expressão tão gentil quanto suas palavras. – Naquela época, já sabia que você iria longe. Nunca deixei de acreditar em você, Theo. Nem por um minuto. Se existe alguém que consegue fazer os testes, esse alguém é você.

Volto para o vestiário meia hora depois. Meus dedos dos pés estão latejando. Sento na frente do meu armário e me abaixo até o chão para alongar, e é aí que a enxergo. Estico as pernas para a frente e alongo até a ponta dos dedos, até a manchinha vermelha na ponta da minha sapatilha.

Neste lugar, pés sangrando não

são motivo para preocupação. É algo que não dá para evitar quando se usa essas sapatilhas o tempo todo, quando a pele dos seus dedos é cheia de bolhas permanentes. Não é nenhuma novidade para alguém que dança tanto quanto eu. Mas o sangue não atravessava minha sapatilha desde que comecei a dançar de ponta. Passo o dedo no cetim e olho para meu dedão, que está manchado de um vermelho desbotado. O cheiro metálico invade meu nariz.

Nunca vou esquecer o dia em que estava mexendo na minha sacola do balé, e o Chris viu minhas

sapatilhas de ponta de novo. Mas, àquela altura, já estavam velhas: o cetim estava sujo e começando a esgarçar, e a ponta estava quase macia demais para sustentar meu peso. Manchas de sangue seco enfeitavam a parte do dedão. Quando as sacudi na frente do meu ex de brincadeira, ele me empurrou e disse para eu parar de ser nojenta.

Desamarro a sapatilha direita e tiro com todo o cuidado, depois faço a mesma coisa com a proteção. Meus dedos doem quando passo a mão por cima das bolhas abertas e limpo o sangue

acumulado ao redor das unhas.

Eu tinha pesadelos com “Sapatinhos vermelhos”, o conto de fadas, não o filme. Ficava me imaginando dançar até morrer de cansaço, sem conseguir parar. Mas nunca me senti como a Karen, a personagem que usa os sapatos encantados. Não pedia para um carrasco ter pena de mim e acabar com a minha vida. Estava tão encantada pelas minhas sapatilhas de ponta vermelhas que não conseguia parar de dançar, não queria parar por nada neste mundo. E sempre acordava antes de ver o que tinha acontecido com os meus

pés.

Olho para eles cheios de sangue e fico me perguntando: se esses sapatos musicais realmente existissem, será que eu os usaria? Acho que sim, se a alternativa fosse nunca mais poder dançar de novo. Há um ano (talvez menos, seis meses atrás) ria da cara de quem me dissesse que eu não poderia seguir a carreira de bailarina. Agora sei que qualquer coisa pode acontecer. A vida pode mudar tão de repente que os planos mais sólidos podem desmoronar e virar pó. Posso ficar presa aqui por mais um ano, e aí fazer vestibular como

todo mundo.

Tem uma porção de programas de dança em universidades normais, mesmo nas públicas. É isso que a Marisa fala para quem não é bom o bastante para virar dançarino profissional.

Às vezes acho que tudo seria mais fácil se o Donovan tivesse mesmo fugido com o Chris por vontade própria e nunca tivesse voltado. Eu poderia ensaiar no meu tempo livre sem me sentir culpada e beijar o Hosea sem as lembranças incômodas do Chris. Não sei como superaria esse tipo de traição, mas pelo menos não

estragaria minha vida tentando fazer isso.

Se o Chris o sequestrou... bom, então é óbvio que fico feliz por ele ter voltado. São e salvo. Mas, se eu contasse para as pessoas sobre o nosso relacionamento, sei no que pensariam cada vez que olhassem para mim. Jamais conseguiriam ler uma matéria sobre o Chris ou ver a foto dele sem pensar em mim.

A Marisa bate na porta do vestiário dez minutos depois, e ainda estou olhando para as minhas sapatilhas. Ela me pergunta se está tudo bem porque precisa ir embora. Só consigo ficar olhando para as

manchas cor de ferrugem causadas
por meu dedão cheio de sangue.

22

ACORDO COM O CHEIRO DAS TORTAS DOIS DIAS ANTES DO Natal.

De batata-doce, nozes e limão. Meu estômago ronca alto, e lembro que costumava correr escada abaixo, saboreando esse aroma, porque era o mais perto que eu podia chegar das tortas. Não sei por que minha mãe faz tantas. Sempre sobra muita comida, somos só nós

três e, se eu puder evitar, nunca como sobremesa. É claro que não precisamos nos preocupar com desperdício de comida tendo o Phil por perto, mas sempre me parece exagerado.

Mesmo assim, não consigo sentir o cheiro e não me lembrar do gosto. Da massa amanteigada, do azedinho do limão e do sabor forte das nozes. Me belisco do lado com força e penso nas provas das fantasias que terei no futuro. Aí levanto da cama.

Lá embaixo, meu pai está sentado na mesa da cozinha com o laptop aberto à sua frente. Na cara

dura. Procuro pela minha mãe, porque tenho certeza de que ela não aceitaria isso de jeito nenhum, mas não a encontro. O único indício de que esteve aqui são as três lindas tortas que deixou esfriando no fim do balcão.

– Bom dia – digo, me inclinando para dar um beijo no rosto do meu pai. – Cadê a mãe?

– Está entregando cestas de Natal com o pessoal do trabalho – responde ele, levantando os olhos do computador e me dando um sorriso.

Ponho uma fatia de pão na torradeira e fico fuçando na

geladeira até encontrar um ovo cozido. Minha mãe faz um monte deles, toda semana. Então pergunto:

– Em pleno domingo? O povo daqui não vai à igreja?

Minha família não vai. Somos do tipo de cristão que só aparece na igreja no domingo de Páscoa e na noite de Natal. Mesmo assim, corremos até a igreja mais próxima e saímos assim que o culto acaba. Antes, achava isso estranho, porque a maioria das pessoas que conhecia ia a algum lugar no domingo de manhã. A um templo, uma missa ou à Igreja Metodista Africana, lá em

Chicago, que a família do Donovan costumava frequentar. Aí eu conheci a Sara-Kate. Os pais dela são ateus e, no meio-oeste dos Estados Unidos, onde todo mundo é crente, isso os torna as pessoas mais esquisitas da cidade.

– São cestas para quem está no hospital – explica meu pai, levantando as mangas do robe de flanela. – Você acordou muito cedo para quem está de férias.

– E você está sendo muito ousado trabalhando bem na mesa da cozinha. Um dia antes da véspera de Natal? Se a mamãe te pega, você vai ver só. – Pisco para

ele, fazendo uma cara dramática.

Ele dá risada e levanta as mãos, como se estivesse se defendendo.

– Não estou trabalhando, juro. Só estou lendo as notícias.

Descasco o ovo enquanto espero meu pão pular da torradeira e aproveito que meu pai não está olhando para jogar a gema redonda no triturador de lixo. Aí sento com minha torrada e minha clara de ovo cozida e a pico bem picadinho. Ia ficar mais gostoso com manteiga, mas a vida é assim.

– Não esqueça que a gente tem uma reunião com o advogado do Donovan na semana que vem – diz

meu pai, levantando os olhos do computador. – Ele quer passar as perguntas que vão fazer para você, tanto as dele quanto as da defesa.

Amasso os pedacinhos de ovo na torrada e pergunto:

– Como ele é?

– O sr. McMillan? – Meu pai olha para o nada e aperta os olhos enquanto pensa na resposta. – Ele é legal. Profissional. Muito apaixonado pelo que faz. O Donovan está em boas mãos.

O sr. McMillan vai me fazer perguntas sobre o Chris e, a menos que eu consiga falar com o Donovan até lá, vou ter que mentir.

– Não para de falar que está louco para te conhecer – continua, tomando um gole de café. Aí põe a caneca na mesa com cuidado, me olha e completa: – Ele sabe que você e o Donovan eram muito próximos.

Viro para as tortas e levanto num pulo. Tenho uma ideia.

– A gente podia levar uma torta dessas na casa do Donovan – digo, como quem não quer nada. Parece uma gentileza, não um plano para pegar meu amigo de surpresa.

Meu pai olha para elas por cima do ombro e fala:

– Podemos perguntar para a sua

mãe quando ela voltar. Tenho certeza de que não vai se importar.

– Deveríamos fazer isso enquanto ainda estão morninhas. É um gesto legal – insisto. Sem muita vontade, tento comer mais um pedaço da torrada. Engulo com dificuldade a casca seca e levanto para levar minha louça até a pia.

– Afinal, já faz dois meses que ele voltou. E é época de Natal.

– Acho que não custa tentar

– responde ele, distraído por alguma coisa no computador. Adoro quando traz o laptop para a mesa. Nem percebe que joguei metade do meu café da manhã fora. – Quer

que eu vá com você?

– Posso ir sozinha – respondo, virando de costas para meu pai não ver meu sorriso. – Vou até lá depois de escovar os dentes.

Dez minutos depois, estou na porta de casa, segurando uma torta embrulhada em papel-alumínio e transpirando muito. Nem acredito que foi tão fácil. Alinhamento das estrelas. Tortas fresquinhas. Pai preocupado, que não pensa demais como minha mãe. Se dependesse dela, ainda estaríamos sentados na mesa, fazendo uma lista de prós e contras só para deixar uma torta na porta da vizinha.

Desço os degraus e caminho em direção à casa do Donovan.

O tempo está gelado e úmido. O tipo de umidade que fica no ar de manhã até a noite, quando a neve que já caiu derrete no sol e vira gelo depois que escurece.

Desço pela entrada e ando pela calçada, parando para observar a casa do Donovan antes de subir pelo caminhezinho que leva até ela. Aquele monte de coisas que as pessoas deixaram para dar boas-vindas não está mais na varanda, mas a casa ainda se distingue das outras. Todas as residências da rua estão cheias de luzinhas e

decorações de Natal dispostas no gramado. A dos Pratt só tem janelas escuras e um gramado desolado. A varanda parece uma boca vazia e ameaçadora, pronta para engolir quem tentar chegar muito perto.

Continuo andando.

Minhas botas me levam até a varanda, e a sensação de déjà--vu é forte. Será que dá para chamar de déjà-vu quando você não lembra de uma vez específica, mas de milhares? Andar até a casa do Donovan fazia parte da minha rotina quando eu era criança, como ir para o colégio ou escovar os

dentes. Mesmo assim, quanto mais me aproximo, mais meu coração acelera.

Será que eles estão olhando? Será que ele está olhando? Será que está feliz em me ver? Será que se pergunta por que demorei tanto? Ou vai se recusar a falar comigo, está bravo porque não fugiu com o Chris, e foi por minha causa que se aproximou tanto dele?

Equilibro a torta na beirada do balanço de madeira abandonado que fica do lado esquerdo da porta. Respiro fundo e toco a campainha. Passo a língua nos lábios e treino meu sorriso. Fico esperando ouvir o

som de passos conhecidos a caminho da porta. Para falar a verdade, é bem estranho ficar esperando. Antes, eu nem precisava tocar a campainha.

Mas não ouço nada, então toco de novo. Fico olhando as janelas, tento ver através das cortinas escuras se a árvore de Natal está montada em seu antigo lugar. Todo ano na mesma posição, com os mesmos enfeites, projetando um arco-íris de luzes através do vidro. Agora só vejo escuridão.

Nada. Acho que, no fim das contas, minha grande ideia não era assim tão grande. Vai ver minha

mãe estava certa quando disse que precisávamos dar um tempo para os Pratt. Se permitiu dar aqueles primeiros telefonemas junto comigo logo que o Donovan voltou, mas não contei para ela quantas vezes tentei ligar desde então. Que fico de olho na casa do meu amigo quando estou em casa, esperando pelo menor sinal de vida por trás daquelas cortinas.

Coloco a torta no capacho sujo e dou meia-volta. Preciso de um plano C.

Mas aí ouço um clique, um barulho de trava de segurança e:

– Theo?

A voz da sra. Pratt soa como música nos meus ouvidos.

Viro de novo. Ela está atrás da porta de tela, porém só consigo ver sua silhueta. Mas dá para ver que está muito magra. Os cotovelos parecem pernas de passarinho, de tão pontiagudos. A cabeça parece lisa, como se estivesse enrolada num lenço.

Pego a torta que deixei no capacho e fico na frente dela com os braços estendidos, numa espécie de uma oferta de paz.

– Minha mãe fez torta. A gente queria dar uma para vocês. É de nozes.

– Ah, que gentileza a sua, querida. – Ela chega mais perto da porta, mas não faz sinal de que vai abrir a tela. Acho que está de roupão. – A torta de nozes da sua mãe é tão gostosa.

– Eu... eu também queria dar um “oi” – digo, segurando firme a torta no papel-alumínio. – Faz tanto tempo.

– Faz mesmo. Você já está quase adulta. Que menina bonita.

Fico feliz que a sra. Pratt consegue me ver o suficiente para dizer isso, porque eu só enxergo uma sombra presa atrás da tela. Todas as luzes da casa estão

apagadas. Continuo esperando o Donovan aparecer no cantinho, mas nada. Silêncio total.

Quando ela falou, é como se tivesse ouvido o fantasma da mãe dele de "antes". Um pouquinho daquele sorriso que sempre começava pelos olhos.

– Obrigada – respondo. Limpo a garganta e respiro tão rápido que o ar gelado me pinica por dentro.
– Também estava pensando... o Donovan está em casa?

– Está sim, querida, mas acho que não quer receber visitas neste momento.

O tom dela é gentil, mas

genérico, como se já tivesse repetido essa emoção centenas de vezes. Talvez tenha mesmo, mas não para alguém como eu.

– Tem certeza, sra. Pratt? – Pelo tom da minha voz, parece que estou implorando. É patético. Total desespero. – Sei que parece bobagem, mas só queria vê-lo com meus próprios olhos. Parece... parece que ele não voltou de verdade se eu não o vir. A senhora poderia perguntar para o Donovan? Por favor? Sou eu. Prometo não demorar.

Por mais que seja essencial para mim falar com ele, perguntar o que

devo fazer quando chegar a hora do julgamento (daqui a quatro semanas), meu pedido é sincero. Notícias vagas da TV e especulações dos meus pais não bastam. Preciso ver quem é o Donovan que voltou. Vou me sentir tão melhor só de poder ver que meu amigo está bem.

A sra. Pratt solta um suspiro, mas a sua silhueta se vira. Parece olhar para trás. Para alguém atrás dela. Pensando.

— Só um minuto — pede, fechando a porta em vez de me convidar para entrar.

Não tem ninguém na rua, mas

sinto como se estivesse num programa de TV. É uma exposição tão grande ficar parada ali, na varanda dos Pratt. Faz tempo que os paparazzi e as vans da TV foram embora, mas é impossível não olhar para aquela casa quando você entra ou sai sozinho da sua. Sei porque faço isso o tempo todo, e já vi os vizinhos fazerem a mesma coisa.

A torta esfriou, e minhas mãos estão geladas. Meus dedos doídos amassam o papel-alumínio. Deveria ter posto luvas. Devia ter pensado num jeito mais eloquente de pedir para ver o Donovan.

A porta se abre novamente. Meus joelhos tremem, e os travo plantando os pés firmes no chão.

O contorno da cabeça da sra. Pratt se movimenta de um lado para o outro. Meu amigo disse “não”.

– Agora não, Theo. Sinto muito. Ele ainda não está preparado.

Pela voz, parece que ela realmente sente muito, então deve ser coisa do Donovan. Que não quer falar comigo. Nosso passado não vale nada.

– Não leve para o lado pessoal – fala, passando a mão na cabeça coberta pelo lenço. – E, por favor,

não desista dele. Está melhorando a cada dia.

Tenho vontade de perguntar se o Donovan atenderia o telefone se soubesse que sou eu. Se me responderia se eu trouxesse uma carta ou mandasse um e-mail, mas não consigo. Só balanço a cabeça porque não tenho uma resposta decente para o que ela disse, nada do que eu possa dizer vai fazer a sra. Pratt se sentir melhor em relação a essa situação.

– Aqui está a sua torta – digo, ofereço-a meio sem jeito, como se a mãe do meu amigo fosse conseguir pegá-la através da tela.

Ela destranca a porta e abre só o suficiente para conseguir passar as mãos pela fresta. Vejo de relance o atoalhado vermelho, um flash da pele escura e dos chinelos cinza-claros antes de a porta se fechar de novo.

– Agradeça a sua mãe por mim.

– Claro.

– Você é uma boa menina, Theo
– declara, baixinho, com o rosto meio escondido pela porta. – Feliz Natal.

– Feliz Natal.

Me viro antes que a sra. Pratt veja meus olhos cheios de lágrimas.

Será que o Donovan não sabe

que quero ajudá-lo? Será que não sabe que estou surtando só de imaginar o que ele e o Chris fizeram esse tempo todo?

Desço os degraus da varanda. Percorro o caminhozinho. Ando pela calçada até a minha casa. Tiro as botas quando entro. Passo reto pelo meu pai e começo a subir para o meu quarto.

Ele está segurando o laptop fechado debaixo do braço e tem uma caneca de café na outra mão, de onde sai uma fumacinha divertida que some no ar.

– Como foi? – pergunta, parando na minha frente, perto das escadas.

– O Donovan ainda não quer falar – respondo, passando a mão no corrimão. Estou louca para voltar para a cama. É o único jeito de parar de pensar nisso.

– Sinto muito, querida. – Meu pai solta um suspiro e olha pra mim. Dá um sorriso sem graça e tenta me consolar: – Isso não vai durar para sempre. Seu amigo vai melhorar, e aposto que você vai ser a primeira pessoa para quem ele vai ligar.

Eu acreditava nisso. Mas ele não é mais o mesmo. Nem eu. Houve uma época em que nunca conseguia me ver livre do Donovan.

E, agora, que tudo depende de eu conseguir falar com ele, o cara não se dá ao trabalho de falar comigo nem por um minuto.

Passo o indicador pelas costelas e solto o ar em silêncio quando encontro aquele velho conhecido: um pedaço oval de pele macia e machucada escondido por baixo da minha blusa.

O Hosea me liga à tarde.

Quase deixo o celular cair no chão quando vejo que é ele. Até então, a gente só trocava mensagem. Uma ligação de verdade me parece um progresso.

Ajeito o cabelo com a mão antes de atender, como se o cara pudesse me ver pelo telefone.

– Vai fazer alguma coisa depois da ceia de Natal? – pergunta, com sua voz meio grossa, de quem parece que acabou de acordar.

Ouçõ gente falando ao fundo. É a TV. Alguns segundos depois, descubro que é um programa enlatado de humor insuportável.

– Nada – respondo, bem rápido.

Rápido demais. Talvez devesse ter inventado que tinha planos só para não parecer que estava esperando ele me ligar.

– Eu também – diz. Aí limpa a

garganta e continua: – Minha vó vai ficar fora até amanhã à noite, então... você não quer passar aqui mais tarde?

– Aí na sua casa?

Parece que fui convidada para o chá das cinco com a rainha da Inglaterra, mas nem isso me deixaria tão surpresa. Ir à casa do Hosea é praticamente ir a um encontro romântico. O mais perto que podemos chegar de um neste momento. E, afinal de contas, só faltam quatro semanas até ele (provavelmente) não me querer mais.

– É, achei que a gente podia

passar um tempinho juntos sem nenhuma... distração.

Tosse longe do telefone e fico pensando se seu rosto está pegando fogo como o meu.

Mesmo assim, tento fingir que não é nada de mais. Fico quieta por alguns segundos e tento disfarçar a exaltação na minha voz.

– Claro. Que horas?

Preciso usar minha criatividade para conseguir sair de casa. Não invento nenhuma loucura, mas é que sempre passo as noites que antecedem o Natal em casa com os meus pais, e os meus amigos fazem

a mesma coisa. Eles querem saber aonde vou numa noite antes da véspera de Natal.

– Preciso entregar o presente da Sara-Kate – minto, e continuo falando antes de perder a coragem: – Ela vai viajar amanhã para a casa dos parentes dela, e quero dar o presente antes do Natal.

Não deixa de ser verdade. Vai para a casa dos avós. Só que os avós da Sara-Kate moram a poucos quilômetros de Chicago, e a família só vai passar o dia lá.

Eu e meu pai terminamos de tirar a mesa e lavar a louça depois do jantar enquanto minha mãe

segura uma caneca de café e fica fuçando numa pilha de livros de receitas de Natal. Até parece que não escolheu suas receitas preferidas, aquelas que já fez dezenas de vezes. Contamos para ela o que aconteceu com a torta de nozes. Não ficou brava. Quase nem disse nada. Só passou a mão na minha cabeça, me deu um beijo na testa e falou:

– Ele só precisa de um tempo, querida. – Acho que ficou com pena de mim. Aí pergunta, virando a página para ler uma receita de algum assado complicado, cheio de queijo derretido e farinha de rosca

(um prato que me faria salivar tanto que teria que me beliscar nos dois lados): – Você não vai atrapalhar, já que eles têm de fazer as malas?

– Já arrumaram tudo. Ela me convidou, e não vou demorar. – Me encosto no balcão e tento não parecer muito interessada na conversa. – Volto antes da meia-noite.

– Isso nunca esteve aberto à discussão – responde minha mãe, sem tirar os olhos do livro.

Olho pro meu pai, que está tentando disfarçar o sorriso.

– Pode ir – diz, sacudindo o pano

de prato. As mangas compridas da camisa xadrez estão enroladas na altura dos cotovelos. – Vai dar feliz Natal para a Sara-Kate e a família dela.

Demoro um tempão para me arrumar. O que vestir quando você finalmente vai ficar a sós com o cara que ocupa metade dos seus pensamentos? Examino meu guarda-roupa inteiro. Queria poder ligar para a Sara-Kate. Ela saberia exatamente o que devo vestir. Abriria meu armário e escolheria quatro opções ótimas em menos de cinco minutos.

Mas não posso pedir esse tipo

de conselho para a minha amiga, senão vai descobrir que vou encontrar o Hosea. E não posso ouvir aquele tom de julgamento na voz dela. Então, me viro com o que tenho: nervosismo e indecisão. Saio pela porta usando um cardigã creme, uma blusa de seda vermelha que brilha e contrasta com a minha pele e uma calça jeans que dá a impressão de que tenho bunda.

Ir até a casa do Hosea de carro nas ruas desertas do domingo à noite é rápido: pouco mais de cinco minutos. Ele mora do lado esquerdo de uma casa de dois andares verde.

Estaciono algumas casas mais para a frente e fico sentada no carro, com o motor ligado. Afundo uma unha no pulso para ter certeza de que estou mesmo aqui. Na rua do Hosea, a poucos metros de distância da sua porta, e vamos finalmente ficar a sós.

Dou uma olhada no espelho retrovisor e sorrio com todos os dentes para ver se não sobrou nenhum pedaço de comida. Não quis pôr muita maquiagem antes de sair de casa para os meus pais não desconfiarem, mas acho que está bom assim. Passo só mais um pouco de gloss antes de sair do

carro.

Caminho até a casa dele e fico olhando em volta, como se alguém estivesse me seguindo. Como se a Ellie fosse estar parada do outro lado da porta, só para comprovar suas suspeitas.

Aperto a campainha, coloco as mãos no bolso do casaco e espero o Hosea abrir a porta. Não está tão frio, mas fico feliz quando ouço passos vindo na minha direção. Seguro a respiração enquanto ele mexe no trinco. Estou meio inebriada com aqueles momentos de expectativa, quando você sente que a outra pessoa está a poucos

centímetros de distância.

– E aí? – diz, todo simpático, quando ficamos frente a frente.

Está de jeans, camiseta preta e cheira bem. Um cheiro fresquinho, de quem acabou de sair do banho, mas o cabelo está seco. É lindo.

– Oi – falo. Dou um sorriso e entro no hall apertado, que tem uma mesinha com uma bandeja para a correspondência e um porta-chaves pequeno e horizontal pendurado em cima.

O Hosea fecha a porta e pega na minha mão, me puxando para dentro da sua casa. Mal tenho tempo de ver como é a sala de

estar, porque ele já vai tirando o cabelo do meu rosto e me dando um selinho. Fecho os olhos e me inclino na sua direção, retribuindo o beijo. Ficamos assim, nos beijando na sala da casa da sua avó, como se tivéssemos todo o tempo do mundo.

– Fiquei muito feliz que você veio – declara, com aquele tom simpático que me faz derreter por dentro. Levanto a cabeça, percorro os traços daquele rosto com os olhos. Lembro daquela noite na festa do Klein, quando conversamos e o vi de verdade pela primeira vez. Percebi que o olhar ficava mais

suave, e aquele maxilar forte parecia relaxar quando falava comigo.

– Também fiquei – concordo, apertando sua mão.

E estou mesmo feliz (feliz de verdade), mas estou ainda mais nervosa. Mais até do que quando estava me arrumando. O Hosea vai ser o primeiro cara com quem transo desde o Chris. E se eu não lembrar o que preciso fazer? Achei que ia me sentir diferente. Mal, por ter planejado ficar com ele, ajudá-lo a trair a Ellie. Mas não sei bem como posso me sentir mal, tenho certeza de que esse cara devia ficar

comigo.

Olho em volta. É uma sala de estar bem comum: tem um sofá de dois lugares, outro de três, uma chaise longue e uma mesa de centro. Muito móvel para pouco espaço. Quase não dá para circular, mas a decoração funciona porque não tem bagunça. Nem sequer um suéter perdido ou um par de sapatos esquecido sobre o carpete. Só alguns álbuns de fotos antigas em cima da mesa, ao lado do controle remoto da TV. Uma árvore de Natal artificial pequena no canto, branca com enfeites prateados e uma guirlanda.

Embaixo, tem uns dois presentes embrulhados. Fico vermelha quando me lembro da montanha de pacotes debaixo da árvore gigante que levamos para casa no começo de dezembro.

Do outro lado, tem um piano. O que me dá vontade de sorrir.

– Quer que eu te mostre a casa toda? É pequena – pergunta o Hosea, quase em tom de desculpa.

– Adoraria – respondo. Desabotoo o casaco, dobro e coloco em cima do braço do sofá maior antes de a gente ir para o próximo cômodo.

É mesmo uma casa pequena. Só

tem a sala, a cozinha, dois quartos e um banheiro no corredor estreito. Mas é limpa, arrumada e cheira bem. Tem cheiro de Natal, tipo pinho fresco e canela. Só noto as velas perfumadas acesas na cozinha quando saímos dali.

– E aqui é a minha toca – diz, abrindo uma porta do outro lado da sala.

O quarto poderia ser de qualquer pessoa. Tem paredes bege, só com um calendário de fotos de paisagens pendurado com uma tachinha laranja. A cama, coberta por um edredom azul-marinho liso, fica encostada na

parede dos fundos. Do outro lado, tem uma cômoda com três gavetas, uma cadeira e uma mesinha. É limpinho como o resto da casa, e fico imaginando se é sempre assim ou se o Hosea o arrumou especialmente para mim.

– Cadê suas coisas? – questiono, procurando indícios de que aquele quarto é mesmo dele.

É aí que eu reparo. Uma foto em cima da cômoda. Não está num porta-retratos, é só uma foto solta encostada numa caixa de madeira escura. Está inclinada, num ângulo que a esconde um pouco, mas ainda dá para ver o Hosea e a Ellie.

Estão numa festa ao ar livre, no verão. Quem sabe um festival. Abraçados, a namorada encostada ao seu lado. Ela está com um sorriso de orelha a orelha, bonita. Ele também sorri. Mal dá pra ver a ponta laranja brilhante de um cigarro de cravo entre os seus dedos. Os dois parecem à vontade juntos. Felizes.

– Quando me mudei, não quis pendurar nada porque estava convencido de que não ia ficar muito tempo por aqui. – Fico surpresa quando ouço sua voz. Quando o olho, ele vai para a direita, escondendo a foto. – Acho

que você sabe o que acabou rolando.

– Parece meio um quarto de visitas – digo, tentando tirar aquela foto da minha cabeça.

Presto atenção em cada parede, em cada canto. Quero gravar o lugar na minha memória, caso nunca mais volte aqui. Faço questão de não olhar para a foto, mas o Hosea ainda está ali, parado na frente dela. Viro para o outro lado do quarto. Fico imaginando onde esse cara guarda os comprimidos de ecstasy, mas não me parece muito correto perguntar. Essa não é mais a primeira coisa

que me vem à cabeça quando penso nele.

Quando termino, ele desliga a luz e fala:

– Minha avó diz que parece um quarto de serial killer.

– Que bom – comento, rindo. Aí voltamos para o hall.

– É... – solta, sorrindo também.
– Ela é... como eu te disse, não sei se algum dia vou conseguir perdoá-la por ter me obrigado a vir morar aqui, mas minha vó não é tão ruim assim. Me dá liberdade.

– Onde ela está agora?

– Na casa da irmã, em Lincoln
– responde. Aí para na porta da

cozinha e oferece: – Quer beber alguma coisa? Comer? Não sei cozinhar, mas minha vó me deixou uma lasanha.

– Tô bem. Já comi.

E não estou mentindo. Só que meu jantar foram três garfadas de macarrão que engoli, quatro que cuspi no guardanapo e o resto, que fiquei empurrando no prato até meus pais terminarem.

– E tem torrada – completa, inclinando a cabeça na direção de uma torradeira prateada que está em cima do balcão. – Faço uma torrada perfeita.

– Impressionante! Mesmo assim,

dessa vez eu passo. – Examino cada cantinho do cômodo mais uma vez, porque ainda não consigo acreditar que estou no meio da cozinha azul e amarela do Hosea Roth, de mãos dadas com ele. Pouso os olhos no seu rosto e peço: – Mas queria ouvir você tocar.

– Você já me ouviu tocar um monte de vezes – diz, com um tom estranho e uma cara estranha. Uma cara que nunca vi. Meio de pânico.

– Só aquelas músicas que a gente dança há um milhão de anos. – Fico sacudindo a cabeça e vou em direção à sala. – Quero ouvir as suas músicas.

Fica ali parado por tanto tempo que desconfio que não escutou. Aí vai atrás de mim, dá uma olhada para o piano e senta no banquinho, como se fosse um impostor ou fosse ter aula pela primeira vez na vida. Sento na beirada do sofá, ele se vira e avisa:

– Qualquer coisa que eu tocar nesse negócio fica uma merda. É um piano bem vagabundo e desafinado, só pra você saber.

O Hosea poderia ter tocado “O bife” por uma hora direto que, mesmo assim, eu ficaria encantada.

– Para de enrolar – provoco. Estou um pouco nervosa e não sei

por quê. Acho que não sei direito o que esperar. Até hoje, só o ouvi tocar música erudita: Tchaikovsky, Minkus ou Gershwin, compositores que a gente conhece de cor, músicas que nós, bailarinos, tocamos com os pés. Talvez eu não goste tanto assim das suas próprias composições.

Gira os pulsos, alonga os dedos e, de uma hora para a outra, começa a tocar algo que é tão maravilhoso que escorrego do braço do sofá e sento na almofada. Fico olhando aqueles dedos se movimentarem com destreza pelas teclas, aqueles músculos tensos por

baixo da camiseta, enquanto esse cara transmite a própria alma para aquela música. É uma mistura de clássico e contemporâneo, com sequências surpreendentes de acordes sombrios que ecoam pela minha alma.

No que será que pensa enquanto seus dedos dançam no teclado? Será que, como ele disse na casa do Klein, fica pensando em como me sinto quando ouço sua música? Será que sou aquela pessoa em trezentas que é afetada demais pelo seu talento?

Dou uma espiada na sua boca, ali, parada com seus traços fortes,

enquanto a criatividade flui dentro dele. Me convenço de que o Hosea nunca mais vai tocar essa música para ninguém além de mim. Poderia ficar sentada nesta sala minúscula e ouvi-lo compor para sempre. Mas aí termina, a sala fica em silêncio e, quando se vira, não sei o que dizer.

– O que você achou? – pergunta, por fim. Nem acredito no seu tom de ansiedade, na cara de nervoso que faz quando nossos olhos se cruzam.

– Essa música é sua? – pergunto, levantando do sofá e arrumando a blusa.

– É. Quer dizer, eu compus. É minha, sim. – Também se levanta e pergunta: – Você gostou?

– Não gostei. Amei! – Dou uns passos na sua direção. Nesta sala, se eu der mais dois, vou quase encostar nele. – Você pode ser famoso – falo, baixinho. – Se mais pessoas ouvirem você tocar...

– Não sou tão bom assim. Estou longe de ser bom.

Então fica vermelho, com as bochechas coradas pelas minhas palavras.

Acho que esse tom de quando está corado é sensacional.

Vira o rosto, senta no chão e

começa a falar:

– Ainda tenho muito o que aprender e preciso economizar para comprar outro piano e...

– Você vai dar um jeito. Você é especial. Não acredito que ninguém sabe disso.

– Você saber já basta – declara, enfiando as mãos no bolso e sem me olhar direito. – Seria uma injustiça se não soubesse. Te vejo dançar o tempo todo, e você é tipo perfeita.

– Não sou tão boa quanto o Josh. Ele é o melhor. A Ruthie também é muito boa. Ainda preciso treinar tanto para a seleção...

– Para mim, você é perfeita. –
Então me olha bem nos olhos, com
tanta intensidade que quase dá
medo. – Tudo em você é gracioso.

Dessa vez sou eu quem vira o
rosto, depois de ouvir uma dessas
não sei com que cara olhar para
ele. O Hosea vem chegando mais
perto e, mesmo assim, não consigo
olhar, não me mexo nem um
centímetro. Quanto mais se
aproxima, mais minha respiração
acelera. Até que fica bem na minha
frente bloqueando a luz, me
tocando, passando os dedos no
meu rosto. Meus olhos ficam
viajando nos fios soltos de cabelo

que emolduram aquele rosto. Engole em seco, e fico observando seu pescoço, pensando se quer que eu o beije bem ali.

Em algum momento, passamos do desejo para a necessidade, e a emoção conduz nosso beijo. No jeito que morde de leve meu lábio inferior, me convencendo com doçura a abrir a boca. No jeito como minhas mãos apertam suas costas, puxando-o na minha direção, cada vez mais perto. Saboreio tudo isso: as paradas rápidas para recuperar o fôlego, o calor daqueles lábios, o gosto doce de cigarro de cravo naquela língua.

É a necessidade que me faz pegar na sua mão sem perguntar nada e o levar pelo corredor. É por causa dela que, segundos depois, quando dou por mim, estou tirando a roupa na sua frente. Nos revezamos: a camiseta preta dele, aí meu cardigã e minha blusa. Sinto certo alívio quando encosto na sua calça e encontro botões em vez de um zíper. Espera eu abrir o sutiã, fica me observando. E eu espero que ele não se decepcione, que não ligue para o fato de essa peça de roupa ser quase inútil para mim.

Deitamos na cama, e ele me puxa para perto de si, arrasta meu

corpo pelo edredom frio e macio. O cabelo está caído na frente do rosto, faz cócegas nos meus ombros e provoca minha pele como o toque sedoso de um pincel. Nem consigo acreditar que temos tanto espaço, longe do aperto do carro. Como a cama é mais macia do que o banco de trás, como a sensação daquelas mãos de quem toca piano alisando minhas costas são muito melhores do que a de uma maçaneta me cutucando.

É carinhoso comigo, muito mais do que eu poderia imaginar. Passa os lábios pelo meu pescoço, pelos meus ombros, pelo meu umbigo e,

quando para e me pergunta se estou bem, seguro seu rosto e o beijo. Com vontade, para ele não perceber que meus olhos estão cheios de lágrimas. Nunca ninguém me perguntou isso.

Às vezes é desconfortável, mas nunca insuportável. Fico esperando ele mudar de ritmo, me tratar como uma boneca de pano. De vez em quando, era assim que eu me sentia com o Chris. Mas o Hosea é fofo. O tempo todo. Para de me beijar e pergunta se assim está bom, se de outro jeito é melhor, quer saber se não estou a fim de parar. Esse cara é maravilhoso e,

neste momento, nesta noite, é todo meu.

Quando terminamos, vou para o banheiro, sento na privada e choro. Soluço tanto que meus ombros até sacodem. Tento disfarçar, enterrando o rosto nas mãos e abrindo a torneira. Não posso deixar o Hosea me ouvir, mas também não posso ficar ali, deitada ao seu lado. Não vou conseguir me segurar, ele está sendo muito carinhoso comigo. Passa a mão no meu cabelo, beija meu pescoço e diz que o faço feliz. Enfio uma toalha de rosto cor-de-rosa na boca e abafo os soluços, porque essa

noite não pode durar para sempre,
e ele não é meu.

Não de verdade.

23

A QUINZENA ANTES DO JULGAMENTO CHEGA TÃO RÁPIDO QUE fico sem ar quando olho no calendário e vejo que só faltam doze dias.

Por causa das férias de inverno, esta é a primeira vez que encontro o Hosea na academia desde que transamos. Não lembro de ter reparado tanto na presença de alguém. Cada vez que se mexe no

banquinho do piano, cada virada de página da partitura, cada contração do seu pulso me dá vontade de estar com ele.

A Ruthie percebe que tem alguma coisa rolando. Fica me observando a aula inteira, o que não me ajuda em nada a controlar minha falta de ritmo. Não consigo me concentrar porque fico me perguntando se o Hosea está olhando para mim e pensando nos meus pés sem sapatilhas. Tentei escondê-los aquela noite, mas ele os viu quando eu estava me vestindo.

Meus pés deveriam estar

estampados num daqueles pôsteres que os podólogos penduram no consultório para assustar as pessoas. São horrorosos. Não lembro quando foi que os vi sem essa pele grossa e seca, endurecida por calos e bolhas. Minhas unhas dos pés são obscenamente curtas porque, se crescerem, nem que seja só um pouquinho, pago caro por isso. Fora as cicatrizes, onde a pele cortou, sangrou e sarou. Se acabar entrando numa companhia profissional, vou ter que desistir de ter pés normais.

Pedi para o Hosea não olhar, mas ele agarrou meu tornozelo e

pôs meu pé no colo. Passou a mão na parte de cima, alisou com o dedão a curva do meu arco. Soltei um suspiro silencioso. Aqueles dedos longos e lindos tocavam meus pés deformados quando tudo o que eu queria era escondê-los. Enrolou os dedos em volta dos dedos, apertou com cuidado um calo e disse que aquilo era a prova de como sou comprometida com a minha arte. Aí se inclinou e me deu um beijo, e eu retribuí. Queria tanto que o tempo parasse. Que aquele momento em que tudo era bom, especial e nosso durasse mais alguns minutos.

Depois da aula, fico no vestiário o tempo exato para chegar ao corredor no instante em que o Hosea passa pelo hall. A única pessoa por perto é a menina que fica sentada no balcão da recepção. Que é mais velha e não se interessa pelo que fazemos. Corro para alcançá-lo e ponho a mão no seu braço.

Ele parece surpreso em me ver, apesar de termos passado uma hora e meia no mesmo lugar. Apesar de ser a segunda pessoa que mais se aproximou de mim. Na vida. A que mais se aproximou, considerando a ligação emocional.

Para ser sincera, essa é uma coisa que nunca tive com o Chris. Como é possível ter uma ligação verdadeira com alguém se tudo o que essa pessoa disse era mentira?

– Oi – diz. E sorri, mas não posso deixar de reparar na hesitação por trás desse sorriso, porque... tudo bem. Estamos na academia. Em público. Olho para a menina atrás do balcão. Ela nem está prestando atenção. Mas, mesmo assim, precisamos tomar cuidado. Até uma cidade grande como Chicago é um mundinho pequeno. As pessoas se conhecem, e as coisas podem chegar aos

ouvidos da Ellie mais fácil do que a gente imagina.

Então tiro a mão do braço dele e fico longe enquanto saímos para a rua. Até virar a esquina, onde as únicas pessoas que podem nos ver estão entrando e saindo da farmácia. Nevou uns dois dias durante as férias de inverno. Aqui em Chicago, a maior parte já derreteu, mas não tudo. Ainda tem pequenos bancos de neve em alguns edifícios, já meio pretos por causa das bitucas de cigarro, do lixo e da sujeira das ruas.

– Oi – diz ele, de novo. Então me dá um selinho, já que agora

estamos em segurança. – Como você tá?

– Cansada. Mas bem –
respondo, encolhendo os ombros. –
E você?

Isso se “bem” for sinônimo de ficar suando no meio dos lençóis e acordando com terror noturno, imaginando o que vou dizer no dia do julgamento. Se for sinônimo de ficar observando a casa do Donovan o tempo todo, tentando adivinhar se ele vai falar comigo caso eu vá até lá de novo. Se for sinônimo de comer apenas o suficiente para não levantar suspeitas e ficar me beliscando até sentir uma dor

profunda toda vez que penso em comida. Então, sim. Estou bem.

– Tô bem também – responde, balançando a cabeça. – Tudo certo.

Tudo parece tão estranhamente formal. Esse cara me viu sem roupa. Passou a mão em mim, me beijou até eu ficar sem forças. Mas agora fica me olhando com cara de expectativa, como se eu tivesse que dizer alguma coisa específica para me aproximar dele.

– Você vai... é... você vai ao baile de inverno?

É a primeira coisa que me vem à cabeça. Não tenho pensado nisso. Não mesmo. Mas é na próxima

sexta. Todo mundo está fazendo planos, e quero saber quais são os dele.

– Não quero ir. Quer dizer, por mim eu não iria, mas a Ellie... quer muito ir, já que é nosso último ano.

– Ele solta um suspiro e conclui:

– Então disse que eu ia.

– Ah... – Deus. É claro que ele vai com ela. – Certo.

– Olha, odeio essas coisas – conta. Olho fixo para uma mecha de cabelo caída no seu rosto, perto da orelha. Aquela orelha que eu beijei. – Queria não ser obrigado a ir. Queria poder ficar com você.

– Você poderia – respondo. Com

um tom tão esperançoso que me dá vontade de vomitar.

O Hosea chuta um monte de neve duro e imundo e diz:

– Você sabe que não posso desmarcar com ela a essa altura. A Ellie... – Não chega a terminar a frase e, como não falo nada, ele dispara: – Tenho que ir.

De um jeito meio distraído.

De um jeito que me dá um aperto no coração.

E isso deve ter ficado estampado na minha cara, porque ele diz, com um tom pesaroso:

– Preciso encontrar a Ellie. Te daria uma carona, mas...

– Não preciso de carona
– disparo. Tiro as luvas dos bolsos para ter o que fazer, além de ficar pensando que acabei de deixar meu orgulho ferido transparecer.

– Theo...

Não estou conseguindo enganar nenhum de nós dois, então paro de mexer nas luvas e olho para ele.

– Isso não muda nada, Ok? – declara, com aqueles olhos cinzentos cheios de ternura. – Quero te ver o máximo possível, mas ela não pode ficar sabendo.

Certo. Falei que conseguiria segurar essa onda. Prometi que podia dividi-lo com a Ellie. Então,

quando pergunta "Ainda tá tudo bem entre a gente?" balanço a cabeça e deixo ele me abraçar. Fecho os olhos com força e aperto o nariz contra seu peito.

Foi bom ter conseguido me controlar, dou a volta no prédio depois da gente se despedir. Esqueci minha bolsa da dança. Tenho que voltar para a academia, e ninguém pode me ver chorando. Vivo falando, toda orgulhosa, que não sou de chorar, para não acharem que sou fraca. Especialmente a Marisa. E, às vezes, é difícil engolir o choro, mas não vou estragar minha reputação

de quatorze anos agora.

Quando chego na porta, dou um encontrão na Ruthie. Minha sacola está pendurada no seu braço direito, em cima da dela. Minha colega faz uma cara animada quando me vê e fala:

– Ai, que bom. Ia mesmo te ligar. Não sabia direito se você já tinha ido embora...

Olha em volta como quem não quer nada, mas é óbvio que está procurando o Hosea. Só que não mordo a isca. Pego minha sacola e digo:

– Valeu, Ruthie.

E, quando ela me oferece

carona, aceito na hora.

A Ruthie mora em River Forest, uma cidadezinha depois de Ashland Hills. Me deixar em casa não é muito fora de mão. Além do mais, com esse frio, andar até a estação seria um martírio. Só fiquei do lado de fora por alguns minutos e meus dedos dos pés já estão formigando.

Atravessamos o estacionamento, indo em direção ao carro dela. Fico esperando que minha colega pergunte sobre o Hosea, mas, para minha surpresa, ela diz:

– Você já pensou em desistir?
Em desistir de tudo?

Fico olhando em silêncio,

passada, e pergunto:

– Do balé?

– Bom, do futebol é que não vai ser – retruca. Então pega um par de luvas vermelhas no bolso do casaco e completa: – É, do balé. Dos intensivos de verão, dos treinos extras... o que você faria se não dançasse?

Faço uma cara estranha e respondo:

– Nada, acho eu. Não sei fazer outra coisa.

– Eu também não – concorda. Aí aperta o botão do alarme do carro, e entramos depois do bipe. Liga o ar quente, põe o cinto de segurança

e continua: – Você não acha isso esquisito? A gente não saber fazer outra coisa?

Encolho os ombros, puxo o meu cinto de segurança, cruzo na frente do peito e falo:

– Não acho, não.

– É que parece que todo mundo está envolvido em, tipo, um milhão de coisas desde que a gente é criança – explica, sacudindo as mãos na frente das saídas de ar enquanto espera o carro esquentar.

– Esporte, música, atividades acadêmicas...

– É, mas todo mundo acaba abandonando esse monte de coisa

para focar em uma só. A diferença é que faz muito tempo que sabemos o que queremos.

– Mas e se fosse pra gente fazer outra coisa? Nunca vamos saber. – Ela fica em silêncio, passa a mão nos cachos dourados e me olha. – Você nunca se pergunta se devia ter sido outra coisa? Sei lá, ginasta, jogadora de vôlei ou algo assim?

– Você está assim por causa dos intensivos de verão?

Fico observando o chaveiro pendurado no retrovisor da Ruthie. Uma miniatura de uma sapatilha de ponta de cetim, tão perfeita quanto as que a gente usa na aula.

Minha colega olha pelos espelhos, liga os faróis e tira o carro da vaga.

– Não. Não sei. Eu quero entrar. Quero mesmo. Mas e se eu não passar? E se eu passar e for a pior da turma? Todo mundo vai achar que consegui a vaga porque ficaram com pena de mim. Ninguém vai me levar a sério.

– Ruthie – falo, movendo os olhos –, nunca vão te dar uma vaga porque ficaram com pena de você. Milhares de pessoas fazem esses testes todos os anos. Não tem espaço para isso.

– Não sei bem o que isso

significa, vindo da “queridinha” da professora.

Não digo nada, e ela fica em silêncio por um tempo. Puxando e soltando os cachos. Pulando de estação em estação de rádio por tanto tempo que me dá vontade de dar um tapa na mão dela. Começo a pensar que ela esqueceu que estou no carro, quando diz:

– Pelo menos o balé vai me tirar daqui. Não ligo se tiver que dançar numa companhia no meio do nada, vou embora.

– O que foi agora?

– Nada de novo – responde, com um suspiro. – Só tô cansada de

sempre me dar mal com todo mundo. Preciso recomeçar do zero.

– Só temos mais um ano de Ensino Médio. A menos que você vire bailarina profissional. Aí até vai poder ir embora antes.

– E se eu não conseguir? – pergunta, com os olhos fixos na estrada. Mas dá para ver sua expressão de medo. E, só de pensar que a Ruthie está com medo, fico com medo também. Nunca pensei que ela pudesse ter medo de alguém ou de qualquer coisa nesse mundo. – E se eu não for aceita em nenhum lugar? Nem num intensivo de verão? O que vai acontecer? Vou

ficar presa aqui, ter que estudar na Universidade DePaul, em Chicago mesmo, conhecer mais gente que eu vou odiar? Não posso fazer isso, Cartwright. De jeito nenhum.

– Também estou com medo
– confesso. Cutuco com o indicador a sapatilha pendurada no retrovisor. Fico olhando ela balançar para a frente e para trás enquanto andamos pela pista expressa, que já está escura.
– Com muito medo.

Consigo ver que minha colega está apertando aqueles olhos azuis.

– Com medo de quê?

– De tudo o que você acabou de

dizer. E de... tomar as decisões erradas. Fazer a maior cagada.

Me belisco. Acima do cotovelo dessa vez. Com força. Minha boca está funcionando mais rápido do que a minha cabeça.

– De tomar as decisões erradas. Olá, cidadezinha qualquer! Não é disso que todo mundo tem medo?

Ignoro o sorrisinho malicioso dela e pergunto:

– Qual foi a pior coisa que você já fez?

Passo a mão na garganta para ter certeza de que sou eu mesma que está falando. Vibrações minúsculas pulsam nas pontas dos

meus dedos, então acho que sou eu mesmo. A Ruthie está respondendo, então só pode ter sido eu.

– Se isso é algum tipo de chantagem, Cartwright, você está dando muito na cara.

Ela diminui o ar quente. Queria que tivesse apertado outro botão. Aquele, de voltar no tempo, assim eu nunca teria feito essa pergunta.

– Eu não faria uma coisa dessas – garanto. Olho para a van cor de champanhe que passa do meu lado. Seu interior está iluminado por um retângulo pendurado entre o banco da frente e o banco de trás. Um aparelho de DVD. Mas não dá para

ver o que está passando nem quem está assistindo. – Perguntei por curiosidade. Qual foi a pior coisa que você já fez na vida?

A Ruthie inclina a cabeça para o lado, morde o lábio inferior e solta em seguida.

– Se você contar isso para alguém, eu te mato. Literalmente. Vou atrás de você onde quer que esteja dançando, finjo que me importo com você, mas, na verdade, vou te envenenar.

– Me envenenar? – pergunto. Parece uma coisa leve pra Ruthie.

– Vamos fingir que as sessões de terapia de controle da raiva

surtam efeito até lá – brinca. Aí limpa a garganta e continua: – Mas tô falando sério, Cartwright...

Me viro no banco, de frente para ela, e insisto:

– Não vou contar pra ninguém, tá?

Então ela começa a falar bem, mas bem devagar, para eu não perder uma palavra.

– No sexto ano, briguei com a Skye Richardson. Foi bem feio. Ela me arrancou uma mecha de cabelo, e mordi o braço dela com tanta força que sangrou.

Me dá um calafrio.

– Meus pais me deixaram de

castigo, mas foi bem no final do ano. Então não pude ir para o acampamento de verão. – Ela me dá uma olhada e continua contando: – Olha, sei que muita gente acha que esse acampamento é ridículo, mas eu tinha doze anos e gostava muito de lá. As pessoas que iam todos os anos... realmente me entendiam, sabe? E ia ter que esperar mais doze meses para vê-las, por causa dos meus pais. Eles não iam me deixar pegar um avião e atravessar o país para visitá-las.

Não consigo imaginar a Ruthie num acampamento de verão, muito menos gostando e fazendo amigos.

Mal consegue controlar o mau humor quando está na academia.

– Foi culpa da minha mãe. Tenho certeza de que meu pai teria cedido, mas ela estava muito puta – prossegue, soltando um suspiro. – Me chamavam de “garota canibal” no colégio. Ela ficou sabendo e... tem uma coisa que você precisa saber: minha mãe é bipolar.

Ai, que droga. Estou com um mau pressentimento. Acho que a Ruthie também, porque fica um tempo em silêncio antes de contar o resto da história.

– Mas ela sempre fez questão de que eu soubesse disso. Me

contaram quando eu era pequena. Queria ser útil, então minha mãe inventou uma rotina: ia fazer o café da manhã, e eu pegava os remédios no banheiro. Colocava do lado da caneca. Ela sempre confiava em mim e... comecei a bagunçar os remédios. Trocava um pelo outro. – A Ruthie fica em silêncio de novo, sem nunca tirar os olhos da estrada. – Estava tão brava. Ficava olhando ela tomar o remédio, sabendo que estava errado, e não sentia nada. Parecia que eu estava no meio de um nevoeiro.

Minha colega para de falar por

um minuto, e me dá vontade de perguntar o que aconteceu depois, mas não ousa falar antes dela. Ela vai terminar a história. A Ruthie pode não ser muitas coisas, mas é perfeccionista.

– Foi parar num hospital psiquiátrico por, tipo, duas semanas – diz. Pisca os olhos umas duas ou três vezes, como se quisesse voltar para o momento presente, e prossegue: – Acharam que não estava tomando os remédios, e meu pai ficou um caco, tentando entender o que tinha acontecido. Foi um desastre, tudo culpa minha – termina, soltando um longo

suspiro.

– Você não tinha como saber.

– Eu sabia o que estava fazendo.

Nunca tinha visto minha mãe surtar porque ela tomava os remédios direitinho desde que fui adotada. Mas já tinha ouvido falar dos surtos, e não parecia nada bom. Não pensei que ela poderia ter morrido. Pelo jeito, suas fases de depressão são muito profundas.

Passo a mão no couro lisinho do banco do carro e pergunto:

– Você já contou isso para ela?

– Não. Quer dizer, já pensei em contar. Pra caramba. – A Ruthie olha pelo retrovisor para trocar de

pista, começa a pegar a saída para Ashland Hills. – Tenho quase dezoito anos, então não acho que vão me devolver para a agência de adoção nem nada desse tipo. Mas às vezes fico preocupada, achando que meus pais pensam que sou má pessoa. Estão comigo desde que eu era bebê e, mesmo assim, acabei ficando desse jeito. Deve ser alguma coisa de sangue. Se eu contar sobre os remédios... – hesita, sacudindo a cabeça. – Não posso. É muito pesado, mesmo vindo de mim.

Não sei o que dizer. Não imaginava que a Ruthie fosse capaz

de fazer o que acabou de me contar. Ela é guerreira, todo mundo sabe disso. Mas não sabia que era calculista. E que fica vingativa quando não consegue resolver os problemas no tapa.

Pelos próximos minutos, fico guiando minha colega até a estação de trem de Ashland Hills, e ela fica só balançando a cabeça. Vai reto depois da placa de "pare" e vira à direita na rua Magnólia. Aponto para o meu carro, que não é nada de mais. Quando fiz dezesseis anos, minha mãe me deu porque não o queria mais. Mas a Ruthie o examina como se fosse um carrão

esportivo.

– Então você dirige mesmo.
Estava começando a duvidar.

– Meus pais tentam me convencer de que o carro vira abóbora assim que tomo a direção de Chicago.

Ela me dá um sorriso distante e fala:

– Agora você conhece o meu segredo mais bem guardado e terrível. Quase matei minha mãe. Aquela que é, praticamente, a pessoa mais legal da face da Terra. Daria um ótimo filme para a TV, não?

– Por aí.

Sorrio também, mesmo sabendo tão bem quanto ela que não tem nada de engraçado nessa história.

Aqueles olhos azuis ficam com um ar sério, e a Ruthie pergunta:

– Agora você me acha uma pessoa horrível?

– Não. Todo mundo erra.

A coisa teria ficado feia para o lado da minha colega se ela fosse pega ou tivesse acontecido alguma coisa ainda pior com sua mãe. Mas a Ruthie não foi pega e não contou para ninguém.

– E qual foi a pior coisa que você fez, então? – incita a Ruthie. – Deve ter sido bem ruim, pra

perguntar qual foi a minha.

Fala baixo o suficiente para pôr alguma coisa dentro de mim em movimento. De novo, minha boca abre sozinha, contra a minha vontade. As palavras saem se arrastando do meu estômago, onde estavam escondidas, batendo dentro de mim até eu ficar toda dolorida.

Aí sobem pelas minhas costelas, deslizam sobre meu coração e, quando se libertam, saindo pelos meus lábios, sinto que estou respirando de verdade pela primeira vez em meses.

– Namorei alguém que pode ter

feito uma coisa terrível.

Uma corrente de calor passa pelo meu corpo, seguida de calafrios. Pronto, falei. Revelei o segredo, e agora não dá mais para voltar atrás.

Mas falei tão rápido que a Ruthie ficou confusa:

– Ele pode ter feito uma coisa terrível ou você?

– Ele. Não tenho certeza. Ainda não sei se realmente fez isso, mas acho que fez. – Aperto as mãos nas coxas. – E tudo poderia ter sido diferente se eu tivesse contado para alguém que o namorava. Ninguém sabia que estávamos

juntos...

– Talvez não seja tarde demais
– diz a Ruthie, de um jeito encorajador, mas não forçado. Quem sabe tenha sido isso que percebi na sua voz, um indício de que posso confiar nela. Não sei bem o que é, mas continuo falando.

– Ele está preso – conto, engolindo mais ar. Respirando até sentir que meus pulmões vão estourar. – Vai se dar mal de qualquer jeito. Mas, se eu contar o que aconteceu entre nós... tudo o que aconteceu entre nós... posso ajudar alguém...

Alguém específico.

– E, se você não contar, terá que viver com essa culpa – conclui a Ruthie. A voz dela é clara e objetiva. Mas, quando viro para ela, vejo que está com os olhos cheios de lágrimas. Não preciso nem perguntar: está revivendo a ida de ambulância até o hospital, o jeito como as pessoas ficavam lhe falando que tudo ia ficar bem. Porque era só uma menininha, e meninhas não devem se preocupar com esse tipo de coisa.

– ... o Donovan.

– Quê? – solta. Então se vira para mim, de volta ao presente.
– O que foi que você disse?

Merda.

Tento de novo. Ainda estou morrendo de medo de encarar o Chris no tribunal, independentemente do que vou dizer. Mas pelo menos já terei dito essa parte para alguém, mesmo que nunca mais diga de novo.

– Meu ex-namorado é o cara que está sendo acusado de ter sequestrado meu amigo... o Donovan.

Sussurro, mas o carro está em silêncio, e a Ruthie não precisa se esforçar para me ouvir. Se lembra de quando ele desapareceu, viu o noticiário como todo mundo. E fica

pálida naquela luz do
estacionamento. Pronto: é essa
cara que as pessoas fazem quando
você conta a pior coisa que já fez
na sua vida. Basicamente, minha
colega fica olhando para um ponto
fixo no para-brisa. Bastante. Tanto
que perco a noção do tempo.

– Li uma matéria que dizia que
ele tem trinta... – fala. Fica em
silêncio, depois completa: – ... anos
de idade.

– Ele me disse que tinha dezoito
– explico, engolindo em seco. – Não
tinha cara de velho. Foi meu
primeiro cara, ele... eu o amava...
tanto, Ruthie.

Solta um suspiro tão longo e alto que até seria engraçado, se não estivéssemos conversando sobre a pior coisa que já fiz na minha vida.

– Meu Deus, Cartwright. Ele... então quando vocês namoravam ele tinha... – Dá pra ver que minha colega está fazendo as contas, somando, calculando o quanto eu era idiota há quatro anos. – Você contou isso para mais alguém?

Sacudo a cabeça e, quando olho para a Ruthie, me arrependo.

Ela está com um olhar de pena. Não sei o que me deu na cabeça de contar para ela. Minha cabeça não estava funcionando. Não tinha

controle sobre meu corpo, sobre minhas próprias cordas vocais. Tinha que desabafar de alguma maneira, mas a Ruthie não entende. Por que entenderia?

– Cartwright, eu...

– Eu sei – digo, já estou com a mão na maçaneta, pronta para escapar antes de ela me dizer o que realmente acha da minha confissão. – Isso é nojento, vou indo, obrigada pela carona.

– Para! – exclama, com uma voz de dar medo. A voz de briga. Que fica mais suave e fala: – Lamento muito. Muito, muito mesmo.

Ela não está brava. Só lamenta

pelo Donovan. Talvez lamente ter feito amizade comigo um dia.

– Cartwright? – A Ruthie me dá um olhar triste, que parece quase tão fora de contexto quanto as palavras que me diz em seguida: – Quero dizer que lamento muito o que aconteceu com você.

– Por ele ter mentido? É. – Esfrego os olhos. Estou cansada. De falar. De falar do Chris, de me arrepender de tudo o que não fiz quatro anos atrás. – Também lamento ele não ser a pessoa que disse que era.

– Não era isso que eu... – Minha colega aperta os lábios por um

tempo antes de perguntar: – Você transou com ele?

Balanço a cabeça, mas, quando respondo “Ele era meu namorado”, meu estômago fica todo embrulhado.

A Ruthie me encara tão duramente que quero desviar o olhar, mas não consigo. Não é assim que as coisas funcionam. Você não pode virar a cara quando está falando com alguém sobre a pior coisa que já fez na vida. Ou você está dentro ou está fora.

– Não interessa se você gostava dele ou não. Mesmo assim esse cara... – Ela hesita, mas não vira a

cara porque também sabe como as coisas funcionam. Engole em seco. Pisca os olhos e me chama pelo nome pela primeira vez em séculos. Falando num tom tão dolorido que quase se sufoca.

– Theo, você não sabe que ele te estuprou?

Estupro.

Estupro.

Estupro.

Não. Essa palavra é usada para descrever o que acontece com aquelas mulheres que são pegas à força na esquina, ou as meninas cujos namorados não aceitam “não” como resposta. Eu era apaixonada

pelo Chris. Ele não me obrigou a transar nem jogou nada na minha bebida para que eu não tivesse escolha.

Tá, o cara era meio bruto às vezes. Mas estupro? Isso é o que as pessoas acham que ele fez com o Donovan, mas não fez isso comigo. A gente transou, e ele foi embora sem se despedir, mas não me estuprou.

Preciso sair dali. Minhas mãos trêmulas sacodem a maçaneta, e saio do carro para fugir da Ruthie, daquela expressão patética que está fazendo desde que mencionei o nome do Chris. Não aguento ela

me olhando com aquela cara, como se as pessoas devessem ter pena só de mim.

Minha colega também sai do carro. Seus cachos ficam bem embaixo do fecho de luz do estacionamento. Brilham com uma brancura azulada, como a do céu ao amanhecer. Mais do que nunca, ela parece um anjo.

– Cartwright...

– Ele era meu namorado. Ele não... você não pode sair por aí falando que ele... – Minha língua fica enrolada nas minhas próprias palavras, e não consigo dizer o que realmente pesa no meu peito.

– Você não pode, Ruthie.

Ela solta um suspiro profundo, que o frio transforma numa nuvem translúcida que se esparrama no capô do carro e depois some no ar da noite.

– Você não pode contar pra ninguém, Ruthie. Não pode. Não pode contar. Não pode falar nada – repito isso tantas vezes. Até ela ficar bem na minha frente, até a Ruthie Pathman me dar um abraço bem apertado, no estacionamento vazio da estação de trem.

– Me promete que você não vai contar nada. – Meu rosto está esmagado contra o ombro do

casaco de lã dela. Minha voz, abafada, mas não restam dúvidas sobre o que eu disse. – Promete, Ruthie. Você precisa me prometer. Você precisa...

Então ela se afasta e olha para mim, bem nos meus olhos, e diz:

– Não vou contar nada.

Acredito nela. Posso até estar sendo boba, mas preciso acreditar que posso confiar em alguém.

24

EU DEVERIA TER IDO PARA A ESCOLA COM O DONOVAN naquele último dia em que a gente se viu, mas ele me dispensou.

Íamos de ônibus no inverno, porque era muito frio, e nossos pais não queriam que atravessássemos as ruas congeladas com nossas bicicletas, pois elas tinham pneus bem fininhos. Mas, assim que

chegava a primavera, podíamos ir e voltar livremente de bicicleta. Aproveitávamos isso ao máximo.

Nos seus melhores dias, o ônibus tinha cheiro de meia suja, e sempre tinha alguém do sexto ano chorando num dos bancos da frente. Além disso, ir de bicicleta nos dava mais independência. Não precisávamos estar lá fora assim que tocava o sinal e podíamos parar na loja de conveniência, dar um tempinho antes de ir para casa.

E, quando conhecemos o Chris, era isso o que sempre queríamos fazer.

Nunca vou esquecer a segunda-

feira em que aparecemos lá depois da aula e o Chris não estava. Segunda-feira era o dia de ele ficar atrás do balcão, mas a mulher do caixa, que estava mascando chiclete, disse que ele não trabalhava mais lá.

Como assim, não trabalhava mais?

– Isso mesmo. Simplesmente não apareceu mais – completou, lendo a parte de baixo de um jornal dobrado no meio. Tinha estrelas minúsculas tatuadas nos pulsos e um cabelo vermelho desbotado todo cheio de frizz, na altura do ombro. – Falei pro Larry não

contratar esse cara.

– Por quê? – Cruzei os braços e fiquei encarando a mulher.

– Porque eu sabia que ele ia aprontar algum tipo de merda – explicou, pousando os olhos na foto de um ator usando uma tornozeleira de prisão domiciliar. – Era preguiçoso e acho que estava roubando. O cara pensava que isso ia passar batido só porque era bonitinho. Mas não era tão bonitinho assim.

A caixa sacudiu a cabeça. Olhei para o crachá pendurado em cima do bolso da sua camisa polo amarela. O nome dela era Penny.

– O Larry ligou pra ele há algumas horas – contou, com aquela boca cheia de chiclete de morango. Dava pra sentir o cheiro artificial do outro lado do balcão, ver aquele bolo cor- -de-rosa que ela torcia e puxava com os dentes. – Disse que o celular do cara tava desligado.

Eu e o Donovan nos olhamos. O Chris deve ter se metido em alguma confusão, como um acidente de carro. Ou quem sabe estava doente e por isso não pôde atender a chamada.

– Por acaso ele... – Fiquei em silêncio por alguns segundos, não

queria revelar mais do que o necessário. No caso de ele aparecer e conseguir o emprego de volta, e a Penny começar a fazer perguntas. Mas eu precisava saber, precisava dar tudo de mim enquanto estivesse lá. – Você tem o endereço dele? A gente... a gente precisa falar com ele.

– Não poderia passar para você nem se eu tivesse. É confidencial e tudo mais. – A Penny se endireitou atrás do balcão e me deu uma olhada atenta. – Arrumou uma paixonite? Pode acreditar em mim: meninos bonitinhos como ele você encontra em qualquer esquina.

– Eu não... – Mas não sabia como terminar a frase. Não podia contar que não era uma garotinha que aparecia lá depois da aula para ficar parada perto do balcão olhando o Chris trabalhar. Eu era namorada do cara. A fase da paixonite tinha passado havia meses.

A caixa trocou o jornal que estava lendo por outro, que estava no balcão de trás.

– Ele foi embora, menina – disse, me dando uma última olhada. – E acho que não vai voltar.

O Donovan desapareceu exatamente duas semanas e um

dia depois.

Depois que ele foi tão curto e grosso comigo, tão cheio de segredos ("A gente não precisa fazer tudo junto o tempo todo"), desci as escadas, saí pela porta e subi na minha bicicleta, me esforçando para não chorar. Primeiro o Chris tinha desaparecido, e agora o Donovan estava me escondendo coisas.

Todo mundo estava se afastando de mim. Mas ninguém me dizia o que eu tinha feito de errado.

Mais tarde, no gabinete do

diretor, tudo o que eu mais queria era poder me afastar. Estava sentada na frente da mesa do diretor Burns, ao lado da mãe do Donovan. A sala estava gelada, e eu estava morrendo de fome. Não tinha almoçado. Sentei na cantina com o Phil e fiquei olhando para o meu cheeseburger com fritas até ele esfriar, jogado na minha bandeja, formando uma pilha abandonada e borrachenta. Me sentia bem não comendo. Me sentia forte. No controle da situação.

– Theo, você pode nos contar de novo o que ele te disse?

O sr. Burns tem cara de gentil.

Eu sabia que não devia pensar isso, mas as linhas de expressão em volta da sua boca e dos seus olhos eram reconfortantes, parecia um avô. E fez questão de me dizer logo que eu não estava metida em encrenca. Mas, quando vi a mãe do Donovan, a preocupação nos seus olhos, tive certeza de que alguma coisa estava errada. Muito errada.

Respirei fundo antes de começar a contar de novo o que já tinha contado outras cinco vezes:

— Ele disse que tinha que resolver umas coisas. Mas que apareceria depois e que a gente ia voltar junto para casa.

Só faltavam mais duas aulas, e acho que todo mundo ali tinha certeza de que o Donovan não ia mais aparecer no colégio aquele dia. Esperei meu amigo chegar antes da hora do almoço, mas é óbvio que isso não aconteceu. Ele não atendia o celular, caía direto na caixa postal. E ninguém mais teve notícias. Nem o Phil nem os pais do Donovan nem nenhum dos amigos do time de beisebol.

– Que coisas ele teria para resolver?

A sra. Pratt não se virou para mim quando disse isso, mas vi que estava com um olhar perturbado,

vasculhando a sala. Mal conseguia sentar na cadeira, estava bem na pontinha, e não parava de torcer as mãos no colo.

– Isso não é a cara dele, guardar segredos – completou. Aí pousou os olhos em mim. Me deu vontade de virar para o outro lado, mas não consegui. – Por que ele guardaria segredos de você, Theo? Você é a melhor amiga dele.

O diretor Burns, que passava um peso de papel de vidro de um lado para o outro da mesa, limpou a garganta e perguntou:

– Theo, você consegue imaginar algum lugar aonde ele possa ter

ido? Algum lugar fora da cidade? Na casa de alguém? Ele tinha um lugar aonde sempre ia quando ficava sozinho?

– Bom... – disse, olhando para o meu colo, para o buraco que tinha aparecido no joelho da minha calça jeans. – Às vezes a gente parava na loja de conveniência. Depois da aula... aquela, na rua Cloverdale.

A sra. Pratt virou a cabeça na direção do diretor Burns, mas ele devia estar bem acostumado a lidar com pais histéricos. Já estava pedindo para a secretária ligar para a loja. Alguns minutos depois, estava falando com o dono. O

Larry.

Sim, o Larry tinha visto o Donovan. Meu amigo tinha passado na loja uns trinta minutos depois que eu o vi e estava sozinho. Mas não, o Larry não sabia para onde ele estava indo depois de sair da loja e pegar a bicicleta. Comprou umas porcarias (carne-seca, batatinhas fritas, refrigerantes e balas). E uma revista em quadrinhos. Só que o dono da loja não lembrava qual.

Por que o Donovan foi até a loja de conveniência se o Chris não trabalhava mais lá? Claro, já tínhamos parado ali algumas vezes,

quando estávamos entediados, morrendo de sede ou de fome. Afinal de contas, foi assim que a gente conheceu o Chris. Mas por que parar e comprar comida, como se estivesse indo a algum lugar e precisasse de um lanchinho para mais tarde?

A sra. Pratt estava inconsolável. Minha mãe apareceu depois e nos levou para casa. Para ser bem sincera, preferia ter ficado no colégio, mesmo só durante aquelas poucas horas que faltavam. Pelo menos não ia precisar confrontar o terror que estava se espalhando lentamente da casa dos Pratt para

o resto da cidade.

Às onze da noite, o Donovan ainda não tinha aparecido, e meus pais me mandaram para a cama. Como se eu fosse conseguir dormir sem saber onde ele estava. Se tinha intenção de voltar para casa, por que não me disse aonde ia?

Naquela noite, eles me beijaram no rosto e me deram um abraço ultralongo antes de eu subir para o meu quarto. Desliguei a luz e deitei na cama, por cima das cobertas e sem trocar de roupa. Abri a palma da mão e apertei o botão do meu celular onde estava gravado o número do Donovan. Segurei a

respiração, esperando ele atender e me dizer que tinha perdido a noção do tempo e já estava voltando para casa.

Não aconteceu nada. Nem um sinal de que estava chamando. Só caiu direto na caixa postal. A voz que meu amigo fazia quando tinha adultos por perto me disse que ele não podia atender no momento, para por favor deixar uma mensagem, que ele retornaria minha ligação.

Não deixei mensagem porque já tinha deixado muitas. Uma a mais não ia fazer diferença.

Liguei para o Chris. Uma última

vez. Só para ver se o seu silêncio não tinha sido um engano, se ele também sentia saudade de mim e queria me ver.

Mas só ouvi a mesma mensagem das últimas duas semanas:

Lamentamos, mas o número que você discou não está mais recebendo chamadas. Se você acha que discou este número por engano, por favor desligue e tente novamente.

Só consegui pegar no sono às duas da manhã. Dormi com o celular do lado do travesseiro, mas ele nunca tocou. Nem durante a

noite nem no dia seguinte.

Meu telefone nunca mais recebeu chamadas do Chris ou do Donovan, e eu nunca mais parei de pensar o que tinha feito para merecer aquilo.

25

O BAILE DE INVERNO.

Decididamente menos brega que o dos ex-alunos, e mais tranquilo do que o de formatura. Mas, mesmo assim, o evento não tem se esforçado muito para merecer o meu respeito ao longo dos anos.

Só que a Escola de Ensino Médio de Ashland Hills leva seus bailes muito a sério, e a comissão do

grêmio de estudantes especialmente designada para esse fim começa a fazer o planejamento logo depois do baile dos ex-alunos. Com mais de dois meses de antecedência. Este ano, cai na sexta-feira antes do julgamento. Tenho mais três dias antes de tudo começar, e acho que esse é um bom motivo para não ir ao baile, mas a Sara-Kate e o Phil não querem nem saber. Como no ano passado, vamos juntos. Sem par oficial, mas não sozinhos.

Este ano, pensei que os dois poderiam ir juntos, como um parzinho de verdade. Acho que não

aconteceu nada além daquela zoação descontrolada que já presenciei na hora do almoço, no Casablanca's, em quase todas as vezes que nós três nos encontramos. Mas o sentimento está lá. No jeito que o Phil sempre se antecipa para abrir a porta para minha amiga ou lhe cede o melhor lugar no cinema. Naquele olhar, que nunca se cansa de admirar o corpo de violão dela. E está no jeito superfofo que a Sara-Kate sorri. Na paciência interminável com que minha amiga escuta as reclamações excessivas que ele faz das injustiças do mundo.

Vou com minha mãe ao shopping para escolher um vestido. E me arrumo com a Sara-Kate, deixo-a me transformar numa boneca com os milagres escondidos na sua maleta de maquiagem. Quando termina, fico me sentindo bonita. Me viro lentamente para o espelho de corpo inteiro dela e fico admirando meu vestido cor de ameixa longo, decotado nas costas.

– O Hosea vai ao baile? – pergunta, sentada na beira da cama, observando eu me olhando no espelho.

– Vai – respondo. Fico passando a mão no tecido liso, e nossos

olhares se cruzam no espelho.
– Quer dizer, acho que vai. Disse que a Ellie estava a fim de ir, então...

– Então você continua falando com ele. Óbvio – fala, balançando de leve a cabeça. Sei que não deveria me sentir ofendida com esse gesto, pelo tom que minha amiga diz “óbvio”, mas me sinto. É exatamente por isso que não lhe contei que transei com o Hosea. Ela não entende, e não sei como explicar que esse cara vale a pena.

– Você está brava comigo por eu... gostar dele?

Ainda estamos nos olhando pelo

espelho. Ela cruza as mãos em cima do colo, espia rapidinho pela janela. A noite atrás daquelas cortinas de renda branca parece negra e gelada. Vai todo mundo morrer de frio, porque ninguém gosta de usar casaco por cima de vestidos lindos e ternos finos. Prendo a respiração e espero a Sara-Kate me responder.

– Não estou brava com você, Theo – diz, para o meu reflexo. – Só acho que você pode arrumar alguém melhor. Merece um cara que não precise esconder que tem um relacionamento com você.

Não sei o que dizer depois dessa, então, viro o rosto. Saio de

perto do espelho.

Dois segundos depois, ela me abraça por trás. Pousa o queixo no espaço entre meu pescoço e meu ombro e fala:

– Mas mesmo assim eu te amo e quero que você seja feliz.

Ficamos abraçadas por um tempo, e me sinto tão bem cercada pelo amor da Sara-Kate que fico me perguntando se ela sentiria a mesma coisa por mim se descobrisse a verdade sobre o Chris.

Acho que o Phil vai ter um ataque do coração quando vir a

Sara-Kate toda arrumada para o baile. Para ser sincera, os seus olhos quase saltam do rosto atrás daqueles óculos de armação preta que ele escolheu para a ocasião. Com toda a razão. O cabelo da Sara-Kate está pintado com um tom mais branco de loiro platinado, contrastando com o vestido azul-marinho de chiffon que realça os quadris dela. Os lábios estão pintados de vermelho rubi, e minha amiga parece uma versão moderna da Marilyn Monroe.

– Você está... uau!

É tudo que o Phil consegue dizer quando ela chega na sala.

– Por acaso acabei de receber o selo de aprovação oficial de Philip Muñoz? – provoca a Sara-Kate, dando um grande sorriso. Aí toca na presilha de strass na parte da frente do cabelo.

– É – concorda ele, dando um sorriso de orelha a orelha. Um sorriso tão pateta que nem parece o Phil. – Tipo isso.

Aí, diz que eu também estou bonita, e eu só queria que fosse o Hosea me dizendo isso.

Todo mundo costuma jantar em algum restaurante caro antes do baile. Como o Rizzo's, o italiano chique que tem até maître de

verdade. Fazem reservas, levam o cartão de crédito dos pais e tentam pedir taças de vinho com identidades falsas.

A gente vai no Pizza Bazaar, que mal pode ser considerado um restaurante, muito menos chique. Basicamente, é um balcão comprido com banquetas de bar num canto, algumas mesas com sofazinho e outras de pernas bambas espalhadas pelo piso de azulejo preto e branco. A iluminação é ruim, e a pizza não é grandes coisas. Mas é vazio e em conta, e a Sara-Kate e o Phil conseguem se iludir de que não estão levando

essa coisa de baile tão a sério.

Meu amigo vai até o balcão fazer nosso pedido. Fatias de pizza de pepperoni e calabresa para eles e uma salada da casa pequena (sem molho) para mim. Olho para o cardápio plastificado, cheio de manchas de molho de tomate seco e pingos grudentos de refrigerante. A pizza daqui é medíocre, mas é difícil errar numa fatia de mussarela. E é isso o que realmente quero pedir.

Mas, quanto menos eu como, mais forte me sinto. Tenho alguns momentos de fraqueza, meu estômago ronca constantemente.

Só que vale a pena. Se conseguir manter minha força de vontade com a comida, posso fazer qualquer coisa. Tipo encarar o Chris no tribunal na semana que vem. Decidir o que vou falar. Sobreviver.

O Phil demora na máquina de refrigerante, garantindo que cada copo tenha a proporção exata de gelo e bebida.

– Já viu alguém se preocupar tanto com uma bebida? – pergunto, observando meu amigo medir o refrigerante da Sara-Kate.

– Acho fofo – responde ela. Faço uma careta, minha amiga encolhe os ombros e completa: – Os outros

meninos do colégio não prestam atenção aos detalhes. Não prestam atenção em nada, para falar a verdade.

Dou um olhar curioso para ela enquanto o Phil fica caçando as tampas do tamanho certo, na pilha que está quase desmoronando ao lado da máquina.

– Ainda não rolou nada entre vocês? – pergunto.

A Sara-Kate fica vermelha na hora.

– Nada concreto. Mas eu... eu acho que pode rolar alguma coisa hoje à noite. Quem sabe? – diz. Aí começa a roer a unha pintada de

vermelho-cereja, mas lembra que acabou de fazê-las e para. – Parece que pode rolar alguma coisa. Mas quem deve dar o primeiro passo?

– Não sei – falo. Pego alguns guardanapos no porta-guardanapos prateado que está do meu lado e faço uma pilha bem arrumadinha no outro lado da mesa. – Acho que acontece quando tem que acontecer.

Ela me olha com uma cara de ansiedade quando o Phil volta para a mesa, desviando devagar das mesas e das cadeiras e segurando nossos refrigerantes com todo o cuidado.

– Foi assim que aconteceu com você e o... você sabe quem?

Não consigo distinguir se está sendo discreta porque não quer que o Phil ouça ou porque odeia tanto a ideia de ficarmos junto que nem consegue dizer o nome dele.

– Foi – respondo, olhando para a Sara-Kate com atenção. – Foi exatamente assim.

– Assim como? – diz o Phil, colocando os copos na mesa com uma reverência e sem respingar uma gota. Ele se curva, como se agradecesse os aplausos da plateia, e batemos palmas.

– Assim, vestido desse jeito,

você deveria se candidatar a um emprego aqui, já que arrasou com essas bebidas – desconverso. Depois pisco para a Sara-Kate, quando ele não está olhando.

O Phil sacode a cabeça para tirar o cabelo dos olhos, tira os óculos e limpa as lentes com um guardanapo. Está usando um terno cinza vintage, com uma gravata fininha e abotoaduras de ônix. Estiloso como sempre. Olho para os dois do outro lado da mesa, e penso que ele e a Sara-Kate formariam um belo casal, com esse estilo glamour da época de ouro de Hollywood que os dois têm.

– Tá preparada para o grande julgamento da semana que vem?
– pergunta ele.

Pego meu refrigerante zero e tomo um gole grande antes de responder:

– Não exatamente.

– Mas vai ser bem fácil, né? – continua, enfiando o canudinho na tampa do copo. – É só você subir lá, falar daquela manhã em que você o viu, contar o que ele te disse, e aí é só esperar eles condenarem aquele escroto com uma pena do caralho. – Não digo nada, então o Phil chega mais perto e pergunta: – Certo?

– Pessoal, eu... – Olho em volta

para ter certeza de que não tem ninguém ouvindo, mas o lugar está quase vazio. Só tem um homem mais velho, esperando uma pizza para viagem, no balcão, com um jornal aberto na sua frente. – Vocês acham que o Donovan sofreu abuso sexual?

Meu amigo enruga a testa e responde:

– Você acha que não?

– Não sei. – Seguro o copo gelado de papel com as duas mãos.

– Todo mundo acha que sim...

– Mas?

– Mas nada – digo, sacudindo a cabeça para ele não entender

errado. – É que... não existe nenhuma prova, e o Donovan continua sem falar. E se as coisas não tiverem acontecido do jeito que a gente acha que aconteceram?

– Ok. Mas vamos pensar direito – o Phil está falando naquele tom que os professores usam quando o que você diz é obviamente errado, mas querem que você chegue a essa conclusão sozinho. – Quantos casos de sequestro você conhece que as crianças voltaram para suas famílias sem ter sofrido nenhum dano? E não estou falando daqueles casos em que um dos pais sequestra o próprio filho porque

estão brigando pela guarda na justiça. Só dos casos normais, como este. Você se lembra de algum? Não vem nenhum na minha cabeça.

– Não estou dizendo que não aconteceu – explico, colocando as mãos na mesa. – Só quero dizer que... como vamos saber o que aconteceu de verdade se o Donovan não falar nada?

– É para isso que existe o julgamento – conclui o Phil, encolhendo os ombros. – E os advogados do Donovan estão fazendo de tudo para conseguir todas as provas possíveis contra esse cara... justamente porque

nosso amigo não fala nada.

– Além do mais...

A Sara-Kate estava quieta esse tempo todo, tomando refrigerante, mas olha para a gente e diz:

– Além do mais... você não acha que isso quer dizer alguma coisa? Pesquisei “mutismo seletivo” na internet e tem tudo a ver. É comum pessoas com estresse pós-traumático ficarem assim.

– É – concorda o Phil, com tom de quem está encerrando a discussão, passando os dedos na gravata preta. – Não acredito que possa haver outra explicação.

Olho para o meu refrigerante e

balanço a cabeça. Isso não ajudou em nada. A Ruthie disse que o Chris me estuprou todas as vezes que fiquei a sós com ele no carro. Mas, se isso é verdade, como é que eu não parei de falar? Por que ninguém percebeu os mesmos sinais em mim?

Estupro não é um conceito vago. É uma dura realidade, e todo mundo sabe o que é, consegue definir em dois segundos. O Chris não me estuprou.

O cara fortinho atrás do balcão grita o número do nosso pedido e olha ao redor, procurando o cliente. Até parece que o cara da pizza para

viagem foi embora, e só sobramos nós aqui dentro.

O Phil levanta para buscar a bandeja, mas antes olha para mim.

– Sei que é bem difícil pensar no que aconteceu com ele – diz. – Me dá vontade de estrangular aquele cara com minhas próprias mãos. Mas você só está nervosa. Mesmo se o Donovan não falar nada... vai dar tudo certo. Tem que dar. Ninguém em seu juízo perfeito deixaria aquele merda sair livre dessa, depois de tudo o que ele fez. Quer dizer, Jesus! O cara manteve o filho de alguém preso por quatro anos.

Meu celular toca dentro da bolsa, e nunca fiquei tão feliz com uma interrupção. Chegou uma mensagem. Uma mensagem do Hosea.

Me encontra mais tarde no laboratório?

Pensei que não tinha feito barulho, mas a Sara-Kate pega meu suspiro, olha para mim e pergunta o que estou lendo.

– Nada – digo, enquanto digito uma resposta (Que horas?) com os dedos trêmulos. – É a minha mãe. Quer que eu fale com eles mais tarde.

Minha amiga logo vira para o

outro lado, e tenho certeza de que não acreditou em mim. Só que não vai ficar nada feliz se souber a verdade. E não podemos discutir esse assunto agora. Porque a verdade é que a minha vida pode mudar para sempre nos próximos dias, e preciso aproveitar esse momento. E não vou me sentir mal por causa disso.

O Phil volta para a mesa com o nosso jantar e coloca a tigela de isopor com salada na minha frente. Balanço a cabeça, para agradecer, e finjo estar com muito nojo daquela mistura pálida de alface congelada e cenoura ralada que

saiu de um saquinho. Mas, na verdade, estou pensando no Hosea, imaginando quando vai chegar a resposta para a minha mensagem.

Quando chega, é a seguinte:

Te mando uma mensagem daqui a pouco. Deixa o celular ligado.

Fico quieta por um momento, olho para a Sara-Kate, para ver se ela ainda está interessada no que eu estou fazendo. Mas está examinando a pizza com o Phil, tentando medir quem ficou com mais calabresa e qual fatia tem mais pepperoni gorduroso.

Assim que me certifico de que nenhum dos dois está prestando

atenção em mim, escrevo:

E se você for pego?

Não demorou nem três segundos para eu receber:

Você vale a pena.

Guardo o celular na bolsa e tento ignorar as fatias de pizza melequentas. O cheiro de carne salgada e queijo derretido é tão bom que chega a ser ofensivo. Mas toco o lado do meu corpo e me belisco várias vezes. Até a dor me fazer esquecer da fome.

Dou uma garfada naquela salada seca e deixo o garfo pairando em cima da tigela por alguns instantes, pensando no que

o Phil disse.

Acho que não existe outra explicação possível.

Não sei em que acreditar, só sei que preciso aproveitar esta noite ao máximo.

O baile acontece na cantina, que foi transformada em “uma noite encantada”, segundo o grêmio estudantil. O lugar ainda cheira a carne fervida. Mas o comitê do baile pendurou estrelas prateadas gigantes e flocos de neve com purpurina no teto, então vamos nos esquecer disso, pelo menos temporariamente.

Mas está tudo meio enevoadado. Fumamos um do Pizza Bazaar até o colégio, e estou sentindo os efeitos. Quase passei a vez. Não quero estar muito chapada quando encontrar o Hosea. Nem correr o risco de não encontrá-lo porque esqueci de olhar o celular. Mas não vou esquecer. Como poderia? Encontrá-lo vai ser o ponto mais alto da noite.

Além disso, estou chapada na medida certa para conseguir enfrentar esse negócio. A Bryn Davenport me aborda na entrada da cantina, e tudo começa:

– Theo, seu vestido é incrível

– diz, tocando as alças.

Aqueles olhos brilhantes combinam com o seu sorriso, e ela também está bonita. Usa um vestido preto simples. Que só parece simples, porque é muito caro. E tem uma bela rosa branca presa no pulso esquerdo. Sinal de que tem um par.

– O seu também é muito bonito, Bryn – falo, retribuindo o sorriso. Aí aponto para o arranjo de flores e pergunto quem é o par dela.

– Ah! – responde, toda vermelha. Mas se recompõe com a mesma rapidez. – É o David Tulip. Quer dizer, não é um par par.

Tenho quase certeza de que ele está bebendo com o Joey no banheiro neste momento. Mas me convidou e, já que ninguém mais me deu a honra...

Então encolhe os ombros, como quem diz "O que mais eu poderia fazer?". Pousa os olhos no meu pulso (sem flor nenhuma), olha atrás de mim e pergunta:

– Você veio com a Sara-Kate e o Phil?

– Também vim sem um par par
– respondo, com um sorriso irônico.

– É, mas o que rola entre eles?
Os dois estão juntos ou não?

Olho para trás e vejo a Sara-

Kate prendendo alguma coisa no paletó do Phil.

– Depois desta noite, acho que a resposta vai ser “sim”.

– Que bom – diz a Bryn, balançando a cabeça e sacudindo o cabelo preto e brilhante na altura do queixo. – Eles têm tudo a ver, você não acha?

Observo os dois de novo. A Sara-Kate lhe deu um arranjo de flores de lapela, de plástico, no formato de uma daquelas cabeças de alce de pendurar na parede. É tão pequeno mas, mesmo daqui, consigo ver que é incrivelmente detalhado. O Phil está radiante e

não consegue parar de olhar para a lapela e de admirar o presente.

– Acho que sim – digo, virando para a Bryn. – Têm tudo a ver mesmo.

Não tenho muito tempo para tentar entender o sentimento que me invadiu naquele momento. Será inveja porque os dois podem ficar juntos sem maiores complicações? Medo de que os dois me esqueçam quando começarem a namorar oficialmente? Bem na hora, chegam o David e o Joey, fedendo a tequila. Não acredito que não se deram nem ao trabalho de tomar um refrigerante ou chupar uma balinha

de hortelã. Só que, quando o Joey bate o ombro na parede, tenho certeza de que não vai ser o cheiro de bebida que vai entregar os dois.

O David fica atrás da Bryn e passa o braço na sua cintura. Balança a cabeça para mim, aproxima o rosto do dela e convida:

– O que você me diz de a gente ir até lá e arrasar naquela pista de dança?

Ela tira o nariz da linha do bafo de tequila dele, mas dá um sorriso.

– Só se você prometer que vai segurar a onda até a gente chegar na casa do Klein.

– Claro – responde David, já

arrastando a Bryn até a pista.

– Estava me guardando pra você.

– Ei, Joey – puxo o cotovelo dele antes de ele ir atrás dos dois.

– Sobrou alguma coisa?

– Da tequiller? Ah, sim – fala, batendo na parte de dentro do paletó.

– Me empresta? – digo, piscando com os cílios e olhando bem nos olhos dele. O Joey sempre cai na conversa de uma donzela em apuros, mesmo que os “apuros” sejam ficar o mais estragada possível.

Meu colega se arrasta até mim, parecendo um gigante bêbado.

Acho que estou lhe fazendo um favor, tirando a garrafa da sua mão. Mais uma dose, e ele vai cair de cara no chão.

– Com certeza, Theo – responde, virando de costas para a entrada da cantina, bloqueando a visão dos outros, para ninguém vê-lo colocando a garrafa na minha bolsinha de festa preta e bordada. Cabe direitinho dentro do forro de cetim, entre meu celular e o gloss. – Pode acabar com ela. Cara, tô zoadado.

Ele sai cambaleando da cantina, e vou encontrar a Sara-Kate e o Phil, que estão tão fofos que me

sinto meio mal de ficar lá com os dois. Se eu não tivesse planos de ver o Hosea mais tarde, ia estar arrependida de ter vindo.

– Banheiro – digo, fazendo o gesto de beber.

– Sêrio? – o Phil passa os dedos na flor da lapela e fala: – Já tô bem chapado.

– Acho que também passo – concorda a Sara-Kate, com cara de quem pede desculpas.

Mas não acho que esteja tão chapada assim. Só deu uns dois pegas. O que ela quer é ficar perto do Phil. De repente, parece que nem vim mesmo com os dois.

– Ok. Tá bom – digo, encolhendo os ombros. – Prometi para o Joey que ia cuidar bem da tequila, não posso decepciná-lo. Já volto.

Tem gente no banheiro do fim do corredor. Passo pelas meninas que estão retocando a maquiagem na frente da pia ou fumando escondido perto da janela e me tranco na cabine para deficientes. Me encosto na divisória com a bolsa numa mão e a garrafinha do Joey na outra. As paredes azul-claras foram pintadas no começo do ano e já estão cheias de rabiscos.

Declarações de amor (LB H JW pra sempre), números de telefone aleatórios e versos anônimos dos poetas de plantão.

Mas as acusações. São tantas. Rabiscadas na parede com canetinha preta permanente, camadas e mais camadas de tinta azul e preta. Quem é piranha, quem transou com quem, número de quem você deve ligar para se divertir de verdade. Reconheço algumas das iniciais. Alguns nomes foram riscados e substituídos por outros. Uma verdadeira guerra de denúncias às piranhas sendo travada na parede.

Meu Deus. Se descobrissem que namorei o Chris, nunca iam ficar sem ter o que escrever, não importa quantas vezes o zelador passasse tinta por cima.

Se eu tivesse uma canetinha na bolsa, riscaria tudo isso. Cobriria até ninguém mais poder enxergar o quanto as pessoas são cheias de ódio. As mesmas pessoas que passam por esses corredores todos os dias. Mas não tenho nada além de um gloss e das chaves do carro, então só me resta beber.

A tequila queima minha garganta como ferro em brasa, mas jogo a cabeça para trás e tomo um

gole por cada menina que tem o nome escrito naquela parede. Depois dobro a dose, só para garantir.

Volto flutuando para a cantina. Prata, renda, chiffon e flores. Música pop animada e cheiro de suor com perfume. E o bafo inconfundível de álcool. Uma total mistura no hálito dos meus colegas. Pelo menos nesse quesito, passo despercebida.

O sr. Jacobsen é um dos anfitriões. Está usando um suéter bege por cima da camisa social e da gravata. O cabelo está lambido

para trás com algum tipo de gel ou água, e ele não para de arrumá-lo enquanto fala com a sra. McCarty.

Vou contornando a cantina para não encontrá-los. Eu ia ficar presa se tentasse cortar caminho pela pista de dança. Tem gente demais.

Fico feliz porque a Sara-Kate e o Phil sumiram quando o Hosea chega, porque tenho quase certeza de que dou bandeira. Mas não é culpa minha. Ele está de camisa social, com uma calça legal e gravata. De cabelo solto e maravilhoso.

Fico seguindo o cara com os olhos. Ele espera a Ellie sair do

carro com seu vestido justérrimo, mas ela está mexendo na bolsa a meio metro dele, preocupada demais consigo mesma para perceber que o namorado está lhe estendendo a mão. Finalmente, ela olha para cima e os dois atravessam lentamente o salão. O Klein e a Trisha vêm logo atrás.

Sei que o Hosea gosta de mim, mas queria que não doesse ver os dois juntos. Vou ficar a sós com ele mais tarde, nem que seja só por alguns minutos. E é nisso que me agarro para conseguir enfrentar a próxima hora, enquanto espero a sua mensagem. Nisso e na tequila

que corre nas minhas veias.

A Sara-Kate e o Phil voltam da pista de dança. Estão suados e felizes. O Phil vai buscar copos descartáveis para pegar ponche, e a Sara-Kate fica batendo as pontas dos dedos no rosto.

– Você devia vir dançar com a gente – diz. – Não gosto de ver você aí sozinha.

– Tô bem – respondo. Perco o equilíbrio. Menos mal que virei para a minha amiga, não para o outro lado, porque consegui me segurar no ombro dela.

Mas talvez não, porque a Sara-Kate me olha com muita atenção.

Fica me encarando. E pergunta:

– Boneca, você tá estragada?

– Alegrinha – respondo, mexendo os ombros como se tivesse despreocupada, mas que sai como defensiva. Eu acho. Estou com tanto calor. Tão chapada, tonta e soltinha.

– Theo... – ela faz uma cara bem preocupada, mas corto na hora.

– Tô bem. Juro. – Passo a mão de cima a baixo no meu braço direito. – Por favor, não faz isso. Vá se divertir com o Phil. Não preciso que você banque a minha babá quando está com o seu par.

Aí me afasto porque não quero ser grossa com a minha amiga, mas o álcool soltou minha língua, e não sei como parar. Atravesso a horda de colegas meio que me arrastando, encontrando caras conhecidas por todos os lados. Caras conhecidas querem dançar comigo, então eu vou. O Leo (que está com botas de caubói pretas de verniz por baixo da calça do terno) tenta me fazer dançar quadrilha quando toca uma música animada. Aí encontro o Joey de novo, e acho que me confundiu com o seu par, mas fico valsando com o cara mesmo assim. Até a Erika

Healy chegar e pegá-lo de volta, me dando um sorriso meio de desculpas e arrastando o cara para longe dali.

Será que o Hosea está vendo isso? Será que está de olho em mim, assim como passei a noite inteira de olho nele? Tento ver por onde anda e fico sem ar cada vez que ele encosta a mão no bolso.

Ele dança com a namorada algumas vezes. Só quando toca música lenta e só porque ela o arrastou até a pista. Fico olhando para as suas mãos, como se curvam em volta dos quadris da Ellie. Observo como ela fica medindo

quem está em volta em vez de conversar com o Hosea ou encostar a cabeça no seu ombro. O Klein e a Trisha também estão por lá e se aproximam dos dois para os casais dançarem lado a lado. Aí a Trisha e a Ellie ficam conversando e dando voltas na pista no ritmo da música com os namorados.

Quatro músicas depois, saio finalmente da pista. A Sara-Kate e o Phil sumiram de novo, então fico viajando perto da mesa de comes e bebes, ignorando solenemente o prato de cookies que a sra. McCarty acabou de pôr. É nessa hora que o Klein aparece. Sem a Trisha. Está

com os olhos vermelhos e cambaleia de um lado para o outro, mas consegue chegar aonde estou e finca os pés no chão.

– Você realmente fica bem de roxo, Pernuda – diz ele, enrolando a língua e agarrando meu ombro com toda a força. Bebi muito, mas o Klein conseguiu ganhar. E sabe-se lá o que mais ele usou.

– Obrigada – respondo, me sacudindo para me soltar dele. E aí, só porque estou me sentindo bem, digo: – Você está bonito.

Não deixa de ser verdade. O terno é bonito. Cinza-escuro, bem cortado e combinando com uma

camisa verde-esmeralda que realçaria os seus olhos, se não estivessem tão vermelhos. O colarinho tem uma porção de manchas escuras e demoro um minuto para me dar conta de que é a maquiagem da Trisha.

– Escuta – fala, olhando para trás, discreto como um carro alegórico. Aí meio que grita, meio que sussurra: – Quer dar o fora daqui?

– Não – respondo, firmemente, cruzando os braços.

– Anda, Pernuda. Consegui umas coisinhas novas com o Hosea – insiste, dando um tapinha no bolso.

– Das boas. Não me diz que você não tá dentro.

– Não – repito. – Para falar a verdade, já estava indo...

Meu celular vibra dentro da bolsa, e congelo. Nem tento despistar o Klein pra olhar o telefone. É o Hosea. Tenho certeza. E, quando olho para baixo, lá está:

Cinco minutos? Vai já. Eu me livro do Klein.

Então ele me viu, e está de olho em mim neste exato momento. Vasculho o salão, mas está escuro, e faz tempo que o perdi de vista. Me certifico de que o Klein não consegue enxergar a tela e digito

apenas Te encontro lá, com os dedos tremendo. Jogo o aparelho de volta na bolsa.

– Preciso ir – solto, já dando as costas para o Klein.

– Boa menina – dispara, dando um sorriso malicioso tão grande que o Coringa morreria de inveja.

– Não com você. Vou ao banheiro.

Os corredores sempre são assustadores à noite. As esquadrias das janelas entre as fileiras de escaninhos projetam sombras angulosas e meio apavorantes no chão e nas paredes. Ando devagar,

atravesso o corredor com toda a calma. Quando chego ao fim, viro para trás, para ver se tem alguém olhando. Ninguém. Saí de fininho pela porta dos fundos da cantina, a que o cozinheiro usa para sair da cozinha.

Viro à esquerda e vou andando p e l o hall, bem perto dos armarinhos, até chegar à porta do laboratório. Ela abre tão facilmente que quase caio dentro da sala escura. Fico esperando meus olhos se acostumarem com a luzinha que vem por trás de mim. E é aí que o vejo. De pé, perto da luz projetada por uma luminária numa das mesas

do fundo, que não dá para ver do hall. O facho é tão fraco, a luminária é tão pequena que mal aparece na frente da sala.

– Você veio – diz, dando um sorriso que não consigo enxergar.

– Vim.

Começo a andar tateando pelas mesas, tentando não prender o tecido delicado do meu vestido nos cantos pontudos. É mais difícil do que parece quando você bebeu meia garrafa de tequila.

Muito ao longe, ouço os acordes de uma música lenta que começa a tocar lá na cantina. Fiquei feliz por conseguirmos ouvir daqui, do nosso

lugar. É como se estivéssemos juntos no baile, nem que seja só por um tempinho. É mágico.

O Hosea vem andando na minha direção.

– Você está... – começa a falar, bem baixinho.

Mas não termina a frase. Sacode a cabeça, como se não conseguisse encontrar as palavras certas, e dou um sorriso tímido enquanto ele está olhando para mim.

Seu olhar é tão intenso que minha pele esquenta, como se eu o conseguisse sentir iluminando diferentes partes do meu corpo, desenhando a curva do meu

pescoço até a leve reentrância da minha cintura. Agora sei como a Sara-Kate estava se sentindo naquela hora e fui boba de ficar com inveja. Valeu mais do que a pena ter esperado por isso.

Me puxa para perto do seu corpo, e seus dedos descobrem o decote nas costas do meu vestido. Sinto arrepios quando ele me faz carinho, em movimentos lentos e circulares.

A gente se beija. Bem devagar. Ponho meus braços em volta do seu pescoço, e ele segura meus quadris. Enrosco os dedos no seu cabelo enquanto nossas bocas se

encontram naquela escuridão. Dançamos no ritmo daqueles acordes quase inaudíveis, balançando tão devagar que nossos corpos quase não se mexem.

Nos afastamos um pouco. Olho para o seu peito e começo a encostar a minha cabeça, enquanto continuamos dançando. Mas volto para trás no último segundo. O Hosea para por um momento e me olha com uma cara confusa.

– Minha maquiagem – aviso, tocando meu rosto com todo o cuidado. – Vai manchar sua camisa.

– Ah! – fala. Então solta um suspiro e balança a cabeça. – Certo.

Queria que ele me dissesse que não tem importância, que me pedisse para pôr a cabeça ali de qualquer jeito, porque é assim que se dança com quem se gosta de verdade. Com alguém especial. Queria que me dissesse que não liga se for pego, que talvez já esteja na hora de a Ellie descobrir o que está rolando entre nós.

Mas aí ele tira as mãos de mim, põe no colarinho e começa a desabotoar a camisa. Se livra da peça sacudindo os ombros e coloca na mesa à direita. Não tira os olhos de mim nem por um segundo, nem quando coloca os dedos no cinto.

Solto uma alça do vestido do ombro, depois a outra. O cetim cai no chão e fica enrolado ao redor dos meus pés.

– Theo – diz, esticando a mão para encostar numa mecha de cabelo perto da minha orelha. Seus olhos se enrugam de calor.

E, enquanto estamos ali parados, quase sem roupa e nos encarando, tenho vontade de dizer tanta coisa para ele:

Por favor, não deixa de gostar de mim, não importa o que aconteça.

Por favor, termina com a Ellie.

Por favor, olha sempre desse

jeito para mim.

– Você é tão perfeita – fala. Aí beija meu pescoço, e volto a respirar.

O Hosea se afasta para tirar a camiseta, para limpar o tampo preto de uma mesa vazia atrás de mim com a mão. Se vira, me levanta pelos quadris e me põe na beirada da mesa, quase num movimento só. Fica passando as mãos pelo meu pescoço, pelos meus peitos, pela minha barriga reta. Depois faz a mesma coisa com os lábios.

A mesa machuca a parte de trás das minhas coxas, mas é a melhor

dor que já senti. Se endireita para beijar minha boca, abraço seu pescoço. O puxo para junto de mim, até ele quase me esmagar. Enrolo as pernas na sua cintura. Preciso dele o mais perto possível. Preciso lembrar dessa noite para sempre. Preciso...

– Theo – repete, ainda mais baixo. Então engancha os dedos na cintura da minha calcinha e puxa para baixo.

Me derreto toda quando o ouço dizer meu nome, porque significa alguma coisa quando vem dele.

– Theo, eu...

Mas não tive chance de ouvir o

que ele ia dizer.

As palavras do Hosea são cortadas por uma comoção na frente da porta. Interrompidas pelo abrir da porta e pelas vozes agitadas que me parecem conhecidas, mas não consigo distinguir naquela confusão. Até que alguém acende a luz, e ligo a voz ao rosto.

É o Klein.

E a Ellie. Parada do lado dele, de queixo caído, porque eu e o Hosea ainda estamos agarrados. Estou praticamente pelada, e ele está só de cueca. Congelamos, virando uma coisa só. Parecemos uma cópia

pirata daquela escultura famosa, O beijo.

A cena não dura muito. Podemos até ter sido meio lerdos para reagir. Mas, quando cai a ficha, nos separamos num pulo, como se nem nos conhecêssemos. O Klein tem um sorrisinho satisfeito pintado no rosto, e a Ellie continua de queixo caído. Comendo mosca, como diria a mãe do Phil.

– Te falei – diz o Klein.

Meu rosto pega fogo. Puxo a calcinha para cima e cruço os braços em cima do peito. Desço da mesa e procuro desesperadamente pelo meu vestido. Pensando que

não seria nem um pouco ruim se eu caísse morta bem ali, no chão.

O Hosea veste a camisa, sem ligar de estar com a camiseta toda empoeirada. Veste as calças, deixando o cinto aberto. Fico observando tudo encolhida no chão. O cara está olhando para a frente da sala.

– Caralho! Como foi que você...
– começa a falar.

Mas o Klein interrompe:

– Fui eu que te mostrei este lugar, cara – diz, com um tom tão convencido que me dá vontade de matá-lo, porra! Quase tanta vontade quanto tenho de sumir da

face da Terra neste exato momento. – Você acha que eu não sabia onde te procurar? Depois de vocês dois ficarem agindo de um jeito tão suspeito e desaparecer na mesma hora? – O Klein fica alguns segundos em silêncio e continua: – Você acha que a Lark não matou a charada naquele dia que te encontrou no banheiro, Pernuda? Ela disse que você tava exibindo aquele cigarro de cravo como se quisesse que todo mundo pensasse que você era a namorada do cara, presta atenção!

Meu estômago se revira e, quando olho para o Hosea, vejo

que está com a cara tão pálida quanto a camisa. Estou com medo de levantar e encarar a Ellie. Morrendo de medo. Ela está em silêncio por tempo suficiente para pensar em algo para me dizer que vai me deixar com vontade de me enterrar num buraco. Para pensar em como vai me dar o troco. Em como vai me bater, talvez.

Uma ponta do meu vestido aparece embaixo da mesa, do outro lado do corredor. Sei que vão me ver pelada, mas preciso pegá-lo. Deixo uma mão em cima do peito e faço uma tentativa desesperada com a outra. Quando puxo o

vestido, alguma coisa se rasga, mas nem ligo. Me escondo atrás de outra mesa e me visto em tempo recorde. Estou fora do campo de visão deles, mas nunca me senti tão descoberta. Enjoada e exposta, como se alguém tivesse me jogado no palco com a casa lotada antes de eu aprender a coreografia.

Mas não posso deixar o Hosea passar por isso sozinho. Passo a mão empoeirada no cabelo e fico de pé enquanto o Klein começa a falar. De novo.

– Olha, lamento que você tenha visto essa cena, mas achei que era minha obrigação te mostrar – diz

para a Ellie, passando as mãos nas costas dela de um jeito exagerado. – A gente é amigo, e você tinha que ficar sabendo de uma coisa que estava rolando bem debaixo do seu...

– Sai de perto de mim, porra! – exclama a Ellie, num dos tons mais assustadores que já ouvi. Grave. Não, gutural. Se arrastando pela sua garganta como se cada palavra fosse um desafio.

Olho para o chão, para a batinha do meu vestido, que está rasgada. Para longe dos olhos de escárnio do Klein, da preocupação evidente no rosto do Hosea. Só olho para cima

de novo porque ouço a Ellie chorando.

Lágrimas descem pelos dois lados do seu rosto, e ela fica olhando para nós, um depois o outro. Parece acreditar que, se nos encarar tempo suficiente, aquela cena vai desaparecer diante dos seus olhos. E é um pensamento estranho, mas ela fica bonita chorando. Vulnerável e meio... suave.

Aí vira os olhos inchados para o Hosea e não tira mais.

– Por que você fez isso? Você não gosta nem um pouco de mim?

– Ellie... – fala ele, com a cara

ainda mais branca debaixo das luzes fluorescentes que ficam fazendo barulho.

– Não sei como você foi capaz de fazer uma coisa dessas comigo, depois de a gente estar juntos há tanto tempo. – A Ellie fica sem voz porque uma nova leva de lágrimas se acumula nas suas pálpebras, fazendo faixas pretas escorrerem pelas suas bochechas. – Você me manda mensagem toda noite dizendo que me ama. Não acredito que você preferiu me fazer de idiota a terminar comigo, porra.

Mensagens todas as noites? Ele ainda a ama? Não. A Ellie deve

estar mentindo.

Minha cabeça gira. Fecho os olhos, mas isso só piora as coisas, então me agarro na beirada da mesa. Eu devia ter ficado lá no chão.

– Ninguém mais sabe
– argumenta o Hosea, com uma voz sem expressão.

A Ellie respira fundo com desdém, olha direto pro Klein e dispara:

– Não por muito tempo.

– Olha, não contei esta merda pra ninguém – diz ele, levantando as mãos. – Como eu disse, só queria o melhor para...

– Ca-la a bo-ca, Klein. – A Ellie empurra uma das mesas para baixo com as palmas das mãos quando diz isso, como se estivesse tentando recuperar as forças antes de falar de novo. Fica me encarando por um bom tempo. Tempo suficiente para tudo ficar gelado. Aí limpa o rímel acumulado embaixo dos olhos, respira fundo e sai pela porta.

Sem nem um “Vai se foder”, sem nenhuma ameaça de que a minha vida neste colégio acabou. Sem nem um olhar mortífero. E, por algum motivo, esse silêncio é mais assustador do que qualquer outra

coisa que eu pudesse esperar dela.

O Hosea passa a mão no rosto. Olha para mim, depois se vira, com os olhos cheios de lágrimas.

Chego perto dele e tento consolá-lo:

– Está tudo bem. – Passo a mão no braço dele. Para cima e para baixo. Freneticamente. Esse cara não pode amá-la. – A Ellie tinha que descobrir o que rola entre nós uma hora ou outra, não?

O que rola não vai passar assim, de repente. Ele sabe disso. Aquele olhar que me deu antes de abrirem a porta... o Hosea não olha para ela desse jeito, olha? Aquele olhar era

especial. Era para mim. Esse lugar é especial. É nosso. Esse cara não pode amá-la.

Silêncio absoluto. Até o Klein resolveu calar a boca por um minuto.

O Hosea não se mexe. Não olha para mim. Não diz nada. Então minha boca tem que fazer todo o serviço.

– A gente vai ficar bem, Hosea – desço a mão até o seu braço e aperto de leve. Quero que o Klein saia, para ele poder me abraçar de novo. Para podermos recomeçar de onde paramos. Vamos nos sentir melhor assim que ficarmos juntos

de novo, a sós. – Ela está puta agora, mas isso vai passar e quem sabe um dia vai...

– Olha, Theo. Eu gosto de você. Pra caramba. Você é querida e linda e... você é perfeita. Especial. Você é mesmo – diz. Então engole em seco. Está com os ombros encolhidos, as mãos apoiadas na mesa.

O cara não continua a falar, mas eu sei. Pelo jeito que inclina a cabeça e me olha de canto. Sei o que vem em seguida.

– Ela não te entende. Não como eu te entendo. – Tenho que me esforçar muito para a minha voz

sair, mas sai tão baixinha...

– Vai ver isso é minha culpa
– responde, dando um suspiro profundo e demorado. Olho para as suas mãos que tremem, agarradas na beirada da mesa.

O Klein dá uma tossida. Que nós dois ignoramos.

– Você a ama? – quase me engasgo quando digo isso, de um fôlego só. Porque parece que tem alguém esmagando a minha garganta, parece que essas poderiam ser minhas últimas palavras.

Ele está todo encolhido em cima da mesa, mas sua cara diz tudo.

Reflete uma emoção dolorida demais para reconhecer e séria demais para ignorar: arrependimento.

– Eu... a gente está junto há tanto tempo e...

– Você a ama? – Bato o pé no chão. Como uma criança.

– Ela é minha namorada, Theo.

Continua olhando para a mesa, mas não tenho como não notar a irritação naquelas palavras. Parece que sou uma mosca chata que esse cara está tentando matar há meses. Parece que nunca sentiu nada por mim.

Fica de pé, endireita as costas,

põe as mãos nos bolsos da calça social. Aí hesita por um instante antes de dar um último golpe arrasador:

– Sim... eu amo a Ellie. Preciso tentar acertar as coisas com ela. Não posso... a gente não pode ficar junto. Acabou.

Pisca algumas vezes para mim e vai andando em direção à porta. Atrás da Ellie. Me abandonando de novo. Para sempre, desta vez.

– Hosea, por favor... – digo, indo atrás dele. O agarro pelo cotovelo antes de ele conseguir dar as costas para mim. Fracassei com o Chris, mas posso fazer dar certo

com o Hosea. – Preciso de você. Por favor, fica, e a gente resolve isso. A gente pode ficar junto, eu sei.

Sacode a cabeça e me olha pela última vez.

– Theo...

É isso. Meu nome antes soava como uma promessa quando era dito por ele, e agora só quer dizer “não”. Esse cara não me quer. Não quer me amar. Acabou.

Ele esbarra no Klein quando passa. Com força. Ombro no ombro. Um desafio. Mas nem o Klein é idiota o suficiente para provocar ele agora.

Meu corpo é um peso morto. Tão cheio de decepção e saudade que acho que não vou conseguir andar até a cantina, encontrar a Sara-Kate e o Phil e pedir para eles me levarem para casa.

Meus joelhos travam, e desabo no chão imundo do laboratório com meu lindo vestido roxo. Podia passar mal aqui mesmo, acho que vou vomitar. Mas não sei nada.

Estou vazia por dentro.

Aperto a bochecha no piso frio de linóleo e espero o Klein sair, para a minha respiração voltar ao normal, para o meu estômago parar de se revirar de vergonha. Não

sobrou mais nada. A Ellie tem razão: todo mundo vai ficar sabendo até segunda-feira, se não for ainda hoje. Eu era o segredo do Hosea porque ele não me queria como eu o queria. Fui apenas uma distração, e o cara me virou as costas com a mesma facilidade que o Chris.

Fico jogada entre as mesas abandonadas do laboratório até ouvir os passos do Klein se afastarem pelo corredor. Fico deitada lá sozinha, pensando em tudo o que perdi. Espero as lágrimas rolarem, mas isso não acontece.

26

A MANHÃ DO MEU TESTEMUNHO É ABSURDAMENTE GELADA.

Uma quarta-feira sem dó nem piedade, com um vento que gela os ossos no segundo que você põe o pé para fora de casa, não importa quantas camadas de cachecóis, chapéus e luvas tenha enrolado no corpo.

Assisto ao nascer do sol. Nasce enfiado atrás das nuvens, mas está

lá. Iluminando o céu quando as estrelas se apagam, como se fossem luzinhas minúsculas, uma por uma. Estou de pé em frente à janela, cansei de ficar deitada. Não dormi, não mais de meia hora por vez. As duas últimas noites foram assim. Só que a noite passada foi diferente, porque hoje vou ser chamada a testemunhar lá na frente.

Meu pai levanta para fazer o café. Assim que os passos dele somem escada abaixo, atravesso o corredor e entro no quarto deles, cheio de ar parado e suor. O sono. Minha mãe abre os olhos quando

chamo seu nome. Devagar e piscando, meio confusa.

Aí senta na cama, faz sinal para eu deitar e me acomodo no lado do meu pai, que está vazio. Minha mãe puxa o edredom para cobrir meus ombros.

Me encolho como uma bola, tento ficar tão pequena quanto estou me sentindo por dentro.

– Cansada – digo, bem baixinho.
– Com medo.

Ela passa a mão no meu cabelo e fecho os olhos.

– Eu sei. Mas vai acabar logo e aí vai tudo voltar ao normal.

Normal. Talvez sim. Talvez não.

Não estou mais perto de decidir o que vou dizer do que estava quatro dias atrás. Até liguei uma última vez para a casa do Donovan, no sábado à noite, e eles mais uma vez ignoraram meu telefonema.

– Você vai se sair bem – fala a minha mãe, com uma voz suave e tranquila. – Você se lembra da sua primeira apresentação?

Lembro. Vagamente, mas lembro. Tinha três anos e fiquei completamente apavorada. Por algum motivo, apesar de ter ensaiado no palco do auditório da escola. O lugar parecia maior aquela noite, enorme. E as luzes

eram muito quentes e brilhavam muito. Me agarrei na cortina do palco como se fosse minha tábua de salvação.

– Eu queria te tirar do palco, te trazer para a plateia e te sentar no meu colo, mas seu pai não deixou – conta. – Me disse para te deixar lá em cima. Porque, se você não quisesse mais ir à aula depois daquela noite, teríamos certeza de que não gostava de balé. Mas, se você ainda tocasse no assunto, provavelmente aquilo era só um leve episódio de medo do palco, que se resolveria sozinho.

– Ele disse isso?

– Disse sim. E tinha razão. Porque, no ano seguinte, você subiu lá sem se preocupar com nada, bem na frente e no meio. – Ela inclina a cabeça para me dar um beijo na cabeça. – Você foi muito corajosa naquela época e vai ser muito corajosa hoje. Tenho certeza. Te amo, minha querida.

Respiro fundo, solto o ar debaixo das cobertas e fico imaginando se minha mãe ainda vai sentir a mesma coisa por mim quando terminar meu testemunho.

– Também te amo.

Ficamos ali, naquele casulo de calor e silêncio até o cheiro de café

subir pelas escadas, até meu pai chamar, dizendo que precisamos começar a nos arrumar. Não podemos nos atrasar.

Minha mãe enche duas canecas térmicas de café, uma para ela, uma para o meu pai, e uma de chá-verde para mim. Parece que até meu pai está com dificuldade de comer hoje de manhã. Fica mastigando cada mordida da torrada por muito, muito tempo. Chega a ser ridículo. Consigo dar duas mordidas numa barrinha de cereal e fico surpresa de não ter vomitado na mesma hora.

Vamos de carro até Chicago ouvindo as vozes suaves do canal de notícias. A via expressa gelada e cinzenta combina com o horizonte também cinzento. Parece que a cidade inteira está prestando atenção no julgamento do caso do Donovan.

Olho para o meu celular, leio a mensagem que o Phil mandou, dizendo para eu arrasar no Judiciário. Também vejo o e-mail que a Sara-Kate me mandou ontem à noite, dizendo que me ama e que tem certeza de que vou ser incrível. E ainda tem uma mensagem da Ruthie, da noite passada, dizendo

para eu ligar para ela se precisar conversar.

E do Hosea, nada. Óbvio. Não falei com ele nem o vi desde o baile. Não falei com ninguém desde aquela noite. A instrução, quando os advogados apresentam os argumentos de cada uma das partes, foi na segunda. Meus pais me deixaram faltar na aula porque sabiam que eu só seria chamada no segundo ou no terceiro dia. E, de qualquer jeito, não ia conseguir me concentrar muito.

Quando contei do Hosea para o Phil, acho que ele ficou mais incomodado do que qualquer outra

coisa. Por não saber que estávamos ficando, porque parecia que não o achava capaz de guardar meu segredo. A Sara-Kate bem que poderia ter adotado uma postura de "eu te falei?", mas isso não faz o estilo dela. Disse que lamentava muito por as coisas terem terminado tão mal, e tenho certeza de que foi sincera.

Se fechar os olhos e me concentrar bastante, ainda consigo sentir os braços do Hosea em volta do meu corpo, lá no laboratório. Consigo sentir aqueles lábios quentes nos meus, lembrar de como o coração dele batia forte e

ritmado contra o meu peito.

Os repórteres e fotógrafos estão parados na frente do tribunal porque ninguém pode correr o risco de perder um minuto sequer dos acontecimentos. Alguns olham para nós quando subimos a escada, outros vêm atrás depois de verem que tiraram nossa foto, achando que devemos ser, pelo menos, personagens secundários.

Meus pais me protegem deles, e o advogado do Donovan nos encontra no alto da escada. Graham McMillan. Dizem que é um dos melhores do meio-oeste. Há quem diga que é o melhor do país.

Antes de vê-lo no noticiário, falando sobre o caso numa coletiva de imprensa, achava que era um cara alto e imponente, de voz grossa e combativo. Mas ele é baixinho e bochechudo, com cara de bebê. Seus olhos quase desapareceram quando sorriu, ficaram parecendo duas meias-luas. O encontrei algumas semanas antes do julgamento, apertou minha mão e disse que era um prazer me conhecer. Não conversamos muito ontem. Havia chance de eu ser chamada, mas acabei não sendo. Passei o dia sentada no corredor do tribunal, fazendo meu dever de

casa, ouvindo música e quase com vontade de estar lá dentro, para isso acabar logo.

Mas, nesta manhã, é óbvio que ele está me esperando. Para de andar de um lado para o outro assim que nos vê. Cumprimenta meus pais e diz que precisa falar comigo a sós antes do julgamento começar. Eles me abraçam e me beijam, dizem que me encontram na sala do tribunal.

Caminho com o McMillan pelos corredores frios, imponentes e velhos.

Pegamos o elevador. O andar está em silêncio. Acho que só eu e

ele estamos aqui tão cedo. O McMillan vai até uma máquina de café e compra um chá para mim. Não estou com sede, mas seguro o copinho descartável fumegante e fico olhando o advogado pegar um café.

Vamos andando e soprando nossas bebidas. O sigo até um dos bancos de madeira maciça no fim do corredor e sento na beirada fria e gasta.

O McMillan toma um gole de café e faz uma careta. Me olha e pergunta:

– Você está preparada?

Olho para o meu chá, mas não

bebo.

– Não muito.

– É só se lembrar de ir com calma, leve o tempo que precisar. Lembre do que conversamos. Você só precisa contar o que aconteceu naquela manhã. – Aí se inclina para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos e completa: – Vou fazer algumas perguntas sobre a última vez que você viu o Donovan, depois sobre sua relação com o réu.

O réu.

Ainda não o vi cara a cara, mas não dá para ligar a TV ou abrir o jornal sem ver o rosto dele. Está arrumadinho para o julgamento.

Raspou a barba cerrada que estava usando quando o encontraram com o Donovan, está mais parecido com o Chris que conheci. Mais novo. Simpático. Usou terno nos dois últimos dias, com gravata e tudo. Nunca o tinha visto de camisa abotoada.

A primeira vez que fomos até o parque, me perguntou se eu já tinha tido namorado. Olhei para ele, envergonhada, e disse que não, imaginando se ia pensar que eu era uma bebezona, por ser tão inexperiente, e dar meia-volta. Mas só me olhou e sorriu. Pôs a mão no meu joelho e disse que ficava feliz

em saber, porque eu era especial, e ele queria ser meu primeiro namorado.

Não sabia o que dizer naquela época, então não falei nada. O sexo sempre me pareceu uma coisa tão distante e, de repente, estava ali no carro, entre a gente. A atmosfera, pelo menos.

– Tudo bem, Theozinha? – disse, subindo e descendo os dedos pelo meu joelho. – Tudo bem se a sua primeira vez for comigo?

Sabia que precisava dizer alguma coisa depois dessa, então sussurrei que sim. Não sabia direito o que eu queria. Mas estava, ao

mesmo tempo, animada e com medo, só pensando nas ilustrações daquele livro que eu e o Donovan tínhamos visto há tanto tempo.

Mas você vai ter que guardar segredo. Muita gente vai falar que a gente não pode ficar junto, mas não sabem o quanto você é madura para a sua idade. Não te conhecem como eu conheço. Você consegue guardar segredo, Theo?

Subiu os dedos pela minha perna, ficou acariciando a parte de dentro da minha coxa. O toque me deu uma sensação de formigamento pelo corpo todo, mesmo que tenha sido por cima da

minha calça jeans.

Sim.

Meu estômago se revira quando penso que vou vê-lo. Provavelmente, em menos de uma hora. Será que vou me sentir diferente quando estivermos no mesmo recinto de novo? Será que vou conseguir abrir a boca sabendo que aqueles olhos cor de âmbar estão do outro lado da sala?

– Imagine que está falando comigo e não com o júri – diz o McMillan, com um olhar gentil, mas sério. – Que só estamos eu e você, igualzinho agora.

Balanço a cabeça, tomo uns

goles de chá. É sem graça, quase amargo, mas continuo tomando mesmo assim. Tomar significa que não estou falando, não estou tentada a dizer que não contei um pedacinho da história quando nos encontramos, há algumas semanas.

O McMillan ainda está me olhando. Engulo o chá, abro a boca, acho que as palavras vão escorrer por ela, como o chá que está escorrendo pelo meu queixo. Mas não acontece nada. Só silêncio e nada. Então fecho a boca e balanço a cabeça de novo, só para garantir.

Sim, sei o que fazer quando entrar lá. Não, o senhor não precisa

se preocupar comigo, sr. McMillan.

– É melhor eu ir dar uma olhada na família Pratt. Tem alguma coisa que você gostaria de repassar antes de descermos?

O advogado fica de pé, segurando o celular numa mão e o café ruim na outra. Me encara com aqueles olhos de meia-lua. Esta é a minha chance.

Olho para a sua mão, segurando o copinho de café. Usa aliança: lisa, de ouro escovado. Será que tem filhos? Se sim, quantos? Tem uma menina? O que pensaria se sua filha ficasse na frente de um júri e contasse para todo mundo que seu

ex-namorado é o cara que está sendo julgado?

Minha boca gruda. As palavras estão lá, já formei as frases, mas não consigo pronunciá-las.

Então só sacudo a cabeça.

– Tudo bem, então – diz ele.

– Vamos voltar lá para baixo. A juíza Richey vai cortar minhas bolas se eu me atrasar. – Olha para o telefone antes de me olhar com uma cara meio envergonhada.
– Desculpe pelo palavreado.

Minha boca volta a funcionar, mas só para dar um sorriso. Só para dizer:

– Não é nada que eu nunca

tenha ouvido.

Fico sabendo que o Donovan chegou muito antes de eu o vir. Estou sentada num banco no corredor, esperando o julgamento começar, para poderem me chamar. A energia do prédio muda, daquele canto até a porta de entrada. O zum-zum-zum se transforma em burburinho, que se transforma numa declaração em alto e bom som de que ele está presente no tribunal. O Donovan está aqui, e finalmente vou vê-lo cara a cara.

Meu pai senta do meu lado, e a

minha mãe, do outro. Ela segura minha mão, e ele chega mais perto do que o normal. Como se quisesse me proteger. Normalmente, ficaria irritada por estarem tão grudados em mim. Mas, nesse momento, é tudo o que eu mais quero. Olho para os dois a cada poucos minutos, tentando gravar o rosto deles na minha memória, porque não sei como vão ficar depois que eu der meu testemunho.

A equipe de acusação passa pelo corredor, uma nuvem de ternos e caras sérias cercando o Donovan. Diminuem o passo quando passam por nós e param. A sra. Pratt sai lá

do meio. Está usando uma blusa vermelha barata e calças bege folgadas nos quadris. A maquiagem não cobre as bolsas que tem debaixo dos olhos, mas parece melhor do que a sombra com quem conversei através da porta de tela. Está com o cabelo arrumado e sorri. Dá um passo ao lado, para o Donovan conseguir passar, e fico sem ar.

Levanto devagar. Meu pai põe a mão nas minhas costas, me empurra na direção deste fantasma. Fecho os olhos para ver se o encaixo na imagem que tinha dele na minha cabeça. Quando

abro, ele continua lá. Meus braços e minhas pernas são feitos de chumbo. Tenho medo de que, se me mexer, desapareça de novo. Vi fotos, vídeos dos primeiros dias de julgamento, mas nada se compara com o que estou vendo parado na minha frente. Ele está aqui de verdade, vivo de verdade.

É tão alto, muito mais alto do que eu. Os dreads sumiram. Seu cabelo está raspado quase zero, igualzinho ao que costumava usar. Usa um terno novo e sapatos tão lustrosos... acho que daria para ver meu reflexo neles. É a versão do meu amigo que eu jamais poderia

imaginar, nem depois desses meses em que sabia que ele tinha voltado. Examino a pele que está à mostra à procura de cicatrizes, marcas visíveis de qualquer tipo de violência que possa ter sofrido, mas isso é ridículo. Agora, a dor que meu amigo sente deve ser por dentro. O tipo de ferida que não dá para mensurar só olhando.

Mexo meus braços de chumbo para o lado, porque não consigo acreditar que ele é real se não conseguir tocá-lo. Provavelmente, não deveria fazer isso, mas preciso. Meus dedos encostam na manga, no colarinho da sua camisa, mas

paro antes de chegar ao furinho no seu queixo, porque ele se encolheu. Como se não me conhecesse.

Murcho um pouco por dentro. Nunca pensei que o Donovan pudesse ficar incomodado perto de mim. Mesmo agora, depois de passarmos quatro anos separados, nunca pensei que isso pudesse acontecer. Olho para ele, fico encarando, desejando que meu amigo me olhe nos olhos. Não sei se ainda teremos a mesma ligação de antes, se aqueles olhos vão me transmitir alguma coisa. Mas preciso tentar.

– Oi – digo, no tom mais suave

possível. – Ei, Donovan. Sou eu. A Theo.

Funciona. Ele olha para mim, mas logo prefiro que não estivesse me olhando. Aqueles olhos são os poços mais profundos e escuros de tristeza que já vi. Mergulho neles. Nado por aquelas profundezas de dor, raiva e confusão. Uma onda mais profunda do que a outra. Mais turva, mais impenetrável. Mas, quando ele vira para o outro lado, tenho certeza de uma coisa: o Donovan não fugiu.

Estico os dois braços na direção do meu amigo, mas paro no meio do caminho. Porque ele não se

mexe. Não olha para mim. Não fala nada. Óbvio que não fala nada. Talvez seja melhor eu me afastar, tentar me recompor antes de ser chamada. Mas, em vez disso, chego mais perto e o abraço como alguém que nunca aprendeu a abraçar, como alguém que não sabe que uma hora precisa soltar a outra pessoa. Eu o abraço até sentir que minhas costelas vão se partir, que a coluna dele vai se esmigalhar, e meus braços vão quebrar como se fossem gravetos. Abraço tão forte e sussurro, bem no ouvido dele:

– Me desculpa.

O Donovan só fica ali, paralizado

nos meus braços. E sei que preciso soltá-lo. Mas não consigo. Meu pai chega perto para nos afastar, puxa meus braços com todo o cuidado. Encaro meu amigo, tento olhar nos seus olhos pela última vez, mas ele desaparece em menos de um segundo. Engolido pela equipe de acusação, que parecia um tornado humano.

Fico olhando eles atravessarem o longo corredor. Meu pai aperta meu braço, minha mãe murmura:

– Você já vai vê-lo de novo, querida. Quer tomar uma água? É melhor você ir ao banheiro antes...

Não ouço o resto porque fujo,

saio correndo, tentando alcançar o Donovan e seus advogados antes de chegarem à porta do tribunal. Meus sapatos fazem barulho no chão de concreto, o ruído das solas ecoa pelas paredes. As pessoas que se espremem no corredor ficam me olhando como se eu fosse louca, mas nem ligo. Preciso falar com o sr. McMillan antes que seja tarde demais.

– Sr. McMillan!

Nada. Tem muita gente entre mim e o seu grupo, muitos passos e vozes fazendo barulho no corredor. E não vou conseguir passar por eles de jeito nenhum. A maioria é muito

mais alta do que eu. Teria que me acotovelar com aquela parede de ternos azul-marinho, cinza e preto. E sei que isso nunca vai acontecer.

– Sr. McMilan, preciso falar com o senhor!

Todo mundo para. Minha voz ecoa pelo corredor silencioso, parece que falei num megafone. O advogado está na frente do grupo e algo me diz que ele não é o tipo de cara que você chama aos gritos num tribunal. Mas que mais eu poderia fazer? Deixá-los passar por aquela porta sem saber que eu poderia ser a testemunha-chave do seu caso contra o Chris? Deixar

esse cara receber uma pena menor porque o amei tempos atrás?

O amor não muda o fato de ele ser velho demais. Velho demais para falar comigo. Com nós dois. Ele era velho demais para passar tempo na companhia de duas crianças de treze anos.

Um murmúrio se espalha pelo grupo de pessoas na minha frente. Os caras de terno lá no fundo abrem passagem, e o McMillan aparece. Com uma cara, no mínimo, aborrecida. Nada de meia-lua dessa vez.

– Que foi, Theo? A gente precisa mesmo entrar agora – diz, olhando

para a porta. – A juíza Richey...

– Tem mais.

Isso sai da minha boca tão tranquilamente. Parece que pensei em voz alta. Como se isso não tivesse me aterrorizado por meses, como se não soubesse exatamente como minha vida vai ser depois disso. Acho que a expressão do McMillan me tranquiliza. Mesmo quando não está sorrindo (quando está com uma cara tão irritada), me sinto segura perto dele. Vai ser difícil contar tudo agora, mas seria ainda mais difícil se eu embarcasse nessa no último segundo, completamente sozinha.

– Como assim?

As sobrancelhas dele afundam na direção do nariz, mas os olhos ainda estão abertos e parecem sinceros.

Estou fazendo a coisa certa. Estou sim.

– T-tenho mais coisas pra contar – digo, olhando para o chão.

– Preciso falar com o senhor antes de você entrar lá. É importante.

– Theo, isso...

– É sobre o Chris Fenner. Tem mais coisa.

Estou tremendo.

Porque, se o Chris foi capaz de estuprar o Donovan, o que ele fez

comigo também pode ser considerado estupro.

O McMillan fica me olhando por um bom tempo, então diz alguma coisa em voz baixa para o homem que está atrás dele. O cara de terno parece surpreso. Deve estar chocado porque o advogado está me levando a sério. Mas só balança a cabeça e volta para o grupo.

Ele põe a mão no meu ombro, olha para mim com um ar curioso e cauteloso.

– Não temos muito tempo. Você tem certeza de que isso é fundamental para o caso? Para o seu testemunho?

– Absoluta – confirmo, e andamos de novo na direção do elevador.

Nunca tive tanta certeza na minha vida.

O TRIBUNAL ESTÁ GELADO.

Meus pais sentam na segunda fila, bem atrás da família do Donovan. Viram a cabeça quando a porta pesada se fecha atrás de mim. Devem estar imaginando por que corri atrás do sr. McMillan, por que ficamos falando tanto tempo e por que ele chamou dois colegas depois de eu contar tudo o que

havia para contar.

Acontece o seguinte: por mais que eu saiba que o sr. McMillan odiou eu ter demorado tanto para contar, valeu a pena. Porque, assim que disse que Chris Fenner foi meu namorado, os seus olhos brilharam. E tenho quase certeza de que foi porque dei a ele informação suficiente para causar sérios danos ao argumento da defesa.

– Mas e se eles esperarem que eu diga alguma coisa? – perguntei, quando estávamos numa sala vazia do andar de cima. Parecia o escritório de alguém, pequeno e tedioso, com uma mesa, uma

cadeira e alguns arquivos. Sem janelas. Uma tranca na porta. Meu coração ainda não estava batendo normalmente àquela altura, mesmo depois de eu ter posto tudo para fora. Provavelmente, seria o assunto do dia.

– Bom, há chances de ele ter contado para os advogados sobre a “relação” de vocês – respondeu o McMillan, rabiscando algo num bloco de papel amarelo. – Mas, Theo, o que você me falou quando o descreveu para mim pela primeira vez?

Olhei para o advogado, confusa, mas ele não esperou até eu ligar as

coisas.

– Você me disse que estava apaixonada, e que ele sabia. – Fez uma pausa, com a caneta pairando sobre o papel – E como você não falou nada para ninguém até hoje, o sr. Fenner deve pensar que você não vai contar nada.

– A menos que estejam achando que escondemos isso até agora de prop...

– Não pense demais. Olhe. – O sr. McMillan se inclinou para a frente com a mais solene das expressões. Nunca tinha visto ele com os olhos tão arregalados (e, mesmo assim, continuavam

pequenos). – Esse cara, ele... tirou muita coisa de você, há muito tempo. E você não contou para ninguém, não até o dia em que foi obrigada a testemunhar. Ainda deve achar que te controla. Se está achando que o Donovan não vai dizer nada, deve estar achando que você vai fazer a mesma coisa.

O sr. McMillan tinha razão. Eu e o Donovan acreditávamos em tudo o que o Chris dizia, fazíamos tudo o que ele mandava. Nem que fosse só para ter certeza de que não estávamos fazendo nada errado, para ele não deixar de gostar da gente.

Então, agora, enquanto me dirijo até a frente do tribunal, enquanto meus sapatos fazem barulho ao bater no chão, tento me lembrar disso. Que o sr. McMillan tem razão. Todo mundo vai ficar chocado com o meu testemunho: meus pais, meus amigos, minha cidade inteira. Mas o Chris vai ficar ainda mais chocado. E se ele pensa que não sou forte o suficiente para ir adiante, que não sou forte o bastante para me defender e defender o meu amigo... bom, acho que isso é típico do Chris. Mas não sou mais a mesma Theo.

Eu o vejo de costas, só a

cabeça, de canto de olho. O cabelo preto foi cortado bem curto, acaba reto acima do colarinho. Quem será que pagou por este corte de cabelo? O advogado dele? Ou quem sabe alguém da prisão fez isso? Afinal de contas, ele esteve lá esse tempo todo. Acho que não tem amigos nem parentes com um milhão de dólares sobrando para pagar a fiança.

Estala os dedos no exato momento em que passo por ele. Me encolho. Me odeio por isso, principalmente porque o Chris pode me ver. Mas só posso continuar andando, e é isso que faço. Me

recuso a virar a cabeça. E, de algum modo, chego inteira até a frente do tribunal.

Levanto a mão e faço o juramento:

... a verdade, toda a verdade e nada além da verdade...

Sento e respiro fundo para me concentrar, como faço antes de qualquer apresentação de dança. Penso no que estou prestes a fazer, no quanto foi difícil chegar até aqui. Então olho para a juíza Richey (uma mulher bem alta com cabelo loiro-escuro e volumoso) e para o júri, que tem gente de todo tipo. Magrelas, normais e gordos.

Universitários e idosos. A maioria é de pele branca, mas as principais minorias que vivem em Chicago estão representadas, para cumprir a cota: um negro, um latino e um asiático.

Me obrigo a não olhar para o Chris. Não posso olhar para ele antes de começar a falar. Não posso me descontrolar. Não depois de tudo que vou arriscar, não depois do que fiz o sr. McMillan passar hoje de manhã. Não depois de ter visto o olhar do Donovan.

O sr. McMillan começa pelas perguntas de sempre: minha idade, onde moro, onde estudo. Preferia

não saber que vão ficar cada vez piores. Que as perguntas mais íntimas, mais difíceis de responder, ainda estão por vir.

– Responda uma pergunta por vez – ele me disse, há apenas alguns minutos, mas parece que já se passaram dias. – Não se preocupe em pensar como responder a próxima, se não vai perder sua linha de raciocínio e parecer afobada. Você só consegue responder uma por vez.

Respiro fundo de novo.

– Srta. Cartwright, reconhece este jovem? – O advogado dá um passo para o lado, para que eu

possa ver a mesa atrás dele. Aponta com o braço, caso eu não tenha visto que o Donovan está sentado ali. Olho para o meu amigo. Está de frente para mim, mas não cruza o olhar com o meu. Está olhando para um ponto fixo, atrás de mim. Para qualquer lugar que não seja o meu rosto.

– Sim, senhor – respondo, com a garganta seca. Tem um copo d'água do meu lado, mas estou nervosa demais para pegá-lo. Com medo de derrubá-lo em cima da mesa. Ou pior: na minha blusa.

– Como a senhorita o conhece?

– Ele é meu vizinho, Donovan

Pratt.

Há quanto tempo conheço o Donovan? Qual era nosso grau de proximidade? Eu poderia arriscar um palpite de quanto tempo por semana a gente passava junto? Esse tipo de pergunta continua por muito tempo mas, quando o sr. McMillan chega ao dia em questão, é tudo tão simples. Pergunta o que eu estava fazendo na manhã em que o Donovan desapareceu, mas não toca no nome do Chris. Nem em sequestro.

Descrevo o que aconteceu quando passei na casa do Donovan. Como o encontrei no andar de

cima, já arrumado. Como o ouvi me pedindo para ir na frente porque tinha coisas para fazer. Descrevo nossa conversa com todos os detalhes que lembro e não olho para o Donovan. Senão tudo isso seria real demais, parece que estou descendo as escadas e saindo pela porta da casa dele sem me despedir de novo.

Solto um suspiro quando termino, mas não sei bem por quê. Ainda falta muito. Quando treinamos o testemunho, era uma coisa detalhada, mas nem tanto assim. O advogado falou do dia em que o Donovan sumiu por tanto

tempo que achei que nunca chegaria ao que realmente interessa. Mas aí ele chega e, por um momento, o tempo para.

Por um momento, ainda sou a mesma Theo Cartwright. Dezesete anos. Uma menina que vive exclusivamente para o balé, que um dia amou Trent Ryan Miller. Ex-melhor amiga de Donovan Pratt. Filha daquele homem e daquela mulher de caras muito simpáticas sentados na segunda fileira. Pessoas que terão seus nomes ligados à minha história vergonhosa depois de eu falar o que tenho para falar.

– Srta. Cartwright, a senhorita conhece o réu? – pergunta o sr. McMillan e, quando viro meu rosto para ele, sua expressão muda. É mais dura, mas a voz ainda é a mesma. Tranquila. Afável. Quem não visse seus olhos jamais diria que está se preparando para algo especial.

– Sim, senhor – digo, e minha boca parece cheia de areia na mesma hora.

Não consigo mais resistir. Estico o braço e pego o copo d'água, com a mão tremendo. Mas não tanto ao ponto de não conseguir levantá-lo. Molho os lábios e a ponta da língua

e o coloco de volta no lugar. Acho que não consigo fazer mais do que isso.

– De onde a senhorita conhece o sr. Fenner?

Responda uma pergunta por vez.

– Ele trabalhava na loja de conveniência que tinha na rua Cloverdale. – Mordo o lábio. Agora? Não, ainda não.

– A “Gasolina e Muito Mais” do Big Red, na rua Cloverdale? – pergunta, apoiando os dedos na altura do peito.

– Sim, senhor. – Ainda não, ainda não. Dirijo os olhos para o rosto do sr. McMillan, não tenho

coragem de olhar para nenhum membro do júri. E certamente para ninguém da plateia.

– E como a senhorita conheceu o sr. Fenner?

– Eu e o Donovan íamos lá depois da aula, de vez em quando. Na loja do Big Red.

– E o sr. Fenner conversava com vocês enquanto estava trabalhando?

– Sim, senhor. – Limpo a garganta e completo: – Às vezes.

O sr. McMillan começa a andar para lá e para cá de novo. Dá uns passos compridos para um cara tão baixinho. Parece mais alto do que

é.

— Sobre o que vocês conversavam?

— Muitas coisas. — Quase sussurro. Preciso falar mais alto, mas mal consigo me ouvir, mal consigo entender minhas próprias palavras, abafadas pelas batidas descompassadas do meu coração, que foi parar na minha boca.

— Sobre o colégio, nossos amigos, minhas aulas de dança. Sobre como era trabalhar na loja, como seria o Ensino Médio.

— A senhorita sabia quantos anos o réu tinha na época em que o conheceu?

– Sim, senhor.

– E quantos anos a senhorita achava que ele tinha?

– Ele... ele me disse que tinha dezoito anos.

Pronto. Uma mudança no ar. Um burburinho na plateia. Algumas pessoas respiram ruidosamente. Não consigo ver quem é, mas não vou olhar para lá. Nunca vou conseguir ir em frente se ficar observando a decepção e o nojo contaminar a expressão deles, como se fosse a epidemia mais rápida do mundo.

Os jurados se inclinam em para a frente, para garantir que, daqui

em diante, vão ouvir cada palavra que sair da minha boca. Há certo movimento na mesa da defesa, mas só tenho uma visão periférica. Porque ainda não é o momento.

— Srta. Cartwright, como descreveria a natureza do seu relacionamento com o sr. Fenner?

Tenho a impressão de que, quando o sr. McMillan contar essa parte da história para a esposa, para os colegas e os amigos, vai dizer que foi exatamente nesse ponto que a defesa teve certeza de que ia se dar mal.

— Nós éramos amigos — respondo. — Ficávamos lá na loja

enquanto ele trabalhava, quando fazia a pausa para o café e, às vezes, quando tinha folga. E aí...

O sr. McMillan balança a cabeça, fazendo sinal para eu continuar, mas não consigo. Minha garganta se fechou. Não consigo engolir. Minha língua se transformou numa bola seca e grande, parada na minha boca como um bolo inútil de massa crua. Como é que vou conseguir falar se não consigo me mexer? Não sei o que fazer. Olho para o sr. McMillan de novo, que vira os olhos para o copo d'água.

Certo. Seguro o copo, agradecida, me obrigo a tomar um

gole de verdade. Grande. Depois mais um. Ponho o copo de volta e olho de novo para o sr. McMillan. Ele balança a cabeça mais uma vez, um aceno rápido. Continuar...

Chegou o momento. Agora olho para o outro lado da sala, para a mesa da defesa. Olho direto para o Christopher Fenner. Não tiro os olhos do seu rosto para que saiba que não tenho mais medo. Não tenho mais medo de causar problemas para ele e não tenho mais medo das suas mil maneiras de partir meu coração.

— No começo, nós éramos amigos, depois ele disse... ele disse

que, se a gente fizesse sexo, seríamos namorados – engulo em seco, com dificuldade, porque tenho uma bola na garganta. A água não vai fazer isso descer.

A voz do sr. McMillan fica mais suave. Só um pouquinho, mas o suficiente para fazer a diferença.

– Srta. Cartwright, a senhorita manteve relações sexuais com o sr. Fenner?

Todos os cantos da sala estão silenciosos. Tão silenciosos que ouço a respiração baixa e contínua da juíza Richey do meu lado direito. Até o estenógrafo, que tem o dever de registrar tudo, está quieto, com

os dedos parados em cima das teclas, me esperando falar.

– Sim, senhor. Eu queria que ele fosse meu namorado. Eu o amava.

– Paro por alguns segundos e completo: – Eu nunca tinha tido um namorado antes. Eu só tinha treze anos.

28

O DIA EM QUE O CONHECI PARECIA COISA DO DESTINO.

Foi durante o inverno do sétimo ano, e a escola estava massante. Não, "massante" é pouco. Tinha tirado cinco num teste de matemática. E nem tinha almoçado para estudar, então estava morrendo de fome. Cheguei atrasada para a aula que tinha depois do almoço porque fiquei tão

concentrada nos estudos que perdi a hora. Não ouvi o sino tocar na biblioteca e fui informada, aos gritos, pela srta. Batson de que aquele era "meu último aviso".

Antes, estava na cabine do banheiro e ouvi a Trisha Dove debatendo se devia ou não me convidar para o seu aniversário, quando todas as meninas iam dormir na sua casa. Ela e a Livvy Franklin estavam na frente das pias, fazendo uma lista básica dos meus prós e contras enquanto retocavam o gloss. Sem a menor cerimônia, como se estivessem falando das condições do tempo.

Nem olharam debaixo das cabines para ver se tinha alguém. O veredito era de que eu era legal e nunca tinha feito nada para deixar as duas putas, mas não tinha muitas amigas meninas e era um pouquinho obcecada com “aquele negócio de dança”. Meu Deus. Eu conhecia as duas desde o jardim da infância. Não precisavam “sentir o clima”, como fariam com uma amiga nova. Eu passava a maior parte do meu tempo livre no estúdio de dança, com o Donovan ou com o Phil, mas isso não me tornava a esquisita.

Depois da aula, quando

encontrei o Donovan na fila do ônibus, estava fervendo de raiva dentro do meu casaco. Queria chegar logo em casa, porque não tinha dança naquela noite, e ficar jogada no sofá na frente da TV. Meus pais acenderiam a lareira, e íamos assistir seriados engraçados e idiotas ou aqueles dramas de hospital intensos que eles adoravam. E eu ia esquecer cada minuto de merda do meu dia de merda.

Só que o Donovan quis passar na loja do Big Red, para ver o último quadrinho dos X-Men. Eu não estava a fim. Não fazia muito

tempo que tinha começado a dançar de ponta, e a aula da noite anterior tinha sido brutal. Estava meio mancando de tanta dor nos pés e não tinha vontade de ficar lá de pé, esperando meu amigo escolher uma revista, enquanto um dos caixas mal-humorados ficavam olhando feio para nós.

Mas o Donovan insistiu. Prometeu comprar qualquer coisa que eu quisesse se fosse com ele. Sabia que aquilo não queria dizer muita coisa. Afinal de contas, as mercadorias mais caras do Big Red eram produtos que nunca compraríamos mesmo: cabos de

bateria e garrafas de bebida. Além disso, meu amigo não recebia nenhuma fortuna de mesada. Mesmo assim, não deixava de ser uma boa proposta. E eu estava com fome por ter pulado o almoço e não ia ligar nem um pouco de estragar meu apetite para o jantar com um chocolate, batatinhas fritas ou refrigerante. Acabei indo.

Mal tínhamos passado pela porta de vidro da loja do Big Red, quando o Donovan me cutucou. Estava olhando fixo para a frente do balcão, mas eu já tinha reparado. Em vez da mulher de meia-idade com pele maltratada ou do marido

dela, o Larry (o dono do lugar, que era inexplicavelmente ranzinza), tinha um cara novo. Era mais velho, mas não muito mais do que a gente. No máximo, tinha idade para estar na faculdade.

Estava debruçado em cima de um celular, movendo os dedos rapidamente pelas teclas. Mas olhou para cima quando o sininho da porta tocou, quando entramos batendo as botas e espalhando pedacinhos de neve e gelo. Olhou para cima, sorriu e disse "Oi, gente" de um jeito tão simpático, como se nos conhecêssemos desde sempre. Como se fôssemos seus

amigos.

Eu e o Donovan ficamos sem palavras, quase congelamos. Nunca ninguém tinha nos cumprimentado assim naquele lugar, se é que tinha cumprimentado. Tanto o Larry quanto os empregados dele faziam questão de deixar claro que éramos duas crianças idiotas com sorte de ter dinheiro para torrar. Se não tivéssemos, iam nos expulsar dali. Estavam sempre mais preocupados com a revista que estavam lendo ou com a pessoa que estavam conversando no celular. Nós éramos um incômodo, mais uma coisa para prestarem atenção.

Mas esse cara tinha algo diferente. Para começar, era bonitinho, com um sorriso que me fazia virar o rosto e olhar de novo, um sorriso que fazia eu me sentir adulta e nervosa ao mesmo tempo. Passou a mão pelo cabelo preto e volumoso, olhando para nós, e perguntou:

– Posso ajudar em alguma coisa?

Meu Deus. Ele estava nos tratando como adultos. Ou pelo menos como adolescentes de verdade. E eu gostei, porque ainda parecia mais uma criança do que uma menina prestes a virar mulher.

Ou seja lá o que queria dizer aquele vídeo da aula de educação sexual.

– Ah, não, obrigada – respondi, saindo do seu campo de visão. Meio que me escondendo no meio dos displays de bala e chiclete, porque aquele era o cara mais gato que já tinha visto.

Era ridículo ficar tão nervosa. Ele devia ser só um menino que estava no Ensino Médio, nos tratando bem só de brincadeira.

O Donovan não falou nada. Andou até a prateleira dos quadrinhos com cuidado, como se aquilo fosse uma pegadinha. Fui até o corredor dos doces, depois andei

devagar até o próximo, examinando potes de macarrão instantâneo, de sorvete e latas de atum. Fingi que procurava alguma coisa para o Donovan comprar para mim, mas não conseguia me concentrar. Estava completamente absorvida pelo cara novo atrás do balcão.

Os meninos nunca repararam muito em mim. De vez em quando, algum me olhava. Nenhum fazia cara de nojo quando era obrigado a fazer trabalho em grupo comigo, mas nunca ninguém tinha me chamado para sair. Eu era sempre a amiga. Famosa pelo balé e por ser a fiel escudeira do Donovan e do

Phil. Nunca tinha beijado, nem naquela brincadeira de girar a garrafa ou quando os meninos resolvem atacar as meninas durante o intervalo.

Fui até o fundo da loja e fiquei um tempo na frente da parede de geladeiras, onde ficam as bebidas, analisando minhas opções enquanto os aparelhos faziam aquele zum-zum constante. Nada. Conferi o freezer, cheio de potes de sorvete e sobremesas congeladas organizadas em pilhas perfeitas. Não sei por que me pareceu uma boa ideia tomar sorvete, já que estava fazendo quatro graus lá fora,

mas foi o que me ocorreu. Então, fiquei parada ali. Tão concentrada escolhendo entre um picolé e um sorvete de casquinha que nem o ouvi chegar atrás de mim.

– Encontrou tudo o que precisa?
– perguntou.

Dei um pulo. Depois olhei para dentro da geladeira de vidro à minha frente, com os dedos agarrados na maçaneta.

– Desculpa – respondi, fechando a porta tão rápido e tão forte, que a geladeira inteira tremeu.

Era a bronca preferida do Larry e da esposa. Se você ficasse com a porta da geladeira aberta por mais

de dois segundos, eles gritavam, lá do balcão, que era melhor fechar logo, senão ia pagar a conta de luz da loja aquele mês.

Mas esse cara só deu um sorriso e disse para chamá-lo caso precisasse de ajuda. Em seguida, saiu do corredor assoviando uma melodia simples e alegre, que ficou na minha cabeça o resto da semana.

No caixa, se exibiu todo e fez questão de me atender antes do Donovan, fazendo um gesto com o braço e dizendo:

– Primeiro as damas.

O que não deixava de ser meio

bobo, porque meu amigo ia pagar o meu sorvete. Mas deixei o cara fazer mesmo assim. E foi aí que, chegando bem perto e o observando enquanto estava ocupado, notei como seus olhos eram maravilhosos. Um tom magnífico de âmbar, tão claro e bonito que parecia que as pupilas tinham sido aprisionadas lá por engano. Poderia me perder naqueles olhos. Já tinha me perdido.

– Vocês dois estão no Ensino Médio? – perguntou, passando o código de barras do meu sorvete pelo leitor à sua esquerda.

– Nós? – O Donovan praticamente riu da cara dele, porque parecia tão novo quanto eu. Tinha recém começado a mudar de voz e, naquela época, ainda era magrelo e baixinho. – De jeito nenhum. Estamos no sétimo ano.

Olhei feio para o meu amigo. Não queria que esse cara pensasse que éramos crianças, porque aí ia começar a nos tratar feito criança.

– Sério? – duvidou, me entregando o sorvete. Dei um passo para o lado quando o Donovan atirou a revista, um saco de batatinhas e um refrigerante em cima do balcão. O cara manteve os

olhos fixos no caixa e disse: – Nunca vi vocês por aí, mas não parecem estar no sétimo ano. Passariam fácil por alunos do primeiro ano.

– Você está no Ensino Médio?
– perguntei, surpresa e feliz de saber que ele não era tão velho quanto eu achava.

– Me formei mais cedo – respondeu, dando um sorrisinho. – Na minha antiga escola. Tinha um monte de créditos extras. Agora tô só tirando um tempo para trabalhar e pensar no que quero fazer.

– Mal vejo a hora de me formar
– comentou o Donovan, tirando

dinheiro do bolso da frente da mochila. – Aí vou poder fazer tudo o que eu quiser, o tempo todo. Sem precisar dar satisfação a ninguém. Nunca.

– É, mas aí você vai ter um emprego e vai ter que dar satisfação para o seu chefe. – Então falou o total da compra para o Donovan e ficou olhando quando meu amigo entregou o dinheiro. Os dedos dos dois se tocaram. – Você passaria o dia inteiro fazendo o quê, se pudesse fazer tudo o que quisesse?

– Sei lá – disse o Donovan, nervoso por ter sido posto contra a

parede. E foi aí que se deu conta de que, assim como eu, achava o cara novo superdescolado. Normalmente, meu amigo não ligava muito para o que os outros achavam dele, não prestava muita atenção no que as pessoas diziam. – Procuraria quadrinhos raros. Viajaria pelo país inteiro atrás dos bons de verdade, porque nem sempre dá para confiar no pessoal que vende pela internet. E assistiria a um jogo de beisebol em cada cidade que tivesse um time. Mesmo os times ruins.

– Ah... – O cara novo fez uma cara pensativa e ficou parado um

tempo antes de abrir a registradora para pegar o troco. Então perguntou: – Você gosta de pescar?

O Donovan enrugou o nariz, coçou embaixo do colarinho do seu casaco e respondeu:

– Não muito. Quer dizer, acho que não.

– Você já pescou?

Depois de um instante, meu amigo sacudiu a cabeça e disse:

– Acho meio errado, matar peixes assim. Eles nunca nos fizeram nada.

O cara se inclinou para a frente, apoiado nos cotovelos, chegando com o rosto ainda mais perto do

nosso. Apesar de eu nem conhecê-lo, fiquei com ciúme. Por que não tinha me perguntado o que gosto de fazer no meu tempo livre? Aí lembrei da Trisha e da Livy conversando no banheiro, pensei que era melhor mesmo ele não saber o quanto eu amava o balé.

– Você não precisa matá-los – explicou. – Pode colocá-los de volta na água. Eles ficam iguaizinhos ao que eram antes de você tirá-los de lá.

O Donovan fez uma cara de cético.

– Quem sabe a gente possa ir pescar um dia desses – prosseguiu

o cara, com a voz tranquila, se endireitando e entregando dois dólares e algumas moedas para o Donovan. – Agora está muito frio. Mas quando esquentar, eu e meus amigos vamos tirar um dia para pescar. Levar um isopor cheio de comida. E um cheio de cerveja – completou, dando um sorrisinho de canto, como se soubesse que não devia falar de cerveja, mas achasse que a gente era maduro o bastante para ouvir. – A gente só se diverte. Às vezes, pesca alguma coisa e traz para casa, para cozinhar. Às vezes, não. Você não precisa pescar nada. Pode ficar só

ali, curtindo com a gente.

Meu amigo ficou pensando nisso enquanto guardava o dinheiro na mochila e colocava o quadrinho com todo o cuidado no bolso fininho com zíper do outro lado.

– Você me deixaria ir curtir com os seus amigos?

– Claro. Para mim, você parece um cara legal. E gente legal é sempre bem-vinda.

Fiquei ali do lado me sentindo muito “mal-vinda” e pouco legal, até que ele me olhou e disse:

– Não é permitido mulher nas nossas pescarias. Desculpa. – E aí me deu uma piscadinha com

aqueles olhos brilhantes de topázio e completou: – Preciso pensar num jeito de te recompensar.

Essas palavras passaram o resto da semana buzinando na minha cabeça, e fiquei tentando me convencer de que aquilo não significava nada, mas, quando ele me beijou, duas semanas depois, me senti justificada. Como se soubesse desde sempre que aquele cara só poderia ser meu.

Tanto eu quanto o Donovan ficamos caidinhos. Graças a ele, nos sentíamos especiais do jeito que éramos, e pessoas como ele não costumam fazer esse tipo de coisa.

Pessoas mais velhas, mais legais e mais experientes. E ninguém nunca tinha feito eu me sentir especial, pelo menos não alguém tão bonito.

Ficamos tão encantados que nem percebemos que ele não tinha dito seu nome. Não nos demos conta até a transação ter terminado, a conversa ter acabado, e estarmos quase na porta.

– Ei! Aliás, eu sou o Trent – gritou, lá do balcão. – Trent Miller.

– Eu sou a Theo – fui logo dizendo, querendo passar na frente do Donovan.

– Theo? Que nome interessante para uma menina tão bonita. – Aí

piscou para mim de novo. E olha que eu normalmente odiava quando as pessoas piscavam. Mas, nele, aquilo ficava bonito. E sensual.

Meu rosto corou, e expliquei:

– Apelido de Theodora. – Já tinha dito isso um milhão de vezes, mas foi diferente falar isso para ele. Por algum motivo, me senti mais madura, como se não fosse só uma menininha com nome de velha.

– Prazer em conhecê-la, Theo – disse. Aí se virou para o meu amigo e perguntou. – E?

– Donovan. Donovan Pratt – respondeu meu amigo, dando o nome completo como o Trent tinha

feito.

– Theo e Donovan – repetiu, balançando a cabeça bem devagar, como se estivesse guardando essa informação num lugar importante.

– Vou tentar lembrar. Quer dizer, se vocês voltarem aqui para me ver.

– Vamos tentar – disse eu, tentando disfarçar.

Só que, ao mesmo tempo, o Donovan falou:

– Com certeza. A gente volta, Trent.

Meu amigo disse isso com tanto entusiasmo que fiquei com vergonha. Eu sabia, de ouvir as meninas falarem no vestiário antes

da aula de educação física, que a gente tem que se fazer de difícil. Então não disse "tchau" quando fomos embora naquele primeiro dia. Tentei fingir que o fato de o Trent Miller gostar de mim não tinha a menor importância. Mas olhei para ele de novo quando atravessamos a rua e tive certeza de que nada poderia estar mais longe da verdade.

29

NÃO SEI EXATAMENTE QUANTO TEMPO DURA O MEU testemunho, mas parece muito. Horas.

Não faço ideia de como minha voz sai quando conto minha história. Ou como meus dedos ficam quando passo um lenço de papel novo no rosto (a cada poucos minutos) ou estico a mão para alcançar o copo d'água (com mais

frequência ainda). Não sei qual foi o jurado que ficou sem ar quando contei, nos mínimos detalhes, o que o Chris fez comigo no banco de trás do carro, o que me obrigou a fazer com ele. Não sei se foi a mulher asiática, do cabelo chanel grisalho, ou o caucasiano, com uma marca de nascença roxa que cobre metade do seu rosto.

Não vejo a cara dos meus pais, não fico tentando adivinhar se estão horrorizados, mortificados ou ambos. Porque não posso olhar para eles e ver todo o respeito que tinham por mim ir por água abaixo diante dos meus olhos.

Tento agir como adulta. Tento contar tudo sem grandes emoções, sem deixar transparecer o quanto estou apavorada com essas perguntas. A riqueza de detalhes é impressionante. Das perguntas do sr. McMillan e das revelações que faço a cada resposta. Tenho que fechar os olhos de vez em quando, para não ver ninguém que está ali, e falar como se estivesse descrevendo a trama de um filme. Não tremo tanto se pensar que outra pessoa está desempenhando o papel de Theo Cartwright. Minha voz falha algumas vezes, mas o sr. McMillan diz para eu levar o tempo

que precisar. Espera pacientemente eu parar para respirar fundo ou tomar um gole d'água.

O advogado do Chris não é tão legal. Fica vomitando uma pergunta atrás da outra, tão rápido que fico com calor, e meus pensamentos ficam confusos. Mas consigo acompanhá-lo. Preciso fazer isso porque, quanto mais rápido responder às suas perguntas, mais rápido posso levantar desta cadeira dura e sair de perto desses olhares inquisidores. Seus olhos são de um azul cristalino e gélido, que ficam me encarando o tempo todo durante a acareação, me

desafiando a questioná-lo. Eu sabia, desde o primeiro instante que o vi, que não pegaria leve comigo de jeito nenhum. Fica perguntando se alguma vez o Chris me disse, de forma direta e clara, que iria fugir com o Donovan. Ou se eu já tinha visto acontecer alguma coisa inapropriada entre os dois com meus próprios olhos. Pergunta se o Chris me ameaçava, se alguma vez achei que minha vida corria perigo enquanto estava com ele.

McMillan faz algumas objeções. Demais, talvez, porque a juíza o adverte e quase parece que vai deixar o advogado do Chris levar a

melhor. Mas fico feliz de ele estar tentando cuidar de mim, de saber o quanto é difícil estar diante do júri e revelar todo o meu passado.

Olho para o Chris algumas vezes, e mal acredito que a situação se inverteu tanto. A sensação de controlá-lo é incrível, e me sinto cada vez mais forte à medida que vai afundando na cadeira a cada confissão que faço. Ele já era. Está acabado. E talvez a minha vida também esteja, mas pelo menos não vou cair sozinha.

Quando será que resolveu que me pegaria, depois manteria o Donovan preso pelo tempo que

conseguisse? Será que já sabia o que ia acontecer no momento em que pisamos na loja do Big Red? Ou será que esperou alguns dias para saber um pouco mais sobre nós?

Acho que o que mais me incomoda é não saber se nos escolheu por alguma razão específica ou se teria feito a mesma coisa com quaisquer outras duas crianças que entrassem por aquela porta.

Não quero que o Chris possa fazer uma escolha dessas. Nunca mais. E é por isso que consigo responder a todas as perguntas do seu advogado. Mesmo as mais

odiosas, que dão a entender que eu era uma idiota e devo ter merecido o que fez comigo.

Vai ver, ele acha isso mesmo. Um monte de gente vai achar isso. Mas eu disse a verdade. Fiz o que podia pelo Donovan. Podem me xingar do que for, menos de egoísta.

30

PARECE QUE DORMI UMA SEMANA, MAS SÃO SÓ QUATRO DA manhã quando levanto da cama.

Estou grogue. Desorientada. Fui para a cama assim que voltamos do tribunal, e as cenas do julgamento invadem a minha cabeça.

O tom de acusação do advogado de defesa quando disparou as perguntas mais embaraçosas e

íntimas para mim. Perguntas que ninguém merece ouvir, muito menos responder na frente de um monte de gente. Os sussurros chocados da plateia. Os olhos do Chris. Os olhos do Chris o tempo todo.

O sr. McMillan e os caras de terno nos acompanhando até o carro, nos protegendo da horda de repórteres que gritavam perguntas e enfiavam microfones na nossa cara. Voltamos de Chicago em tempo recorde, mas encontramos a mesma cena na frente da nossa casa. Assim que conseguimos entrar em segurança, fui direto para

as escadas. Não tinha dito uma palavra para os meus pais desde que terminei meu testemunho.

Mas eles falaram comigo. Mesmo quando eu não respondia, continuaram falando. Devem ter dito umas vinte vezes que me amam durante o caminho de volta, depois garantiram que a culpa não era minha, que não devo pensar jamais que a culpa foi minha. Disseram que fui muito corajosa, que estavam orgulhosos porque eu tinha sido muito madura ao dar meu testemunho.

Meu pai dizia uma ou outra coisa. Minha mãe foi quem mais

falou. Fiquei imaginando o porquê, até ele abrir a porta do carro para mim. Foi aí que vi seus olhos. Estavam vermelhos e úmidos. Passou o caminho todo escondendo as lágrimas.

Ligo a luz e olho para mim mesma. Ainda estou usando as roupas que vesti para o julgamento: calças pretas e uma blusa cinza que me faz lembrar os olhos do Hosea. Meu casaquinho preto está no chão, ao lado dos meus sapatos. Meu celular está em cima da cômoda, do outro lado do quarto, desligado desde que cheguei em casa. Não podia

arriscar. Ainda não posso. Todo mundo deve estar sabendo das novidades a uma hora dessas.

Penso nos repórteres que nos cumprimentaram quando chegamos do tribunal e me encosto num pulo contra a parede, desligo num tapa o interruptor. Espero meus olhos se acostumarem com a escuridão, depois vou lentamente até a janela. Me abaixo até a altura do parapeito e abro as cortinas bem devagar, para observar a rua.

Ainda estão lá. Não tantos quanto antes e não estão parados lá fora, mas tem algumas vans estacionadas do outro lado da rua.

Uma está bem na frente da nossa casa, sem a menor cerimônia. Não consigo ver nenhuma silhueta por trás dos vidros escuros, mas fico só imaginando os homens lá dentro. Encostados no banco de boca aberta, roncando ou com a cabeça caída no peito, tentando tirar uma soneca. Não podem perder nada. Para muitos deles, esta é a maior matéria de todos os tempos, entregue numa bandeja de prata.

Desço a escada no escuro e abro a geladeira, que ilumina meu rosto. Ovos cozidos. Resto de macarrão gratinado (feito em casa, não de caixinha). Dois embrulhos de papel-

alumínio chamam a minha atenção. Abro e descubro pedaços de pizza congelada.

Fecho o refrigerador e abro o armário. Meus olhos ficam passando por sacos de batatinhas fritas, caixas de biscoitos caros e o pacote de cookies ingleses que meu pai adora ("O nome correto é amanteigado", diz, fazendo um sotaque britânico ruim cada vez que pega o pacote, só para irritar a mim e a minha mãe). Coisas que não como há meses, mal consigo lembrar que gosto têm. Meu estômago está roncando, mas não consigo comer. Não comi nada

desde aquela barrinha de cereal de ontem de manhã, e a maior parte dela está na lixeira prateada, do outro lado da cozinha.

Talvez eu nunca mais coma nada. Talvez fique só definhando a olhos vistos, porque agora isso é o que parece mais fácil. Minha carreira no balé (ou a promessa de uma) acabou. Meus amigos devem estar furiosos comigo por ter escondido deles um segredo tão grande. E o Hosea... bom, ele não quis ficar comigo de qualquer jeito, mas agora deve estar feliz por não ter escolhido a menina que estava transando com o pedófilo.

Volto para o andar de cima, entro no banheiro e ligo o chuveiro. Acho que vou acordar os meus pais. Mas água quente batendo no meu corpo é exatamente o tipo de dor que preciso, e fico lá embaixo até meus dedos murcharem.

Quando saio do banheiro enrolada numa toalha, um fecho de luz triangular sai pela porta do quarto dos meus pais. Está aberta, só uma frestinha. Fico parada no espaço entre os dois quartos, pensando se eles vão me chamar. Uns dois segundos depois, a voz abafada do meu pai diz:

– Você está bem, querida?

– Você precisa de alguma coisa, meu amor? – pergunta a minha mãe.

– Estou bem – respondo. – Vou voltar para a cama.

Segue-se um longo silêncio, e então:

– Tá bom, querida. A gente está bem aqui se você precisar.

– A gente te ama – grita meu pai, antes de eu fechar a porta.

Coloco um pijama limpo, no escuro, e volto para a cama, me sentindo pior do que estava há quarenta minutos.

Dois minutos depois, saio de novo e entro no quarto deles sem

bater. Não vão se importar. Faz horas que querem que eu converse com eles. Minha mãe está sentada na cama, encostada numa pilha de travesseiros. Meu pai anda de um lado para o outro, de calça de flanela e camiseta. Estavam murmurando antes de eu entrar, mas param de repente. Sorriem para mim, fazem sinal para eu entrar. Fico parada no mesmo lugar.

– Querida?

A voz da minha mãe é suave. Cautelosa. Protetora. Amorosa. É por isso que não consigo responder.

Meu pai vem até mim e diz:

– Não consegue desligar a cabeça, querida?

Seu tom de voz é seguro e animado (mesmo que pareça forçado), mas supeito, pelas bolsas debaixo dos seus olhos, que também não dormiu muito esta noite. Se é que dormiu.

Sacudo a cabeça. Conheço esse roteiro. Mas agora não vou até a cama deles para dormir no meio dos dois, debaixo dos lençóis, ficar ali deitada enquanto a minha mãe me faz cafuné e diz que vai dar tudo certo. Quero muito ouvir o som reconfortante da voz dos meus pais. Tudo o que eu mais queria era

pegar no sono ouvindo as suas palavras tranquilizadoras.

Me encosto no batente da porta, para me segurar. Fecho os olhos por um momento, para trazer de volta as lembranças daquele verão. Desta vez, poderia ser diferente. Poderia ser uma experiência completamente diferente, sabendo o que sei agora. E preciso pelo menos tentar, porque acho que ficar aqui não é uma boa opção.

Faço uma pinça com os dedos e pego na pele da minha cintura. A pele que está colada nos meus músculos e ossos. E declaro:

– Acho que preciso voltar para

Juniper Hill.

31

DESTA VEZ, A CASA PARECE MAIS ACONCHEGANTE. TALVEZ seja por causa da neve que cobre as torres da arquitetura vitoriana, deixando-a parecida com uma casinha feita de bolo, em tamanho real.

É tão estranho subir aqueles degraus usando botas de neve, bater as solas nas fibras duras do capacho enquanto esperamos

alguém atender a porta. A última vez que estive aqui, o ar estava úmido e quente. Insetos zumbiam para lá e para cá, e abelhas grandes voavam na nossa cara. Desta vez, sai fumaça quando respiro.

O procedimento de check-in continua igual. A doutora Bender está lá para nos receber, com sua túnica verde cor de rama e um xale roxo enrolado nos ombros. Chama meu pai e minha mãe para conversar em particular. Um terapeuta que não conheço me leva até o quarto e revista minha bagagem, para ter certeza de que

não escondi nas malas nenhum item da lista de coisas proibidas.

Quando vão embora, meia hora depois, meus pais estão com uma cara de tristeza. Mas só podem estar aliviados. Ainda mais aliviados do que da última vez. Me sinto culpada quando penso na confusão que terão que enfrentar, porque tenho certeza de que os repórteres e os paparazzi não vão desistir assim tão fácil.

Vou terminar o ano escolar com um professor particular, que irá até Juniper Hill três vezes por semana.

Como da última vez, recebo cartas do Phil. Toda semana, sem

falta, um envelope tamanho ofício me espera na caixa de correio, escrito com as letras quadradas do Phil. Dá para perceber que meu amigo está se segurando para não me contar o quanto está se divertindo com a Sara-Kate sem mim. Mas a felicidade praticamente salta daquelas páginas, e sempre me dá vontade de sorrir quando termino de ler as cartas. Ele merece ser feliz.

Os e-mails da Sara-Kate também falam do Phil. Mas, na maioria das vezes, me manda poemas. Longos, curtos. Tristes, bobos e sérios. São lindos. Todos. E

ela os escreve especialmente para mim. Nem sempre entendo o que querem dizer, mas gosto. Falam de nós e não falam de nós. Sei que são a maneira que minha amiga encontrou para lidar com o fato de eu ter escondido tanta coisa dela. Está sendo muito gentil, mas sei que traí sua confiança e espero que possa me perdoar.

Um dia, umas seis semanas depois de eu chegar à Juniper Hill, a Diana pôs a cabeça na sala no meio de uma sessão de terapia em grupo. Que não pode ser interrompida de jeito nenhum. Fico bem preocupada quando ela me

procura no meio do círculo de pacientes.

A terapeuta me garante que está tudo bem enquanto andamos pelo corredor e subimos as escadarias de madeira até o consultório da doutora Bender. É uma situação bem parecida com ser levado até a sala do diretor do colégio. Tento não ficar preocupada e observo o seu rabo de cavalo cacheado balançando na minha frente. Preciso dizer que fiquei meio animada quando vi a Diana, logo no primeiro dia. Faz todo o sentido: ela conhece a primeira parte da minha história melhor do que ninguém,

mesmo sem saber de toda a verdade.

O consultório da doutora Bender está vazio. Fico esperando que a Diana entre comigo, mas ela fica parada na porta e aponta para o telefone sobre a mesa, diz para eu apertar o botão ao lado da luzinha vermelha. Fala que vai me esperar do lado de fora e fecha a porta com cuidado.

Será que já deixaram alguém sentar a sós no consultório da doutora Bender? Tomo cuidado para não derrubar nada de cima da mesa quando ponho o fone no meu ouvido e aperto o botão ao lado

daquela luzinha vermelha que pisca para mim.

Digo "alô" baixinho, quase baixinho demais.

A voz do outro lado é grave e também diz "alô". Irreconhecível e meio cautelosa, como se quem tivesse ligado fosse eu. Coloco o fone embaixo do queixo e olho pela janela do consultório. Tem vista para o pátio: o barracão de artes, o jardim, as bétulas nas quais as roupas ficam penduradas para secar durante o verão.

Está nevando de novo. O ar do campo traz grandes flocos até a janela, fazendo desenhos

intrincados no vidro. Fico observando enquanto espero a outra pessoa falar, imaginando se vamos ficar ali sentados, respirando no ouvido um do outro pelos próximos minutos.

A voz fica mais alta e diz “alô” de novo. E que é o Donovan.

Meu corpo inteiro congela.

– Donovan?

Ele não diz nada, mas limpa a garganta. Fico imaginando quanto tempo vou levar para me acostumar com a voz grave que meu amigo tem agora.

Aperto o fone. Fecho os olhos e abro a boca:

– Eu... Donovan, eu sinto muito. Sinto muito mesmo.

Dá para perceber que tem alguém no fundo. Sem dizer nada, mas está ali para apoiá-lo. É a mãe dele, tenho certeza.

Aí ouço um longo e profundo suspiro. Que parece de alívio. Meus olhos se enchem de lágrimas.

– Eu... ahn...

Ele fica em silêncio. Limpa a garganta de novo. Fico imaginando a mãe do meu amigo tocando no seu ombro, encorajando-o a continuar.

– Eu queria agradecer, por... obrigado, Theo.

A sala vira um borrão só, paro de tentar reprimir minhas lágrimas.

Mas me sinto leve por dentro, como se um peso de três toneladas tivesse resolvido sair das minhas costas por conta própria.

Finalmente consigo respirar.

Christopher Ryan Fenner foi condenado.

Depois do meu testemunho, o Donovan abriu o bico. Só um pouquinho. Deu uma declaração por escrito, mas nossas histórias juntas foram suficientes para pôr o Chris atrás das grades, com múltiplas sentenças de prisão perpétua e sem

direito a liberdade condicional. Foi condenado por corrupção de menores, dúzias de acusação de estupro contra criança e por sequestrar um menor com fim de manter atividades sexuais. Nunca mais vai sair da prisão.

Meu nome aparece cada vez menos no noticiário, mas ainda com muito mais frequência do que eu gostaria. Do lado da minha foto oficial da escola deste ano, de uma foto tirada do Donovan no tribunal e da foto do boletim de ocorrência contra o Chris. Sei que algumas pessoas acham que fugi até as coisas se acalmarem, mas não tem

como escapar disso tudo. Mesmo com acesso restrito à internet e sem receber o jornal todos os dias, não consigo esquecer que o mundo inteiro agora sabe quem eu sou.

O Chris terminou comigo e desapareceu, mas aquele tempo todo estava escondido num hotel barato nos arredores da cidade, esperando para cair em cima do Donovan. Todo mundo na cidade já o tinha esquecido àquela altura, e ele ligou para convidar o Donovan para uma pescaria com os amigos dele. Pediu para não me contar. Disse que não sabia direito como terminar o namoro comigo, e que

eu ia ficar chateada se soubesse que eles continuavam saindo.

Não teve pescaria nenhuma. Só o Chris, seu carro e o Donovan com uma revista em quadrinhos e um monte de tranqueiras de comer que comprou no caminho.

Alguns dias depois da ligação do Donovan, passo pela caixa de correio, a caminho da biblioteca da casa. Tem um pacote para mim. Um envelope branco e pequeno, daqueles com plástico bolha por dentro, sem endereço do remetente. Já tinha sido aberto porque aqui revistam todos os

pacotes que chegam antes de entregar para o destinatário. Sacudo. Alguma coisa de plástico fez barulho lá dentro, mas espero para abrir.

A biblioteca é uma sala no segundo andar, cheia de livros (que podemos pegar emprestado) e computadores (que podemos usar só por um tempo limitado por dia). O Pete está lá, atrás da mesa perto da porta. Batendo no teclado à sua frente e parando o tempo todo para passar a mão no que resta do cabelo loiro. Olha para cima, mas nem me faz assinar o livro de registros quando me dirijo ao

computador o mais longe possível dele.

Coloco o pacote ao lado do teclado, mas resolvo ver meus e-mails primeiro.

Tem uma mensagem em destaque no topo da lista. É da Marisa.

É bem longo, e escrito do jeito que ela fala. Consigo enxergar minha professora sentando para me escrever depois de passar o dia inteiro dando aula. Diz que todo mundo está com saudade de mim e para eu não me preocupar. Porque no ano que vem tem mais intensivos de verão, e posso contar

com o apoio dela.

Leio um milhão de vezes o parágrafo que diz que é preciso muita coragem para fazer o que fiz, e que ela me admira por ser tão forte. E que uma companhia profissional vai ter muita sorte de me contratar um dia.

Peço ao Pete permissão para imprimir o e-mail da Marisa para eu lembrar que ela ainda acredita em mim quando tiver dias mais tristes.

Aí pego o envelope branco. O viro de cabeça para baixo para o que está lá dentro cair. É um CD, escrito PARA THEO na frente, com canetinha preta.

Puxo um pedacinho de papel da caixinha transparente. Está escrito, com a mesma letra caprichada da frente do CD:

ISSO SEMPRE FOI PARA
VOCÊ.
— H.

Minhas mãos trêmulas colocam o disco no drive do computador. Quando aperto o play, recebo a recompensa que tanto quis, por tantas semanas. À medida que aqueles acordes conhecidos chegam aos meus ouvidos (ousados e tímidos, etéreos e eternos),

consegui enxergar o Hosea no banco do piano. Compartilhando comigo algo tão profundo e pessoal, comunicando o que sentia por mim da melhor maneira que sabia.

Há alguns meses (há algumas semanas, até), eu teria pensado que isso era um sinal. Mesmo depois do baile de inverno, de vez em quando eu pensava que éramos feitos um para o outro. Pensava nele o tempo todo, logo que cheguei aqui. Mas, agora... bom. Você começa a ver as coisas de outro modo quando passa os dias numa casa cheia de meninas perturbadas, cercada por hippies

solícitos.

O Hosea gostava de mim, mas não o suficiente.

Disse que sou especial, mas palavras não significam nada sem ações.

E talvez eu seja mesmo especial, mas não só porque ele disse.

Saio do meu e-mail e fico de pé. Pego o CD, o envelope e o papel no qual imprimi o e-mail da Marisa. Balanço a cabeça para o Pete quando saio, mas paro na porta. Com o e-mail da Marisa numa mão, e o CD do Hosea na outra. Fico parada por um momento, aí solto o

CD e o ouço cair na lata de lixo,
fazendo muito barulho.

Continuo andando e não olho
para trás.

Agradecimentos

TENHO MUITA SORTE DE CONHECER TANTAS PESSOAS maravilhosas que me ajudaram a transformar este livro em um livro de verdade:

Tina Wexler, você é uma joia de pessoa. Nunca vou esquecer o dia em que puxou meu pedido da pilha de pendências e tenho muito orgulho de dizer que você é minha agente. Obrigada pelo entusiasmo

inabalável, pela sabedoria, pelo bom humor e profissionalismo. Agradeço tudo o que você faz por mim.

Para o meu extraordinário editor, Ari Lewin: trabalhar neste livro foi uma das experiências mais desafiadoras e gratificantes da minha vida. Desde o começo, você compreendeu a história que eu estava tentando contar. Sou tão grata pelo seu comprometimento extremo em contá-la direito. Obrigada por sempre ser uma pessoa e um editor excepcional. Você contribuiu para transformar o sonho de uma vida em algo

verdadeiramente especial.

Obrigada a Katherine Perkins, pelo afiado olhar editorial e ao restante da equipe da Penguin Books, por criarem algo belo e tangível a partir de um arquivo que vivia no meu computador.

Lisa Barley, valorizo sua amizade, paciência e sinceridade. Meu eterno agradecimento por ler as primeiras versões desta história e pelas conversas intermináveis sobre a trama e os personagens. E por nunca me deixar desistir. Muito amor para Lena Anderson, por sua lealdade, animação e apoio sem fim. Estou em débito com Stephanie

D. Brown, Carrie Burns e Erika Enk Rueter, por terem lido as primeiras versões e terem feito comentários úteis e encorajadores. Leila Howland e Vanessa Napolitano, suas leituras rápidas e comentários brilhantes durante as revisões foram essenciais para o desenvolvimento desta história. Obrigada também a Lesley Arimah e Kelly Kamenetzky, por sempre me ouvirem e torcerem por mim.

Amy Spalding, obrigada pelo estupendo apoio e por me fazer rir quando mais preciso. Corey Haydu, Kristen Kittscher e April G. Tucholke, sou tão grata pelos seus

e-mails e por sua amizade. Nunca vou entender como vocês sempre sabem a coisa certa a dizer, mas agradeço muito. Alison Cherry, obrigada por ser tão gentil e por me animar até a reta final com toda a lealdade.

Aos meus amigos de Los Angeles e de Chicago, obrigada por aguentarem meu blá-blá-blá incessante e meus sumiços enquanto estava trabalhando neste livro. E por serem minha segunda família. Sou extremamente grata a Debbie Farr e à Academia de Artes Performáticas Sonshine, por me ensinar a sapatear e incentivar o

amor e o respeito por todas as formas de dança.

Ao meu irmão mais velho, Al: quando a gente era criança, frequentemente queria fazer o que você estava fazendo. Então, fico feliz por você sempre ter sido um leitor voraz.

E para os meus pais, Jerri e Albert, não tenho como agradecer por terem me criado numa casa cheia de livros, por terem me comprado todos aqueles blocos e canetas e nunca terem me forçado a sair, quando eu queria ficar numa sala silenciosa, escrevendo. Algumas das minhas lembranças

preferidas são as manhãs de sábado, quando íamos à biblioteca ou à livraria. E também aquela vez que vocês me deram, atendendo ao meu pedido, uma caixa gigante de livros no Natal. Eu tinha sete anos quando contei que queria ser escritora, e vocês sempre me disseram que, se eu me esforçasse, isso poderia acontecer. Obrigada por acreditarem em mim.

Nota do editor

SE VOCÊ OU ALGUÉM QUE VOCÊ CONHECE ESTÁ ENFRENTANDO alguns dos problemas que aparecem neste livro, por favor, saiba que não está passando por isso sozinho. Tente conversar com um amigo ou parente de confiança. E, se isso não for possível, existem muitos profissionais que podem o ajudar.

No Brasil, há um telefone

especial para receber denúncias de abuso infantil ou violência sexual contra crianças e adolescentes. É só discar 100. O Disque Denúncia Nacional de Abuso e Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes é coordenado e executado pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República.

Você também pode procurar os Conselhos Tutelares, as Varas da Infância e da Juventude, as Delegacias de Proteção à Criança e ao Adolescente ou as Delegacias da Mulher.

Em vários estados brasileiros,

existem centros de referência no tratamento da anorexia e outros transtornos alimentares, como os seguintes:

- **São Paulo:** Ambulim (Ambulatório de Bulimia e Transtornos Alimentares do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo). Disponível em: <www.ambulim.org.br>. Acesso em: 6 jan. 2015.
- **Rio de Janeiro:** GOTA (Grupo de Obesidade e

Transtornos Alimentares).
Disponível em:

<www.gota.org.br>.

Acesso em: 6 jan. 2015.

- **Rio Grande do Sul:**
GEATA (Grupo de Estudos e
Assistência em Transtornos
Alimentares). Disponível
em:

<www.geata.med.br/novo>

Acesso em: 6 jan. 2015.

Sua opinião é muito importante!

Mande um e-mail para

opinioao@vreditoras.com.

com o título deste livro no campo "Assunto".

Conheça-nos melhor em

vreditoras.com.br

facebook.com/vreditoras